

OBEIJO DO VENCEDOR



MARIE RUTKOSKI

PLATA
FORMA 21

A MALDIÇÃO DO VENCEDOR

O BEIJO DO VENCEDOR

A TRILOGIA DO VENCEDOR: LIVRO TRÊS

uma saga de

MARIE RUTKOSKI

tradução

GUILHERME MIRANDA

PLATA
FORMA

título original *The Winner's Kiss*
© 2014 by Marie Rutkoski. Publicado mediante acordo com
Charlotte Sheedy Literary Agency. Todos os direitos reservados.
© 2017 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras.

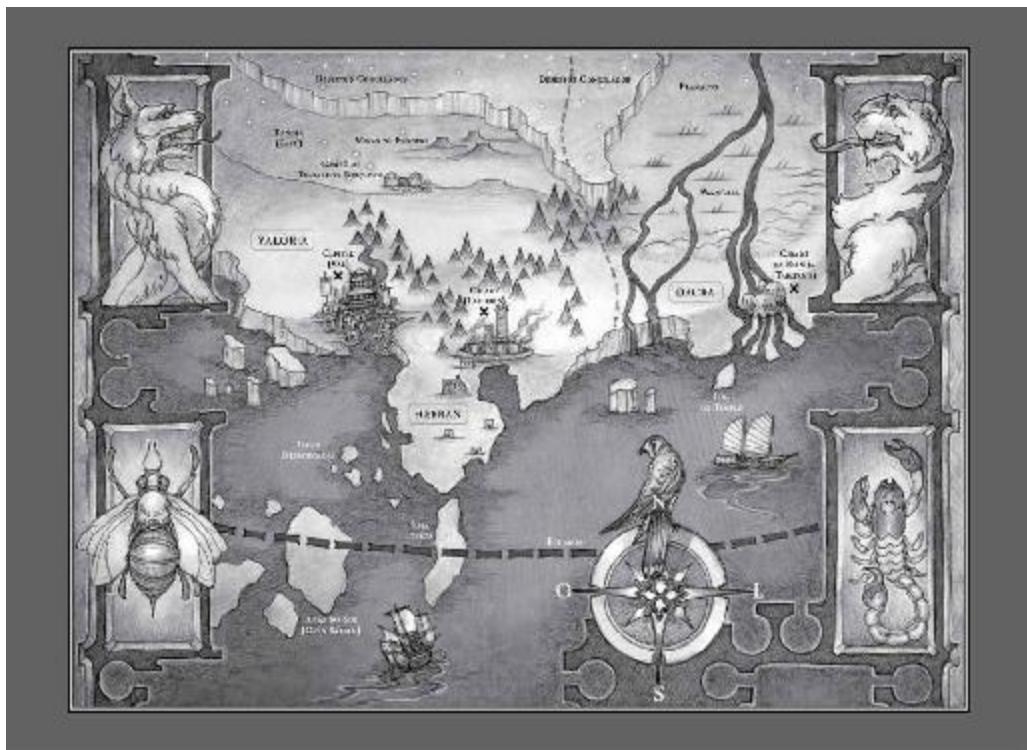
edição Fabrício Valério e Flavia Lago
editora-assistente Natália Chagas Máximo
preparação Carla Bitelli
revisão Luciana Gomide
direção de arte Ana Solt
diagramação e epub Pamella Destefi
foto de capa © 2015 by Ali Smith
capa Elizabeth H. Clark

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Rutkoski, Marie
O beijo do vencedor [livro eletrônico] / Marie
Rutkoski; tradução Guilherme Miranda. – São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2017. –
(Série triologia do vencedor; 3)
3 Mb; ePUB.
Título original: The Winner's Kiss.
ISBN 978-85-507-0076-2
1. Ficção juvenil I. Título. II. Série.
17-01119 CDD-028.5
Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à
vergara & riba editoras s.a.
Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana
cep 04020-041 | São Paulo | SP
Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866
vreditoras.com.br
editoras@vreditoras.com.br

Para Sarah Mesle.



Blaar's Glaciers

Desert Canyons

Flame

Tower

Isle

Valley of

Thousand Rivers

YALURIA

City

of

Wings

X

City

of

ELE CONTOU A SI MESMO UMA HISTÓRIA.

Não no começo.

No começo, não havia tempo para seus pensamentos assumirem a forma de palavras. Felizmente, sua cabeça estava vazia de histórias naquele momento. A guerra estava próxima. Estava diante dele. Arin havia nascido no ano do deus da morte e finalmente estava grato por isso. Entregou-se ao seu deus, que sorriu e se aproximou. *As histórias vão trazer sua morte*, ele murmurou no ouvido de Arin. *Agora, apenas escute. Escute o que vou dizer*.

Arin escutou.

Seu navio havia atravessado veloz o mar desde a capital. Agora, atracava em meio à frota de navios orientais ancorados na baía de sua cidade, chalupas ágeis de guerra, flanando com as cores da rainha: azul e verde. As chalupas eram de Arin, pelo menos por enquanto. O presente da rainha dacrana a seus novos aliados. Os navios não eram tantos quanto Arin gostaria. Nem tinham canhões tão pesados quanto gostaria.

Mas:

Escute.

Arin mandou o capitão do navio se aproximar da maior das chalupas dacranas. Depois de dar ordens ao capitão de ancorar e encontrar a prima de Arin na cidade, subiu a bordo da chalupa. Aproximou-se do comandante da frota oriental: Xash, um homem magro, com um nariz estranhamente alto e uma pele escura que brilhava sob o sol do fim de primavera.

Arin olhou nos olhos de Xash: pretos, sempre estreitados e tingidos de amarelo, a cor que indicava sua patente de comandante naval. Era como se Xash já soubesse o que Arin iria dizer. O oriental abriu um leve sorriso.

– Eles estão a caminho – disse Arin.

Ele explicou como o imperador valoriano havia planejado que o suprimento de água herrani fosse envenenado devagar. Meses antes, o imperador devia ter mandado alguém para as montanhas perto da fonte do aqueduto. Mesmo do convés do navio de Xash, Arin podia ver a trilha

arqueada do aqueduto construído pelos valorianos. Era indistinta a distância, descendo como uma serpente pelas montanhas, levando algo que havia enfraquecido os herranis, fazendo-os dormir e tremer.

– Fui visto na capital – Arin contou a Xash. – Um navio valoriano perseguiu o meu quase até as Ilhas Despovoadas. Devemos assumir que o imperador sabe que eu sei.

– O que aconteceu com o navio?

– Deu meia-volta. Para buscar reforços talvez... e saber as ordens do imperador. – Arin falava a língua do homem em um tom cortado, com um sotaque forte, sílabas rápidas e duras. O idioma era novo para ele. – Ele vai atacar agora.

– O que faz você ter tanta certeza de que os aquedutos da cidade estão envenenados? Onde conseguiu essa informação?

Arin hesitou, sem saber as palavras dacranas para o que pretendia dizer.

– A Mariposa – respondeu ele em sua própria língua.

Xash estreitou os olhos ainda mais.

– Uma espiã – Arin disse em dracrano, por fim encontrando a palavra. Ele girou o anel dourado no dedo mínimo e pensou em Tensen, seu mestre de espionagem, e em como o navio valoriano que o havia seguido poderia ser um sinal de que Tensen tinha sido preso enquanto Arin deixava o palácio imperial. O velho havia insistido em ficar. Ele poderia ter sido pego. Torturado. Forçado a falar. Arin imaginou o que os valorianos teriam feito...

Não . O deus da morte pousou a mão fria sobre os pensamentos de Arin e a fechou em volta deles. Você não está escutando, Arin.

Escute.

– Preciso de papel – Arin disse em voz alta. – Preciso de tinta.

Arin desenhou seu país para Xash. Esboçou rapidamente a península de Herran, traçando as curvas com a pena. Riscou as ilhas espalhadas ao sul da ponta da península, pontilhando o mar entre Herran e Valória. Apontou para Ithrya, uma grande ilha rochosa que criava um estreito fino entre eles e a ponta da península.

– As correntes de primavera são fortes no estreito. Dificultam navegar por ali. Mas, se uma frota valoriana está vindo para cá, é esta a rota que vão pegar.

– Eles vão pegar um estreito que é difícil de navegar? – Xash estava cético. – Eles podem navegar em volta de três ilhas e virar para o norte para

cercar a península, subindo até a sua cidade.

– Demora muito. Os mercadores adoram esse estreito. Nesta época do ano, as correntes são mais fortes e impulsionam os navios de Valória direto para as portas de Herran. Eles são lançados rápido pelo estreito. O imperador espera atacar uma cidade enfraquecida. Não está contando com resistência. Não vai ver motivo para esperar para ter o que deseja. – Arin tocou a leste da ilha Ithrya e do fim da península. – Podemos nos esconder aqui, metade da frota logo a leste da península, metade na costa oriental da ilha. Quando a frota valoriana chegar, eles vão se aproximar depressa. Vamos flanqueá-los e atacar dos dois lados. Eles não terão como bater em retirada, independentemente dos ventos. Se tentarem navegar de volta pelo estreito, as correntes vão expulsá-los.

– Você não falou nada sobre números. Não somos uma frota grande. Flanquear os valorianos significa nos dividirmos. Você já esteve em uma batalha naval?

– Sim.

– Espero que não esteja se referindo à batalha nesta baía na noite da Revolta de Primeiro Inverno.

Arin ficou em silêncio.

– Aquilo foi em uma *baía* – zombou Xash. – Um lindo berçinho com ventos tranquilos para colocar um bebê para dormir. *Aqui* é fácil manobrar. Estamos falando de uma batalha em mar aberto. Você está falando em enfraquecer nossa frota dividindo-a ao meio.

– Não acho que a frota valoriana vá ser grande.

– Você não *acha*.

– Não precisa ser, não para atacar uma cidade cuja população foi drogada até a letargia. Uma cidade – disse Arin, enfático – que o imperador acredita não ter aliados.

– Gosto de um ataque surpresa. Gosto da ideia de prender os valorianos entre *nós*. Mas seu plano só funciona se o imperador não enviar uma frota muito maior do que a nossa, capaz de afundar nossos dois flancos. Ela só funciona se o imperador realmente não souber que Dakra – o tom de Xash revelava seu desagrado – se aliou a vocês. O imperador valoriano adoraria destruir essa aliança com uma demonstração esmagadora de força naval. Se souber que nós estamos aqui, pode muito bem mandar toda a frota valoriana.

– Então é melhor uma batalha ao longo do estreito. A menos que você

prefira que eles nos ataquem aqui na baía.

– *Eu* comando esta frota. *Eu* tenho a experiência. Você mal passa de um moleque. Um moleque *estrangeiro*.

Quando Arin voltou a abrir a boca, não foram suas as palavras que saíram. Seu deus lhe disse o que falar:

– Quando sua rainha ordenou que você trouxesse sua frota a Herran, de quem ela declarou que seria a palavra final? Sua ou minha?

O rosto de Xash se endureceu de fúria. O deus de Arin sorriu dentro dele.

– Partimos agora – concluiu Arin.



As águas a leste da ilha Ithrya eram de um verde cristalino. Mas, do navio onde estava à espera da frota valoriana, Arin podia ver como as correntes que saíam do estreito formavam uma corda larga quase arroxeadas no mar.

Ele se sentia assim: como se uma força escura e ondulada se agitasse dentro dele. Inundava a ponta de seus dedos e o aquecia. Espalhava-se por suas costelas, crescendo a cada respiração.

Quando o primeiro navio valoriano saiu do estreito, Arin foi tomado por uma alegria funesta.

E foi fácil. Os valorianos não esperavam por eles, claramente não faziam ideia da aliança. O tamanho da frota inimiga se igualava ao da frota deles. O formato esguio do estreito fazia com que os navios valorianos entrassem em Herran de dois em dois. Fáceis de derrotar. A frota oriental os atacava de ambos os lados.

As balas de canhão perfuraram os cascos. Os convés armados enevoavam o ar de fumaça negra. Cheirava a milhões de fósforos queimados.

Arin subiu a bordo de seu primeiro navio valoriano. Parecia assistir a tudo como se estivesse fora de seu corpo: a maneira como sua espada cortava um marujo valoriano, depois outro e assim por diante até sua lâmina estar tingida de vermelho. Sangue respingou em sua boca. Arin não sentiu o gosto. Não sentiu a forma como sua adaga se cravou nas entranhas de alguém. Não pestanejou quando uma espada inimiga cruzou sua guarda e talhou seu bíceps.

O deus de Arin lhe deu um tapa na cara.

Preste atenção, ordenou a morte.

Arin prestou e, depois disso, ninguém mais conseguiu tocar nele.

Quando acabou, e os destroços valorianos afundavam e o restante dos navios inimigos era capturado, Arin voltou a ver com clareza. Ele piscou contra o sol poente, uma luz de melaço alaranjada que esmaltava os corpos caídos e dava ao sangue uma cor estranha.

Arin parou no convés de um navio valoriano capturado. Sua respiração arfava e doía no peito. Suor pingava em seus olhos.

O capitão inimigo foi levado diante de Xash.

– Não – Arin disse. – Traga-o para mim.

Os olhos de Xash arderam de fúria. Mas os dacranos acataram o pedido de Arin e Xash permitiu.

– Escreva uma mensagem para seu imperador – Arin disse ao capitão valoriano. – Diga o que ele perdeu. Diga que vai pagar se tentar de novo. Use seu selo pessoal. Mande a mensagem e vou deixar que você viva.

– Quanta nobreza – ironizou Xash.

O valoriano não disse nada. Seus lábios estavam pálidos. Mais uma vez, Arin se admirou com quão falsa era a reputação valoriana de bravura e honra.

O homem escreveu a mensagem.

Será que não passa mesmo de um moleque, como Xash diz? , o deus perguntou a Arin. Você é meu há vinte anos. Eu criei você.

O valoriano assinou o papel.

Cuidei de você.

A mensagem foi enrolada, selada e guardada num pequeno tubo de couro.

Protegi você quando pensou que estava só.

O capitão amarrou o tubo na pata de um falcão. A ave era grande demais para ser um kestrel. Não tinha as marcas de um kestrel. Inclinou a cabeça, virando os olhos como contas de vidro para Arin.

Não, não um moleque. Um homem feito à minha imagem... Um homem que sabe que não pode se dar ao luxo de ser visto como fraco.

O falcão se lançou ao céu.

Você é meu, Arin. Sabe o que é preciso fazer.

Arin cortou a garganta do valoriano.



Foi quando Arin estava velejando de volta para casa na baía da sua cidade, com o cabelo endurecido e as roupas viscosas pelo sangue seco, que a história entrou em seu corpo. Pousou em sua língua e derreteu-se como um doce amargo.

Esta é a história que Arin contou a si.

Era uma vez um menino que sabia se esconder. Certa noite, os deuses o viram trancado sozinho em seus aposentos, tremendo, quase vomitando de medo. Ele ouvia o que estava acontecendo em outras partes da casa. Gritos. Coisas se quebrando. Ordens ríspidas, as palavras em si estavam abafadas, mas ainda assim foram entendidas pelo garoto, que segurava o vômito em seu canto.

Sua mãe estava em algum lugar atrás da porta trancada. Seu pai. Sua irmã. Ele deveria ir até eles. Disse isso aos seus joelhos curvados, escondidos sob o camisão de dormir enquanto ficava agachado no chão. Sussurrou as palavras, com uma voz que trinava descontrolada. *Vá até eles. Eles precisam de você*. Mas não conseguiu se mover. Ficou onde estava.

Houve uma pancada na porta, que estremeceu em suas dobradiças.

Com um estrépito fragmentado, a porta cedeu. Um soldado estrangeiro entrou. A pele e o cabelo do soldado eram claros e seus olhos, escuros. Ele pegou o menino pelo punho esquelético.

O garoto se puxou como um maníaco, mas era ridículo, pois ele sabia que seu esforço era em vão. Gritou e se debateu. O soldado riu. Chacoalhou o garoto. Não com muita força, mais como se tentasse acordá-lo. *Não resista*, o soldado disse em uma língua que o menino havia estudado mas nunca pensara que usaria. *E não vai se machucar*.

Não se machucar era muito importante. A simples promessa fez o garoto amolecer com um alívio terrível. Seguiu o soldado.

Foi levado ao átrio. Todos estavam lá, inclusive os servos. Seus pais não o viram chegar. Ele foi tão quieto. Depois, não saberia dizer se as coisas teriam sido diferentes se não tivesse sido sua irmã, do outro lado do cômodo, a primeira a notá-lo. Ele não sabia ao certo se poderia ter mudado o que aconteceu depois disso. Tudo que sabia era que, no momento mais importante, não tinha feito nada.

Tinha ouvido dizer que havia mulheres no exército valoriano, mas os soldados em sua casa naquela noite eram todos homens. Havia dois em volta de sua irmã. Ela era alta, imperiosa. Seu cabelo solto caía nos ombros como uma capa preta. Quando o olhar de Anireh recaiu sobre ele e seus

olhos cinza brilharam, o menino percebeu que, antes disso, nunca havia acreditado que ela o amava. Agora, sabia que sim.

Ela disse algo baixo para os valorianos. O menino ouviu o tom musical, de zombaria.

O que você disse?, um soldado quis saber.

Ela repetiu. O soldado a pegou e o menino entendeu, com um terror doentio, que aquilo era culpa dele. Era, de alguma forma, tudo culpa dele.

Eles estavam levando sua irmã. Os soldados a estavam levando para um armário de casacos usado no inverno quando sua família recebia convidados à noite. Ele já havia se escondido lá antes. Era fechado, escuro e abafado.

Era nesse ponto da história que Arin desejava poder viajar no tempo e colocar as mãos sobre as pequenas orelhas do garoto. Ele queria abafar os sons. *Feche os olhos*, queria dizer ao menino. O eco de um pânico antigo tremulou no peito de Arin. Era crucial que imaginasse como impediria o garoto de testemunhar o que acontecera em seguida.

Por que Arin fazia aquilo consigo mesmo? Doía esse esforço de tentar mudar sua memória daquela noite. Era compulsivo. Às vezes, achava que doía mais do que a própria verdade. Mas, mesmo agora, mais de dez anos depois da invasão valoriana, Arin não conseguia deixar de pensar, com um fervor desesperado, no que deveria ter feito de diferente.

E se tivesse gritado?

Ou implorado para os soldados soltarem sua irmã?

E se tivesse corrido para seus pais, que ainda não haviam notado sua presença na sala, e impedido seu pai de pegar uma adaga valoriana da bainha?

Ou sua mãe. Ele certamente poderia ter salvado a mãe. Não era da natureza dela lutar. Ela não teria tentado se soubesse que ele estava lá. Ele havia apenas fitado enquanto ela pulava em cima do soldado que segurava sua irmã. Os soldados derrubaram seu pai. A porta do armário de casacos se fechou atrás de Anireh. Uma adaga cortou a garganta de sua mãe. Houve um jorro brilhante de sangue.

Os ouvidos de Arin estavam bradando. Seus olhos eram como rochas secas.

Depois que os soldados arrancaram o menino aos berros de perto do cadáver da mãe, ele foi guiado com os servos para a cidade. O palácio real queimava na colina. Ele viu os corpos da família real pendurados no mercado, incluindo o príncipe a quem Anireh estava prometida em

casamento. Era possível que sua irmã ainda estivesse viva, não? Entretanto, dois dias depois, Arin veria o corpo dela na rua.

Embora parecesse que não havia como piorar, Arin engoliu os soluços, silenciou-se em seu pavor. Fez o que lhe mandaram fazer. *Não resista*, o soldado tinha dito.

Ele viu um homem de armadura se aproximando em meio às tropas. Mais tarde, Arin descobriria que o general era jovem na época da invasão. Naquela noite, porém, o homem parecia antigo, enorme: um monstro de carne e aço.

Arin imaginou que, se pudesse, se ajoelharia diante do menino que havia sido. Ele o aninharia em seu peito, deixaria que o garoto enfiasse o rosto úmido em seu ombro. *Xiu*, Arin diria para ele. *Você vai ser solitário, mas vai se tornar forte. Um dia, terá sua vingança.*



O que havia decorrido com Kestrel não era o pior. Não se comparava.

Arin pensou isso enquanto seu navio, com o restante da frota vitoriosa, ancorava na baía de Herran ao luar. Ele passou o polegar pela cicatriz que descia pela sua sobrancelha esquerda até a cavidade da sua bochecha. Esfregou a linha de carne saltada. Um hábito recente.

Não, pensar em Kestrel não era mais doloroso. Ele tinha sido um tolo, mas precisava se perdoar por coisas piores. Irmã, pai, mãe. Quanto a Kestrel... Arin tinha certa clareza sobre quem ele era: o tipo de pessoa que confiava cegamente, que colocava o coração no lugar errado.

A essa altura, ela talvez já estivesse casada com o príncipe valoriano. Estava jogando seus jogos na corte. Ganhando, sem dúvida. Talvez seu pai lhe escrevesse do front e pedisse mais conselhos militares primorosos, como aquele que ela havia lhe dado ao condenar centenas de pessoas nas planícies orientais a morrer de fome.

Antigamente, Arin se atormentava de espanto indignado diante do fascínio que havia sentido pela filha do general valoriano. Antigamente, afligia-se com a rejeição dela. Agora, porém, pensar em Kestrel lhe dava um alívio frio. Como gelo num hematoma.

Gratidão. Porque ela não significava nada para ele. Não era isso uma dádiva dos deuses, lembrar-se dela e não sentir nada? Ou, se havia algo que sentia, não era mais do que tocar a cicatriz e se admirar pela saliência longa,

pela pele que nunca estaria morta. Arin sabia que algumas coisas doíam para sempre, mas Kestrel não era uma delas. Essa era uma ferida que enfim cicatrizará.

ELA NÃO TINHA NINGUÉM PARA CULPAR ALÉM DE SI N

Enquanto a carruagem seguia para o norte, Kestrel fitava a paisagem em constante mudança pelas grades da janela. Observou as montanhas darem lugar a planícies com trechos de grama morta e avermelhada. Pássaros brancos de patas longas caminhavam sobre poças rasas. Em um momento, viu uma raposa com um pintinho branco pendurado entre os dentes, e o estômago vazio de Kestrel se trincou de desejo. Ela teria comido aquele filhote de ave com todo o prazer. Teria comido a raposa. Às vezes, desejava poder comer a si mesma. Engoliria tudo: o vestido azul manchado, as algemas em seus punhos, seu rosto inchado. Se pudesse se comer, não restaria nada dela ou dos erros que havia cometido.

Desajeitada, ergueu as mãos atadas e esfregou os olhos secos. Pensou que poderia estar desidratada demais para chorar. Sua garganta estava dolorida. Mal conseguia se lembrar da última vez em que os guardas que conduziam a carruagem lhe haviam dado água.

Eles estavam nas profundezas da tundra agora. Era fim de primavera... ou não, o Primeiro Verão já devia ter chegado. A tundra, congelada na maior parte do ano, tinha ganhado vida. Havia nuvens de mosquitos, que picavam a pele de Kestrel em toda parte.

Era mais fácil pensar nos mosquitos. Mais fácil olhar para os vulcões baixos e inclinados no horizonte. Seus cumes tinham se extinguido havia muito tempo. A carruagem se virou na direção deles.

Mais fácil, também, ver os lagos de água azul-esverdeada e cintilante.

Mais difícil saber que a cor deles se devia ao sulfeto presente na água, o que significava que estavam chegando perto das minas de enxofre.

Mais difícil saber que tinha sido seu pai quem a enviara para lá. Difícil, terrível, a forma como ele havia olhado para ela, como a havia renegado, como a havia acusado de traição. Ela era culpada. Tinha feito tudo de que ele a acusara e, agora, não tinha mais pai.

A tristeza escalou por sua garganta. Ela tentou conter. Tinha uma lista de coisas a fazer... O que eram mesmo? Estude o céu. Finja que é uma daquelas aves. Recoste a testa na porta da carruagem e respire. Não se lembre.

Mas nunca conseguia esquecer por muito tempo. Inevitavelmente,

lembava-se da sua última noite no palácio imperial. Lembrava-se de sua carta confessando tudo a Arin. *Eu sou a Mariposa. Sou a espiã do seu país*, ela havia escrito. *Faz muito tempo que quero lhe revelar isto*. Delatara os planos secretos do imperador. Não importava que fosse traição. Não importava que estava prometida para se casar com o príncipe no dia de Primeiro Verão ou que seu pai era o amigo de maior confiança do imperador. Kestrel ignorou que havia nascido valoriana. Tinha escrito o que sentia. *Amo você. Sinto sua falta. Faria tudo por você*.

Mas Arin nunca havia chegado a ler essas palavras. O pai dela sim, e seu mundo se despedaçara.



Era uma vez uma menina que era muito segura de si. Nem todos a considerariam bonita, mas admitiam haver certa graça que era mais intimidante do que encantadora. Não era o tipo de pessoa, segundo a alta sociedade, a quem você gostaria de se opor. Ela guarda o coração numa caixa de porcelana, as pessoas cochichavam, e tinham razão.

Ela não gostava de abrir a caixa. Ver seu coração era perturbador. Sempre parecia ao mesmo tempo menor e maior do que ela imaginava. Ele batia contra a porcelana branca. Um nó vermelho de carne.

Às vezes, porém, ela colocava a mão sobre a tampa da caixa e o pulsar constante era como uma música agradável.

Certa noite, outra pessoa ouviu sua melodia. Um menino, faminto e longe de casa. Ele era, na verdade, um ladrão. Escalou as paredes do palácio da menina. Enfiou os dedos fortes em uma pequena abertura da janela. Abriu-a o bastante para passar por ali e entrou.

Enquanto a dama dormia – sim, ele a viu na cama e logo desviou os olhos –, ele roubou a caixa sem saber o que ela continha. Sabia apenas que a queria. Sua natureza era cheia de quereres, estava sempre desejando algo, e os desejos que entendia eram tão dolorosos que não procurava esquadrinhar os que não entendia.

Qualquer membro da sociedade da dama poderia ter lhe dito que seu roubo era uma má ideia. Eles tinham visto o que havia acontecido com os inimigos dela. De um jeito ou de outro, ela sempre os fazia pagar.

Mas ele não ouviu seus conselhos. Pegou seu prêmio e fugiu.

Era quase como mágica a habilidade dela. Seu pai (*um deus*,

cochichavam as pessoas, mas sua filha, que o amava, sabia que ele era inteiramente mortal) a havia ensinado bem. Quando uma lufada de vento da janela aberta a despertou, ela sentiu o cheiro do ladrão. Ele o havia deixado no batente da janela, na penteadeira, até numa das cortinas do quarto, aberta muito levemente.

Ela o perseguiu.

Viu seu caminho parede acima, os gravetos partidos de hera que ele havia usado para subir e depois descer. Em alguns pontos, os ramos da hera eram tão grossos quanto o punho dela. Ela viu onde a hera havia suportado o peso dele e onde ele quase tinha caído. Saiu e seguiu suas pegadas até o esconderijo dele.

Seria possível dizer que, no momento em que atravessou o batente, o ladrão soube o que segurava em seu punho cerrado. Seria possível dizer que ele devia saber muito antes disso. O coração palpitou na caixa branca e fria. Latejou na mão dele. Passou pela sua mente que a porcelana – opaca, sedosa, tão fina que o enraivecia – podia muito bem se estilhaçar. Ele acabaria com um punhado de cacos ensanguentados. Mesmo assim, não soltou o que segurava. Seria possível imaginar como ele se sentiu quando ela parou em seu batente quebrado, colocou os pés no chão de terra, iluminou o cômodo como uma chama terrível. Seria possível. Mas esta não é a história dele.

A dama viu o ladrão.

Viu o pouco que ele possuía.

Viu seus olhos cor de ferro. Os cílios cor de fuligem, as sobrancelhas pretas, mais escuras que seu cabelo castanho. Uma boca triste.

Agora, se a dama tivesse sido sincera, teria admitido que antes, naquela noite, quando estava na cama, havia acordado por três batidas do seu coração (ela as havia contado quando ressoaram altas no silêncio de seu quarto). Ela tinha visto a mão dele sobre seu coração envolto por branco. Havia fechado os olhos de novo. O sono que a tomara tinha sido doce.

Mas sinceridade exigia coragem. Quando acossou o ladrão em seu covil, descobriu que não estava mais tão segura de si. Estava segura de apenas uma coisa. Isso a fez recuar um pouco. Ergueu o queixo.

Seu coração tinha um ritmo inconstante que os dois conseguiram ouvir quando ela disse ao ladrão que podia ficar com o que havia roubado.



Kestrel acordou. Tinha caído no sono. O chão da carruagem em movimento rangeu sob sua bochecha. Ela escondeu o rosto entre as mãos. Ficou grata pelo sonho ter terminado onde terminou. Não queria ver o restante, a parte em que o pai da menina descobria que ela havia entregado o coração a um ladrão humilde, e desejava sua morte e a botava para fora de casa.



A carruagem parou. As portas chacoalharam. Alguém colocou a chave na fechadura. Rangeu. As dobradiças da porta guincharam e mãos entraram por ali. Os dois guardas a puxaram para fora, com os pulsos firmes e desconfiados, como se ela pudesse lhes resistir.

Eles tinham motivo para se preocupar. Certa vez, Kestrel havia deixado um dos homens inconsciente atingindo a têmpora dele com as algemas que prendiam seus punhos. O segundo guarda a pegou antes que ela conseguisse fugir. Na última vez em que abriram a porta, ela tinha lançado o conteúdo do balde de dejetos em seus rostos e passado por eles. Havia corrido, cegada pela luz inesperada do dia. Estava fraca. Seu joelho ferido cedeu e ela caiu na terra. Depois disso, os guardas deixaram de abrir a porta, o que significava que não teria comida nem água.

Se eles tinham decidido tirá-la agora, era porque haviam chegado ao destino. Pela primeira vez, Kestrel não se debateu. Seu sonho a havia anestesiado. Ela precisava ver o lugar onde o pai dela a condenara a viver.



O campo de trabalhos forçados era rodeado por uma cerca de ferro preto da altura de três homens. Vulcões extintos se assomavam atrás dos dois prédios de pedra maciça. A tundra se estendia a leste e oeste: cobertores esfarrapados de musgo amarelo e grama vermelha. Era frio. O ar era rarefeito. Tudo cheirava a podre.

Nesse extremo norte, o pôr do sol tinha um tom esverdeado. Uma fila de prisioneiros entrava no campo por uma abertura estreita do portão. Eles estavam de costas para Kestrel, mas ela entreviu o rosto de uma mulher sob a luz verde-clara. A expressão da mulher era completamente vazia e assustou Kestrel. Embora a jovem valoriana viesse seguindo os guardas em silêncio, aqueles olhos vazios e vítreos a fizeram plantar os calcanhares no

chão. Os guardas apertaram suas mãos.

– Continue andando – disse um deles, mas os olhos da prisioneira, os olhos de todos os prisioneiros, eram espelhos reverberantes, e Kestrel, ainda que soubesse seu destino no norte e soubesse que ela também era uma prisioneira, só agora entendia de verdade que se transformaria numa daquelas pessoas de olhos vazios.

– Não seja difícil – avisou um guarda.

Ela amoleceu. Deixou-se afundar nas mãos deles. Então, enquanto eles se curvavam, xingavam e tentavam puxá-la para cima, ela se empertigou de repente e bateu a cabeça contra o rosto de um dos homens, desequilibrando o outro.

Foi a menos bem-sucedida de suas tentativas de fuga. Estupidez tentar qualquer coisa bem diante de um campo que abrigava dezenas de carcereiros valorianos. Mas, enquanto vários deles saíam aos montes para ajudar a contê-la, ela não conseguiu pensar no que poderia ter feito de diferente.



Ninguém a feriu. Isso era típico dos valorianos. Kestrel estava aqui para trabalhar para o império. Corpos feridos não trabalham bem.

Depois que foi arrastada para dentro do campo, foi empurrada sobre um pátio enlameado de frente para uma mulher que olhou Kestrel de cima a baixo com um escárnio divertido, quase amistoso.

– Princesinha – ela disse –, o que você fez para vir parar aqui?

Ainda que sujo e desgrenhado agora, o cabelo de Kestrel tinha sido trançado à moda aristocrática no dia em que fora pega. Ela lembrou de entrar no vestido azul sedoso e ver suas dobras sobre o colo quando se sentara ao piano em sua última noite no palácio imperial... Quando foi isso mesmo? Quase uma semana deve ter se passado, ela pensou. Havia passado tanto tempo desde que escrevera aquela carta impensada e condenatória? Tão pouco tempo? Como havia decaído tanto depressa?

Kestrel voltou a mergulhar naquele poço glacial de pavor. Estava se afogando nele. Sequer conseguiu reagir quando a mulher tirou a adaga do quadril.

– Fique parada – a mulher disse. Com alguns movimentos rápidos, cortou as saias de Kestrel descendo reto entre suas pernas. A mulher

desenganchou de seu cinto um laço de corda fina que pendia ao lado de um chicote enrolado. Dividiu a corda em vários comprimentos curtos que usou para amarrar o tecido cortado às pernas de Kestrel, formando algo que lembrava calças. – Não podemos deixar você tropeçando nas minas, não é mesmo?

Kestrel tocou um nó em sua coxa. Sua respiração se acalmou. Sentiu-se um pouco melhor.

– Está com fome, princesa?

– Sim.

Kestrel pegou o que lhe foi oferecido. A comida desapareceu goela abaixo antes que ela entendesse o que era. Engoliu a água.

– Devagar – disse a mulher. – Ou vai passar mal.

Kestrel não deu ouvidos. Suas algemas chacoalharam enquanto virava o cantil para beber até a última gota.

– Acho que você não vai precisar disso. – A mulher soltou as algemas. O peso caiu dos punhos de Kestrel. Cada punho, agora exposto, exibia um vergão inchado. Suas mãos pareciam perturbadoramente leves, como se pudesse sair flutuando. Não pareciam ser dela. Sujas. Unhas quebradas. Uma mancha terrível e infectada sobre dois dedos. Ela realmente já havia tocado música com aquelas mãos?

Sua pele estava coçando. Sentiu espasmos no estômago: tinha *mesmo* comido e bebido rápido demais. Kestrel escondeu as mãos sob os braços cruzados e as apertou junto ao corpo.

– Você vai ficar bem – disse a mulher, com a voz tranquilizadora. – Soube que tentou causar problemas, mas tenho certeza de que logo vai se acostumar. Somos justos aqui. Faça o que mandamos e vai ser bem tratada.

– Por que... – A língua de Kestrel parecia grossa. – Por que me chamou de princesa? Sabe quem eu sou?

A mulher deu risada.

– Filha, não me importo com quem você é. Em pouco tempo, você também não vai se importar.

O couro cabeludo de Kestrel fervilhava. Ela tinha a impressão estranha, mas vívida, de que besourinhos minúsculos rastejavam por suas veias. Olhou para as próprias mãos, quase esperando ver protuberâncias movendo-se sob sua pele. Engoliu em seco. Não estava mais com medo. Estava... como ela estava? Seus pensamentos passavam como uma névoa: um truque de mágica com panos coloridos, uma longa linha sendo puxada para fora da

boca, uma mão sobre a outra...

– O que você colocou na minha comida? – conseguiu dizer. – Na água?

– Algo para ajudar.

– Você me drogou. – O coração de Kestrel batia tão rápido que ela mal conseguia sentir todos os batimentos. Eles se dissolviam em uma única vibração sólida. O pátio da prisão pareceu encolher. Ela fitou a mulher e tentou se concentrar em seus traços: a boca larga, as tranças prateadas, um leve inclinar dos olhos, as duas rugas verticais entre as sobrancelhas. Mas o sorriso da mulher era distante. Seus traços ficaram vagos, incompletos. Foram se apartando e se afastando até Kestrel ter certeza de que, se estendesse a mão, seus dedos passariam reto pela mulher, cujo sorriso se abriu mais.

– Pronto – disse a mulher. – Bem melhor assim.



Kestrel não sabia como havia entrado na cela. Estava consumida por uma urgência de se mover. Antes de se dar conta, estava andando de um lado para o outro daquele espaço restrito, abrindo e fechando as mãos. Não conseguia parar. Seu sangue latejava nos ouvidos: sonoro, agudo e ensurdecedor.



O efeito da droga passou. Ela estava esgotada. Lembrava vagamente de ter andado pelo que pareciam horas, mas, agora que tinha noção do tamanho da cela – seus guarda-roupas no palácio imperial eram maiores –, a lembrança não parecia possível. Mas seus pés doíam e ela viu que havia desgastado a sola fina de seus sapatos elegantes.

Seu coração pesava feito chumbo. Ela estava fria. Sentou-se num montinho no chão de terra, olhando para o mofo brilhante nas paredes de pedra: uma legião de minúsculas estrelas-do-mar verdes. Tocou os nós nas cordas que prendiam o vestido cortado nas suas pernas. O gesto fez com que se sentisse mais como ela mesma.

A maioria das tentativas de fuga na estrada para o norte rumo à tundra provavelmente tinha sido fadada ao fracasso. Mesmo assim, Kestrel não conseguia deixar de ter esperanças de que sua primeira tentativa pudesse ser

a melhor. Talvez tão desesperada quanto as outras, mas quem sabe a que mais tinha chances de dar certo. Em sua primeira manhã na carruagem, os guardas haviam parado para dar água aos cavalos. Kestrel tinha ouvido a voz de um herrani. Ela tinha sussurrado para ele, colocando uma mariposa-mascarada morta entre as grades da janela. Ainda conseguia sentir a mariposa entre as pontas de seus dedos, suas asas de peliça. Parte dela não queria soltar. Parte dela achava que, se guardasse a mariposa, poderia de alguma forma reverter seus erros. Teria dito coisas diferentes para Arin em sua sala de música. Fazia apenas um dia então. Ela havia se sentado ao piano, apertando as saias azuis, enchendo-o de mentiras.

Kestrel estendeu a mariposa fina. Então, jogou-a na mão do herrani que aguardava. *Entregue para seu governador*, ela disse. *Diga a Arin...*

Ela não havia conseguido falar mais. Os guardas a tinham visto estendendo a mão para o herrani por entre as grades. Eles deixaram o herrani ir depois que a revista agressiva pareceu provar que, de fato, Kestrel não havia lhe dado nada. Será que a mariposa havia caído no chão? Será que simplesmente tinha se camuflado tanto que os guardas não a notaram? Kestrel não tinha conseguido ver pela janela.

Mas, se aquele herrani tivesse ido até Arin e contado o que acontecera, será que Arin conseguiria entender o que ela havia feito e onde tinha sido exilada? Ela listou os pedaços da história em sua mente. Uma mariposa: o símbolo do espião anônimo de Arin. Uma carruagem de prisão seguindo para o norte. Mesmo se o herrani na estrada não soubesse quem era Kestrel, ainda assim conseguiria descrevê-la para Arin, não? No mínimo, poderia contar que uma mulher valoriana havia lhe dado uma mariposa. Arin encaixaria as peças. Ele era sagaz, astuto.

E cego.

Faria de tudo por você, ela havia escrito na carta que seu pai encontrara. Mas essa parte, embora parecesse verdade quando a havia escrito no papel, tinha sido uma mentira. Kestrel havia recusado Arin. Não tinha sido sincera com ele, nem mesmo quando ele implorara. Ela tinha se fingido de vazia, negligente e cruel.

Arin havia acreditado nisso. Ela mal conseguia admitir que ele havia acreditado. Às vezes, ela o odiava por isso.

Ela esmagou a esperança furtiva de que Arin pudesse descobrir o que havia acontecido com ela e viesse a seu resgate. Era um plano terrível. Mal chegava a ser um plano. Ela conseguiria fazer melhor do que isso.



Todos os alimentos estavam drogados. A água também. Em sua primeira manhã no campo, Kestrel comeu no pátio com os outros prisioneiros, que tinham as expressões apagadas e não falavam, mesmo quando ela tentou conversar. Enquanto saíam do campo numa fila ordenada, Kestrel sentiu a droga bater em seu peito. Seu sangue ribombou.

Eles entraram na área de mineração ao pé dos vulcões. Kestrel não conseguia se lembrar de caminhar pelo trajeto que chegava ali. Também não se importava em lembrar. Essa consciência distante de não se importar causava um choque de prazer.

Era um alívio trabalhar. O impulso de trabalhar, de agir, era forte. Alguém – um guarda? – lhe deu uma cesta dupla. Ela começou a enchê-la agitadamente, arrancando do chão os blocos amarelos e quebradiços de enxofre. Viu os túneis que levavam para baixo do vulcão. Os prisioneiros que seguiam para lá carregavam picaretas. Kestrel foi mandada para trabalhar na área aberta. Ela deduziu – uma percepção arrancada de uma pedra em meio ao rio corrente da droga – que era nova demais para lhe confiarem uma picareta.

Todos os guardas carregavam chicotes enrolados nos cintos, mas Kestrel não os viu usando os chicotes. Os guardas – não deviam ser os melhores e mais brilhantes de Valória se foram mandados para servir na pior região do império – se contentavam em manter o olhar preguiçoso sobre os prisioneiros, que obedeciam às instruções tranquilamente. Os guardas conversavam entre si, reclamando do cheiro.

O odor de ovo cozido era muito forte ali. Ela o notou sem se sentir incomodada por ele ou pelo suor que manchava seu vestido, ainda que tremesse muito (estava muito frio ou era apenas a natureza da droga?). Ela encheu cada uma das duas cestas fixadas a uma vara flexível que colocou sobre os ombros. O peso dava uma sensação boa; era *bom* cavar, levantar, carregar, despejar e fazer tudo isso de novo.

Em algum momento, cambaleou sob as cestas. Deram água para ela. Sua força magnífica retornou.



Ao pôr do sol, ela estava esgotada. Seu bom senso retornou. Ela recusou a

comida servida depois que os prisioneiros haviam entrado no pátio pelo portão de ferro preto.

– Esta comida é diferente – disse a guarda de tranças prateadas do dia anterior que, pelo que Kestrel percebeu, era responsável pelas prisioneiras mulheres. – Ontem à noite, dei um gostinho para você de como seria bom trabalhar, mas, a partir de agora, você vai receber uma dose de algo diferente à noite.

– Não quero.

– Princesa, ninguém se importa com o que você quer.

– Posso trabalhar sem isso.

– Não – a mulher disse com a voz gentil –, não pode.

Kestrel se afastou da mesa longa com suas tigelas de sopa.

– Coma ou vou fazer você comer.



A guarda havia falado a verdade. A comida continha uma droga diferente, com um aroma metálico como prata. Tudo ficou lento e escuro enquanto Kestrel era levada para dentro do bloco da prisão até sua cela.

– Por que o império não droga todos os escravos? – Kestrel murmurou antes de ser encarcerada.

A mulher riu, um som obscuro, imergido.

– Você ficaria surpresa com quantas tarefas exigem a mente.

Kestrel se sentia confusa.

– Os prisioneiros novos são meus favoritos. Fazia tempo que não tínhamos uma como você. Os novos são sempre divertidos, ao menos pelo tempo que duram.

Kestrel pensou ouvir a chave se virar. Mergulhou no sono.



Tentou comer e beber o mínimo que conseguia sem ser pega. Lembrava-se das palavras da guarda... até, então, não se lembrar mais delas e evitar refeições completas simplesmente pela noção de que a comida misturada a drogas a deixava alterada e que ela não gostava disso. Quando ninguém estava olhando, virava a tigela de sopa no pátio lamacento da prisão. Esfarelava o pão e o deixava cair de suas mãos.

No entanto, tinha fome. Tinha sede. Às vezes, ignorava sua preocupação incômoda e enchia a barriga.



Faria de tudo por você. As palavras ecoaram em sua mente. Muitas vezes, ela não conseguia saber quem as tinha dito. Pensou que poderia tê-las dito para seu pai.

Então sentiu um mal súbito, nauseada por uma emoção que teria reconhecido como vergonha se estivesse com a cabeça mais clara. Não, ela não as tinha dito para o pai. Ela o havia traído. Ou tinha sido *ele* quem a havia traído?

Era confuso. Ela tinha certeza apenas da sensação da traição, densa e abrasadora em seu peito.

Kestrel tinha momentos de clareza antes de a droga matinal deixá-la agitada e antes de a droga vespertina anestesiá-la. Nesses momentos, quando conseguia sentir o cheiro de enxofre em seu corpo e o pó em seus cílios, quando via o amarelo sob as unhas e polvilhado em sua pele feito pólen, ela visualizava essas palavras, escritas em nanquim sobre papel. *Faria de tudo por você.* Ela sabia exatamente quem as havia escrito e por quê. Sabia que estava fingindo quando pensava que essas palavras eram falsas ou que algum dos limites que havia imposto entre ela e Arin importava, porque, no fim das contas, ela estava aqui e ele estava livre. Ela tinha sim feito tudo o que podia. E ele sequer sabia.



Os guardas ainda não confiavam uma picareta a Kestrel. Ela estava começando a recear que nunca confiariam. Aquela picareta seria uma arma de verdade. Com uma, ela poderia conseguir escapar. Em suas horas de maior clareza, nos dias em que comia e bebia menos, Kestrel ficava desesperada para colocar as mãos em uma daquelas picaretas. Seus nervos imploravam pela ferramenta. Ao mesmo tempo, tinha medo de que, quando um guarda lhe desse uma e a mandasse para dentro dos túneis, fosse tarde demais. Ela estaria como todos os outros prisioneiros: emudecidos, de olhos arregalados, mentes distantes. Se Kestrel fosse enviada para as minas subterrâneas, não havia como saber se não perderia a noção de quem era ao

longo do caminho.



Certa noite, conseguiu não consumir nada antes de ser trancada na cela. Arrependeu-se. Tremia de fome e cansaço, mas nada conseguia fazer com que pegasse no sono. Sentia o chão de terra sob os buracos em seus sapatos. O ar era frio e úmido. Sentia falta do calor de sua droga noturna, que sempre a envolvia como um cobertor grosso. Fazia o sono cair sobre ela. Ela tinha se acostumado com isso.

Kestrel sabia que estava se esquecendo das coisas. Era terrivelmente perturbador, como descer uma escada no escuro, segurando um corrimão que desaparecia de repente e você se via apoiando-se no ar. Por mais que tentasse, Kestrel não conseguia se lembrar do nome de seu cavalo em Herran. Sabia que tinha amado Enai, sua ama herrani, e que Enai havia morrido, mas não conseguia se lembrar de *como* ela havia morrido. Quando Kestrel chegara ao campo, teve a ideia de procurar uma pessoa que conhecia (um senador caído em desgraça, condenado injustamente por vender pólvora negra para o oriente, havia sido mandado para lá no último outono), mas percebeu que não reconhecia ninguém e não sabia dizer se era porque não conhecia ninguém ali ou se simplesmente havia se esquecido dos traços da pessoa.

Kestrel tossiu. O som chacoalhou seus pulmões.

Naquela noite, Kestrel afastou os pensamentos de Arin e de seu pai. Tentou se lembrar de Verex em vez disso. Quando conheceu o príncipe com quem havia aceitado se casar, ela o considerara fraco. Mesquinho, infantil. Estava errada.

Ele não tinha se apaixonado por ela. Ela não tinha se apaixonado por ele. No entanto, eles gostavam um do outro e Kestrel se lembrava de quando ele colocara um filhote de cachorro preto e macio em suas mãos. Ninguém lhe havia dado um presente como aquele. Ele a tinha feito rir. Esse também foi um presente.

Verex devia estar nas ilhas do sul agora, fingindo estar numa viagem romântica com ela.

Talvez você pense que não posso fazer você desaparecer, que a corte vai fazer muitas perguntas , o imperador havia dito enquanto o capitão da guarda segurava Kestrel e o cheiro amargo de pavor exalava de sua pele.

Seu pai observava do outro lado da sala. *Esta é a história que vou contar. O príncipe e sua noiva estavam tão consumidos pelo amor que se casaram em segredo e fugiram para as ilhas do sul.*

Verex obedeceria o imperador. Ele sabia o que acontecia com quem não obedecesse.

O imperador havia sussurrado: *Depois de algum tempo... um mês? dois?... vai chegar a notícia de que você adoeceu. Uma doença rara que nem mesmo meu médico é capaz de curar. Para o império, você terá morrido. Ficaremos de luto por você.*

O rosto do seu pai não havia se alterado. Algo se quebrou dentro de Kestrel ao se lembrar disso.

Ela olhou para as grades de sua cela, mas viu apenas o corredor escuro. Queria poder ver o céu. Colocou os braços em volta do corpo.

Se tivesse sido inteligente, teria se casado com Verex. Ou não teria se casado com ninguém e teria entrado para o exército, como seu pai sempre quisera. Kestrel encostou a cabeça na parede de pedra com sua almofada de mofo. Seu corpo tremia. Ela sabia que não era apenas frio ou fome. Era abstinência. Ela sentia falta de sua droga noturna.

Mas também não era apenas abstinência que torturava seus membros. Era tristeza. Era o terror de alguém que havia recebido uma mão vencedora, apostado a vida no jogo e agido (deliberadamente?) para perder.



Na noite seguinte, Kestrel comeu e bebeu tudo que lhe foi oferecido.

– Boa menina – disse a guarda de cabelo prateado. – Não pense que não sei o que vem aprontando. Já vi você derramar sua sopa e fingir beber do copo. Assim – a mulher apontou para a tigela vazia de Kestrel – é melhor, não é?

– Sim – Kestrel disse, e ficou tentada a acreditar.



Ela acordou e viu, sob a luz fraca da aurora que vinha do corredor, filtrada pelas grades de sua cela, que havia desenhado no chão de terra. Levantou-se assustada.

Uma linha vertical, quatro asas. Uma mariposa.

Ela não se lembrava de ter feito aquilo. Isso era ruim. Pior: talvez, em pouco tempo, pudesse nem entender o sentido do desenho. Ela traçou a mariposa. Devia ter desenhado com os dedos na noite anterior. Agora, os mesmos dedos tremiam. Pedaços de terra se mexiam sob seu toque.

Esta sou eu, ela lembrou a si mesma. *Eu sou a Mariposa*.

Ela havia traído seu país porque acreditava que era a coisa certa a se fazer. Mas será que teria feito isso se não fosse por Arin?

Ele não sabia disso. Nunca havia pedido. Kestrel havia feito suas próprias escolhas. Era injusto colocar a culpa nele.

Mas ela queria.



Passou pela mente de Kestrel que seus humores não eram dela.

Questionou se se sentiria tão desolada e sozinha se não fosse drogada o tempo todo. De manhã, nas minas, quando era um gigante incansável e arrancar blocos de enxofre do chão era uma obsessão enfiada dentro dela pela droga, ela se esquecia de como se sentia. As questões sobre a realidade de seus sentimentos ficavam distantes.

À noite, porém, antes de dormir, sabia que suas emoções sombrias, aquelas que se reviravam dentro de seu peito e o consumiam, eram as únicas que ela sabia que podia confiar como verdadeiras.



Certo dia, algo estava diferente. O ar – nebuloso e frio, como sempre – parecia zumbir de tensão.

Vinha dos guardas. Kestrel ouviu enquanto enchia suas cestas.

Alguém estava a caminho. Haveria uma inspeção.

O coração acelerado de Kestrel bateu ainda mais rápido. Ela percebeu que, no fundo, não havia perdido as esperanças de que Arin tivesse recebido sua mariposa. Não tinha parado de acreditar que ele viria. A esperança explodiu dentro dela. Percorreu suas veias como raios líquidos de sol.



Não era ele.

Se Kestrel estivesse em total controle de suas capacidades, saberia desde o momento em que ouviu sobre a inspeção que não poderia ser Arin fingindo vir em algum tipo de missão oficial do império para checar o campo de trabalhos forçados.

Que pensamento idiota, doloroso. Arin era visivelmente harrani – cabelos escuros, olhos cinza – e tinha uma cicatriz que revelava sua identidade a qualquer um que soubesse dela. Se ele tivesse recebido a mensagem dela e se a tivesse entendido e se viesse (ela estava começando a se odiar por chegar a considerar tantos se improváveis), toda a guarda valoriana no campo o prenderia, senão coisa pior.

A inspeção era apenas uma inspeção. Do pátio prisional, no fim daquela tarde, Kestrel viu o velho que vestia o gibão com um nó de senador amarrado ao ombro. Ele conversava com os guardas. Kestrel passou entre os prisioneiros que andavam sem rumo pelo pátio depois de um dia cheio de trabalho, com a droga matinal ainda soando em suas veias como soava nas dela. Kestrel tentou se aproximar do senador. Talvez conseguisse mandar notícias ao pai. Se ele soubesse o quanto ela sofria, o quanto estava perdendo a noção de si mesma, ele mudaria de ideia. Interviria a seu favor.

Os olhos do senador apontaram para Kestrel. Ela estava a poucos metros de distância.

– Guarda – ele disse à mulher que havia cortado as saias dela no primeiro dia. – Mantenha suas prisioneiras em ordem.

A mulher pousou a mão pesada sobre o ombro de Kestrel. O peso afundou, apertando firme.

– Hora do jantar – disse a guarda.

Kestrel pensou na droga na sopa e a desejou ardenteamente. Deixou-se levar.

Seu pai sabia muito bem como era o campo de prisão. Afinal, ele era o general Trajan, o valoriano de maior patente exceto pelo imperador e seu filho. Conhecia os trunfos e fraquezas de seu país, e o campo era um trunfo enorme. Seu enxofre era usado para produzir pólvora negra.

Mesmo se o general não soubesse os detalhes de como o campo era administrado, de que isso importava? Ele tinha dado a carta dela ao imperador. Kestrel tinha ouvido o coração do pai bater tranquilo enquanto ela chorava contra seu peito. Batia como um relógio perfeitamente regulado.



Alguém a estava espetando. Kestrel abriu os olhos. Não viu nada além da escuridão do teto baixo de sua cela.

Outra espetada nas costelas, mais forte.

Um galho?

Kestrel saiu de seu sono pastoso. Devagar – doía se mover, ela era um emaranhado de ossos, hematomas e farrapos azuis – conseguiu se sentar.

– Ótimo – veio uma voz do corredor, claramente aliviada. – Não temos muito tempo.

Kestrel se aproximou das grades. Não havia nenhuma tocha no corredor, mas nunca ficava completamente escuro tão ao norte, mesmo de madrugada. Ela conseguiu distinguir o senador, que puxou a bengala de volta entre as grades.

– Meu pai mandou você. – Ela foi tomada por uma alegria, estalando e cintilando por toda a sua pele. Conseguia sentir o gosto de suas lágrimas. Escorriam livres por seu rosto.

O senador lhe abriu um sorriso nervoso.

– Não, o príncipe Verex me mandou. – Ele estendeu algo pequeno.

Kestrel continuou chorando, de um jeito diferente agora.

– Xiu. Não posso ser pego ajudando você. Você sabe o que aconteceria comigo se eu fosse pego. – Na mão dele, havia uma chave. Ela a pegou. – É do portão.

– Solte-me, leve-me com você, por favor.

– Não posso. – Seu sussurro era temeroso. – Não tenho a chave da sua cela. E você precisa esperar muitos dias depois que eu for embora. Sua fuga não pode ser ligada a mim. Está me entendendo? Você me arruinaria.

Kestrel assentiu. Ela concordaria com tudo que ele dissesse desde que não a deixasse.

Ele já estava se afastando da cela.

– Prometa – pediu o senador.

Ela queria gritar para ele parar, queria pegá-lo por entre as barras e fazer com que ficasse, fazer com que ele a soltasse *agora*. Mas ouviu-se dizendo:

– Prometo. – E ele partiu.

Ela ficou sentada por um longo tempo, olhando para a chave na mão. Pensou em Verex. Seus dedos se fecharam em volta da chave. Cavou um buraco no solo e a enterrou.

Deitando-se com as mãos embaixo do rosto, pousou a cabeça exatamente sobre a chave enterrada. Aproximou os joelhos do corpo e brincou com os nós que prendiam o vestido cortado em suas pernas. A mente de Kestrel, ainda que viscosa e lenta, começou a funcionar. Ela não dormiu. Começou a fazer planos – planos de verdade – e, enquanto formulava as diferentes possibilidades, parte dela alcançou Verex em sua mente. Abraçou seu amigo. Agradeceu. Pousou a cabeça em seu ombro, respirando fundo. Ela estava forte agora, disse a ele. Conseguiria fazer isso. Conseguiria porque sabia que não tinha sido esquecida.



O senador foi embora. Foram muitos os dias de fome, de sede. Certa vez, Kestrel pegou a guarda responsável pelas prisioneiras mulheres observando enquanto ela derramava a água drogada na terra, mas a guarda apenas lhe lançou o tipo de olhar que uma mãe lança a uma criança malcriada. Nada foi dito.

Kestrel receava ficar mais fraca do que já estava. Não sabia como conseguiria sobreviver na tundra em seu estado. Mas precisava manter a consciência. Tinha sorte de ser verão. A tundra estava cheia de água potável. Estava cheia de vida. Ela poderia roubar ninhos de pássaros. Comer musgo. Poderia fugir dos lobos. Conseguiria fazer tudo isso desde que saísse dali.

Seu corpo não gostou de ser afastado das drogas. Ela tremia. Pior, sentia falta da droga noturna. De manhã, não era tão difícil fingir comer e beber, mas, ao anoitecer, ela queria devorar tudo. Bastava pensar nisso para sua garganta arder de desejo.



Ela esperou o máximo que pôde pela segurança do senador. Em certa noite quente em sua cela, soltou dois pedaços de corda das pernas. Ajustou a calça improvisada, que foi segurada pelos outros nós que a guarda havia atado no primeiro dia de Kestrel no acampamento. A calça parecia mais ou menos igual a antes.

Kestrel amarrou os dois pedaços de corda um ao outro. Juntou-os com o nó mais forte que seu pai lhe havia ensinado a fazer. Testou o comprimento

novo: cerca de quatro vezes as suas mãos, das pontas dos dedos ao punho. Era firme. Ela o enrolou e o enfiou dentro do vestido.

Amanhã seria o dia.



Kestrel fez sua jogada depois que os prisioneiros voltaram das minas.

No crepúsculo vago e esverdeado, Kestrel fingiu comer sua refeição. Seu coração ainda guardava um resquício da droga matinal; tropeçava em si mesmo. Então pareceu se acalmar, um batimento firme. Kestrel deveria ter ficado nervosa, mas não ficou. Estava segura. Seu plano daria certo. Sabia que daria.

A guarda de tranças grisalhas levou Kestrel e as outras prisioneiras mulheres para seu bloco de celas. Elas entraram no corredor de Kestrel. Discretamente, Kestrel tirou a corda amarrada de dentro do vestido. Enrolou-a em volta do punho e deixou esse punho repousando contra a coxa nas sombras. A guarda aprisionou as mulheres uma a uma. Então, de costas para ela, parou diante da cela de Kestrel e a destrancou.

Kestrel veio por trás, com a corda esticada tensa entre as mãos. A corda desceu pela cabeça da mulher e apertou a garganta dela.

A mulher se debateu. Kestrel teve o pensamento delirante de que havia fisgado um peixe enorme. Ela prendeu a guarda com força, ignorando sua respiração chiada. Mesmo quando bateu de costas contra uma parede, não a soltou. Apertou a corda até a mulher se curvar e cair.

Kestrel correu para dentro da cela e desencavou febrilmente a chave do portão. Quando voltou para o corredor e viu a mulher no chão, com a chave da cela caída em sua mão, deu-se conta das outras prisioneiras, paradas onde estavam, com os rostos ainda vazios, mas os corpos vacilantes, os dedos caídos contraindo-se. Elas estavam conscientes o bastante para saber que não era assim que as noites corriam. Nenhuma das mulheres, porém, parecia saber o que fazer.

— Venham comigo — Kestrel as chamou, embora essa oferta parecesse insensata a ponto de ser quase suicida. Como poderia fazer com que todas chegassem ao portão sem serem notadas? Ela não tinha como salvar o campo inteiro. Como sobreviveriam na tundra sem serem capturadas? Mas... — Venham comigo — ela repetiu. Desceu o corredor, rumo à saída. Chamou-as com um gesto. Elas continuaram imóveis. Quando Kestrel

pegou a mão de uma mulher, ela se recusou a ir.

Por fim, Kestrel pegou a chave da porta da cela que havia caído no chão e a enfiou na mão de uma prisioneira. Os dedos continuaram abertos. A chave caiu.

Uma onda de frustração perpassou Kestrel – e alívio, e vergonha pelo alívio. Ela queria pedir desculpas. Mas, acima de tudo, queria viver e sabia, com uma certeza súbita, lacinante, incisiva, que, se não partisse agora, morreria ali.

Kestrel apertou a chave do portão.

– Vou deixar o portão aberto – ela prometeu.

Não houve resposta.

Ela se virou e correu.



Não estava escuro o bastante. Ela maldisse o céu esverdeado. Alguém veria sua sombra, rastejando ao longo da parede externa do seu bloco de prisão.

Mas ninguém viu. As janelas da caserna dos guardas brilhava iluminada. Ela ouviu risos. Viu um guarda solitário perto do portão. O jovem estava encostado preguiçosamente contra as grades.

Ainda agachada na sombra da caserna da prisão, Kestrel virou a chave pesada em sua mão, a ponta denteada para fora.

O guarda no portão se mexeu. Ela pensouvê-lo fechando os olhos enquanto suspirava e se acomodava em uma posição mais confortável.

Rapidamente, com os sapatos esfarrapados silenciosos no chão, Kestrel correu na direção dele. Acertou o punho com a chave na cabeça dele.



Ele caiu estatelado no chão, com a testa sangrando. Kestrel se atrapalhou com a chave, sua respiração sonora, sem ar. Foi só quando se virou para colocar a chave no portão que pensou na possibilidade de ser a chave errada, que ela ou Verex ou o senador haviam sido enganados.

O pavor tomou conta dela. Mas a chave entrou suavemente e girou, sem fazer mais barulho do que uma faca cortando manteiga.

Uma onda vertiginosa. Seu coração voando no peito. Suas costelas se abriram de alívio. Um suspiro risonho.

Ela abriu o portão. Saiu para a tundra, a princípio em silêncio, depois correndo rápido como um cervo.

Estava livre.



Seus pés mergulharam numa poça. A terra estava encharcada, a vegetação era curta e cheia de arbustos. Pouca cobertura. Não havia muito onde se esconder. Ela estava exposta demais. Sua respiração era estridente. Seu coração, vacilante. Suas pernas ardiam, pesadas e lentas.

Então: cavalos.

Um soluço de medo se soltou de seus lábios. Ela os ouviu atrás de si. Dispersos. Galopando. Uma caçada.

Um grito. Ela tinha sido vista.

Coelhinho, raposinha.

Corre .

Ela saiu em disparada. Não conseguia ver direito aonde estava indo, não podia olhar para trás. Soluços repuxavam sua garganta. Ela tropeçou, quase caiu, obrigou-se a seguir em frente. Ouviu os cavalos pararem e isso foi pior, porque os guardas deviam estar desmontando. Estavam perto e ela não queria isso. Não podia ter chegado ao fim.

Mas alguém a pegou por trás. Jogou-a contra o chão. Ela gritou contra a terra úmida.



Ela foi arrastada de volta para dentro do portão da prisão. Recusava-se a andar. Foi puxada pela lama até que finalmente a carregaram.

Assim como no seu primeiro dia no campo, ela foi levada diante da mulher de tranças grisalhas. Um vergão roxo e fino perpassava a garganta dela. Kestrel deveria ter matado aquela mulher. Deveria ter trancado todas as prisioneiras em suas celas. Sua fuga tinha sido descoberta rápido demais. Ela não teve uma vantagem suficiente. Mais uma falha.

– Eu avisei que, se você se comportasse, ninguém a machucaria – a mulher disse. Ela desenganchou o chicote do cinto.

– Não. – Kestrel se encolheu. – Por favor. Não vou fazer isso de novo.

– Eu sei que não vai. – A mulher balançou o chicote enrolado. Ele

estalou solto em sua coxa.

– Isso não faz sentido. – A voz de Kestrel ficou enrolada e aguda. – Não vou conseguir trabalhar se fizer isso.

– No começo, não. Mas, depois, acho que vai trabalhar muito melhor.

– Não. Por favor. Por que me punir se não vou me lembrar? Eu não vou, vou ficar como os outros prisioneiros, vou esquecer, vou esquecer de tudo.

– Vai se lembrar por tempo suficiente.

Kestrel se contorceu desvairada, mas a parte de trás de seu vestido já estava sendo aberta, ela estava sendo virada de costas, empurrada contra o portão, amarrada às grades. O vento soprou em suas costas nuas.

Já fui chicoteado antes, ela ouviu a lembrança da voz de Arin. *Você acha que eu não seria capaz de suportar a punição por ter sido pego?*

Kestrel se debateu contra as suas amarras, aterrorizada.

– Princesa – disse a guarda atrás dela.

Os músculos de Kestrel ficaram tensos. Seus ombros se curvaram. Ela não conseguia respirar.

– Todo prisioneiro novo brilha com uma pequena luz – a guarda disse. – Por acaso, a sua luz brilha mais forte. Vai ser melhor para todos que ela seja apagada.

Kestrel pressionou a testa contra as grades. Fitou a tundra. Sua respiração estava retornando agora. Com força e velocidade.

Houve um som agudo, sibilante, como um pássaro levantando voo.

O chicote desceu. Trinchou sua carne. Algo úmido desceu pelas suas costelas.

Ela não era corajosa. Conseguia ouvir a si mesma enquanto aquilo continuava. Ela não era nada como se imaginava.



Antigamente, Kestrel estimava a memória de Arin cantando para ela. Tinha medo de esquecê-la. As notas graves e deslizantes. Os intervalos doces ou a forma como ele sustentava uma linha longa e como ela adorava o som dele tomado ar tanto quanto adorava a forma como ele conseguia manter uma frase musical lá no alto até terminar exatamente onde deveria.

Mas, depois que os guardas a desamarraram do portão, quando suas costas estavam pegando fogo e ela não conseguia andar e seus ossos eram líquidos de tão trêmulos, ela olhou para o copo nas mãos da mulher.

Estendeu a mão para pegar. Suplicou para beber.

O copo foi colocado em seus lábios. Ela sentiu o aroma prateado da droga noturna. A ideia de se tornar exatamente como os outros prisioneiros não parecia mais tão ruim.

Seria uma bênção esquecer.

Afinal, o que havia para ser lembrado?

Alguém que ela nunca poderia ter. Amigos mortos ou deixados para trás.
Um pai que não a amava.

O copo foi virado. Água desceu por sua língua, fresca e deliciosa. Ela se esqueceu da dor, esqueceu onde estava, esqueceu quem havia sido, esqueceu que tinha medo de esquecer.

ARIN ADICIONOU AS EMBARCAÇÕES VALORIANAS À S

Alguns dos marinheiros dacranos que tinham sido mandados para vasculhar os aquedutos encontraram a fonte do veneno que vinha afluindo pelo suprimento de água da cidade. Era um grande tonel fixado em um túnel da montanha que conectava o curso da água às galerias que desciam pela encosta em uma série de arcos enfileirados. O tonel era projetado com engenhosidade; vazava um líquido espesso e amarronzado em uma dose misturada a pesos e contrapesos internos.

Quando Arin o viu, trazido de uma das valas das montanhas que tinha sido usada dez anos antes por escravos herranis para construir o túnel, quis jogar o tonel do penhasco evê-lo se estilhaçar nas rochas lá embaixo. Em vez disso, ajudou a carregá-lo cuidadosamente montanha abaixo e o armazenou no arsenal da cidade para ser usado contra os valorianos no caso de um cerco.

Todos na cidade beberam água de chuva coletada em barris e transportada do interior. Todos passaram um pouco de sede até que Arin, tendo esperado alguns dias para que os aquedutos se limpassem sozinhos, bebeu da água deles e não se sentiu diferente de antes.



– Realmente acha que isso poderia funcionar? – perguntou Sarsine. A prima de Arin estava deitada em sua cama na casa da família dele, ainda pálida. Seus movimentos eram lentos e ela dormia a maior parte do dia, mas seus olhos haviam ganhado certo brilho nos últimos dias.

– Com certeza. – Arin descreveu as diferentes partes do minicanhão que havia projetado na forja do castelo dacrano. – Foi o que fez a rainha oriental aceitar se aliar conosco – ele acrescentou, ainda que com a sensação incômoda de que, talvez, esse não fosse todo o motivo da decisão da rainha.

– Esta arma pode nos dar a vantagem de que precisamos contra o império, mas temos que fazer mais. Sarsine, eu preciso de você. – Ele tirou o cabelo quebradiço da testa dela e olhou para o rosto que o lembrava de seu pai, em homenagem a quem ela recebera seu nome, um nome forte e antiquado que ela odiava na infância. Ele colocou a mão na bochecha dela. – Não posso

fazer isso sozinho.

Ela pegou a mão dele e a segurou. Não parecia mais tão fraca. Sarsine sorriu.

– Você *não* está sozinho – ela lhe disse.



Os reforços orientais chegaram de navio cerca de uma semana após a batalha naval e Arin se sentiu imensamente aliviado ao ver as chalupas novas ancorando em seu porto. O contra-ataque valoriano chegaria em breve, possivelmente em algum lugar da costa ocidental, suspeitava ele.

Um dos recém-chegados ao porto causou certa comoção. Desceram uma jaula da chalupa maior para uma lancha, que remou devagar até o píer. À medida que a lancha se aproximava, Arin viu que os dacranos nos remos estavam rígidos e quietos, afastados o máximo possível da jaula. Contudo, um vulto recostava-se nas barras, conversando com o animal, que andava de um lado para o outro lá dentro. Arin reconheceu o rapaz de imediato. Sentiu uma onda de gratidão. Não esperava que Roshar viesse.

O príncipe oriental ergueu os olhos e encontrou Arin esperando no píer. Um sorriso enorme se abriu em seu rosto. Antigamente, Arin pensava que Roshar tinha um rosto de crânio; o nariz e as orelhas tinham sido decepados. Mas Roshar parecia tão cheio de uma vida feroz, com seus olhos negros brilhantes e maquiados de tinta verde, seus dentes brancos e uniformes, que, embora se lembrasse do que havia pensado com espanto ao ver as mutilações de Roshar pela primeira vez, aquela memória parecia distante agora.

Roshar, ignorando os gritos assustados de seus tripulantes, saltou da lancha para o píer. A lancha balançou na água. O pequeno tigre rugiu.

Com os braços cruzados diante do peito, Arin caminhou até a ponta do píer.

– Precisava trazer o tigre?

– Deixei o bicho passar fome durante a jornada para cá, especialmente para você – brincou Roshar. – Vai dar um abracinho nele, vai. Ele viajou todo esse caminho só para ver você. O mínimo que pode fazer é dar um dos seus braços para ele comer. Acha demais? Que tal uma mão? Alguns dedos, pelo menos. Arin, cadê a sua hospitalidade?

Arin, rindo, abraçou seu amigo.



Ele engasgou com a sua primeira tragada.

– Isso é horrível.

– Falei que você iria gostar. – Roshar mordeu a piteira de seu cachimbo, acendendo o tabaco. Apagou o fósforo. Por alguns momentos, fumou em um silêncio contente. Tanto o silêncio como o contentamento eram, pela experiência de Arin, raros para o príncipe. – Tente de novo ou vou achar falta de educação da sua parte.

Arin, ignorando-o, foi abrir a janela. O ar doce e quente banhou o escritório de seu pai.

– Arin – reclamou Roshar. – Feche a janela. Estou com frio. Por que seu país tem que ser tão insuportavelmente *frio*?

– Estamos no verão. – Já havia passado o primeiro dia da estação, que os valorianos celebravam como Primeiro Verão.

Roshar estremeceu.

– Quero ir para casa.

– O que você está fazendo aqui, afinal?

– Admita. Você sentiu minha falta.

Arin olhou para ele. Com a voz baixa, disse:

– Senti.

O príncipe olhou de soslaio para o amigo por entre a nuvem de fumaça.

– Você parece melhor.

Arin franziu a testa, recostando-se contra o caixilho da janela.

– Não sabia que parecia mal antes.

Roshar bufou.

– Como integrante da linhagem real de Dacra, educado nos pontos mais delicados de graça e discrição, vou me abster de todos os detalhes de como você pôs seus pés ilegais e desmerecidos na minha cidade. – Roshar o observou atentamente, então desceu o olhar para a espada que Arin havia desafivelado e pendurado sobre o encosto de uma cadeira quando entraram no escritório. – O que aconteceu com a sua adaga?

– Sumiu. – Arin havia jogado a adaga de Kestrel no mar.

Roshar brincou com seu cachimbo.

– Quanto a por que estou aqui, a rainha pensou que você poderia precisar de alguém com autoridade.

– Estou me virando bem.

– Disso eu soube. Xash está impressionado. Além disso, ele odeia você. Mas a pequena e encantadora disputa de poder de vocês é refutável agora que estou aqui e sou superior aos dois. Não é verdade?

– É claro – disse Arin, devagar.

Roshar sorriu.

– A rainha mandou saudações.

Arin ficou em silêncio. Roshar questionou:

– Esperava algo mais amável? Bom – a voz de Roshar assumiu um tom irônico –, você sabe *bem* como ela é, não sabe?

Arin corou.

– Acho que devemos discutir possíveis cenários de ataque valoriano.

– Que sem graça.

– Não temos tempo para...

– Ah! Ah! Os valorianos estão arrombando nossas portas *agora* .

Precisamos *fazer alguma coisa* .

– Já pode voltar para casa.

Roshar se acomodou confortavelmente em sua cadeira.

– Por falar em valorianos, soube que lady Kestrel e o príncipe Verex se casaram em segredo. É verdade, o boato é que estavam tão consumidos de paixão ardente que desapontaram centenas de convidados do casamento com uma cerimônia particular logo depois do aniversário dela ao fim da primavera. O casal apaixonado mal podia esperar.

Arin duvidava que “paixão ardente” tivesse algo a ver com aquilo. Ele abanou a cabeça.

– Ela quer o império. Consegue tudo o que deseja.

– Eles estão em lua de mel nas ilhas do sul.

Arin deu de ombros, que ficaram tensos. Roshar não pareceu notar.

– Você está melhor *mesmo* – disse o príncipe.

– Podemos conversar sobre a guerra, agora?

– Como quiser, pequeno herrani.

Arin desenrolou um mapa e o abriu sobre a escrivaninha do pai. Eles estudaram a costa ocidental, os penhascos e as margens rochosas que dariam aos valorianos a oportunidade de um ataque surpresa, e a praia, chamada de Lerralen, que dava para a terra plana que descia diretamente para as fazendas herranis do sul.

Quando a luz do dia se apagou e os olhos de Roshar foram pesando, Arin percebeu que as alfinetadas irônicas do príncipe haviam escondido um

cansaço sincero da viagem. Arin falou para ele descansar.

– Escolha a suíte que quiser – Arin disse. – Mas, por favor: mantenha aquele tigre na jaula.

– Arin é um filhotinho – Roshar resmungou. Aparentemente pelo simples prazer de irritar Arin, Roshar havia dado seu nome para o tigre. – Ele é doce e educado e muito bonito... ao contrário de certas pessoas.



– Você está *errado* – disse Roshar.

Eles estavam debruçados sobre um mapa na biblioteca de Arin. Arin mantinha os dedos apontados obstinadamente para os penhascos ao longo da costa ocidental de seu país.

– Errado – insistiu Roshar.

Arin abanou a cabeça.

– Você está subestimando o general valoriano.

– Ele não vai mandar os soldados subirem por *penhascos*. Não precisa disso. Ele tem os números. Pode aportar os navios naquela praia e conquistar o interior com força bruta. Não precisa ser criativo.

Arin se lembrou de Kestrel.

– Acho que ele gosta de ser criativo. Acho que pode ser destruído pela própria astúcia dele, se conseguirmos pegá-lo no ato.

– A altura desses penhascos é monstruosa.

– Os rangers são capazes disso. Se escalarem os penhascos e chegarem ao sul enquanto enfrentamos os valorianos que tiverem aportado na praia, vão nos flanquear e nos comprimir entre eles.

Roshar emitiu um som de desprezo.

Frustrado, Arin comentou:

– Você é tão orgulhoso que acha que ninguém pode derrotá-lo?

– Você está tão disposto a transformar o general num ser onipotente só porque ele mandou massacrар sua família?

A fúria tirou o ar de Arin. Houve um silêncio brutal.

Roshar esfregou os olhos, manchando a maquiagem verde que os rodeava. Ele suspirou.

– Eu não quis...

– Arin. – Era Sarsine. Parada à porta da biblioteca.

– Agora não – ele disse a ela.

- Tem uma pessoa aqui para ver você.
- Agora não.
- Ele falou que é importante.
- *O que* é importante?
- A mensagem dele.
- Que é?
- Ele se recusa a me dizer. Quer contar pessoalmente para você.
- Estou ocupado.
- Não, não – disse Roshar. – Vá em frente, converse com ele. Já acabamos mesmo. Vou informar meu plano de batalha para os líderes do batalhão e...
 - Espere. Sarsine, quem é essa pessoa?
 - Um cavalariço herrani que cuida dos cavalos numa estação de passagem em Valória, ao longo da estrada que vai para a tundra do norte.
 - Essa mensagem tem alguma coisa a ver com uma operação militar valoriana?
 - Eu perguntei. Ele disse que não.
 - Ele tem alguma informação sobre o general, suas tropas ou o imperador?
 - Não, nada desse tipo. Mas...
- Arin deu as costas.
- Depois.
- Ela respirou fundo como se fosse argumentar, depois pareceu mudar de ideia.
 - Vou colocá-lo nos seus antigos aposentos. Ele viajou de muito longe para ver você.
 - Bom – disse Roshar alegremente, enrolando o mapa sobre o qual ele e Arin haviam brigado. – Está tudo decidido, então. Qual é o nome daquela praia? Lerralen? Vamos para lá amanhã, ao nascer do dia.



Arin não conseguia dormir. Abriu as janelas com tudo. Ouviu uma coruja caçando na noite de verão.

Era, obviamente, mais seguro mandar a maior parte das forças orientais para a praia em Lerralen, sem reter soldados para proteger os penhascos. A praia era um lugar ideal para o exército valoriano atracar. A praia e seus

terrenos circundantes eram relativamente planos e muito abertos: excelentes para uma invasão. Os dacranos, que não conheciam o território que estavam defendendo, não teriam nenhuma visão superior dos valorianos, o que tornaria mais difícil rechaçar os invasores... algo que o general Trajan iria adorar. Roshar talvez estivesse certo.

Talvez.

De qualquer maneira, Arin não tinha poder para prevalecer sobre ele. Eram poucas as pessoas de seu povo que estavam em condições de lutar. Ele não tinha tropas para comandar. Por sorte, teve a ajuda da rainha oriental.

Sim, sorte.

A rainha, porém, não era boba. Ela devia ter ficado sabendo da indignação de Xash por ter sido ignorado por Arin no planejamento de uma batalha crucial.

Arin estava feliz por Roshar estar ali, mas era claro que ele tinha sido mandado para colocar o herrani em seu devido lugar.

Arin encostou o braço contra o caixilho, pousando a testa sobre o punho. A noite o envolveu. Ele não acendeu nenhuma lamparina. Cogitou se um dos motivos por que os valorianos treinavam para sobreviver com pouco sono era para que pudesse sentir da maneira como ele estava se sentindo agora: como se não houvesse diferença entre ele e a escuridão. Ouviu o sussurro das árvores. Pensou no general atracando na costa de Herran. Os músculos em seu braço se enrijeceram. Ele nunca dormiria agora. Não deixava de ver os penhascos. Eles se assomavam, brancos e cintilantes, em sua mente.

Kestrel não seria capaz de resistir àqueles penhascos.

Se fosse ela quem estivesse reunindo a invasão, ela poderia gostar do aspecto da praia em Lerralen, mas adoraria os penhascos. A simples astúcia do plano seria seu encanto. E os resultados... Se mesmo um pequeno grupo escalasse os penhascos e descesse ao sul para encontrar os valorianos já concentrados na praia, as defesas de Herran seriam facilmente devastadas. Os valorianos conquistariam o interior e subiriam até a cidade, cuja baía estava protegida demais agora para ser tomada por mar.

Se Kestrel fosse o general, era isso que ela faria.

Se Arin fosse Kestrel, era isso que ele faria.

Arin percebeu que sua mão caída havia se cerrado num punho.

Ele se lembrou da linha de óleo dourado que marcava a testa de Kestrel

como o sinal de uma noiva e o quanto ele odiava essa linha. Certa noite, no palácio, Arin colocara Kestrel contra as janelas invernadas da porta de uma sacada fechada. Havia sentido o corpo esguio dela contra o seu. Havia beijado a sua marca. Depois, sentiu o óleo cosmético em seus lábios. Era amargo. Sentia o gosto em sua língua de novo.

Arin havia se esforçado tanto para ter clareza. Cada coisa em que havia acreditado! Ele pensou na noite em que o feitiço enfim se quebrara. Ele tinha navegado do oriente. Havia arriscado tudo para entrar escondido no palácio. Ele a viu de novo: a consternação em seu rosto, a irritação fria, a maneira como ela havia esfregado as mãos nas saias de seu vestido de seda azul, as mangas largas amarradas firme em volta dos punhos. Aquele azul-escuro jorrou sobre ele enquanto ela se sentava ao piano e tentava ignorá-lo tocando uma melodiazinha feliz. Quando ele se recusou a ir embora, ela havia se tornado cruel.

Não era de todo verdade que Arin não sentia nada quando pensava em Kestrel. Ele sentia vergonha. Estremeceu ao pensar em suas perguntas desoladas. Mal podia acreditar que as tinha feito.

O que você fez pelo tratado?

Ele deu liberdade para o meu país. Salvou a minha vida. O que você fez para conseguir que o imperador assinasse?

Você... você vai... se casar com o príncipe por minha causa? Foi... parte de algum tipo de acordo que fez com o imperador?

Ele ainda ouvia as respostas cortantes dela.

Agradeceu ao deus do acaso por ter se impedido de perguntar se ela era a Mariposa de Tensen – mais uma das fantasias que alimentava sobre ela em sua compulsão de transformá-la na pessoa que queria que ela fosse. Isso, apesar da lealdade de Tensen a ele, de sua honestidade. Tensen já havia lhe revelado a identidade de sua espiã anônima: Risha, a princesa do oriente mantida como refém na corte imperial.

Arin se empertigou. Seus ombros ardiam. Ele estava parado na mesma posição havia tempo demais. Sentou-se no parapeito largo, com a coluna contra o caixilho. Estava consciente de suas sensações por dentro e por fora. Permitiu-se desfrutar esse equilíbrio. Esclarecia sua mente.

O que aconteceu com Kestrel não tinha sido em vão. Ele havia aprendido como a mente dela funcionava. Havia entrevisto seu fraco por manobras astuciosas. Tinha visto como ela havia puxado ao pai.

Arin se perguntou de quantas pessoas precisaria para enfrentar os rangers

valorianos que subiriam os penhascos ocidentais.

Perguntou-se se ele também era tentado pela astúcia. Talvez também se sentisse atraído pelo risco maior.

O primeiro pássaro da manhã cantou.

A deusa herrani dos jogos tinha sido mortal. Arin conhecia a lenda. Ela havia ganhado sua imortalidade por meio de apostas, então, deslanchou o caos com alegria. Os deuses não ficaram contentes. Estavam começando a perder posses estimadas: um par de luvas que permitia à pessoa tocar cores e sons, um anel que continha todo um outro mundo dentro de seu círculo, o gato preferido do deus da noite. Quando ela ganhou o Sol, todos perderam a paciência. O deus da guerra foi enviado para lidar com ela. Mas nada nunca é simples entre os deuses, e eram muitas as histórias dos deuses da guerra e dos jogos... e envolviam certas reviravoltas sensuais que não deixavam Arin ouvir quando ele era criança.

Arin fechou a janela. Pegou sua espada, que tinha sido do seu pai e forjada com aço temperado. Por quase dez anos desde a invasão, a espada tinha ficado pendurada em uma parede naquela casa, como um cadáver em exposição. Dava uma sensação boa tê-la na mão e, por um momento, ele sentiu como se estivesse segurando não a espada, mas a mão de seu pai. Então, o cabo voltou a ser de aço.

Ele caminhou (depressa, faltava pouco para amanhecer) até os estábulos. Selou Dardo, o cavalo de Kestrel, agora seu. O animal era forte, esperto e veloz.

Arin saiu no lombo do garanhão para a manhã cinza. Pensou que o comandante de qualquer exército deveria rezar para os deuses da guerra e dos jogos. Não se vence nenhuma batalha sem uma boa aposta.

Conforme o chão corria sob os cascos de Dardo, Arin pensou brevemente no mensageiro que tinha vindo para falar com ele.

Depois, ele decidiu e esporou seu cavalo.

ARIN AVANÇOU FURTIVAMENTE, DE BARRIGA PARA BA irregular. O vento gritava em seus ouvidos. Jogava terra em seus olhos. Ele piscou para limpar os olhos, com lágrimas escorrendo, e rastejou até a beira do penhasco. Ouviu o solo se esmigalhar sob seu peso, rolando em partículas penhasco abaixo.

O coração de Arin batia forte. Imaginou a beirada do penhasco cedendo. Ele despencaria em questão de segundos.

Rápido, como já havia feito tantas vezes naquele dia, Arin enfiou os cotovelos na terra e se empurrou apenas o bastante para olhar pelo penhasco. O mar ficava a uma distância estonteante. A espuma era branca contra as rochas.

Não havia navios.

Não havia valorianos escalando os penhascos.

Nada.

Arin se afastou da beirada, virou-se de costas, olhou para o céu pálido no alto e então para os herranis que o aguardavam.

Olhou em seus olhos. Fez que não.



Arin cavalgara até Etreia, um território rural que havia ajudado a libertar durante a Revolta de Primeiro Inverno. As pessoas de lá ficavam longe demais da cidade e das montanhas para depender dos aquedutos; elas tinham poços. Estavam saudáveis. Podiam não ser guerreiros, mas Arin aceitaria o que pudesse juntar. Havia cavalgado pela vila e implorado ajuda. Cerca de vinte homens e mulheres o seguiram até o penhasco.

Os penhascos descobertos.

Onde só havia silêncio.

Arin olhou de novo para a água vazia ao longe e imaginou o que Roshar devia ter pensado ao procurar Arin pela manhã e rumar para a praia sem ele.

Arin se perguntou se sua desobediência – ou será que Roshar veria como covardia? – havia lhe custado a aliança pela qual tinha se esforçado tanto para conquistar.



No segundo dia, porém, Arin os viu.

A princípio, não soube ao certo o que estava acontecendo. Não tinha visto a chegada de nenhum navio; deviam ter ancorado longe de seu campo de visão, atrás da beirada sul dos penhascos cuja base se projetava dentro da água. Arin não tinha visto as pequenas lanchas remarem até o pé dos desfiladeiros. Apenas se deu conta do que eram (pareciam rochas escuras lá embaixo no mar) quando viu os pequenos pontos pretos contra a rocha branca cintilante.

Arin espiou de novo pela luneta. O sol batia em seus ombros. Ele sentia o gosto do suor. Sentiu um aperto na barriga contra a grama dura sob ele.

Os rangers valorianos estavam escalando os penhascos aos pares. Um segurava a corda embaixo. O outro, amarrado à corda, subia, fixando pitões e estranhos equipamentos nas rochas. Os alpinistas prendiam a corda no equipamento (cada um se assemelhava a um estribo de cavalo) de modo que a corda passasse livremente por ele. Então, os alpinistas escalavam o penhasco enquanto seus parceiros lá embaixo iam soltando as cordas.

Não eram muitos. Uma centena, pela contagem de Arin.

Ele observou os alpinistas chegarem ao fim de suas cordas. Usavam seu equipamento para se ancorar na parede do desfiladeiro. Então, puxavam a corda para cima, aproveitando a folga enquanto seus parceiros de baixo começavam a escalar pelo mesmo caminho. Quando se encontravam na âncora, repetiam o processo todo de subir o máximo que a extensão da corda lhes permitia.

Por um momento, Arin se permitiu imaginar como deviam se sentir. O vento uivante. O pó em sua pele, os lábios rachados. Os dedos trêmulos sobre a rocha até encontrarem onde se segurar. O alívio quando a mão firmava. Um raio de pavor quando os dedos dos pés escorregavam na rocha vítreia. Seus pés cortados. Eles ficavam dependurados, com os braços ardendo de dor. A corda os segurava. Seus pés encontravam pontos de apoio e perfuravam o desfiladeiro. Com as mãos ensanguentadas, a boca seca, continuavam subindo.

Arin recuou do desfiladeiro. Parou de pensar no que os rangers sentiam. Eles tinham vindo roubar seu país e matar seu povo. Não precisou que seu deus lhe dissesse o que fazer.

Ele mandou seu pequeno grupo de herranis armados recuarem e se

agacharem atrás de uns arbustos próximos que eram baixos e retorcidos pelos ventos fortes.

Arin esperou até o primeiro grupo de alpinistas ter se alçado à beira do penhasco. Eles firmaram estacas no chão e começaram a puxar a corda enquanto seus parceiros embaixo faziam a escalada final.

Depois que os rangers estavam em terra firme com as mãos ocupadas, os herranis saíram de trás dos arbustos.

Arin foi o primeiro a pular em cima deles, para mostrar aos outros herranis o que fazer.

Um ranger se virou, com os olhos arregalados. Ainda estava amarrado à estaca no chão. A espada de Arin cortou a longa corda enrolada nas mãos do valoriano. Ela deslizou para longe, desceu pelo despenhadeiro. Um grito soou lá embaixo.

Arin cortou a estaca do ranger e apontou a ponta da espada na garganta úmida de suor do ranger.

– A lâmina ou as rochas lá embaixo? – perguntou Arin em valoriano. As palavras soaram rarefeitas, arranhadas pelo vento.

O branco dos olhos do valoriano giraram de pavor.

Depois de um segundo, Arin se deu conta de que o ranger estava com medo demais para responder. Arin tomou a decisão por ele e cravou a espada.



– Não vou falar com você – Roshar declarou quando fechou a dobra da abertura da tenda na cara de Arin. Arin entrou mesmo assim. – Você está sangrando no meu piso – disse o príncipe. – Vai ser impossível limpar essa mancha.

Arin olhou para baixo. O “piso” da tenda era areia. Sangue pingando de seu abdome, escurecendo a areia em gotas do tamanho de moedas. Uma adaga valoriana havia cortado a armadura de couro reforçado e entrara bem nas costelas onde a armadura se afivelava. Isso tinha acontecido na praia, depois que Arin havia acabado com os rangers e cavalgado para encontrar o exército oriental.

– Você estava no fundo, imagino eu – continuou Roshar –, longe de toda a diversão. É isso que merece por chegar atrasado. – Roshar puxou a túnica empapada de suor de sua pele. – Argh. Estou fedendo.

– Roshar...

– Dá para calar a boca? Eu disse que não vou conversar com você. Você não consegue fazer nada direito, não é?

– Mas o general...

– Sim, bateu em retirada. Sim, sem seus preciosos rangers. Fiquei sabendo o que você fez. Atirou-os do penhasco, hein? Muito honrado da sua parte. Mas você chegou atrasado para a *minha* batalha quando *eu* precisei de você, como *eu* avisei, e de quem mesmo é a terra que acabei de lutar para defender?

– Eu sei. Desculpe.

O príncipe bufou.

Arin, sem saber o que dizer, se atrapalhou com as fivelas da armadura. O corte em suas costelas ardia.

– Estou vendo que ninguém ajudou você ainda a tirar sua armadura. Pobrezinho. Agora, *eu* – Roshar apontou para si mesmo, vestindo apenas túnica e calça, os braços nus e musculosos e manchados do sangue de outra pessoa – saí da armadura assim que os valorianos partiram da praia, porque *eu* sou um príncipe, e *eu* mandei alguém tirá-la de mim e as pessoas obedecem ao que *eu* digo.

– É isso o que você espera de mim? – perguntou Arin.

Roshar abaixou os braços.

– Você realmente quer que eu faça tudo o que você manda? – prosseguiu Arin.

Nenhuma resposta.

– Não importa que eu estava certo sobre os penhascos?

Roshar pestanejou e disse:

– Para falar a verdade, isso só agrava a situação.

– Eu não vou obedecer você. Você é meu amigo, não meu mestre.

Roshar desviou os olhos; seu nariz mutilado cortava seu perfil. Ele examinou a parede de lona preta da tenda, que brilhava sob o sol. Roshar suspirou, puxando parte de sua orelha decepada. Então, virou-se e encarou Arin nos olhos. Sua boca era uma linha longa, exausta.

– Venha cá. – Ele puxou a armadura de Arin e começou a desafivelá-la. – Pare de sangrar. Ah, olhe só você. Arin, você está um lixo.



– Não precisei mesmo de você – Roshar lhe disse enquanto cavalgavam de volta para a cidade, tendo deixado alguns batalhões para trás para proteger a praia. – Tenho a sorte de ser muito bom em guerra. É porque sou muito bonito. Como um dos seus deuses. As pessoas olham para mim e perdem a cabeça. Minha espada os corta num golpe só.

Arin estalou a língua para Dardo, incitando-o para ir à frente do cavalo de Roshar.

Roshar o alcançou. Como a maioria dos orientais, ele cavalgava sem rédeas, conduzindo o cavalo apenas com os joelhos, calcanhares e o deslocamento de seu peso. Isso o deixava livre para gesticular expansivamente enquanto falava.

– Está me ouvindo? – Ele se debruçou para cutucar o ombro de Arin. – Não sei se entende a grandiosidade de ter um deus em seu meio.

– Posso rezar para você ir embora?

Roshar sorriu.

– Fizemos alguns prisioneiros valorianos.

– Por quê?

– Para obter informações, é óbvio. São poucas as coisas que têm vindo da corte ultimamente. Nossos espiões andam silenciosos. Os seus?

Arin não havia recebido nenhuma notícia de Tensen ou de sua Mariposa. Respondeu que não.

– Bom. – Roshar esfregou as mãos. – Vamos ver o que um pequeno interrogatório revela. Tenho certeza de que os prisioneiros vão ter o maior prazer em falar.

Arin disparou um olhar de esguilha.

– Arin, você me magoa. Tortura é a última coisa na minha mente, juro para você. As pessoas adoram conversar comigo. Prometo que vou fazer minhas perguntas com muita, mas muita delicadeza.



Arin segurou a respiração sob a água até seus pulmões arderem, então emergiu para a superfície da banheira. Sua sala de banho ecoava com o som da água esparramada. A espuma suja ondeava em volta dos seus joelhos. Ele tocou o torso e os dedos voltaram rosados. O corte em suas costelas estavam sangrando de novo. Era superficial demais para fazer pontos.

Ele se pegou imaginando quantas cicatrizes teria o general. Os pulmões

de Arin queimavam como se ele ainda estivesse segurando o ar, o que o fez perceber que estava mesmo, e que doía sentir tanto ódio e saber que nenhuma cicatriz bastaria, que o general não teria como sofrer dores que fizessem Arin se sentir melhor.

O general e sua filha não eram nada parecidos. Arin se lembrava de como havia odiado notar isso durante seus primeiros meses como escravo de Kestrel. Ele queria ver os traços daquele homem nela e o irritava não ser capaz disso. Havia algo de semelhante nos olhos... mas os dela eram de um castanho muito mais claro. Arin nem sabia ao certo se poderia chamá-los de castanhos. Mel não era castanho. E o formato. Diferente também. Levemente apontados para cima nos cantos. Arin se lembrou de fazer essas comparações e como seu desejo de ver algo nela que pudesse odiar havia se transformado em desgosto consigo mesmo pelo tanto que prestava atenção. Então, aos poucos, uma curiosidade de descobri-la tão diferente. E depois veio outra emoção, mais suave e mais bruta...

Arin saiu da banheira. Vestiu-se e deixou seus aposentos.



Sarsine o deteve na escada que dava para a ala oeste.

– Você parece melhor. – Ele sorriu.

Ela cruzou os braços e disse:

– Faz uma semana.

Ele franziu a testa.

– O que faz uma semana?

– Desde que o mensageiro chegou – explicou ela.

– Ah. Esqueci.

– Você andou ocupado. – O tom dela era de uma serenidade perigosa.

– Vou conversar com ele agora.

– Você andou ocupado – ela repetiu – *atirando pessoas de penhascos*.

– Isso é um exagero.

– Então não é verdade?

– O que você quer de mim, Sarsine?

– Você culpava Kestrel por ter mudado, mas você também mudou.

– Não é a mesma coisa. – A voz dele saiu dura.

– Não?

Ele deu as costas para ela. Desceu a escada correndo, o ritmo de suas

botas batendo rápido e firme.



— Tentei chegar o mais rápido possível aqui — disse o mensageiro. Era um homem baixo, de punhos, cotovelos e joelhos nodosos. Um nariz estranhamente pequeno. Havia rugas sob seus olhos. Suas íris eram de um tom esverdeado que fazia Arin se lembrar de Tensen.

Eles estavam sentados na sala de visitas da suíte da infância de Arin. Ele não gostava de ficar lá. Olhava para seus instrumentos da infância, ainda pendurados na parede. Lembrava-se de Kestrel tocando neles, seus dedos tangendo uma corda. Ele viu a marca de nascença na mão direita dela, no meio do tecido delicado entre o polegar e o indicador. Era como uma pequena estrela escura.

Arin deveria tirar aqueles instrumentos da parede. Deveria se livrar deles.

— Aconteceu alguns meses atrás — continuou o mensageiro.

Arin voltou a atenção para ele.

— Alguém me deu uma coisa. — O homem entrelaçou as mãos. — Mandou entregar para você, mas não estou mais com ela.

— O que era?

— Uma mariposa-mascarada.

— O quê? — A voz de Arin era incisiva.

— Uma daquelas mariposas valorianas. Do tipo que muda de cor. Uma prisioneira me deu.

O coração de Arin acelerou.

— *Quem* a deu para você?

— Uma mulher herrani.

— Não é possível. — Tensen havia dito a Arin que a Mariposa, sua importante espiã na capital, era Risha. Ninguém teria como confundir Risha por uma herrani. Como todos os orientais, a pele dela era negra, de um tom muito mais escuro do que a de Arin, bronzeado por anos sob o sol.

— Sei o que eu vi — afirmou o mensageiro.

— Conte-me tudo.

— Eu cuido dos cavalos ao longo da estrada que segue para o norte, saindo da capital valoriana. Uma carruagem de prisão parou. Muitas passam por lá. Estava dando água para os cavalos enquanto os guardas esticavam as

pernas. A mulher me chamou. Ela estava estendendo o braço entre as grades e pediu para eu dar a mariposa a você, mas os guardas viram. É por isso que não tenho mais a mariposa. Ela foi esmagada. Os guardas me bateram. Bateram nela também.

– O que aconteceu?

– Não sei. Não consegui ver. Enfim, eles foram embora.

– É só isso?

O homem se remexeu constrangido com o tom de Arin.

– Não deveria ter vindo?

– Não, sim. – Arin apertou os olhos por um momento. Seu coração estava batendo rápido demais. – Você fez certo em vir.

– Sinto muito por ter perdido a mariposa.

– Não tem importância. É só que... Ela falou com você em herrani?

– Sim.

– Tem certeza?

O mensageiro olhou esquisito para ele.

– Sei reconhecer minha própria língua. Era a língua materna dela, como a sua e a minha.

Não falo herrani, ele se lembrou de Risha dizer. Ela também nunca havia admitido que era a espiã. Arin havia confiado nas palavras de Tensen.

– Você disse que não conseguia ver. O que não conseguiu ver?

– Não consegui ver dentro da carruagem. As paredes eram sólidas. A porta também. Eu a vi na janela.

– Descreva-a.

– Não dá.

Arin se esforçou muito para falar com calma.

– Como assim, não dá? Você a viu. Disse isso.

– Bom, sim, mas – o homem também estava visivelmente frustrado – só vi a mão dela.

– De que cor era a pele dela? Igual à minha? À sua?

– Mais ou menos. Menos, acho. Meio pálida. Da cor de uma escrava doméstica.

Não era dacrana.

– Deve haver alguma coisa que você possa me dizer. – Estava ficando cada vez mais difícil para Arin ficar parado. – O que aconteceu com a prisioneira?

O homem esfregou o pescoço queimado de sol, evitando o olhar de Arin.

– Os guardas me bateram. Meu ouvido estava zumbindo. Não consegui ver o que fizeram dentro da carruagem. Não sei o que eles disseram. Mas a voz dela soava terrível.

– E depois?

– A carruagem seguiu para o norte, em direção à tundra.



Roshar perguntou, com um tom perigoso:

– Você achava que minha irmãzinha estava espionando para Herran e pensou que não precisava mencionar?

– Estou mencionando agora.

– Arin, às vezes odeio você.

– Não cabia a mim revelar esse segredo. Tensen disse que a informante dele insistia em manter sua identidade anônima. Eu pressionei, ele me deu um nome. Eu a admirava. Todos nesta cidade estariam mortos se ela não tivesse contado para Tensen sobre o veneno nos aquedutos. Se ela queria continuar anônima, eu precisava honrar isso.

– Você precisava honrar a sua própria pele, é isso o que quer dizer. Eu e a rainha poderíamos ter agido um pouco diferente com você se soubéssemos que estava usando a nossa irmã para obter informações pelas quais ela poderia ter sido morta.

– *Não* era sua irmã.

– *Não* é essa a questão!

– Eu sei, mas o que você teria feito no meu lugar?

Taciturno, Roshar fitou o fundo da lareira da biblioteca. Fazia meses que nenhuma chama era acesa ali, mas o cheiro das cinzas permanecia. Ele ficou mexendo em seu anel, um aro grosso que parecia cravejado com uma pedra preta opaca. Era raro os orientais usarem anéis; eles gostavam de manter as mãos livres de ornamentos. Esse anel, Arin sabia, tinha um objetivo específico: o que parecia ser uma pedra era, na verdade, um frasco que continha um soro entorpecente. Ele nunca havia perguntado, mas desconfiava que o soro também era capaz de matar. Roshar girou o anel.

– Arin – ele falou baixo –, você está realmente forçando a barra.

– Eu sei – Arin disse de novo. – Desculpe.

– Então. Sua Mariposa não é minha irmã.

– Isso.

– Ela é herrani.

– Isso.

– Uma herrani morta.

Arin abanou a cabeça.

– Ela foi enviada para o campo de prisioneiros da tundra.

– O mesmo que morta – emendou Roshar.

– É um campo de trabalhos forçados. Não dá para fazer um cadáver trabalhar. Foi apenas um mês atrás. Ela pode ainda estar viva.

Roshar se voltou rapidamente para Arin.

– Não. Ah, não. Nem pense no que acho que está pensando.

– Eu poderia levar uma pequena força para o norte...

– Pare bem aí.

– Ela pode ter informações valiosas.

– Não vale a pena.

– Ela não merece estar lá.

– Ela sabia em que estava se metendo. Todos os nossos espiões conhecem o risco. – Suavemente, Roshar acrescentou: – Você não pode salvar todo mundo.

Arin soltou um suspiro lento. Esfregou os olhos. Suas mãos estavam frias. As mãos de Kestrel eram sempre frias ao primeiro toque. Ele gostava de sentir como iam se aquecendo devagar...

Arin se interrompeu. Estava estranhando a maneira como sua mente funcionava, como saltava sem motivo para Kestrel, como isso o lembrava de tanto tempo atrás, da maneira como seus pensamentos se voltavam para ela e se fixavam, como se ele fosse uma ave de rapina e ela, a isca sedutora.

– Não vou lhe dizer o que fazer – Roshar disse. – Já estamos fartos disso. Só vou perguntar: você , que devo admitir que tem um dom excepcional para estratégia, acha inteligente mandar soldados para o norte, para longe da guerra *aqui* , para tentar resgatar uma mulher da prisão quando você não sabe quantas vidas esse resgate custaria nem mesmo a identidade de quem está procurando. Então, Arin? É inteligente?

– Não.

– Vai fazer isso mesmo assim?

– Não – disse Arin, relutante. – Não vou. – E ele estava sendo sincero.

A MÃO DE ARIN SE CONTORCIA CONTRA O TRAVESSEI enroscavam nos lençóis.

Ele abriu os olhos. A lua era grande e amarela na janela. Ficou pensando em como seria a visão da lua dos jardins do terraço e, de repente, estava nos jardins – em ambos ao mesmo tempo, embora os jardins leste e oeste fossem separados por uma porta trancada. As rochas suaves eram frias sob seus pés descalços. Ele estava entre o sono e a vigília. Então se esqueceu dessa consciência e mergulhou completamente no sonho sem perceber.

Ouviu as pegadas do outro lado da parede do jardim. Mas *ele* estava em ambos os lados, em ambos os jardins: no dele e no de Kestrel. Estava sozinho. Estava parado. Não estava fazendo aquele barulho.

De novo, ouviu o cascalho se esparramar. Mas não havia ninguém lá.

O céu da noite se abriu. Alguém estava desfiando seus fios. O céu desceu sobre ele em painéis de seda. O azul cobriu seus olhos, encheu sua boca. Suas costelas se abriram largas. Ele estava se afogando. Estava tentando beber o tecido. Sua garganta ansiava por aquilo mesmo enquanto seus pulmões se desfaziam.



Ele acordou assustado. Os lençóis estavam úmidos. Sua respiração, curta.

O sonho se deteriorou. Ele tinha apenas imagens de seda azul. Em seus olhos. Em sua boca também.

Sentou-se direito. Sua cama estava iluminada pelo luar.

Sua mente tremeluzia com a memória da última vez em que tinha visto Kestrel. A cascata de seu vestido azul sobre o banco do piano.

Obrigou-se a voltar a dormir.

De manhã, lembrava vagamente que tivera um pesadelo. Então, franziu a testa, sem saber se “pesadelo” era a palavra certa. Tentou se lembrar. Tinha lampejos: a sensação de afogamento, a sensação de que *queria* se afogar. Algo azul.

Subitamente, Arin lembrou o bastante para desejar não ter lembrado. Expulsou o sonho de sua mente. Como acontece com pensamentos frágeis, os fios de teia de aranha se desfizeram. Tornaram-se nada... ou quase nada.

Tornaram-se uma sensação que ele não conseguia mais explicar enquanto levava a água da bacia à boca. A sensação flutuava, não mais um pensamento ou lembrança, apenas uma palpitação de desconforto.



Ele foi ao quarto de Sarsine para tomar café. A suíte tinha sido dela na infância, decorada de acordo com as ordens da irmã de Arin, cuja suíte ficava fechada, com as cortinas cerradas.

Sarsine pousou a xícara no pires.

- Qual é o problema?
- Nada. – Ele tinha vindo para conversar, mas descobriu que não sabia o que dizer e não queria dizer nada afinal.

– Você está com olheiras. O deus do sono não ama você.

Arin deu de ombros. Descascou uma fruta de verão, movendo a faquinha rapidamente nas mãos. A polpa arroxeadas da fruta pingava cortada. Tinha um cheiro perfumado, sombrio, doce. Familiar. Um perfume. Na pele, logo abaixo da garganta.

Ele colocou a fruta no prato, perdeu a fome.

Sarsine a tomou dele e comeu, chupando o polegar para beber o suco.

- Não está contente de que alguns de nós estão bem o bastante para colher frutas?

Ele concentrou sua atenção.

- Sim, mas...
- Não bem o bastante para lutar.
- Não quero que você lute.
- *Eu* talvez não. – Ela tomou seu chá.
- Você pode supervisionar um projeto?

Ela arqueou as sobrancelhas pretas.

Ele tirou páginas dobradas do bolso interno do gibão leve. Descreviam em detalhes como ele tinha feito o canhão em miniatura: o processo de fabricar os moldes para o cano e a bola, as dimensões, a maneira de encaixar o cano em um cabo de couro.

Sarsine examinou as páginas.

- Quantos você quer?
- Quantos conseguirem fazer.

Ele ficou em silêncio. Ela o deixou ficar. Ele comeu um pedaço de pão,

depois se pegou encarando o anel de Tensen em seu dedo mínimo. Perguntou-se por que seu mestre de espionagem havia mentido para ele.

Tensen havia prometido anonimato à Mariposa. Isso tinha ficado claro desde o princípio. Então, Tensen parecia ter voltado atrás nessa promessa – ou a rompido sob o peso de sua promessa maior de lealdade a Arin. Tensen citara Risha como sua brilhante espiã.

Por que uma herrani insistiria tanto em anonimato?

Uma serva, provavelmente, do palácio imperial. Com medo de ser descoberta. O imperador era um homem vingativo.

Arin tocou sua cicatriz. Seus dedos ficaram viscosos.

Será que a Mariposa poderia ter sido Deliah? Mas a costureira herrani, que havia feito o vestido de Kestrel, tinha lhe dado informações diretamente. Ele não entendia por que faria isso e passaria pela farsa elaborada de ser a espiã secreta de Tensen.

Como se adivinhando o curso de seus pensamentos, Sarsine perguntou:

– E o mensageiro?

– Conversei com ele. Mandei que fosse para casa.

– Arin. As fronteiras estão fechadas. Ele fez uma longa jornada de Valória para cá. Você não pode mandá-lo de volta. Ele não tem casa.

Arin pestanejou.

– Eu não estava pensando direito.

– Isso só acontece quando seu coração entra no caminho.

Ele voltou a sentir aquela palpitação de desconforto. Tentou se lembrar do sonho que havia se obrigado a esquecer. Levantou-se, ansioso para fugir da prima, que o conhecia bem demais – embora, ele pensou, fosse esse o motivo por que tinha vindo.

– O mensageiro pode ficar nos meus antigos aposentos, então.

– Vou mandar dizer para ele – disse Sarsine –, se é que já não partiu.



Roshar estava no pátio da cozinha com seu tigre, que tinha acabado de matar uma galinha. As lajes do pavimento estavam cobertas de penas ensanguentadas. O tigre, ainda que pequeno, tinha patas grandes. Estava deitado no pátio, arfando sob o sol, com as patas sobre sua caçada, o focinho rosado e úmido.

O príncipe observou Arin.

- Era uma galinha poedeira? – Arin perguntou.
- Tenho notícias para você. Não sobre galinhas.
- Os prisioneiros valorianos?

Roshar estava sentado na beira do poço, com uma expressão difícil de decifrar.

O coração de Arin se apertou.

- Que tipo de notícias?
- Você quer a má notícia primeiro ou a que não sei se você vai interpretar como boa ou má?
- A má.
- Seu mestre de espionagem está morto.
- Tensen? – Arin vinha esperando por isso, mas a tristeza cortou tão fundo quanto se ele estivesse completamente despreparado.
- A costureira também. O general matou Tensen... ou, pelo menos, é o que dizem. Não se sabe quanto à costureira.

Arin sentiu um vazio no peito. Ele lembrava de olhar para Deliah pelo véu de seu sangue e pensar, por um momento, que ela lembrava sua mãe.

- Quer a outra notícia? – Roshar perguntou, hesitante.

– Não. Arin sentiu a certeza repentina de que não queria ouvir, que não conseguiria suportar. Sentiu um pavor profundo.

- Sua... – Roshar gaguejou.

Uma pena de galinha se levantou sob a brisa e voou em círculos em frente ao poço.

- Arin, Kestrel está morta.

Seus ouvidos estavam zumbindo. Ele sentiu como se tivesse caído no poço. Ouviu a voz de Roshar de longe. As palavras desabaram sobre ele.

- Foi recente – continuou Roshar. – Uma doença. Enquanto ela estava fora da capital, viajando com o príncipe. O império todo está de luto.
- Não é verdade.

Roshar disse alguma coisa. Arin não conseguiu ouvir. Estava no fundo do poço. A água, fria e negra, cobriu sua cabeça.

— ESTOU BEM.

— Você não está bem, Arin.

Sarsine estava esperando por Arin perto da baia vazia de Dardo quando ele retornou com o cavalo exaurido. Arin sentia uma espécie de sensação cortante, áspera. Enferrujada em partes, ameaçadoramente reluzente em outras. Se fosse algo real, caído na terra, qualquer pessoa saberia que era melhor não tocar.

Ele tinha saído para cavalgar. Saíra de casa para que não houvesse chance de visitar ou evitar partes da casa que o lembrassem dela. Havia forçado Dardo ao limite. Mas, quando enfim diminuíra a velocidade do garanhão e caminhara com ele sob a cobertura verde das trilhas de cavalo da cidade, limpava o suor do rosto e se lembrara de a quem pertecera o animal sob ele. Viu que não tinha escolha. Viu que até o escape era uma lembrança.

Suas mãos puxaram as rédeas curtas. Uma emoção tomou conta dele, impiedosa e familiar. Seu coração se apertou. Parecia pequeno e duro e cheio, como uma noz que poderia quebrar com o punho.

Seu rosto ainda estava úmido. Tinha cavalgado para longe demais. Virou Dardo e voltou para casa.

Quando viu Sarsine esperando à sombra dos estábulos abertos sentada num banquinho de três pernas, ele a ignorara e deixara Dardo beber do bebedouro no pátio. Desselara o cavalo. Tirara as rédeas. Buscara um balde de água e o derramara lentamente sobre o animal, que resfolegou e abaixou a cabeça. Arin esfregou a água na pele do cavalo, depois o secou com um pano. Verificou os cascos, tirando a lama e as pedrinhas com um palito, usando os dedos para limpar gentilmente dentro dos entalhes de cada lado da ranilha do casco.

Por fim, Arin notou que seu silêncio não seria o bastante para fazer sua prima ir embora. Levou o cavalo para dentro dos estábulos. Disse que estava bem, ela não acreditou. Arin passou um pano nas rédeas de Dardo, pendurou-as e tentou o silêncio de novo, desta vez porque tinha certeza de que, se abrisse a boca, diria algo de que se arrependeria depois.

— Por que você acha errado sofrer pela morte dela? — perguntou a prima.

— Sarsine. — A voz dele era tensa. — Se me ama, deixe-me.

– Responda primeiro.

As palavras saíram disparadas.

– Porque ela não era quem eu pensava. Não se pode sofrer pela morte de alguém que não se conhece.

– Eu vi como eram um com o outro. Por que você acha que não a conhecia?

– Por que ela é uma *mentirosa*. Tem os joguinhos dela, seus estratagemas ardilosos. Todos caem na armadilha dela. Eu também caí... – Ele parou de falar, ouvindo as próprias palavras. Começou a escovar o pelo marrom de Dardo, apoiando-se com força. – Ela não está morta.

– Não está? – A voz de Sarsine era preocupada.

Ele observou os músculos do cavalo se contorcerem e saltarem sob sua escova.

– Não.

– Arin, eu sei como você se sente. Você sabe que eu sei. Como se fosse impossível, como se houvesse algum engano e, se ao menos você pudesse corrigi-lo...

– Não é isso. Estou dizendo que toda essa história parece falsa.

– Não estou entendendo.

A escova se movia rápido.

– O casamento secreto, para começar. A cerimônia de Primeiro Verão era importante para o imperador. Toda aquela benevolência. A empolgação em presenciar a dinastia do imperador crescendo. A noiva. Ela era um prêmio, você sabia disso? Aquela cerimônia não era o casamento do filho do imperador com Kestrel. Era do imperador com o exército. O imperador nunca abrira mão daquela cerimônia. Se eles se casaram em segredo, então por que o imperador não os obrigou a se casarem de novo para todo mundo ver? Não faz sentido.

– Você quer que não faça sentido.

– Ela morreu por uma *doença*? Eu nunca a vi doente durante todo o tempo em que trabalhei na casa dela. Ela só ficou de cama uma vez e foi porque... – Arin parou, lembrando-se de como ela tinha coxeado. Ela havia se ferido num duelo que lutara por ele.

Ele abaixou a escova.

Já havia passado por isso antes. Fazia isso o dia todo: inventava histórias sobre Kestrel que combinavam com seu joelho enfaixado, a maneira como ela o beijara, a noite em que destrancara a porta que separava o jardim do

terraço dela do dele. De uma janela de sua suíte, ele tinha visto a porta aberta. Havia esperado, com o coração palpitante. Momentos como aquele, logo antes de ela fechar a porta novamente, o assombraram na capital, fizeram-no imaginar coisas sobre ela. Cenários fascinantes, tentadores. Ele se lembrava de como chegara a cogitar que ela fosse a Mariposa de Tensen.

– O Primeiro Verão foi há um mês – ele se ouviu dizendo.

Dardo resfolegou e bateu a pata no chão. Curvou o pescoço para afagar o peito de Arin.

Sarsine abriu a boca para falar.

– Por favor, vá embora – Arin disse. – Respondi à sua pergunta. Quero ficar sozinho. Preciso pensar – acrescentou ele, embora não soubesse ao certo o que estava pensando.

Depois que ela saiu, Arin passou os dedos pela crina de Dardo, acariciando os fios grossos. Kestrel amava o cavalo. Mesmo assim o tinha deixado para trás.

Arin se lembrou de ver a mão dela na crina de Dardo, enrolando os dedos nos fios grossos. Isso o fez recordar a distância quase anômala entre o mindinho e o polegar dela quando sua mão se abria sobre as teclas do piano. A estrela escura da marca de nascença. Ele a viu de novo no palácio imperial. Sua sala de música. Tinha visto aquele cômodo apenas uma vez. Cerca de um mês antes, logo antes do Primeiro Verão. As mangas azuis dela estavam amarradas no punho.

Algo se repuxou dentro dele. Uma palpitação de desconforto.

Você canta?

Essas tinham sido as primeiras palavras dela para ele, no dia em que o comprara.

Uma onda de náusea cercou a garganta de Arin, assim como havia acontecido quando ela lhe fizera essa pergunta, em parte pelo mesmo motivo.

Ela não tinha nenhum traço de sotaque. Tinha falado em herrani perfeito, natural, como se fosse sua língua materna.



– Contei tudo que sei – disse o mensageiro. Arin tinha ido à sua suíte de infância, sentindo uma angústia que beirava o pânico de pensar em não encontrar o homem lá, em ter que rastreá-lo, no tempo perdido... Mas o

homem havia aberto a porta externa quase imediatamente após Arin bater.

– Fui eu que não fiz as perguntas certas – explicou Arin. – Quero começar de novo. Você disse que a prisioneira estendeu a mão por entre as grades da carruagem para lhe dar a mariposa.

– Sim.

– E que você não conseguiu olhar direito para ela.

– Exatamente.

– Mas disse que ela era herrani. Por que diria isso se não conseguiu *ver*?

– Por que ela falou em herrani.

– Perfeitamente.

– Sim.

– Sem sotaque.

– Nenhum.

– Descreva a mão.

– Não sei se...

– Comece com a pele. Você disse que era mais pálida do que a sua ou a minha.

– Sim, como a de uma escrava doméstica.

Que não era muito diferente da pele de uma valoriana.

– Conseguiu ver o punho, o braço dela?

– O punho, sim, agora que você perguntou. Ela estava acorrentada. Eu vi a algema.

– Viu a manga do vestido?

– Talvez. Azul?

O terror se agitou dentro de Arin.

– Acha ou tem certeza?

– Não sei. Tudo aconteceu muito rápido.

– Por favor. É importante.

– Não quero dizer algo de que não tenho certeza.

– Certo, certo. Era a mão direita ou esquerda dela?

– Não sei.

– Não consegue me dizer *nada* sobre a mão? Ela usava um anel de selo?

– Não que eu tenha visto, mas...

– Mas o quê?

– Ela tinha uma marca de nascença. Na mão, perto do polegar. Parecia uma estrelinha preta.



– Arin. – Roshar apertou os olhos brevemente, depois olhou para ele com a mesma expressão de repugnância e fascínio reservada a aberrações da natureza, como animais que nascem com duas cabeças. – Isso parece...

– Estou pouco me lixando para o que parece.

– Você já pensou esse tipo de coisa antes.

– Eu deveria ter confiado na minha intuição. Ela mentiu. Eu acreditei nela. Não deveria ter acreditado.

– Arin, ela morreu.

– Me mostre o corpo.

– Estou preocupado com você. Sério.

– Não preciso de soldados. Vou sozinho para a tundra.

– Não é isso que quero dizer.

– Eu sei. Mas eu vou.

– Você não pode partir no meio de uma guerra para perseguir um fantasma.

– Eu vou voltar.

– A tundra é território valoriano. Entende o que eles vão fazer com você se for pego? Não há como esconder quem você é. Essa cicatriz...

– Você não precisa de mim. Você mesmo disse.

– Eu estava brincando!

Arin deu uma cópia dos mesmos planos para o canhão em miniatura que havia entregado para Sarsine.

– Pedi para a minha prima supervisionar a produção com isto. Os herranis não estão bem o bastante para lutar, mas não é preciso muita força física para produzi-los. E você pode dividir a construção de partes diferentes do mecanismo para pessoas diferentes. Até os mais velhos podem produzir a munição. Se começar agora, vai ter um pequeno arsenal dessas armas até eu voltar.

– Você está dando isso para mim?

– Deveria ter dado antes.

– É o tipo de coisa que as pessoas fazem antes de se matarem.

Arin abanou a cabeça.

– Suicídio é uma forma indigna de morte.

Roshar se empertigou. Cruzou os braços, alisando os dedos nos bíceps.

– Eu poderia manter você aqui à força. No meu país, temos leis para

garantir que gente maluca não se machuque.

- Tem *sim* uma coisa que você pode fazer por mim – disse Arin.
- Tenho até medo de perguntar.
- Pode me emprestar seu anel?

O AR DA TUNDRA ERA BRANCO DE TANTA NÉVOA. AGarbusto baixo, com as botas enfiadas na lama fria, Arin viu pela luneta a fila escura de prisioneiros sair de trás das rochas ao pé dos vulcões. Ele examinou cada prisioneiro que passava pela sua vista. Não conseguiu ver o rosto dela. A névoa era muito densa. Eles entraram em fila pelo portão aberto do campo de trabalhos forçados, que foi fechado depois.

Esperou a noite cair. A temperatura despencou. Um lobo uivou ao longe.

Ilyan, o mensageiro, o tinha avisado sobre os lobos. Tinha mostrado a Arin um caminho para a tundra que o mantinha longe da vista da estrada valoriana que levava ao campo de trabalhos forçados. Eles tinham dormido de dia e viajado à noite. Ilyan estava esperando por Arin onde haviam parado para descarregar os equipamentos e repousar os três cavalos perto de um lago raso. Arin se lembrou de como Dardo levantara a cabeça para vê-lo partir.

Arin avançou em silêncio. Encarou o portão fechado. Estava tomado por um foco tenso, sólido, do tipo que não lhe deixaria pensar em nada além do que precisava ser feito. Continha as emoções que haviam se apoderado dele desde a notícia de Roshar. Espalhava-se como uma névoa fria sobre a tristeza sombria, sobre a esperança eufórica. Controlava o sentimento que o devastara e tornara impossível respirar: remorso.

Outro lobo gritou. Não ficaria mais escuro do que agora.

Ele deixou seu esconderijo e seguiu para os vulcões.



Ao pé do vulcão, cujo topo desaparecia na penumbra esverdeada, Arin passou pó de enxofre no cabelo. Esfregou a substância amarela, esfarelada e fétida no rosto, passando-a sobre a linha de sua cicatriz. Endureceu suas mãos com aquilo. Esfregou sob o anel de Roshar.

As roupas lisas de Arin estavam manchadas de lama pelos dias de viagem. Se fosse possível ver, encontraria um borrão amarelo e marrom. Um homem de idade e origem indefinidas, a menos que se olhasse com atenção.

Rezou para que ninguém olhasse. Desceu para dentro das minas. As

batidas de seu coração pareciam ecoar no túnel como um tambor.
Esperou a manhã chegar.



Ao amanhecer, quando os prisioneiros desceram para o túnel com suas picaretas, Arin saiu das sombras para se misturar ao grupo, tornar-se um deles. Discretamente, examinou seus rostos. Como não a viu, ficou aterrorizado que fosse tarde demais. *Um mês*. Odiava-se por isso. Ao descer mais para o fundo das minas, não conseguia suportar seus pensamentos: que ela estava doente, ferida. Que havia sido transferida para outro tipo de prisão. Talvez ele estivesse perdendo ainda mais tempo ali enquanto ela sofria em outro lugar.

Ele não podia se permitir pensar no pior.

Kestrel era forte. Conseguiria sobreviver àquilo. Conseguiria sobreviver a qualquer coisa. Porém, quando Arin viu os rostos apagados dos outros prisioneiros – seus olhos vazios, seus passos arrastados –, não teve mais tanta certeza. O medo percorreu sua espinha.

Havia dois guardas valorianos nas minas, mas eles não prestavam muita atenção. Não notaram quando Arin tirou uma picareta das mãos de um prisioneiro. Só pararam de conversar entre si quando o prisioneiro, de mãos vazias, andando a esmo como um sonâmbulo, tentou arrancar enxofre das paredes rochosas com os dedos, que sangraram; suas unhas quebraram. Pelo canto do olho, Arin observou a determinação mecânica daquele homem. Arin manteve a cabeça baixa, os ombros caídos e o rosto igualmente inexpressivo enquanto os guardas se aproximavam do prisioneiro para conferir. Então deixaram para lá. Arranjaram outra picareta para o homem.

Arin trabalhou. Pensou em Kestrel fazendo aquilo. Enfiou a picareta na parede, engoliu a bile na garganta. Não podia vomitar, não podia chamar atenção. Mas a náusea não o abandonou.

Horas deviam ter se passado dessa forma. Ele não tinha como contar a passagem do tempo. A luz acinzentada que entrava pela boca do túnel não havia mudado.

Mas os prisioneiros sim. Eles ficaram subitamente imóveis. Arin parou a picareta no meio do movimento. Também se transformou numa estátua. Tentou adivinhar pelo que estavam esperando.

Era água. Os guardas a distribuíram. Os corpos dos prisioneiros ficaram

tensos e eles beberam com avidez.

Arin os imitou. Tomou toda a água.

Momentos depois, seu coração disparou às alturas.



Ele se sentia grande demais para seu corpo. Soube, como se estivesse longe, que havia sido drogado. A água.

Acertou a rocha com uma energia que lembrava prazer. Não estava certo. Ele disse a si mesmo que aquilo não estava certo, que não era o que realmente sentia. No entanto, encheu com vigor sua cesta dupla de enxofre.

Ele iria fracassar. Tinha um plano, tinha vindo com um plano... O suor encharcava sua camisa, as peças do plano se dispersavam e a única certeza que ele tinha era a do seu fracasso.

Por sua causa .

As mãos de Arin ficaram mais lentas. Ele ouviu a voz de Kestrel mais uma vez, sentiu o balanço da carruagem. Primeiro Inverno. Se encostasse a mão na janela da carruagem, derreteria o gelo emplumado.

Por sua causa, Kestrel havia dito. Sua boca se abrira sob a dele.

A noção do que Arin tinha vindo fazer entrou nele e girou feito um parafuso.

Ele voltou a ser ele mesmo. Não falharia com ela, não de novo.



O efeito da droga passou. Ainda estava ali, correndo em seu sangue, mas o corpo dele estava quase calmo agora. Cansado. Seus ossos pareciam soltos nas articulações. Os guardas o guiaram até a superfície, onde outros prisioneiros cobertos de amarelo esperavam, um número grande demais para contar, o bastante para derrubar os guardas mesmo sem armas. E eles *tinham* armas. Picaretas, alguns deles. Outros prisioneiros poderiam pegar as rochas aos seus pés.

Arin entendia de obediência. Depois da invasão valoriana, tinha achado fácil seguir ordens. Ele viu o que acontecia com quem não obedecia. Era uma criança assustada. Depois, cresceu e mudou, resistiu. Levou o castigo. Sangue na boca. No corpo. Às vezes, o sangue parecia estar por toda parte, inclusive em seus olhos, alterando sua visão. Cobrindo seus pensamentos. O

gosto das coisas. Uma vez, para lhe dar uma lição, um cabresto foi amarrado em sua cabeça e um pedaço de ferro, colocado em seus dentes.

Depois de dez anos de escravidão, Arin conhecia a obediência em suas muitas formas. O medo da dor, a corajosa promessa de vingança que fazia a si. Desesperança. Uma monotonia opressiva quebrada com frequência pelo açoite ou pelo punho. A maneira como a punição tornava seu mestre mais seu mestre e ele menos ele próprio. Ele tendia à rebeldia, por mais idiota que fosse, porque podia insistir, ao menos naquele momento, na integridade de sua determinação: inabalável por quem quer que fosse. Mas então a dor a abalava. A humilhação a abalava. A obediência se tornava uma versão de desespero.

Nunca, porém, ele tinha visto o tipo de obediência que testemunhou quando os guardas agruparam os prisioneiros em fila. Eles eram como gado. Não eram nem mesmo pessoas *fingindo* ser animais, o que ele já tinha visto e feito. Não havia o mínimo de resistência ali na tundra, nenhuma centelha de ódio.

Arin não conseguia imaginar Kestrel obedecendo daquela forma. Não conseguia imaginá-la obedecendo de forma alguma.

Esforçou-se para ver entre a fila irregular de prisioneiros. Será que ela estava na frente da fila? Será que estava tão diferente que ele não conseguia reconhecê-la?

Será que ela realmente estava lá?

Um guarda estendeu a mão para pegar a picareta de Arin. As mãos de Arin se contorceram para trás. Quis erguer a arma e cravá-la na garganta do guarda.

O guarda o encarou. Arin obrigou seus dedos a relaxarem. Soltou a picareta.

Entrou na fila como todos os outros e foi levado para o campo.



Evitou a comida e a bebida servida no pátio. Estava derrubando sopa na lama pela borda da tigela quando a viu. Ela estava de costas para ele. Seu cabelo estava opaco. Ela estava tão magra que Arin precisou engolir em seco. Por um momento, pensou que estava errado, que essa não poderia ser ela. Mas era.

Ela estava sendo guiada para um bloco de celas com as outras mulheres.

Olhe para trás. Por favor. Ela não olhou e, então, ele foi guiado na direção oposta, com o coração palpitante, mas precisava obedecer às ordens.

Até, pelo menos, o momento em que estivesse dentro do bloco de celas masculinas.

Ele chegou por trás do guarda mais próximo, torceu a cabeça do valoriano em um ângulo pavoroso e estalou seu pescoço.

Havia outros guardas. Eles pularam em cima dele. Arin os picou com o anel de Roshar e eles caíram no chão, inconscientes. Arin encontrou as chaves num guarda caído. Trancou os prisioneiros homens. Enfiou o máximo de prisioneiros no mínimo de celas possível para ganhar tempo.



O bloco de celas feminino estava em silêncio. A maioria das prisioneiras já estava em suas celas: sombras no chão.

Ao fim do corredor, uma mulher valoriana com tranças grisalhas o viu. Ela sacou sua adaga. Abriu a boca para gritar. Ele correu na direção dela, desviou da adaga, cobriu o rosto dela e a picou com o anel. Em seguida, Arin pegou as chaves e foi andando cela por cela. Chamou o nome de Kestrel num sussurro rouco. Não houve resposta. Uma sensação transbordava de dentro dele, uma mistura ácida de pavor, esperança e desespero.

Então, ele parou. Ela estava dormindo no chão de terra. De novo, estava de costas para ele, mas Arin reconheceu a curva de sua coluna, a ponta de seu ombro e a maneira como suas costelas subiam e desciam. Atrapalhou-se com as chaves.

Ele não parava de dizer o nome dela. Suplicava para ela acordar. As mesmas palavras saíram várias e várias vezes. Ele nem sabia mais o que estava dizendo quando entrou na cela e tocou a bochecha dela e, quando ela ainda assim não acordou, ergueu-a. A cabeça dela tombou para trás. Ela dormia. Parte de Arin lhe avisou que ele teria de dar um tapa nela, que ela precisava acordar e, então, outra parte rechaçou a ideia. Ele não faria isso, jamais faria, mataria quem fizesse.

– Kestrel? – Ele mal conseguia chacoalhar aqueles ombros frágeis. – Kestrel?

Ela abriu uma fresta dos olhos. Ele perdeu o ar. Ela despertou mais completamente e o viu.

Antes, ele não havia se permitido considerar a possibilidade de que ela estaria como os outros prisioneiros, que sua mente estaria longe, que não haveria vida em seus olhos e que seu rosto estaria drenado de tudo que a tornava quem ela era.

Ela não era assim. Não era e, enquanto Arin a observava piscar e olhar para ele e viu a mente por trás daquele olhar, ele ficou grato. A gratidão veio ardente e doce: uma oração de agradecimento aos seus deuses. Ele colocou o rosto dela entre as mãos – com força demais.

Ao menos pensou que devia ter usado força demais, porque ela se encolheu. Ele receou tê-la machucado. Mas ela estreitou os olhos sob a luz pálida, examinando-o. Ele viu a confusão no rosto dela, não conseguiu entender.

– Quem é você? – sussurrou ela.

Arin só foi compreender quando ela repetiu a pergunta.

A compreensão foi como uma flecha em seu peito.

Ela não se lembrava dele. Não fazia a mínima ideia de quem ele era.

ELES SAÍRAM PARA A TUNDRA AOS TROPEÇOS. ELE anormal que ela sentia. Os tornozelos dela às vezes se curvavam sob seu peso, como se seu corpo fosse feito de pano estofado e ela estivesse se obrigando a sair por pura força de vontade.

– Apoie-se em mim – ele disse. Ela fez isso, mas ele pôde ver que ela não estava gostando. – Só mais um pouco.

Depois de um tempo, ele a carregou. Na penumbra esverdeada, ela dormiu contra seu peito.

As pernas de Arin estavam úmidas de lama quando chegou às margens do lago onde havia deixado Ilyan e os cavalos. Arin viu o que restava do acampamento. Seus joelhos quase vacilaram. Ele praguejou.

Kestrel despertou. Ele a colocou no chão com delicadeza. Então se agachou, colocando o rosto entre as mãos.

O cadáver meio comido de Ilyan tinha sido arrastado de dentro da barraca. Os cavalos tinham desaparecido.

Lobos. Arin se lembrou de ouvi-los uivar na noite anterior. Tirou as mãos do rosto. Tentou não pensar no terror e no sofrimento da morte de Ilyan e como isso também era culpa sua. Tentou não pensar no tempo que levaria sem os cavalos para percorrer a tundra e as montanhas que levavam para Herran. No estado de Kestrel...

Ele olhou para ela. A magreza de seu corpo. A cautela com que o observava, a maneira como fazia isso agora.

– Eles podem ter sobrevivido – ele disse, referindo-se aos cavalos. Ele estava falando rápido. – Devem ter corrido. Devem ter ficado juntos.

Ela pareceu prestes a perguntar algo quando seu rosto se enrijceu com desconfiança, e Arin teve certeza de que o único motivo por que tinha vindo era que ele era uma opção melhor do que uma cela de prisão.

Arin se virou. Não havia nenhum terreno alto de onde ver a distância. A noite da tundra era clara o bastante para ver o rosto de Kestrel, mas escura demais para avistar três cavalos vagando... o quanto longe?

Longe demais.

Se é que estavam vivos.

– Dardo! – chamou ele. Os cavalos eram bons, mas apenas um deles era inteligente o bastante para vir quando chamado... se Dardo fosse capaz

disso. Arin não sabia. Ele nunca tinha visto um cavalo fazer isso, não de uma distância tão grande, não sem a sedução de um regalo.

Arin achava que estavam longe o bastante do campo e que havia deixado a maioria dos guardas inconscientes, talvez mortos. Ele não havia tomado nenhum cuidado com a profundidade com que enfiara a agulha do anel. No entanto, ele e Kestrel poderiam ter sido seguidos. Gritar não era inteligente.

Arin olhou para ela. Ela estava lutando contra o sono.

– Dardo! – ele berrou de novo.

Sua voz ficou rouca. Afastou-se o máximo de Kestrel que tinha coragem, chamando pelo cavalo. Finalmente, voltou até ela e se ajoelhou na lama onde estava sentada.

– Chame – Arin disse. – Ele vai vir se você chamar.

– *Quem* vai vir?

Ele percebeu que nada que dissesse daria um contexto para ela entender quem e o que Dardo era: ou ela já sabia, ou não. Percebeu que tinha esperanças de que ela não estivesse falando sério, na prisão, quando perguntara quem Arin era e olhara para ele como se fosse um estranho perigoso. Parte dele havia acreditado que ela estava fingindo que não o conhecia para magoá-lo, porque ele merecia e era óbvio o quanto ela deveria odiá-lo agora.

– Kestrel – ele disse baixo e pôde ver pela expressão dela que aceitava o nome, mas não confiava nele. – Dardo é o seu cavalo. Você o ama. Ele ama você. Se chamar, ele virá até você. Nós precisamos dele. Por favor, tente.

Ela chamou. Não aconteceu nada e o olhar que ela lançou para Arin – como se ele a estivesse enganando, fazendo algum tipo de zombaria que ela não conseguia entender – fez com que ele sentisse um nó na garganta.

– Por favor – ele disse. – De novo.

Ela hesitou, depois atendeu ao pedido, embora o observando o tempo todo, como se faz com um predador.

Quando Arin ouviu a batida de cascos na lama, suspirou aliviado.

Dardo trazia os outros dois. Uma das éguas estava mancando.

Arin faria um sacrifício ao deus dos perdidos. Jurou que faria. Olhou de novo para Kestrel, que se levantou trôpega, e ele soube que teria que fazer um sacrifício a todos os seus deuses.

Kestrel correu até seu cavalo. Arin não conseguiu ver o rosto dela, que repousou no pescoço do animal. Não viu o momento de reconhecimento. Mas viu o peito dela arfar. Dardo tocou os lábios no cabelo dela. Ela se

apoiou no cavalo como não tinha se apoiado em Arin: plena, carinhosamente. Confiante.

ELE A DEIXAVA NERVOSA.

Ela estava grata e não discutiu quando ele sugeriu que cavalgassem Dardo juntos e liderassem as duas éguas. Ela via seu olhar de preocupação. A maneira como a examinava. Sabia tão bem quanto ele que poderia pegar no sono na sela. Dardo era forte o bastante para carregar os dois, ao menos por um tempo. O plano fazia sentido. Mas ela não gostava.

Era a maneira como se sentia, aninhada ao peito do estranho, envolta por seus braços. A maneira como seu corpo parecia conhecer o dele.

A cabeça dela girou. Ela se permitiu repousar encostada nele.

Não era certo que seu corpo conhecesse essa pessoa que sua mente não conhecia. Tinha a vaga consciência de que ele poderia lhe contar qualquer mentira que quisesse.

Sua memória era uma boca com os dentes arrancados. Ela não parava de cutucar, tateando os buracos, recuando. Doía.

Sim, qualquer mentira.

Ele a havia salvado, mas ela não sabia o que ele queria dela... nem o que poderia dizer para conseguir isso.

O coração dele batia contra as suas costas. Embalou-a por mais que ela soubesse que não deveria ser embalada. Dormiu.



De manhã, conseguiu olhar melhor para ele. Ela pensou que sua mente estava mais clara do que havia estado em muito tempo. Ele estava acendendo uma fogueira. Os movimentos dele ficaram mais devagar, porém, quando notou como o olhar dela o examinava, parou.

Ele estava todo sujo. Ela teve a impressão passageira de que já o tinha visto sujo e limpo antes. Seu olhar percorreu a longa cicatriz, bem visível agora que o enxofre havia sido limpo. Uma espécie de quase reconhecimento cintilou dentro dela. Mas a cicatriz não o tornava memorável.

Os olhos cinza dele a encararam.

Ela deveria se lembrar dele. Repassou os traços dele novamente. A desconfiança serpenteou dentro dela. Não parecia possível que tivesse visto

uma pessoa como ele e não se lembrasse.

Algo estava errado na afirmação constrangida que ele havia dado, depois da fuga, de que eles eram amigos. Se a maneira hesitante como ele dissera isso não a tivesse avisado de que essa não era toda a verdade, a maneira como acabara de deixar que ela o avaliasse e esperava agora, segurando o ar, por alguma conclusão, indicava seu nervosismo. Ela se sentiu enrijecer.

Agora, parecia magoado e tentava esconder sua mágoa, como se tivesse adivinhado os pensamentos dela.

Disto ela também não gostava: a facilidade com que ele lia sua mente.



Eles cavalgaram separados. Ela ficou em Dardo. Ele cavalgava em uma égua. Na vez seguinte em que pararam para descansar os animais, ela chegou mais perto do fogo, ainda que isso fosse o mesmo que ficar perto dele. Estava morrendo de frio.

Ele ofereceu pão e carne-seca. Desculpou-se por isso.

– Sei que você está acostumada com coisa melhor.

O que era algo idiota de se dizer, visto que tinha acabado de resgatá-la de uma prisão.

– Desculpe – ele falou. – Não deveria ter dito isso.

Quando ela pegou o cantil, não conseguiu se impedir de fazer o que fizera de manhã, que foi cheirar a água.

– Não está drogada – ele lhe disse.

– Eu sei – ela respondeu e pensou, pela maneira como o rosto dele mudou, que ele tinha visto a decepção estampada no rosto dela.



Ele não parava de pedir desculpas. Vivia tentando contar algo que ela não o deixava terminar e, quando ela o interrompia, ele não parecia nem de longe a mesma pessoa que a havia arrastado pelo pátio da prisão e atacado todos pelo caminho, usando aquele estranho anel pesado no dedo e, então, desarmando um guarda caído, empunhando a adaga roubada como se fosse sua e cravando-a na barriga do próximo guarda.

– Por favor, deixe-me explicar – ele pediu enquanto cavalgavam.

O medo cintilou nos pulmões dela. Sua mente estava dolorida. Por mais

vertiginoso que fosse não saber muito, algo encolhido dentro dela advertia que seria muito pior lembrar.

– Deixe-me em paz.

– Você não quer saber o que aconteceu? Por que foi parar lá?

Ela viu a angústia dele em carne viva. Desconfiava de que qualquer explicação que ele lhe desse fosse mais pelo bem dele do que pelo dela.

Ela queria derrubá-lo de seu cavalo. Fazer com que sentisse como era cair. *Ela* estava caindo, estava mergulhando em meio a um nada sombrio de *por que* e *como*; tinha pavor do que esquecera. Ela o culpava por não ver seu medo ao mesmo tempo em que estava determinada a escondê-lo.

– Certo – ela disse. – Vá em frente. Diga-me o porquê.

Apesar de toda a insistência prévia, ele agora parecia não saber por onde começar.

– Você era uma espiã. Foi descoberta.

– *Sua* espiã?

– Não exatamente.

– Mas quase isso. Então foi por isso que você veio me buscar. É por isso que quer que eu me lembre. Você só quer informação.

– Não. Kestrel, nós...

– Se somos amigos, como nos conhecemos?

A égua dele chacoalhou a cabeça. Ele estava puxando as rédeas com força demais.

– No mercado.

– Isso é *onde*, não *como*.

Ele engoliu em seco.

– Você...

Mas ela vislumbrou o mercado, o calor empoeirado. Ouviu o estrondo de uma multidão e se lembrou de ver o rosto dele sem cicatrizes voltado para ela, os traços tensos de ódio.

– Aonde você está me levando? – ela sussurrou.

Agora ele notou seu medo. Ela o viu notar. Ele deteve seu cavalo. O dela também parou. Ele estendeu a mão para tocá-la. Ela recuou.

– Kestrel. – Lá estava de novo: a mágoa inexplicável dele. – Estou levando você para casa.

– Sabe o que eu acho? Acho que você pode estar me levando para qualquer lugar. Acho que quer *sim* algo de mim. Acho que está mentindo.

Ela esporou Dardo para seguir à frente.

Ele deixou. Sabia que ela precisava dele para sobreviver à tundra. Ela não tinha como ir muito longe.

Ela olhou para o cavalo movendo-se embaixo dela. Dardo. Esse era o cavalo dela. Seu nome parecia certo. Ela não podia dizer o mesmo do restante.

O sol róseo desceu no céu. Mosquitos surgiram da lama. Enquanto cavalgava ao lado dele, o cavalo dela parecia ficar maior e mais alto. Ela não estava passando bem.

Ele perguntou se ela estava ferida. Depois que ela respondeu que não, perguntou de novo.

– Talvez sua memória... – Ele parou de falar e ela não conseguiu suportar a *esperança* no rosto dele, como se algum tipo de batida na cabeça fosse a causa desejada de tudo. O olhar perscrutador dele a fez querer rosnar como um bicho.



Quando o sol se pôs, o corpo dela tinha ficado quase incontrolável. A necessidade vinha crescendo o dia todo, estremecendo dentro dela. Ela sentia cãibras no estômago. Tinha a vaga certeza de que fora treinada para cavalgar bem ou já teria caído do cavalo.

Ele notou. Diminuía a velocidade mesmo que ela pudesse ver que ele queria avançar mais.

– Qual é o problema? – ele perguntou.

Ela não queria admitir que sentia falta de uma droga que havia tomado à força. Mas ele adivinhou. Assentiu e disse:

– Deram para mim também, ontem. – Então ela o odiou ainda mais, por adivinhar e por pensar que entendia o desejo lancinante por algo que ele só havia experimentado uma vez.

Ela continuou seguindo até não conseguir ver direito e sua barriga estar tremendo, arfando. Por fim, ele pegou as rédeas do cavalo dela e os guiou até uma parada.



Ela vomitou por todo o musgo e pelas samambaias da tundra. Ele segurou o cabelo dela longe do rosto. Parte dela que, pelo jeito, se importava não sabia como ele conseguia suportar tocá-la. Ele não estava limpo, mas ela estava mais do que imunda.

Ele lhe deu água. Ela bochechou, cuspiu, bebeu, depois olhou para o cantil com os dedos trêmulos. Gostava que ele tinha vindo bem abastecido – até para três pessoas –, mas ele vivia pegando coisas de que ela precisava, depois as guardando quando não precisava mais, e acendendo fogueiras e guiando o caminho e fazendo de *tudo*, a ponto de ela não querer que ele fizesse mais nada.

– Pode ficar com esse. – Ele apontou para o cantil.

Os dedos dela apertaram o objeto.

– Não me trate com condescendência.

Ele tocou a cicatriz.

– Não foi essa a minha intenção.

Ela voltou a subir no cavalo.

– Vamos – ela lhe disse.



O cair da noite trazia um novo conjunto de problemas.

– Só tem uma barraca. – Ele pigarreou. – Mas tem três sacos de dormir. – Ele esperou para ver, Kestrel pensou, se ela insistiria que ele dormisse do lado de fora, mas sentiu que estaria admitindo demais, ainda que se recusasse a considerar o que exatamente estaria admitindo. Então respondeu com um aceno breve de cabeça.

Ele não acendeu a fogueira, o que a fez pensar que ele ainda estava com medo de que fossem vistos.

– Deveríamos estar viajando de noite – ela disse – e dormindo de dia.

Ele fez que não. Não olhou para ela.

– Estou bem acordada – ela insistiu.

– Você deveria tentar dormir. As coisas devem ser normais para você.

Isso, se o padrão do dia servia de alguma prova, deveria tê-la deixado louca de irritação. Mas a expressão dele enquanto descarregava a barraca dobrada era lenta e pesada. Suas mãos se moviam. Seus olhos, porém, estavam calmos. Como prata no escuro. Reluzentes. Como água.

– Está certo. – Ela se aconchegou, apertando os braços em volta dos

joelhos. Tentou fazer seus joelhos pararem de tremer. Não queria vomitar de novo. Virou-se para que ele não a visse e escutou os sons da montagem da barraca.



Mesmo na barraca, com o calor dele a apenas um braço de distância, ela estava desesperada de tanto frio. Ansiava pela droga noturna. Conseguia sentir seu gosto metálico na língua.

Ele já havia lhe dado todas as roupas reservas que tinha. Na primeira noite, depois que os cavalos retornaram, ele tinha aberto um embrulho perto do corpo de seu amigo e tirado um casaco. Cobrira seus braços fracos. Pelo cheiro, ela havia reconhecido que o casaco era dele. As roupas dela pareciam ter sido feitas com um saco: pardas, mangas longas, calças. Ela não tinha usado aquilo durante todo o seu tempo na prisão. Enquanto ele a cobria, lembrou-se de dormitar na névoa magnífica de sua droga noturna. Lembrou-se de quando suas roupas haviam mudado e do porquê. Ainda conseguia sentir os botões de seu vestido sendo abertos nas costas. Uma onda de frio e pavor quando o ar acertara sua pele. A dor. Mas a droga era suave e ela estava dormindo na época, e de que importavam suas roupas, afinal?

Agora, não estava nem perto de dormir. Era um verme enrolado sob um monte de pano. Ele a havia coberto com o segundo saco de dormir, depois saiu do seu e o deu para ela também. Não havia mais nada que pudesse lhe dar.

A voz dele surgiu no escuro, hesitante.

– Kestrel...

– Eu não estaria com frio se estivesse dormindo – ela disse entre os dentes tiritantes. – Preciso dormir.

Uma pausa.

– Eu sei.

– Dê-me algo para dormir.

– Não tenho nada desse tipo.

– Tem sim.

Uma pausa, mais longa desta vez.

– Não tenho.

– Tem aquele anel.

- Não.
 - Use-o.
 - Não.
 - Eu quero.
 - Não sei direito como usar. Pode matar você.
 - Não me importo.
- Ele ficou bravo.
- Eu sim.

Ela soube por que os olhos dele haviam brilhado tanto antes. Os dela lacrimejavam.

Ele se mexeu. Ela continuou de costas para ele enquanto o sentia se aproximar. O calor do corpo dele se encaixou devagar ao longo da coluna dela. Era como mergulhar numa banheira. Suas palavras roçaram na nuca dela.

- Só para esquentar você – ele disse, com um tom de pergunta.
- Você disse que éramos amigos.
- Sim.

– Já fizemos isto antes?

Outra pausa.

– Não.

O tremor dela se tranquilizou em um calafrio. Ela percebeu que havia se aproximado ainda mais dele, prendido seu corpo junto ao dele. O coração dele batia rápido em suas costas. Ele a segurava, e o peso de seu braço a fazia se sentir mais sólida, mais real, menos prestes a estilhaçar em cacos de vidro. Ela se acalmou, relaxando no calor dele.

Mesmo assim, não dormiu. Ele também não. Conseguia sentir a vigília dele. Pensou, brevemente, que era típico dele não cair no sono antes dela. Não sabia como poderia acreditar que isso fosse verdade. Era difícil conciliar isso com a única memória que tinha dele: o rosto dele no mercado, ao longe. Boca e olhos de inimigo.

Mas ele estava ali, a havia salvado, e não pedira nada em troca além de que se lembrasse, e até isso havia parado de pedir. Ela conhecia o cheiro dele. Sabia que era agradável. Ele ergueu a mão para tocar o pulso em seu pescoço. Manteve os dedos ali, um pouco firmes demais para serem carinhosos, como se duvidasse de que ela estivesse viva.

Será que eles realmente nunca haviam dividido a cama? Não. Disso ela se lembraria. Não lembraria?

Houve um uivo musical a distância, nas profundezas da tundra. Lobos. Seu som era solitário. Mas belo enquanto chamavam uns aos outros.



De manhã, ela descobriu que tinha, em algum momento, caído no sono. Acordar foi brutal. Ele não estava na tenda.

Uma sensação perfurou seu peito. O barulho que ela fez deve ter sido alto.

– Estou aqui – ele gritou do lado de fora da tenda, e ela saiu para vê-lo diante da fogueira cujo cheiro ela deveria ter sentido e interpretado como um sinal de que ele estaria lá ou por perto; ela teria feito isso se não estivesse com tanto medo de que ele a houvesse deixado.

Ela caminhou até a fogueira, ainda cambaleando de sono. Teve a sensação frustrada de que nunca fora especialmente graciosa em seu corpo, mas pelo menos era funcional. Antes.

Ela se sentou diante dele. O fogo pálido saltava entre eles. Crepitava.

Ele não estava mais usando o anel pesado. Ela se perguntou o que ele tinha feito com o objeto, então decidiu que não perguntaria desde que ele não comentasse nada sobre a noite anterior.

Eles ficaram ali e comeram em silêncio.



A toda hora, ele olhava para a égua ferida, a que eles não cavalgavam. Ela o flagrou fazendo isso e soube que ele não queria que ela o visse fazer isso.

Quando pararam ao fim do dia para descansar, ela o encarou bem no momento em que ele estava prestes a voltar o olhar para a égua.

– Não faça isso – ela pediu.

– Não quero fazer.

– Como você faria, afinal?

Ele encolheu os ombros e ela notou a adaga no quadril dele, a que ele tinha tirado de um guarda da prisão. Ela reconheceu a adaga como algo que deveria pertencer a ela, e não a ele. Teve uma sensação súbita e profunda de diferença. Percebeu que estavam falando a língua dele, e não a dela.

Ela o imaginou pegando a faca e cravando-a na garganta do cavalo. Não

havia outra maneira de fazer isso. Um jorro imenso de sangue. O corpo se debatendo. O escorregar dos cascos.

– Ela está nos atrasando.

– Eu disse *não*.

Finalmente, ele concordou.

Isso pareceu familiar: sua obediência. Ela já havia lhe dado ordens antes. Mas ela também pensou que ele nunca a obedecera assim e que, mesmo quando parecia ter obedecido, *não* havia obedecido de verdade.

Definitivamente não eram *amigos*. Eram outra coisa.



Aquela noite foi como a anterior. Ele a abraçou. Ela se aqueceu. Seu corpo se tranquilizou. Essa parecia ser a única coisa capaz de fazer com que pegasse no sono.

– Você me comprou – disse ele.

– O quê?

Ele havia murmurado as palavras contra a sua nuca. A voz dele ressurgiu, mais forte desta vez.

– Você perguntou como nos conhecemos. Foi no mercado. Eu estava à venda. Você me comprou.

Seus instintos lhe disseram para virar-se nos braços dele e vasculhar seu rosto, para ver que expressão exibia.

Ela não confiou em seus instintos. Manteve-se imóvel.

– Por que eu faria isso?

– Não sei.

– Ainda posso você?

O vento soprava a lona da tenda.

– Sim.

A resposta dela foi seca.

– Ninguém acreditaria nas coisas que você me fala. Você acha que não ter memória faz de mim uma idiota?

– Não.

– Você diz que eu era sua espiã, o que significa que eu trabalhava para você. Diz que posso você, o que significa que você trabalha para mim. Diz que somos amigos. Mestres e escravos não são amigos. E também existe *isto* ... – Ela parou de falar, sem querer se aprofundar. Estava ciente demais

do calor dele junto a ela. – Você diz coisas impossíveis. Não acredito em você.

As costelas dele se expandiram: asas duras contra as costas dela.

– Se me deixar explicar...

– Pare de falar. Pare de falar. Não quero ouvir sua voz.

Ele ficou em silêncio. O corpo dela ficou rígido contra o dele, desejando conseguir se afastar.



A certa hora da noite, ela o sentiu tomando ar. Ele iria tentar explicar de novo, ela pensou. Mais uma vez, ela teve a sensação de queda, de mergulho em direção ao que não queria se lembrar. O impacto esmagador.

Ela não queria que ele falasse, e de repente nem sabia se ele queria *mesmo* falar. Passou pela cabeça dela a ideia estranha de que ele poderia cantar.

– Não. – A ordem dela foi cortante.

Ele ficou em silêncio.



Mais tarde, ela acordou, porque estava tremendo de novo. Ele havia sumido.

Ainda era noite. Não era hora de sair.

Ela saiu da tenda e o viu parado sob um céu surreal. Acima da escuridão, além das estrelas pontiagudas, havia espirais de verde e rosa circundados de roxo. Ela tinha certeza de que nunca vira algo assim antes.

Ele virou e encontrou o olhar dela. Ela não entendia como ele não estava congelando. Então viu seus ombros curvados e notou que ele estava, sim, com frio. Ele voltou a erguer os olhos para as cores diáfanas da noite.

– O que é aquilo? – ela perguntou.

– Os deuses.

– Não existem deuses. – Ela não sabia ao certo como tinha essa certeza, mas sabia que era nisso que acreditava.

– Existem sim. Vieram para me punir.

– Foi você – disse ela, expressando a suspeita que espreitava dentro dela e sabendo, pela maneira como o rosto dele se contorceu, que estava certa. –

Foi você o motivo por que fui presa.

Ele olhou em seus olhos.

– Sim.

ARIN NÃO SOUBE AO CERTO COMO ELES CHEGARAM E

Kestrel havia piorado. Passava mal durante o dia. À noite, seu corpo lamentava em silêncio. Ele a abraçava, com medo de que não fosse certo da sua parte, por mais que ela o recebesse bem (às vezes, especialmente por isso). Então, era como se uma onda a banhasse e a mergulhasse no sono. Ele a sentia adormecer com uma gratidão dolorosa, embora soubesse que qualquer conforto que pudesse lhe oferecer era algo que, no fundo, ela não queria.

Ela recusou ajuda para entrar na casa. A luz fulgurante de verão fez pouco para aquecê-la. Ela se aconchegava dentro do casaco imundo dele e o avanço dos dois pela trilha até a casa era tão lento que, quando chegaram à entrada principal, todos os habitantes da residência haviam se reunido paravê-los. Kestrel manteve o olhar em seus pés trôpegos, mas Arin sabia que ela estava ciente da multidão; a boca dela havia se fechado em uma linha severa.

Roshar foi o primeiro a recebê-los, pisando ruidosamente no cascalho. Ele estava silencioso como nunca. Horrorizado, por mais que não fosse alguém acostumado a se horrorizar com a aparência dos outros.

– Quero Sarsine – Arin disse para ele, mas Sarsine já estava lá. Kestrel olhou para ela: um momento de hesitação. Então, aceitou o braço de Sarsine, e Arin teve de ocultar a pontada do que só podia ser a mágoa fruto de inveja, depois da qual teve de esconder a vergonha por um sentimento tão mesquinho. Foi atrás delas, com as mãos desconcertantemente vazias. Não estava preparado para ser inútil. Na tundra, ao menos, ele era útil.

Arin as seguiu até a escada que dava para a ala leste, onde Sarsine abriu a porta da suíte na qual Kestrel ficara no passado. Quando entraram, Arin procurou no rosto de Kestrel algum sinal de reconhecimento. Ela manteve o olhar longe do dele, de maneira que mostrava saber que estava sendo perscrutada e por quê.

Sarsine acomodou Kestrel na poltrona macia mais próxima e se ajoelhou diante dela, removendo os calçados velhos que mal dava para reconhecer como já tendo sido sandálias de uma dama.

Com a expressão hesitante, Kestrel examinava a cabeça morena e curvada de Sarsine. A voz de Kestrel, usada cada vez menos nos últimos

dias, estava rouca.

– Você é minha ama?

A prima de Arin se encolheu. Ele viu Kestrel perceber que havia feito algo errado. Sarsine olhou para ele. Ele se abaixou e sussurrou em seu ouvido.

Sarsine colocou os sapatos no chão como um par arrumado.

– Sim – ela disse finalmente. – Vou ser por enquanto, se quiser. – Ela se levantou e começou a tirar o casaco de Kestrel.

Algo que Arin havia tentado guardar dentro de si durante os dias na tundra começou a se soltar. Ele não sabia ao certo o que sentia. Teria dito – se conseguisse dizer algo – que sentia algo como o tremor aflito que se apoderava do corpo de Kestrel à noite.

Sarsine olhou para ele. Ergueu a sobrancelha. Ela havia parado de tirar as roupas de Kestrel. Sua mensagem era clara.

Ele assentiu. Deveria sair, é claro, mas não conseguiu se obrigar a se mover.

– Arin. – A voz de Sarsine era severa agora.

Ele se virou, mas não tinha ido muito longe quando ouviu a exclamação abafada de Sarsine. Olhou para trás.

Seus olhos se arregalaram. Chegou ao lado delas antes que se desse conta de que havia dado um passo. Sua mão pegou o tecido solto da camisa de Kestrel na altura do ombro. Ele viu o vergão que descia pela escápula dela. Ela recuou do seu toque. A roupa rasgada. Não muito. O suficiente.

– Arin! – Era Sarsine.

Ele viu mais: viu como as chibatadas se pareciam com as dele, como haviam cortado a pele dela e saíam de seu campo de visão sob a roupa. Ele soube que desciam por todas as costas dela.

– Eu perguntei para você. – Sua voz era deplorável. – Perguntei se estava ferida.

– Não estou. Já cicatrizaram.

– *Mas você estava.*

– Eu não lembra.

Ele não acreditou nela.

– Como isso pôde acontecer com você? Como você pôde não me contar?

– Ele a havia puxado para ficar em pé. Estava segurando-a pelos braços. Não havia carne ali. Seus dedos encontraram ossos. Ele não era ele mesmo. Esse não era o seu mundo. Não havia versão do seu mundo em que isso

pudesse ser real.

– Você está assustando Kestrel – Sarsine o repreendeu.

Não era medo. O rosto de Kestrel era uma afronta abrasadora: queixo erguido, ombros tensos, camisa solta no pescoço. Uma das chicotadas subia até a clavícula. Ela recuou.

Ele sentia um nó na garganta.

– Você deveria ter me contado.

– Não devo satisfações a você.

– Kestrel, você... fez uma coisa por mim. Por este país. Você não se lembra? Não pode tentar? Ou deixe-me contar para você, por favor...

Ela lhe deu um tapa na cara.

Ele ficou sem ar. Sua bochecha ardia. Ela tinha acertado sua boca também. Os olhos dela eram líquidos e dourados, perdidos e furiosos. Ele estava envergonhado demais para falar.

Sarsine disse com a voz doce:

– Eu sei que você quer ajudar.

– É claro que quero – ele sussurrou.

– Então precisa sair daqui.

Foi apenas quando ele estava sozinho no corredor, caído contra a parede, que tocou onde ela havia batido nele. Seus dedos voltaram úmidos. Ele fitou as lágrimas. Brilhavam em seus dedos feito sangue.

— ELA VAI MORRER?

Sarsine fechou a porta da suíte de Kestrel com mais força do que o necessário. Com as mãos plantadas nos quadris, fitou Arin, sentado no corredor, de costas para a parede à frente da porta de Kestrel. Suas articulações estavam rígidas. Ele não sabia há quanto tempo estava sentado ali.

- Pelos deuses, Arin. Recomponha-se. Não, ela não vai morrer.
- As chibatadas. Pode ter uma infecção. Uma febre.
- Não tem.
- Aconteceu comigo.
- Ela não é você.
- Ela não pode ficar reprimindo tudo. Vai piorar.
- Ela foi drogada duas vezes ao dia, todos os dias por cerca de um mês. Parte do que ela está passando agora é porque o corpo dela quer as drogas que não pode ter.

Ele notou o plural.

– Mais de um tipo? – Embora ele já desconfiasse disso, por sua própria experiência com a potência exaltante da droga que havia tomado nas minas e pela maneira como Kestrel desejava algo para fazê-la dormir. Suplicara por isso, às vezes.

- Sim.

– Ela contou para você. – A mágoa apertou seu coração. Ele desviou o olhar da prima para que ela não visse o que sentia por Kestrel ter lhe contado tão facilmente as coisas que ele havia sido obrigado a adivinhar. Ele estava na tenda de novo, na tundra, ouvindo o vento dobrar a lona. O frio subia do chão, Kestrel em seus braços, o coração dele desvairado, o tremor terrível dos membros dela, a curva do pescoço dela sob a luz verde tênue. O alívio de ouvir, enfim, a respiração dela ficar lenta e calma. A maneira como sua própria respiração continuava irregular por um longo tempo depois disso.

- Como você fez para que ela pegasse no sono? – perguntou ele.
- Ela não está dormindo.
- Como assim?
- Ela se acalmou o bastante por enquanto.

– Você a deixou sozinha, *acordada* ? – Ele se lembrou de como ela ficara em cima de um barquinho sobre a água negra na noite da Revolta de Primeiro Inverno, disposta a pular. Ouviu seu pedido pelo anel entorpecedor de Roshar. – Você não pode fazer isso. Volte para dentro. Sarsine, você não pode deixá-la sozinha.

Sua prima tirou as mãos dos quadris. Sua postura relaxou, sua expressão ficou mais suave e cansada.

– Kestrel é forte demais para fazer o que você está pensando.

– Olhe só para ela. – Arin falou como se Kestrel estivesse no corredor com eles. *Olhe só para o que eu fiz*, ele quase disse antes de morder a língua. Sarsine apenas diria que nada daquilo era culpa dele.

Ele sabia a verdade.

Sarsine se sentou no chão à frente dele, com os joelhos erguidos sob as saias de musselina.

– Eu *olhei* para ela. Dei banho, vesti e a coloquei na cama; ela está malnutrida e doente, mas está *viva*. Lutou muito para sobreviver. Se não acha que ela é forte, está enganado.

– Eu vou ficar com ela.

Sarsine abanou a cabeça devagar.

– Ela não quer você.

– Não me importo.

– Ela não vai se machucar.

– Você não tem como saber disso.

– Arin, eu vou cuidar dela, claro, mas não podemos ficar todos os momentos do dia com ela.

– Eu definitivamente posso.

– Ela iria odiar. Ela nem sabe mais quem é. Como pode se descobrir se nunca fica a sós consigo mesma?

Arin colocou a ponta dos dedos no seu cabelo sujo e enfiou a palma da mão nos olhos fechados até eles cintilarem sob os cílios.

– Eu sei quem ela é. – Uma menina orgulhosa. De coração duro, nobre. E cheia de mentiras e mentiras. – Eu deveria saber. – Todos os momentos com ela na capital percorreram seu corpo, congelando suas veias. Ele havia engolido as mentiras dela. A maneira como ela havia caçado dele. Como o havia deixado de lado, o tornado insignificante. Tinha sido fácil acreditar. Fazia sentido.

Ele se amaldiçoou. Viu as oportunidades que tivera, ao longo dos vários

meses antes da prisão dela, de agarrar a verdade das coisas. Mas nada do que via ou suspeitava na capital fazia sentido. Tinha sido absurda, tão aparentemente errada, a maneira como ele tinha visto os olhos dela se estreitarem de desejo quando a encontrara à beira do canal. As águas corriam lá embaixo. Ela usava um vestido de criada. Absurdo: que apostasse sua própria segurança para ajudar um povo que não era o seu. Absurdo: que havia dado informações clandestinas para o mestre de espionagem de Arin. Uma traidora de seu país. A pena valoriana para traição era a morte.

E Arin a havia acusado de egoísmo. Na capital, pensara palavras como *sedenta por poder*, *superficial* e *cruel*. Ele havia dito isso na cara dela. Depositado nela a culpa pelas mortes do povo das planícies orientais.

A expressão assolada dela tinha sido visível sob as velas daquela caverna imunda. A linha pálida de sua boca.

Ele havia ignorado isso. Interpretado mal.

Deixara de ver tudo o que importava.

Sarsine pegou seus punhos e tirou suas mãos dos olhos. Ele olhou para a prima, mas não a viu. Viu o rosto enfraquecido de Kestrel. Viu a si mesmo como uma criança, na noite da invasão, com soldados em sua casa, como não havia feito nada.

Mais tarde, havia dito a Sarsine quando o mensageiro tinha vindo paravê-lo.

Não, não vou, prometera a Roshar quando o príncipe lhe listara os motivos para não resgatar a espiã sem nome da prisão da tundra.

– Eu estava errado – Arin disse. – Não deveria ter...

– Os seus *deverias* ficaram para trás. Pertencem ao deus dos perdidos. O que quero saber é o que vai fazer *agora*.



Por muito tempo, ele havia evitado a propriedade do general.

Com as palavras de Sarsine ecoando em sua mente, Arin montou Dardo e entrou pelo portão destrancado.

Um pássaro cantou de um galho baixo. A grama alta do prado chegava até os jarretes do cavalo. Arin cavalcou sobre Dardo por esse silvo verde, na direção oposta à casa, que ainda não estava preparado para ver, e subiu uma colina, atravessando um pomar marcado com pequenas laranjas que

amadureciam. Elas estariam duras e secas se as colhesse e descascasse. Não estavam prontas ainda. Mas seu cheiro o fazia deseja-las agora.

Ele fez um som de estalo com a língua e os dentes, e cutucou o cavalo com os calcanhares. Dardo balançou uma orelha e acelerou, soprando uma respiração curta pelas narinas, contente por trotar mais rápido.

Arin se manteve longe dos grandes anexos. A cabana de palha que pertencia à ama de Kestrel, logo a oeste do jardim coberto de ervas daninhas. Os estábulos desocupados. A acomodação de escravos vazia. Sua estrutura sem janelas que mais lembrava um celeiro, a tinta branca descascando sob o sol. Arin manteve Dardo em seu trajeto determinado, mas virou-se um pouco na sela para olhar para trás em direção ao último galpão, sua espada batendo contra o quadril enquanto fazia isso.

Ele chegou à forja e desmontou da sela, pisando com as botas no chão. Afrouxou a cilha do garanhão e o deixou solto. A grama era alta e boa. O paraíso dos cavalos.

As botas de Arin ecoavam no piso de laje. Havia ferrarias na cidade que ele poderia ter usado, mas essa – por残酷 do destino – era a que mais parecia sua. As coisas estavam exatamente como Arin as deixara no último inverno. Do lado de dentro, as ferramentas continuavam penduradas em seus lugares. A bigorna tinha uma camada de poeira. A fornalha estava havia muito apagada. O cesto de carvão, cheio.

Ele acendeu uma chama na fornalha, manejou os foles e observou o fogo crepitando, ganhando vida. Quando estava forte, deixou a chama arder. Ele voltaria depois. A chama teria que queimar por um tempo para o que ele pretendia fazer. Enquanto isso – obrigou-se a pensar –, ele deveria ver a casa.

A casa do general – de Kestrel – tinha ficado vazia desde que Arin assassinara Logro no último inverno. Como líder da rebelião herrani, Logro havia tomado posse da casa e vivido nela porque era a melhor e porque era a do general. Talvez até porque fosse de Kestrel. Arin não sabia quando havia começado o fascínio malévolos de Logro por ela. Arin engoliu em seco ao se lembrar.

Sua mão estava firme no cabo da espada. Olhou para os dedos cerrados, olhou de novo para a espada de seu pai, desembainhando um centímetro dela para ver o brilho do aço primorosamente temperado sob o sol. Então, enfiou-a de volta na bainha e entrou na casa.

Passando o pórtico, a fonte da entrada estava silenciosa e coberta de

espuma. Insetos caminhavam na superfície verde da água. Deuses pintados fitavam Arin das paredes. Outras criaturas também: corças, um cervo saltitante, pássaros. Ele entreviu o afresco de um pássaro capturado em pleno voo e se lembrou de quando o vira pela primeira vez por sobre o ombro de Kestrel, no dia em que ela o comprara.

Do lado de dentro, a casa estava praticamente vazia. Ele havia pensado nisso, mas nunca pensara que estaria *assim*.

Depois que Arin havia assinado o tratado imperial que parecia prometer a liberdade de Herran, os colonizadores valorianos entregaram suas casas no território. Navios vieram para esvaziar as casas das posses valorianas. Houve disputas sobre o que era de quem. Arin havia intervindo, mediado as negociações, mas ignorado a casa de Kestrel. A família herrani que a possuía estava morta havia muito tempo. Quando o navio valoriano entrou no porto para esvaziar a vila do general, Arin fingiu que o navio e a casa não existiam. Tinha partido do princípio de que tudo havia sido levado. Estava quase certo.

Ele não tinha entrado lá desde a Revolta de Primeiro Inverno. Não queria ser atraído aos aposentos de Kestrel, ou ver as cozinhas onde seu povo havia sido obrigado a trabalhar, ou encontrar o lugar onde o mordomo o acusara de tocar em algo em que não deveria ter tocado. Um açoite havia sido a consequência, aplicado no fundo da propriedade para que ninguém na casa fosse incomodado pelos sons desagradáveis. Arin não queria se lembrar da sala de música, que ecoava com as peças de Kestrel, ou ver a biblioteca onde certa vez ele havia se trancado com ela. Não queria absolutamente nada daquele lugar. Mesmo quando tinha vindo com homens e uma carreta e cavalos de tração para levar o piano para sua casa, Arin não havia entrado. Tinha aguardado do lado de fora, improvisando um sistema de polias que usou para ajudar a erguer o instrumento para a carreta depois que o piano foi transportado até o lado de fora pelas portas largas da sala de música.

Por isso, não estava preparado para a sujeira que viu e cheirou.

Logro havia sido vingativo. Os cantos fediam a urina. Havia manchas nas paredes, nas janelas. Muitas vidraças estavam estilhaçadas.

Os pés de Arin o levaram rápido para a sala de música. Lá, tudo estava estranho: folhas de partitura espalhadas no chão, algumas queimadas, mas apenas um pouco, como se Logro tivesse começado a botar fogo e depois tido uma ideia melhor, provavelmente a mesma que o impedira de destruir o

piano. Talvez Logro não tivesse decidido se forçaria Kestrel a fazer o que ele queria ou se a aliciaria...

Arin sentiu um aperto no estômago. Seus pulmões ardiam. Ele abriu uma janela com tudo.

Olhou para o jardim, lembrando-se dessa vista. Ele observava as flores circularem e planarem sob a brisa enquanto Kestrel tocava uma melodia composta para flauta. A mãe de Arin cantava aquela canção, à noite, para os convidados.

Ele se perguntou se era esse o sentido de ter nascido no ano do deus da morte: ver tudo ser aviltado.

Contudo, o ar arejou sua cabeça. Ele seguiu até as cozinhas. Lá, acendeu outra chama, dessa vez para ferver água. Encontrou um bloco de lixívia de cheiro forte. Panos. Baldes. Óleo de madeira com cheiro de laranja. Vinagre para as janelas e paredes. Arin começou a limpar a casa de cima a baixo.

Enquanto torcia um pano, sentiu seu deus zombar. *Limpas? Ah, Arin. Não foi para isso que fiz você. Esse não é o nosso acordo.*

Arin não tinha a sensação de ter aceitado acordo algum, apenas de ter sido tomado como posse, e gostar disso.

Ele não poderia desonrar seu deus. Mas também não poderia desonrar a si mesmo. Expulsou a voz de sua cabeça e continuou a tarefa.



Quando retornou à forja, fazia tempo que o fogo havia se apagado. Ele reacendeu e atiçou as chamas. Depois, colocou a espada de seu pai no fogo, aqueceu-a a ponto de ficar flexível e a segurou contra a bigorna. Golpeou a lâmina. Sua mente estava calma enquanto a ajustava e algo se formava sob suas mãos. Aço dobrado, camada por camada. Soldado em forja. Mais curta, mais fina. Forte e empenada. Ele remodelou o cabo. Moldou e afiou a lâmina. Empenhou-se ao máximo para fazer da adaga de Kestrel seu melhor trabalho.

ELA DEIXOU A ESCURIDÃO.

Sentia dores: nos ombros, nas costelas e na barriga especialmente. Mas os espasmos que atormentavam seu corpo não estavam mais lá. Tudo era de uma maciez impossível. A cama de penas. Sua camisola fina. A pele limpa. O toque suave do travesseiro sob sua bochecha. Ela piscou, ouvindo o leve movimento de seus cílios contra o tecido do travesseiro. Seu cabelo estava solto, macio. Quando chegara, estava asqueroso. Ela se lembrou de Sarsine passando os dedos oleosos nele.

– Corte – Kestrel havia pedido. Ela se sentia estranha e desconexa quando as palavras deixaram seus lábios secos, como se não estivesse falando de verdade, mas ecoando algo que já dissera.

– Ah, não – Sarsine respondera. – Desta vez, não.

Corte . Sim. Tinha existido outro tempo, quando houvera um emaranhado de trancinhas incontáveis sob seus dedos e ela as odiava... por causa do fantasma de um prazer inesperado. Porém, qual tipo de prazer e por que ele havia desaparecido, isso a sua mente se recusava a dizer.

Uma dama da sociedade como você pode se arrepender de cortar o cabelo , Sarsine disse nessa vez anterior.

Por favor. Não aguento mais.

Sarsine havia desembaraçado os tufos maciços deixados pelo campo prisional. O movimento dos dedos no cabelo de Kestrel fez com que ela se sentisse zonza. Ela passara mal e vomitara de novo.

Agora, intrigada por essa memória, Kestrel tocou uma mecha de cabelo no travesseiro. Ela havia perdido a noção de sua cor na prisão.

Familiar. Louro escuro. Um pouco avermelhado. Tinha um tom mais ardente quando ela era pequena. *Ruivo guerreiro ,* seu pai dissera, puxando uma trança. Ela desconfiava de que ele havia se desapontado ao vê-lo escurecer com o tempo.

Ela se sentou, rápido demais. Sua visão se turvou. Estava zonza.

– Ah – disse uma voz.

Sua visão ficou mais clara. Sarsine se levantou de uma cadeira (madeira cinza, a tapeçaria da cor de pérola. Isso também: familiar) e caminhou até uma mesinha onde estava uma sopeira fechada. Sarsine serviu um caldo fumegante em uma xícara e levou a ela.

– Está com fome?

O estômago de Kestrel roncou.

– Sim – ela disse, admirando-se com algo tão simples como fome. Ela tomou a sopa e de imediato se sentiu exausta. A xícara pendia em suas mãos. – Há quanto tempo? – conseguiu dizer.

– Que você está aqui? Dois dias.

As cortinas estavam fechadas e brilhavam intensamente com a luz do dia.

– Você sofreu espasmos – Sarsine disse – e estava muito doente. Mas acho – a mulher tocou a bochecha de Kestrel – que estamos nos recuperando.

Essa mulher era boa, pensou Kestrel. Cheia de uma confiança revigorante. Firme, prática, com uma propensão ao cuidado. Uma ruga de preocupação entre os olhos. Sincera, talvez.

– Você precisa dormir bem – Sarsine disse. – Pode tentar?

Kestrel gostava disso também: como Sarsine sabia que algo que deveria ser fácil não era. A verdade era que a vigília e o sono nos últimos dias (dois, ela se lembrou) tinham sido intermitentes e confusos. Ergueu os olhos para os de Sarsine. Então contemplou. Via com clareza agora algo que não tinha visto antes. Seu coração baqueou.

Eram exatamente da mesma cor. Cinza, como a chuva fina. Cílios pretos e pesados. Os olhos dele.

A boca também. Não exatamente do mesmo formato. Mas a abertura do lábio inferior, o canto erguido em um sorriso mínimo...

– Então? – Sarsine disse gentilmente, tirando a xícara vazia, que pendia pesada como pedra.

Kestrel pegou a mão vazia de Sarsine e a apertou. Acalmou-se sob aqueles olhos cinza e resolutos. Não está certo, parte dela insistia. Não está certo procurá-lo no rosto dessa mulher. Procurá-lo de forma alguma. Mas Kestrel procurava, não conseguia evitar e, quando o sono se abriu diante dela, não teve medo de mergulhar nele.



Era noite quando acordou. A chama da lamparina estava fraca. Uma grande sombra espreitava na cadeira. Pernas longas de calças esticadas para fora, as botas ainda amarradas com firmeza. Sua cabeça morena curvada desajeitada

contra a estrutura entalhada da cadeira.

Limpo, dormindo. As linhas duras mais suaves agora. O rosto barbeado. Aquela cicatriz.

Ele estava limpo demais . Perto o bastante para conseguir sentir seu cheiro. Era um aroma estranho: vinagre e laranja e... lixívia?

Os olhos dele se abriram. Enevoados pelo tempo de uma inspiração. Logo alertas sob a luz da lamparina. Ele a notou observando-o.

O coração dela bateu rápido como o de um coelho. Ela vacilou entre a desconfiança, a confiança e uma emoção menos fácil de nomear.

– Volte a dormir – ele murmurou.

Ela fechou os olhos. Seu coração de coelho bateu mais lento, deitado em sua toca, e pareceu ficar consciente de si: pele quente, barriga macia. O som monótono da respiração no escuro.



Quando despertou de novo, as cortinas estavam bem abertas. Meio-dia. Luz amarela. A cadeira cor de pérola estava vazia.

Uma sensação desagradável a acertou como um raio. Ela não sabia o que significava exatamente, mas a fazia se sentir pequena.

Ela se sentou. Havia um espelho em uma penteadeira perto dela. Kestrel saiu da cama: fraca, instável. A penteadeira e sua cadeira não estavam tão perto, afinal. A distância entre ela e os objetos se estendia. Quando chegou à cadeira, deixou-se cair nela.

A menina no reflexo parecia tão espantada que o primeiro instinto de Kestrel foi encostar nela. Tranquilizá-la. As pontas dos dedos se tocaram. O espelho era frio.

– Pensando em quebrar? – disse uma voz.

A mão de Kestrel caiu e seu olhar se virou para encontrar Sarsine parada no batente aberto atrás dela. Kestrel não estava sozinha, no fim das contas. A expressão da mulher tinha o ar zeloso de alguém que a estava observando fazia algum tempo. Ela trazia um fardo de roupas nos braços.

– Essa não sou eu – disse Kestrel.

Sarsine colocou o tecido (um vestido) sobre o encosto da cadeira cinza-pérola. Aproximou-se e pousou uma mão no ombro de Kestrel: afetuosamente, mas a uma distância cautelosa das marcas inchadas que ela devia conseguir ver através da camisola nas costas de Kestrel.

Kestrel olhou de novo para a menina excessivamente magra com os olhos afundados. Os lábios rachados. Os inchaços na clavícula.

– Venha cá – chamou Sarsine, e pegou o cabelo de Kestrel. Fez uma trança prática, rápida.

– Ele fez isso – Kestrel disse de repente. Ele havia trançado o cabelo dela, antes. *Esse* (*esse?*) era o prazer perdido e inominável de que havia tentado se lembrar. Ele não se apressara. Uma lentidão sensual. O roçar de seu polegar contra a nuca dela. Hipnotizante. Depois, na manhã seguinte: todas aquelas pequenas tranças se transformaram em nós de angústia.

– O quê? – Sarsine prendeu a trança com uma fita.

– Nada.

Sarsine a encarou pelo espelho, mas disse apenas:

– Venha, vamos trocar sua roupa.

– Para quê?

– Para você se sentir mais como você mesma. – Sarsine a levantou.

O vestido era largo, mas caía bem em seus ombros e tinha o comprimento perfeito. O tecido. Aquele desenho de ramos floridos.

– Isto é meu.

– Sim.

– Mas esta não é minha casa.

Os dedos de Sarsine pararam de abotoar.

– Não.

– Então o que estou fazendo aqui? Onde você conseguiu isto?

Sarsine fechou o último botão.

– De quanto você se lembra?

– Não sei. – Ela estava frustrada. – Como vou saber de quanto? Para isso, teria que saber o que esqueci. Conte para mim.

– É melhor perguntar para outra pessoa.

Kestrel entendeu a quem ela se referia. Lá estava de novo: os dedos dele deslizando pelo cabelo dela. Era verdade, aquilo de que ela havia desconfiado na tundra era verdade. Um amante? Talvez. Algo delicado, de qualquer forma. Mas delicado como um hematoma.

– Não – Kestrel disse a Sarsine. – É em você que eu confio.

Sarsine se ajoelhou para colocar as sandálias nos pés dela.

– Por quê?

– Você não quer nada de mim.

– Quem disse? Uma criada pode desejar inúmeras coisas de sua patroa.

– Você não é minha criada.

Sarsine ergueu os olhos.

– Por que está fazendo isso? – Kestrel perguntou. – Por que é gentil comigo?

Sarsine deixou as mãos caírem no colo de suas saias. Apertou o polegar na palma da mão oposta. Então, levantou-se e ajudou Kestrel a ir até um espelho grande de chão. Kestrel, completamente cansada agora e confusa por inúmeras questões conflitantes, se deixou levar.

– Pronto – Sarsine disse, quando Kestrel parou diante do reflexo. – Você parece quase uma distinta dama valoriana. É isso que você é. Quando vi você pela primeira vez, a odiei.

Kestrel contemplou a si mesma. Não viu nada digno de ódio. Não viu muita coisa. Apenas a sombra de uma menina em um vestido elegante. Sussurrou:

– Eu sou desprezível?

O sorriso de Sarsine era triste.

– Não.

Houve um silêncio que Kestrel não queria quebrar porque pareceu, por um momento, existir uma segurança plácida em não ser digna de ódio. Talvez ela não precisasse ser outra coisa. Talvez isso fosse tudo o que uma pessoa precisasse ser.

– Quase onze anos atrás – disse Sarsine –, o seu povo conquistou este país. Eles nos escravizaram. Você era rica, Kestrel. Tinha tudo que poderia querer. Era feliz.

Kestrel franziu a sobrancelha. Ela reconheceu parte do que Sarsine dizia, viu algo vago e enevoado a distância. Mas...

Era *querer*, ela percebeu. E *feliz*.

– Não sei todos os detalhes – prosseguiu Sarsine. – O que sei é que, no último verão, você comprou Arin no mercado.

– Então é verdade.

– Você o ganhou num leilão e o levou para casa. Mas o leiloeiro, um homem chamado Logro...

Kestrel sentiu uma pontada terrível.

– ... *queria* que você ganhasse. Arin também. Seu pai é o general de mais alta patente do exército valoriano. Arin era um espião para a revolta herrani. Ele foi uma peça crucial. Nada poderia ter sido feito sem ele. Ou sem você. Você deu informações úteis para ele, mesmo sem saber. Não teria

feito isso se soubesse o que Arin estava procurando e o que faria com o que você lhe contou. Os valorianos foram atacados em toda a cidade, pegos de surpresa, mortos. Os seus amigos também.

Lágrimas em pele morta. Uma menina de vestido verde. Lábios roxos envenenados. Kestrel engoliu em seco.

– Depois da revolta – Sarsine disse –, você foi trazida para cá.

A voz de Kestrel saiu sufocada:

– Prisioneira.

Sarsine mordeu os lábios, mas não negou.

– Você fugiu. Não sei exatamente como. Logo em seguida, o exército valoriano chegou e fomos sitiados. Mas você veio e presenteou Arin com um tratado.

O papel pesado sob seu polegar. Neve caindo em suas bochechas. Papel branco, neve branca, coração branco.

– O tratado nos ofereceu nossa independência como um território autônomo sob o domínio do império. Parecia bom demais para ser verdade. E era. Alguns meses depois, as pessoas na cidade começaram a adoecer. Eu, inclusive. Estávamos sendo envenenados lentamente pela água adulterada dos aquedutos. O imperador queria nos matar sem arriscar a vida de seus soldados. Descobrimos e conseguimos impedir isso graças a você. Você estava passando informações para Tensen, o mestre de espionagem de Arin na capital. Arin não sabia quem era a fonte de Tensen. Tensen se recusava a dizer o nome dela e, em vez disso, a chamava pelo codinome: a Mariposa.

“Você foi descoberta. Um cavalariço herrani nas montanhas trouxe a notícia de que uma mulher em uma carruagem de prisão a caminho da tundra havia lhe dado uma mariposa e pedido para que a entregasse a Arin. Arin resgatou você. E aqui você está.”

Kestrel rangia os dentes, seus ombros estavam rígidos. Ela não se lembrava de quase nada do que Sarsine dissera, não sabia o que fazer com as imagens vagas que pulsavam em sua mente. Lutou contra o cansaço.

– Isso é loucura.

– Implausível, eu sei.

– Uma história. – Kestrel procurou uma forma de dizer isso. – Como se tirada de um livro. Por que eu faria uma coisa dessas?

Foi você, ela dissera para ele na tundra. *Foi você o motivo por que fui presa.*

Sim.

– Eu pareço uma idiota – disse Kestrel, categórica.

– Você parece a pessoa que salvou a minha vida. – Sarsine tocou três dedos no dorso da mão de Kestrel.

Kestrel lembrou o sentido daquele gesto. Esse conhecimento se desdobrou dentro dela. Era um gesto herrani. Significava gratidão, arrependimento ou ambos.

Ela tateou o vestido largo. Seus pensamentos giravam. Seus cílios pesavam, caíam. Ela tentou imaginar quem era antes. Inimiga. Prisioneira. Amiga? Filha. Espiã. Prisioneira de novo.

– O que eu sou agora?

Sarsine ergueu as duas mãos de Kestrel.

– O que quiser ser.

O que Kestrel queria era dormir. Moveu-se para o móvel mais próximo, um divã, mas a escuridão chegou rápido demais para ela entender o que ele era. Era apenas um objeto que não era o chão. Entregou-se a ele e mergulhou no sono. Uma almofada. Uma coberta estendida. Um vestido que havia sido dela.



Alguém a havia levado de volta para a cama. Não Sarsine.

Estava escuro, mas uma lâmparina havia sido deixada acesa com a luz fraca. A cadeira estava vazia.

Ela estava deitada de lado. Suas costas haviam cicatrizado em uma dor contínua e lenta. Alguns vincos profundos ardiam. Na tundra, enquanto as drogas ainda corriam em seu corpo, ela não havia notado tanto a dor. Quando deixaram de correr, o enjoo e o desejo intenso tinham sido piores do que qualquer coisa.

A dor consumia suas costas, atravessando seu coração. Ela olhou para a cadeira vazia.

Veio à sua mente que, depois da última vez, quando ela acordara à noite, ele havia decidido manter distância.

Veio à sua mente que a coisa pequena e fria que ela sentia era abandono.

O que deveria tê-la deixado nauseada de raiva por sua confusão. Quem era ela, que estapeava o homem que a havia salvado e então se sentia desolada na ausência dele?

Ela não era uma pessoa, na verdade, mas duas. A Kestrel de antes e a de

agora, uma raspando contra a outra como metades de um osso quebrado.

Ela se virou para o outro lado, de frente para a parede, e estendeu a mão para tocar, pela primeira vez, os sulcos em suas costas. Carne retraída. Escamas longas, coaguladas. Repugnada, ela tirou a mão e a aninhou junto ao peito.

Volte a dormir, ordenou a si mesma.

Ela não precisava mais da droga noturna. Não exatamente. Mas bastava pensar na droga para que vibrasse de desejo. Se lhe oferecessem um copo, tomaria tudo de um só gole.



No dia seguinte (Kestrel pensou, pelo menos, que era o dia seguinte. Parecia inteiramente possível que tivesse dormido sem parar por mais de uma noite), Sarsine a ajudou a caminhar até a sala de café da manhã. A mesa ostentava frutas ílias, pão, chá, leite, um molho de chaves de ferro e mais um item, envolto em musselina. Grande. De um formato nada gracioso. Colocado ao lado das chaves sobre um prato.

– Para você – Sarsine disse.

– É Ninarrith? – a palavra surgiu para ela, estranha em sua boca. Da antiga língua herrani, ela se lembrou, que era tão arcaica que chegava a ser um idioma próprio. Ninguém a falava, embora algumas palavras perdurassem. Antes da guerra, os herranis trocavam presentes em Ninarrith. Um feriado.

– Ainda não. – Sarsine a perscrutou.

– Que foi?

– É algo estranho para você lembrar.

– Eu me lembro de algumas coisas.

– Faz onze anos que não celebramos Ninarrith.

– O que a palavra significa?

– São duas palavras combinadas. “Cem” e “velas”. O feriado marca o último dia em que os deuses caminharam entre nós. Celebramos a esperança do retorno deles.

Kestrel forçou a memória, ajudou-a a sair, densa e lenta.

– Minha ama. Ela era herrani. Eu celebrava escondida com ela. – Ela se perguntou o que teria acontecido se tivessem sido pegas. O medo chapinhou em seu peito. Mas não havia ninguém para pegá-la agora, ninguém ali que a

puniria. – Eu a amava. – No entanto, ela não conseguia mais se lembrar do nome da mulher. O medo de Kestrel se condensou em perda. Tentou sorrir, vacilou.

– O chá vai esfriar. – Sarsine se alvoroçou desnecessariamente com o bule e Kestrel ficou grata por ter um momento para sua expressão ser o que quer que fosse sem o peso do olhar de outra pessoa.

– Queria celebrar Ninarrith com você – ela disse a Sarsine.

– Se estivermos aqui até lá – a outra respondeu, misteriosa, mas abanou a cabeça quando Kestrel a fitou. – Vá em frente. Pegue.

As chaves eram pesadas.

– Elas são da casa – Sarsine disse. – Um molho completo.

O peso delas em sua mão. Algo que ela pensou que deveria lembrar.

Deixou as chaves de lado.

– E isto? – Ela passou o dedo em um vinco na musselina do objeto pesado embrulhado.

Sarsine ergueu as sobrancelhas – com certa ironia, pensou Kestrel, embora a expressão da mulher parecesse ter menos a ver com Kestrel e mais com um conhecimento que Sarsine tinha e Kestrel não. As sobrancelhas pretas, seu ar de cinismo contido, seu humor mordaz: mais uma vez, Kestrel o reconheceu nela. Ele já havia olhado para ela assim antes. Perguntou-se por que se sentia à vontade com Sarsine, mas não com ele, e se essa naturalidade era a despeito da semelhança ou causada por ela.

– Veja você mesma – disse Sarsine.

Era uma adaga, brilhante sob a musselina aberta. Aninhada em sua bainha, presa a uma cinta esguia. O couro da cinta era resistente, porém flexível, não tinha sido feito com nenhuma elegância em especial, mas com o objetivo de durabilidade e conforto. Havia poucos buracos para a lingueta da fivela: um sinal de que quem a fez estava confiante no caimento da cinta. A bainha, assim como o cabo, tinha um estilo limpo e forte, que não tendia ao extravagante, mas a virola era mais pontiaguda do que qualquer coisa que Kestrel tinha visto antes (sim, ela se deu conta de que entendia de adagas). Não tão afiada a ponto de ferir quem a portasse, mas pontiaguda o bastante para causar estrago, caso a bainha fosse segurada pelo punho e cravada contra um oponente. E a bainha não era inteiramente desprovida de ornamentos. Logo abaixo do gargalo, havia um símbolo: dois círculos, um encaixado dentro do outro, distinguíveis apenas porque a textura em relevo de cada um era diferente. O símbolo era repetido no cabo da adaga, no

círculo do pomo, que pesava o bastante para matar se acertado em certas partes do crânio. O cabo – Kestrel envolveu os dedos nele – encaixava-se perfeitamente em sua mão, com o guarda-mão cruzado para proteger os dedos.

Ela tirou a lâmina. Era tipicamente valoriana. Com a exceção da ponta reta e daquele símbolo desconhecido, todos os seus elementos exibiam o estilo valoriano, desde o guarda-mão cruzado aos dois gumes do cabo chanfrado da lâmina. O leve tom azul de aço mostrava sua qualidade, mas Kestrel saberia disso de qualquer forma. A adaga era leve em sua mão, ágil. Lindamente forjada. Equilibrada. De proporções elegantes. Produzida por um mestre.

Kestrel tocou o polegar na lâmina. Sangue brotou na superfície.

– Meus deuses – Kestrel disse, e chupou o corte.

Sarsine riu.

– Converteu-se agora, foi?

Kestrel levou um susto. Havia se esquecido de Sarsine. Franziu a testa, sem saber por que havia dito aquilo. Tinha sido um instinto, enraizado dentro dela, habitando um espaço oculto que fazia parecer natural para ela invocar deuses em que não acreditava. Ela guardou a lâmina de volta, devolveu o conjunto todo à mesa com um baque.

– Por que está me dando isto? – As chaves ela entendia. Ela não era uma prisioneira ali, mas uma hóspede. Mais que uma hóspede, se havia entendido direito o presente. Hóspedes não tinham acesso a todos os cômodos de seus anfitriões.

Mas a adaga...

– Eu poderia matar você com isto – ela disse. – Agora mesmo.

– Ah, não sei, não. – Sarsine ainda parecia ver graça. – Você está longe de estar em condição de lutar.

– Não é essa a questão. – Ela estava começando a ficar abalada pelas chaves e pela adaga. A maneira como cada presente, à sua maneira, demonstrava uma confiança absoluta.

– A ideia – Sarsine disse, com cuidado – era que não se sentisse indefesa.

Kestrel abriu a boca, depois a fechou, sem perceber até então que era assim mesmo que se sentia e que a primeira emoção que havia tomado conta dela ao pôr os olhos no encanto da adaga foi a sensação de segurança.

– Nós... – Sarsine começou.

Kestrel olhou para ela abruptamente.

– Eu não tenho medo de que você fira outra pessoa – emendou Sarsine. A escolha das palavras indicou exatamente qual havia sido (ou ainda era) o medo.

– Entendi. – A boca de Kestrel se estreitou. – Não preciso de uma adaga para me suicidar. Mas eu não faria uma coisa dessas. Não sou covarde.

– Ninguém acha você covarde.

Kestrel colocou a adaga embainhada em seu colo, segurou-a com as duas mãos. Parecia irrevogavelmente sua. Seria doloroso devolvê-la. Pela maneira como Sarsine olhou para ela, pensou que a mulher entendia isso. Kestrel relaxou as mãos. A adaga era sua e não havia mal nisso. Confiaram uma arma a ela, e também não havia mal nisso.

Sarsine bebeu seu leite.

– Essa adaga é como os vestidos? – perguntou Kestrel.

– Não entendi o que quer dizer.

– Ela foi feita para mim. Você tem outras coisas minhas de antigamente, como os vestidos? Como isto?

Sarsine hesitou, como se quisesse falar, mas as palavras tivessem ficado presas em sua garganta. Por fim, disse:

– O seu piano.

O instrumento se ergueu diante de seus olhos: preto, enorme, grande demais para o seu coração, que de repente se contraiu de desejo.

– Onde? – ela conseguiu dizer.

– Lá embaixo, no salão.

Um rompante de músicas rememoradas. O arco de seus dedos. Notas cintilantes.

– Eu quero – disse Kestrel. – Agora.

– Sinceramente, não sei se conseguiria descer a escada.

– Mas...

– Você poderia ser carregada, mas não por mim.

– Ah.

– Você não é *tão* leve assim.

Kestrel ficou em silêncio.

– Devo providenciar isso? – questionou Sarsine.

Ela sabia a quem a harrani pediria.

– Não.

– Então tome seu café da manhã.

Ela comeu sem dizer uma palavra.



Às vezes, subia cautelosamente sobre sua memória, que rangia e balançava sob ela feito uma ponte que não conseguia suportar seu peso. Ela recuava para o que conhecia melhor: a prisão. Lá, havia aprendido a amar a terra sob sua bochecha. Seca, fria. Seu cheiro sem sol. A maneira como precedia o sono. Havia bebido a droga noturna. Um gole atrás do outro. Então, flutuava e amava a guarda que a guiava, e amava o momento logo antes de dormir, porque era apenas um momento e, em um simples momento, não teria que pensar em como havia se entregado... e se abandonado. Nunca havia tido nenhum outro tipo de vida. Não existia nada além daquilo.

O sono estava lá. Empurrava-a para baixo. Apertava seus pulmões. A droga passava os dedos macios em sua boca e abria nela um sorriso vago.



Ninguém ficava mais com ela à noite. Nem Sarsine. Nem ele. E ela não precisava de companhia, não era uma criança. Não tinha medo de pesadelos nem da forma como não conseguia se lembrar deles depois de acordar, como agora.

Seus dedos tremiam enquanto os estendia até a lamparina que ardia baixo na mesa de cabeceira. Pegou a lamparina. As chaves. Vestiu um robe e atravessou a suíte, passando pela sala de sol e saindo para o jardim do terraço. Seus pés estavam descalços sobre as pedras ovais. A escuridão era aveludada e quente a ponto de Kestrel saber que não deveria estar sentindo frio.

Ela deveria saber se estava quente ou frio.

Deveria saber se era normal estar nervosa. Será que seu coração estaria tão acelerado se ainda fosse a mesma pessoa de antes?

Ela testou as chaves pesadas no molho até encontrar a que se encaixava na porta da parede oposta do jardim. Abriu. Viu outro jardim, exatamente igual ao seu. Tentou caminhar sobre as pedras sem fazer barulho. Não conseguiu. Passou pela sua mente que as pedras estavam lá exatamente para fazer barulho. Pensou nisso, pensou por que alguém gostaria de ouvir outra pessoa se aproximando e isso a distraiu de seu pesadelo, que parecia tê-la dividido em duas.

Sentia como se fosse ao mesmo tempo seu corpo e sua sombra, como se

fosse seu próprio fantasma.

Ela já havia feito isso tudo antes. Havia aberto aquelas portas, atravessado esses jardins duplos.

A sala de sol dele estava escura.

Ela abriu a porta mesmo assim. Passou pelos vasos de planta. Erguendo a lamparina, encontrou a porta para a suíte dele. O corredor. Suas pegadas eram silenciosas agora, cortando o carpete felpudo. Um conjunto de cômodos silenciosos. Os móveis masculinos de uma forma que não pareciam os que ele teria escolhido, mas combinavam com ele. Ou com o que ela sabia dele.

Que era pouco.

Ela baixou a lamparina. Não sabia ao certo o que estava fazendo. Talvez quisesse acordá-lo assustado, arrancá-lo do sono. Fazer com que sentisse o que ela havia sentido ao acordar minutos antes. Ela se imaginou gritando no ouvido adormecido dele.

E se o acordasse de outra forma? Ela parecia se ver olhando para a pintura de uma menina de um conto, raptada por uma criatura que só mostrava sua verdadeira face à noite. A menina erguia a lamparina sobre a cama. Aproximava-se. Uma gota de óleo quente caía sobre o ombro nu dele. Ele acordava.

Talvez Kestrel tivesse vindo em busca de respostas. Ele as tinha... ou fingia ter.

Talvez essa fosse uma péssima ideia.

Ela entrou no quarto que supunha ser dele.

Estava vazio. A cama era grande e estava arrumada com esmero.

As janelas, ela percebeu agora, estavam todas fechadas. O ar era velho. Fazia dias que ninguém entrava naquela suíte.

O braço dela estava cansado. Todo o seu corpo estava cansado. Ela colocou a lamparina e as chaves na mesa.

Tocou o travesseiro. Era apenas um travesseiro. Tocou o lençol. Um lençol. A cama: uma cama. Nada mais ou menos do que o que ela precisava agora. Ela se afundou na cama. Disse a si mesma que não se importava com o significado do que estava fazendo.

Deitou-se de bruços porque não dormia mais de costas. Pressionou o rosto no travesseiro. O cheiro dele estava ali. Foi insensato ter vindo, mas ela não tinha forças para sair.

O fantasma dele entre os lençóis. A sombra de quem ela havia sido

abraçada à dele.



Kestrel acordou ao amanhecer porque sempre acordava ao amanhecer na prisão. Viu onde estava. Sentiu-se estúpida. A luz era rosa e bela. Ofensiva.

Era o hábito, disse a si mesma. Foi por isso que tinha vindo na noite anterior. Não havia mistério, nenhum emaranhado de motivos para desenredar. Era simples. Ela havia se acostumado a dormir junto com ele na tundra. Sentia frio e ele era quente. Era difícil vencer os hábitos. Não passava disso.

Mas ela se sentiu humilhada quando saiu da cama dele. Desta vez, lembrou-se do que havia sonhado.

Alisou os lençóis e deixou tudo como estava. Certificou-se de que não havia nenhum vestígio de sua presença quando saiu.



– Então você é irmã dele – disse Kestrel alguns dias depois.

Sarsine a havia convencido a ir para a sala de sol da suíte. A pele de Kestrel tinha um tom amarelo-âmbar sob a luz. Quando o calor penetrou, percebeu que não sentia mais dores, exceto nos piores lugares. Estava usando a adaga, que repousava contra a sua coxa.

– Não. – Sarsine riu. – Nem amante.

Kestrel franziu a testa, constrangida. Não entendeu a risada nem o salto rápido para algo que nem mesmo havia sido sugerido.

– Foi o que você me perguntou quando nos conhecemos – explicou Sarsine. Ela soprou seu chá para esfriá-lo. – “Irmã ou amante?” Eu sou prima dele.

– Onde ele está?

Sarsine não respondeu; Kestrel pensou que não porque ela não pretendesse responder, mas porque estava procurando as palavras certas e, nessa pausa, Kestrel se lembrou da suíte vazia dele e não desejou mais saber a resposta à sua pergunta. Colocou outra questão no lugar.

– Por que *não* amante?

Sarsine engasgou com o chá.

– Muitos primos se casam – Kestrel concluiu.

– Arin? Pelos deuses, não. – Ela ainda estava tossindo.

Kestrel não gostava de seu impulso de ficar abrindo e fechando e abrindo novamente o assunto sobre ele.

– Eu o amo – disse Sarsine –, mas não desse jeito. Eu era órfã. O irmão de minha mãe me trouxe para a casa dele. Os pais de Arin foram bons comigo. A irmã dele não. E Arin... – Ela chacoalhou os dedos para tirar as gotas de chá derramado de cima deles, então parou, pensando. – Quando pequeno, ele era muito fechado. Lia muito. Um sonhador. Uma coisinha magrela. Sempre que eu conseguia convencê-lo a sair, ele estreitava os olhos como se nunca tivesse visto o sol. Mas saía para me agradar.

“Eu estava no interior com a minha ama quando os valorianos conquistaram esta cidade. Meus pais tinham uma propriedade ao sul daqui. Acharam que eu poderia querer escolher algumas das minhas coisas para trazer para cá antes de fecharem a casa de campo. O general valoriano, seu pai, atacou a cidade primeiro. O interior depois. Eu e minha ama tentamos fechar a casa dos meus pais e nos esconder lá dentro. As janelas foram arrombadas.

“Não sei o que houve com a minha ama. Nunca mais a vi. Fui obrigada a trabalhar na fazenda da minha família. Há trabalhos que até uma criança de dez anos pode fazer. Depois, fui vendida para outra propriedade rural. Sofri por sair, mas também tinha sofrido por ficar.

“Eu conseguia fazer o que mandavam. Nem todos conseguem. Arin não conseguia. Não por muito tempo. Mas eu não fui amarrada a um poste de açoite. Eu era boa e obediente e fazia coisas que talvez, no fim das contas, fossem piores do que uma punição. Um dos meus mestres decidiu, depois de um tempo, me trazer para a cidade.

“Antes da guerra, no meu último dia antes de deixar esta casa para ir ao interior com a minha ama, Arin me deu uma flor que havia secado. Era rosa, aberta em forma de leque. Eu a coloquei num medalhão. Entrei na carruagem. Depois, perdi o medalhão, perdi a flor. Mas me lembro dela.”

– Por que está me contando essas coisas?

Sarsine olhou para ela sob a luz forte demais.

– Para você me entender. – Ela acrescentou: – E entender Arin. – Ela fez uma pausa. – Você perguntou onde ele está.

– Não quero saber onde ele está.

– Ele esteve fora. Acabou de voltar.

Depois dessas palavras, Sarsine saiu abruptamente.

A obviedade da insinuação de Sarsine para que fosse vê-lo incomodou tanto Kestrel que ela quase não fez nada. O incômodo cresceu, agigantou-se. Se Sarsine tivesse colocado aquela flor seca na mão de Kestrel, ela a teria amassado, teria sentido prazer em atirar as pétalas rosa. Sentiu exatamente o mesmo que havia sentido ao acordar na cama vazia dele.

No fim, foi a raiva que fez Kestrel se levantar e sair pela porta.



Enquanto descia pelo corredor que saía da sala de sol dele e entrava em outro cômodo, ela ouviu os baques abafados vindo dos recônditos da suíte dele. Um ruído curto, metálico. Sons mais baixos.

Silêncio.

Então o caráter do som pareceu se alterar. Mudou como se muda de ideia: do plano vago à exploração e à decisão firme.

A passos, vindo na direção dela.

Seu coração teve um sobressalto. Ela ficou paralisada. Sentiu raiva... e, sem saber como, a perdeu quando ele surgiu no batente do cômodo em que ela havia entrado. Ele não estava como ela esperava. Descalço, o gibão desabotoado pela metade. Imundo. Barbudo, a cicatriz uma linha branca cortando o preto.

Surpreso, ele ficou olhando. Depois sorriu um pouco. O sorriso era doce. Era tão diferente do que ela sentia que se admirou com a forma como duas pessoas no mesmo ambiente podem sentir coisas tão distintas. Enquanto pensava nessa diferença, ficou claro que ela não sabia mais o que sentia.

Ela reconheceu as manchas avermelhadas na pele dele. Era mais fácil se concentrar nisso. Mais simples de decifrar. Ela se lembrou daquele ruído metálico de antes. Ele havia chegado da guerra.

– Você venceu? – ela perguntou.

Ele riu.

– Não.

– Qual é a graça de ter perdido?

– Não é isso. É só que... essa pergunta é muito você.

Ela ergueu o queixo, sentiu seu corpo ficar rígido de novo.

– Eu não sou ela. Não mais. Não sou a pessoa que você... – Ela fechou a boca.

– Que eu amo? – ele completou baixinho.

Ela não respondeu. Ele abaixou os olhos, esfregou as mãos sujas.

– Com licença. – Ele fez menção de sair do cômodo, então hesitou, com um dedo sobre a ondulação de madeira curva da ombreira da porta. – Eu vou voltar. – O tom de sua voz a fez perceber que para ele tinha sido óbvio desde o começo que voltaria, mas que não tinha sido para ela, e que a pausa dele tinha decorrido da compreensão de que o que era óbvio para ele não o era para ela. – Um momento. Por favor, não vá.

– Está bem – ela disse, surpreendendo a si mesma.

Ele saiu. O nervosismo ardeu dentro dela.

Ela se recusou a ser dominada pelo nervosismo. Essa recusa a manteve ali por mais um tempo. Então: a percepção de que, apesar da aparência, ele tinha certa delicadeza. Isso a acalmou e, mesmo se fosse exatamente essa a intenção dele, ela achou difícil ter raiva de alguém por ser delicado.

Ela ainda estava pensando nisso quando ele voltou. Seu gibão foi trocado por uma camisa nova. Sapatos macios. Mão e rosto limpos. Um papel enrolado embaixo do braço. Ele o desenrolou sobre uma pequena mesa octogonal (elegante, com pernas trabalhadas. Para dois. Uma mesa de café da manhã).

O papel era um mapa.

– Perdemos a ilha Ithrya – ele disse, apontando para o sul. – É desabitada, mas... – Ele pressionou uma mão sobre o papel encurvado e olhou para ela. – Você quer saber disso?

– Existe algo de errado se eu souber?

– Não. Mas talvez você não goste. O meu povo está em guerra contra o seu.

Foi o povo dela que a manteve prisioneira. Eles a haviam ferido. Ela cruzou os braços diante do peito.

– E daí?

– O seu pai...

– Não fale sobre meu pai.

O coração dela estava acelerado de novo, balbuciando em seus ouvidos. Ele havia erguido as sobrancelhas escuras... a mão também. Havia levantado a palma, mantendo a ponta dos dedos no mapa. Sua pele estava limpa, mas as unhas estavam cercadas de preto. Estranho. Concentrou-se nelas. Fazendo isso, se equilibrou. Ela ficava mais calma ao se concentrar e reconhecer as unhas enegrecidas dele. Ao menos, conseguia reconhecer essa familiaridade, ainda que não conseguisse expressá-la. Disse:

– Você não lavou muito bem suas mãos.

Ele olhou para a mão, que saiu de cima do mapa. O papel se enrolou.

– Ah. – Ele passou o polegar uma vez sobre as unhas. – Isso. Isso demora para sair. – Estranhamente, os olhos dele se voltaram para a adaga no quadril dela, depois desviaram, fazendo-a pensar que ele estava se lembrando da batalha de que acabara de sair.

– Perder essa batalha significa que você vai perder a guerra? – perguntou ela.

– Talvez.

– Quantos você matou?

Ele encolheu os ombros. Não sabia.

– Isso incomoda você? – ela perguntou.

Ele olhou nos olhos dela. Devagar, abanou a cabeça.

– Por que não? Você gosta de matar? – insistiu Kestrel.

– Eles querem meu país.

– Então você gosta.

– Ultimamente, sim.

– Por quê?

– São muitos os motivos.

– Isso não é resposta.

– Mas você é um dos meus motivos, Kestrel. Você não quer ouvir isso.

Acha que pode me forçar a dizer algo que faça você ir embora.

Isso a fez parar. Ela pensou no cuidado com que havia arrumado os lençóis dele para apagar sua presença.

– Eu não... – As palavras ficaram presas em sua garganta. Ela se deixou sentar à mesa e examinou um símbolo entalhado na superfície. O símbolo de um deus provavelmente. Os herranis tinham vários. – Não entendo por que esqueci tanto.

– Você foi drogada. – Havia algo tácito na voz dele.

– Você acha que é mais do que isso.

Ele pegou a outra cadeira, mas sentou-se a certa distância, com o corpo de lado para ela, voltado para uma janela ao leste, o rosto de perfil, o lado da cicatriz escondido. Enquanto ele falava, passou pela mente dela que talvez ele também se sentisse como duas pessoas, que talvez todos se sentissem assim, e que a questão não era o mal que causara essa divisão, mas se esse mal era ou não fácil de perceber.

Ela o examinou. Captor, salvador, culpado.

Ele continuou falando. Ela começou a ouvir. Era uma história terrível, contada baixo, sem interrupções. Ele mal parava para respirar. Enquanto descrevia a noite da invasão valoriana e se descrevia na infância, ela começou a ver como era natural para ele o reflexo da culpa. Enraizado. Insidioso.

Foi você o motivo por que fui presa.

Sim.

Passou pela mente dela que ele talvez tivesse assumido a culpa por algo que não merecia.

Passou pela mente dela que já desconfiasse disso mesmo antes de ele começar a contar sua história, em toda sua crueza.

E que talvez ela tivesse sido cruel.

Esse pensamento não era o mesmo que confiança. Ainda assim, ela ouviu. Depois que ele terminou, ouviu o silêncio dele.

Ele voltou a falar.

– Talvez, para você, não sejam apenas as drogas. Talvez... haja coisas que você não suporte lembrar. – Ele olhou de relance nos olhos dela, depois desviou o olhar e ela viu que isso não era porque ele tivesse medo de deixar que ela visse o quanto conseguia ou não suportar as próprias memórias, mas porque tinha medo de quais poderiam ser as memórias perdidas dela e não queria demonstrar esse medo, por receio de assustá-la.

– Não escolhi esquecer – disse Kestrel.

Ele ergueu o canto da boca. Não era um sorriso falso, mas não era sincero o bastante. Ele falava com leveza, como se os dois tivessem sido alvo de uma brincadeira.

– Eu não escolhi lembrar. – Ele se virou para encará-la por completo. – Posso fazer uma pergunta?

Ela pensou a respeito. Não tinha certeza.

– Não estou pedindo informações – ele se apressou em dizer. – Não quero nada. Ou melhor, acho que quero uma coisa, mas é *entender*. É diferente, não é, de pedir um favor ou... um sentimento? – Ele parou, impedido pela dificuldade de se manter sincero diante da maneira como a linguagem às vezes falha em expressar a sinceridade. – Talvez não seja diferente. Não precisa responder.

– Diga de uma vez.

– Você não quer que eu fale sobre o que não consegue se lembrar. Não quer que eu pergunte. Não quer que eu conte. Você está... – Ele não disse as

palavras. Kestrel pensou nelas mesmo assim. *Furiosa. Apavorada.* – É porque, na verdade, você não quer ouvir ou... porque não quer ouvir isso de *mim* ?

– Quero fazer uma pergunta antes.

Isso o pegou de surpresa.

– Claro.

– Na tundra, você disse que era culpa sua eu estar na prisão.

– Sim.

– Como?

– Como...?

– Você contou para alguém que eu estava espionando para Herran?

Ele se encolheu.

– Não. Eu não sabia. Não faria uma coisa dessas.

– O que você fez exatamente?

– Eu...

– Tenho o direito de saber.

– Você mentiu – ele disse abruptamente. – Mentiu para mim e eu acreditei. Não pedi para você se colocar em risco. Nunca quis que fizesse nada do que fez. Jamais iria querer *isto* . – Sua boca estava tensa, seus olhos arregalados: inundados por algo ardente e intenso e ferido. – Tive tantas chances de ver o que você estava fazendo. E não vi. Não impedi você. Não ajudei. Desprezei você.

– Eu menti – disse ela.

– Sim.

– Conte minhas mentiras.

– Pelos deuses. – Ele passou a mão no cabelo. – Você mentiu sobre o tratado. Aceitou se casar com alguém para que eu tivesse um papel . Tentou ajudar o povo da planície oriental, mas me deixou pensar que foi responsável pelas suas mortes. A maneira como agiu. Egoísta. Terrível. Trabalhou para meu mestre de espionagem e mentiu sobre isso também, e ele mentiu para mim, e isso me faz ter ódio dele agora. Eu me odeio por não ter visto nada disso. Ele sabia. Deixou que você fizesse aquilo. Você cometeu traição, Kestrel. Como pôde fazer isso? Era para estar *morta* . – Ele baixou a voz, funda e grave. – O pior... não sei... o pior é que mentiu sobre... – Ele se deteve, com um suspiro dissonante. – Você mentiu por muito tempo.

Houve um silêncio. Devagar, Kestrel disse:

– Eu fiz tudo isso por você.

Ele corou.

– Talvez você tivesse outros motivos.

– É com esse que você se importa.

– Sim.

Ela lutou para encontrar o que dizer. Era estranho falar sobre escolhas inconsequentes das quais não se lembrava. Ajudava ver a raiva dele, a maneira como fervilhava a superfície das coisas. Era um alívio não estar sozinha em sua raiva. Foi um desatino o que seu antigo eu havia feito, mas foi um ato de coragem também. Isso ela conseguia ver. Conseguia ver que ele enxergava e que isso só piorava as coisas para ele.

Mais fácil para ela, porém: saber que nem sempre havia sido esse casco de pessoa esvaída. Então, mais difícil, entrever quem havia sido. Ela viu a grande diferença entre aquela pessoa e esta que estava sentada numa cadeira porque não tinha forças para ficar em pé. As emoções eram um redemoinho dentro dela.

– A sua pergunta.

– Não importa.

– Eu vou responder.

Ele abanou a cabeça.

– Não precisa – disse Arin.

– É mesmo você. É verdade, eu não queria que fosse você quem me contasse as coisas de que não me lembro. Não você. – Ela o viu se crispou e o esforço para esconder essa reação. Lágrimas brotaram nos olhos dela. – Que direito você tem de saber tantas coisas sobre mim que nem eu mesma sei? Por que você tem o direito de me dizer quem sou eu? Como consegui tanto poder? Eu não tenho nenhum. Não é justo. Você é injusto. – Sua voz embargou. – Eu sou injusta.

A expressão dele mudou.

– Kestrel.

Ela segurou o ar até seus pulmões arderem. Não conseguia falar. Esta era a verdade que se desvelou: *ela* era o motivo por que esteve na prisão. Ela havia cometido um erro fatal, desconhecido. Arin parecia um bom culpado, mas não era o culpado certo.

Era ela. A culpa tinha sido dela e de mais ninguém.

Ele estendeu o braço sobre a mesa. Sua mão quente era enorme perto da dela. Ela a viu com a visão turva. Aquelas unhas manchadas de ferro.

Ferreiro.

Uma compreensão súbita a estancou. Ela sentiu o peso da adaga em seu quadril. Sua visão ficou mais clara. Olhou para Arin. Ele parecia jovem. E prudente demais, e preocupado, e inseguro e... ela viu algo novo emergir. Mudou o tom da expressão dele como a luz muda tudo. Uma espécie de esperança.

– Talvez – ele disse –, possamos tentar ser honestos um com o outro.

Ela ficou curiosa para saber o que havia em sua expressão que pudesse fazer brotar esperança na dele. Ficou curiosa para saber o que ele via.

– Arin – ela disse –, gostei da adaga.

Ele sorriu.

— ELES ASSEGURARAM UMA POSIÇÃO NO SUL AGORA

- Eu sei — respondeu Arin.
- Duvido que você saiba alguma coisa que não tenha a ver com aquela sua alma penada.
- Chega.

Fazia certo tempo que eles vinham conversando dessa forma, Roshar pouco a pouco abandonando seu verniz de humor sarcástico para dar vazão à sua frustração real, enquanto Arin ficava calado, inflexível. Eles estavam num escritório contíguo à biblioteca, a mesa entre eles coberta de mapas e papéis. A sala havia sido escolhida pela privacidade. Provavelmente ninguém conseguia ouvi-los além da porta fechada. Se ouvissem, do corredor norte do primeiro piso, não ouviriam palavras, e sim tons abafados. Apesar do dia quente, as janelas decoradas continuavam fechadas porque Roshar havia se queixado de um calafrio. Na verdade, o príncipe não queria que a conversa deles fosse ouvida do jardim. Mas esse encontro, planejado para elaborar táticas a fim de manter o general valoriano longe das praias da península, estava se deteriorando a ponto de não surpreender Arin se Roshar quebrasse alguma coisa, talvez uma das janelas, só porque faria mais barulho.

— Nós perdemos aquela ilha e você... onde você *está*? — As mãos tensas de Roshar se abriram largas. — Você está mesmo aqui? Não, não está. Está lá em cima, vagando pelos corredores dela, vagando pela mente dela. Arin, isso precisa acabar.

Mas Arin não disse nada.

Roshar o xingou em dacrano, um palavrão tão intrincado e pitoresco que Arin sequer tentou encontrar sentido na gramática.

No silêncio que se seguiu, Arin pensou em como o deus da morte o havia desertado. Ele tinha se esforçado para ouvir seu deus. Também havia orado para o deus da guerra — cúmplice da morte, bebedor de sangue —, mas suas preces não tinham sido atendidas. A ilha Ithrya havia sido perdida. Estava ocupada agora como base valoriana, ao sul de Herran. Não demoraria muito para o Exército do general tentar aportar de novo na península, embora não se soubesse exatamente *onde*.

— Minha irmã vai ter algumas perguntas espinhosas para você — disse

Roshar.

Arin não conseguiu deixar de se lembrar do beijo da rainha na última primavera. Ele a havia pressionado contra a porta fechada. Ela o queria. Kestrel tinha dito que ela não. Ele também não queria Kestrel, não na época. Ao menos era o que havia pensado. Suas entradas se contorceram de vergonha.

- Arin, pode me fazer a cortesia de responder quando falo?
- Sua irmã não me interessa.

O príncipe pressionou as palmas das mãos contra o rosto de maneira que formaram uma máscara que revelava apenas seus olhos incrédulos. Então, as pontas de seus dedos subiram e esfregaram as pálpebras fechadas.

Mas o que Arin poderia dizer? Ele não conseguia explicar a sensação de ouvir a cascata melodiosa do piano tocado em um cômodo distante poucos dias depois que Kestrel havia entrado nos aposentos dele para dizer que havia gostado da adaga. Segurar o ar ao ouvir o balbuciar das primeiras notas. Então: erros corrigidos. Ritmos acertados. Ele havia sentido essa coisa nova, alegre e brilhante. Girou dentro dele, macia, quente e estival.

– Estamos usando esta cidade como base. – Roshar deixou as mãos caírem. Havia passado para o idioma de Arin. Estava usando um tom repicado que se usa com crianças. – Tem sido um ponto de retorno conveniente. Estamos aqui agora porque a baía serve como uma boa base para atacar e defender qualquer lugar ao longo da costa leste daqui até Ithrya. E a cidade, como o maior desejo do general, deve ser protegida. Mas é improvável que o general a ataque, ao menos por enquanto. Especialmente porque causamos outra avalanche no desfiladeiro da montanha que ele usou para a primeira invasão. Especialmente porque nossa frota está nesta baía. Ele pode colher os frutos fáceis do seu interior e marchar para o norte, em terra, até a cidade, onde vai romper a muralha e dessa forma pegar o que quer.

Arin não discordou.

- Em breve, vou rumar para o sul, pequeno herrani – prosseguiu Roshar.
- Não planejo voltar para o seu adorável lar com sua nova e fascinante hóspede. Você acha que convém me acompanhar na defesa do seu próprio país ou vai definhar aqui com sua fantasma valoriana até o povo dela arrombar suas portas e trucidar vocês dois?

– Eu vou com você – disse Arin, mas não imediatamente e com a pontada de insulto de quando a carapuça serve.

– *Meu príncipe*. “Eu vou com você, *meu príncipe*.”

Mas Arin não disse isso, nem mesmo no tom de sarcasmo de Roshar. Ele engoliu em seco, com um nó na garganta. Sua boca tinha o mesmo gosto de anos atrás quando um valoriano enfiara uma rédea nela.

– Espero – retomou Roshar – que o que lhe falta em decoro e autopreservação seja recompensado pelo retorno de seu costumeiro dom espantoso e brutal para a batalha. Quero ver você matar todos. Pode fazer isso por mim?

– Sim.

– E quanto à arma de fogo?

A expressão de Roshar para a invenção de Arin era correta em seu sentido mais vago, visto que o termo era utilizado para se referir a qualquer formato e estilo de canhão.

– Nosso estoque aumentou – contou Arin –, mas estou preocupado com a precisão do mecanismo. – Ele revirou os papéis na mesa até encontrar os rascunhos da arma. Selecionou uma página em particular e apontou para o desenho de um cano e uma trava. – Se usarmos o que temos agora, corremos o risco de acertar nossos soldados ao atirar. Podemos surpreender os valorianos com essa arma apenas uma vez e...

Uma mão esguia se estendeu entre eles para pegar o desenho.

Roshar se virou. Arin não se moveu.

Kestrel estava ali, ignorando o príncipe, que havia inspirado e endurecido a expressão em uma máscara de morte. Ela ergueu os olhos para Roshar uma vez, com frieza, depois continuou a examinar o desenho. Não tinha olhado para Arin nenhuma vez. Seus pés com sandálias se afundavam no carpete felpudo de desenhos vívidos enquanto ela se afastava deles silenciosamente em direção a uma janela. Um raio de luz tocou a bochecha dela, fez o papel brilhar. Deixou seu cabelo inflamado. O coração de Arin se apertou. Ele sentiu um nó na garganta. Os olhos dela ainda estavam sob a sombra. Mas ela havia ganhado peso e parecia menos frágil. Mais um vez, Arin ousou ter esperanças.

Ele havia esquecido o que ela estava olhando até ela falar.

– A munição está errada.

– *O quê?* – Roshar mal conseguia manter a compostura.

– É arredondada. Você está planejando atirar uma bola como se isto fosse um canhão. Mas isto não é um canhão. Os canhões não têm a intenção de serem especialmente precisos. São projetados para causar a maior

quantidade de destruição possível em um espaço geral. Esta coisa... uma arma de fogo, você diz?

Só então Arin se perguntou em que momento ela havia entrado na sala e o quanto tinha ouvido. Ele não achava que ela entendesse a língua oriental, mas já havia algum tempo que ele e Roshar estavam conversando em herrani.

– Isso parece projetado para causar um dano específico a uma pessoa ou partes de uma pessoa – continuou Kestrel. – Nesse sentido, é como um arco e flecha. A cabeça da flecha não é arredondada, é pontuda. É isso que faz a flecha voar com precisão. Ela crava na carne. Se quiser maior precisão, esta pequena bala de canhão não deve ser uma bola. Deve ser cônica, talvez. Pontuda.

Ela devolveu o desenho para Arin. Então saiu tão silenciosamente quanto havia entrado, fechando a porta atrás de si.

– Arin. – A voz de Roshar era ameaçadora. – Essa porta estava trancada.

– Eu dei as chaves para ela.

Roshar explodiu.



Kestrel estava à beira do pomar do terreno quando ele a encontrou. O príncipe oriental manteve distância, mas era evidente que queria falar com ela. Frutas ílias maduras pendiam pesado das árvores. Algumas dessas frutas roxas haviam caído na grama. Vespas subiam em cima delas. Não incomodavam Kestrel, mas o sol a deixava cansada.

– O que você quer? – ela perguntou quando Roshar se aproximou.

– Gostaria de saber o quanto você sabe. – Ele viu a expressão dela. O que viu mudou a dele. Um pouco mais delicado, acrescentou: – É uma questão de segurança.

– Minha ou sua?

– Eu me importo tanto com a minha segurança quanto acho que você se importa com a sua.

– A dele, então.

– Esta é uma guerra. A segurança de muitas pessoas está em jogo.

– Se disputar a guerra pensando em segurança, você vai perder – disse Kestrel, então ficou tensa. Essas palavras não pareciam dela. Eram de outra pessoa, alguém que entendia muito de guerra e que gostava de discutir esse

assunto com ela.

Ela balançou a cabeça. Não queria pensar nisso. Deixava-a tonta, crivada por agulhas invisíveis. Ela se concentrou no princípio: suas mutilações, seus olhos pretos delicadamente maquiados.

– Como você fala tão bem a minha língua?

Roshar arqueou as sobrancelhas.

– Quero dizer, a língua dele. – Ela sabia que o herrani não era sua língua materna. Com frequência, porém, parecia ser.

– Fui escravizado pelo seu povo. Depois, me venderam para este país.

Ela olhou para o nariz ausente. As narinas cortadas, reptilianas.

– Foram eles que fizeram isso com você?

Ele sorriu mostrando os dentes.

Testando a verdade disso enquanto falava, Kestrel continuou:

– Eu sabia que faziam isso com os fugitivos. Não me lembro de ver acontecer.

– Você não deve ter visto. Era uma dama. Parte do privilégio é não ter que olhar para coisas feias.

– Você não é feio.

– Que mentirosa encantadora você é.

– Exceto quando sorri. Faz você parecer um crânio sorridente. Você faz isso de propósito.

– Não tão encantadora assim.

– Não uma mentirosa.

– Mas você *era* uma mentirosa. Muito boa, se os boatos que ouvi são verdadeiros. Quem sabe você não está mentindo sobre sua perda de memória?

Ela lhe lançou um olhar de ódio tão puro que ele recuou. As vespas zumbiram.

– Tenho uma confissão a fazer – ele disse. – Às vezes, ofendo de propósito. É como meu sorriso.

– Isso não é uma desculpa.

– Príncipes não se desculparam.

Em um movimento rápido, ela apontou a adaga para a garganta dele. Ele recuou a cabeça com um silvo.

– Peça desculpas – exigiu ela.

– Não sei se dar essa adaga para você foi sensato. Você não é exatamente estável.

Ela pressionou a adaga. Ele deu um passo para trás. Ela, para a frente.

– Todos ficam dizendo que fiz essas coisas maravilhosas. Uma traidora do meu país pelo bem maior. Fui tão nobre. – A boca dela era de escárnio.

– Pobre menina. Pobre Kestrel com seu corpo frágil e imprestável, a mente vazia. Por que eu mentiria agora?

– Para atormentá-lo.

Surpresa, ela abaixou a lâmina.

– Você o atormenta – completou Roshar.

– É por isso que está aqui? Para proteger seu amigo de mim?

Dessa vez, o sorriso de Roshar foi um simples contorcer da boca.

– Não quero nada dele – ela afirmou.

– Talvez parte do problema seja isso.

Ela falou como se não tivesse ouvido:

– Não me importo com a sua guerra.

– Você não acabou de nos aconselhar sobre como aprimorar uma arma projetada para cravar o seu povo de balas? Uma arma que, se tivermos muita sorte, vai matar o seu pai?

– Meu pai. – O céu azul se enegreceu. As vespas zumbiram em sua cabeça. Ela abriu a boca para falar. Não saiu nada.

– Sim – Roshar disse. – Ele está liderando o exército valoriano. Ninguém contou essa parte para você?

A mão que empunhava a adaga pendeu. Ela pensou na conversa com Arin nos aposentos dele. Ele havia tentado contar para ela.

Roshar tocou seu ombro. A visão dela ficou mais clara, mas seu coração estava acelerado. Ele disse:

– Desculpe. Sinto muito pelo que disse antes.

Ela se sentia ao mesmo tempo distante e terrivelmente enraizada, como se seu coração tivesse sido arrancado de seu corpo e se perdido, e ela não soubesse qual dos dois, coração ou corpo, era.

– Kestrel?

Uma coisa era aperfeiçoar uma arma que mataria seu povo. Outra era perceber que não havia considerado seu pai, nunca havia sequer pensado no papel dele nessa guerra, embora tivesse informações mais que suficientes para tirar essa conclusão sem que lhe dissessem nada.

Ela percebeu que não se arrependia de aperfeiçoar a arma. Parte dela queria que seu pai fosse um alvo. Seu próprio pai. Que tipo de pessoa ela era?

Do nada, Roshar comentou:

– Não me lembro de como eu era.

Ela levou um momento para absorver o que ele havia dito.

– Quando me olho no espelho, isto é tudo que vejo – ele disse. – Não existe memória do que eu era antes.

O cheiro de fruta Iília era inebriante. Ela se esqueceu de seu pai. Não queria se lembrar dele. Quando voltou a fitar o rosto de Roshar, encontrou os olhos lindos e intocados dele. E viu a pele negra acetinada de sua bochecha. Ela perguntou:

– Você sente falta de ser quem era?

No começo, ela pensou que a resposta dele seria sarcástica. Mas ele apenas deu de ombros e falou com uma voz que era descontraída, mas fraca:

– Ah, de que adianta sentir falta? – Ele estreitou um olho e, aparentemente ciente de como o clima entre eles havia mudado, disse: – Você é boa com a lâmina.

– Não sou.

– É sim.

Ela abanou a cabeça e disse:

– Nunca fui.

– Eu disse *boa*, não com um talento divino. Você tem uma facilidade que vem de um longo treinamento.

– Isso é o que você vê ou o que sabe sobre mim de antes?

– O que eu vejo. Não conhecia você antes.

Kestrel o observou sorrir de novo, com ternura desta vez. Ela mergulhou no alívio puro de estar com alguém que a conhecia apenas como ela era agora.



O piano e o cavalo eram dela sem complicações alguma.

Eles não falavam; isso ajudava. Não que não esperassem nada dela. Até o piano parecia expectante, todas as notas prontas para o toque. Dardo mordia sua manga solta, salivava e se apoiava descaradamente em busca de suas carícias. Mas tanto o cavalo quanto o piano a conheciam e não se importavam com as diferenças entre ela e seu antigo eu. Eles eram dela. Ela era deles. Não havia dúvidas disso.

Ela selou Dardo. Não foi fácil. Mas, se erguesse a sela ao dorso dele todos os dias, chegaria o dia em que seus braços fracos estariam fortes. Ela apertou a cinta. Um pássaro irriele entrou saltitante pelas portas abertas do estábulo, bicando pela terra. Ele inclinou a cabeça e observou Kestrel com seus olhos verdes. Virou a longa cauda estreita. Ela pegou uma escadinha de montaria, que pensou que não usava desde que era criança, e colocou o pé no estribo do cavalo. O garanhão era alto, enorme. Montanhoso, na verdade. Um cavalo de guerra. Não era para servir para ela, mas servia.

Ela se ergueu desajeitada, mas o cavalo não pareceu se importar. O pássaro se alçou para o céu claro, fazendo curvas e voltas. Irrieles não voam em linha reta.

Kestrel pegou as rédeas e esporou o cavalo para seguir o pássaro.

Ela cavalgou para longe da casa, pegando uma trilha que levava para outra. Não reconheceu o caminho. Logo estava cercada por árvores frondosas. A trilha se estendia em um túnel verde. Ela cavalgou por um tempo. Viu uma coruja diurna com seus filhotes. Ventava. Não estava quente demais. Um clima bom para a guerra.

Ela tinha ouvido a conversa entre Arin e Roshar alguns dias antes. Eles estavam ali somente esperando. Se fosse eles, ela não ficaria muito tempo.

Seu estômago balançou. Seguia o movimento do cavalo. Ela afrouxou as rédeas, deixando Dardo seguir como bem entendesse.

Mas sentiu que ele estava correndo para a frente, os cascos ecoando. A casa de Arin tinha ficado para trás. O caminho bifurcou. O cavalo virou à esquerda. Pisava com segurança. Estava, ela percebeu, seguindo para algum lugar que ele reconhecia, mas ela não.

Ela girou a cabeça dele e o fez parar. Ele resfolegou, batendo os cascos.

Kestrel suava. Seu vestido estava colado à pele. Fez Dardo voltar pelo caminho pelo qual tinham vindo; rápido, depois mais rápido, os cascos batendo no mesmo ritmo do coração apavorado dela.



Mesmo sem saber por que, não ficou surpresa ao encontrar Arin esperando à beira de um riacho perto da casa dele, mas ficou surpresa pela gratidão que sentiu. O coração dela ainda balbuciava dentro do peito.

Arin estava sem nenhum cavalo, embora um pedaço de palha do estábulo estivesse preso na sola de sua bota. Ele estava agachado à beira d'água, as

pontas dos dedos levemente mergulhadas. Quase fora da água. Apenas sentindo a leve corrente, ela pensou. Ele não tinha olhado para trás. No entanto, sabia que ela estava lá. Ouviu o trote mais lento de Dardo. O cabelo de Arin caía nos olhos.

Ela queria jogar o cabelo dele para o lado. Lembrava-se disso. Tinha sido no primeiro dia. Quando o havia comprado. Queria vê-lo claramente.

Parou o cavalo.

Arin se levantou, água pingando de sua mão. Ele se aproximou, colocou os dedos na crina de Dardo e olhou nos olhos dela. Ela estava na palma da mão dessa memória: curiosidade, hesitação, a sensação de um erro, uma violação. No entanto, ainda assim, a compulsão de ver. Aquela pessoa. Ela se lembrou dos ombros rígidos dele, sua boca dura. Ele havia evitado o olhar dela. O corpo todo dele: um rosnado silencioso.

Ele não estava assim agora. Ergueu os olhos para ela, com a expressão desprotegida, preocupada.

– Qual é o problema? – perguntou ele.

– Nada. – Dardo se agitou embaixo dela.

Arin franziu a testa e disse:

– Eu amedronto você?

– Não.

– Seu rosto está pálido. – Ele tocou a mão dela. Ela viu que estava apertando as rédeas e as afrouxou.

– Não é por sua causa. – Então, como tinha decidido ser sincera, ela disse: – Sim, é por sua causa, um pouco. – Ela parou, confusa, sem conseguir explicar para ele ou para si mesma a diferença entre o temor que havia sentido enquanto cortava a trilha de cavalos e a pontada incandescente de nervosismo que a percorria agora que olhava para ele. – Na mata, Dardo quis seguir um caminho. Eu não. Isso me deixou perturbada.

Os olhos dele ficaram cristalinos.

– Onde foi isso?

– Tem alguma coisa perigosa na floresta?

Ele segurou o pomo da espada e montou no cavalo atrás dela.

– Mostre para mim.

Ela segurou as rédeas. Ele sacou a espada. Era uma espada diferente da que ele usara na tundra. Ela pensou sobre isso, o que a refreou de pensar em como o medo se erguia em sua garganta enquanto cavalgavam, como sua

respiração estava acelerada. O vestido úmido ainda se prendia a ela e, enquanto se esforçava para ficar alerta a tudo ao seu redor, a cada ser vivo que se movia na floresta, era difícil não sentir a presença dele também.

Mas não houve nenhum estalo revelador de um graveto. Nenhuma sombra inimiga entre as árvores. Isso explicaria o terror que havia tomado conta dela... e que se apoderou dela de novo quando pararam na bifurcação da trilha. O garanhão bateu o casco.

Arin embainhou a espada.

– O que é? – ela perguntou.

– É o caminho para a sua casa. – Ela sentiu a voz dele percorrer suas costas. Houve uma longa pausa. – Poderíamos ir.

– Não.

– Não tem nada lá. Está vazia. Eu estaria com você.

– Não quero.

Ele pegou as rédeas das mãos paralisadas dela. Fez Dardo dar meia-volta; o cavalo foi mais relutante desta vez. Arin manteve o ritmo lento, de caminhada.

Eles ficaram em silêncio enquanto cavalgavam. Então, Kestrel se pegou dizendo, com a voz baixa:

– Eu me sinto boba.

– Não, Kestrel, você não é.

– Não há motivo para ter medo.

– Talvez não saibamos qual é o seu motivo.

Dardo, que balançava as orelhas irritado por ter sido impedido duas vezes em seus planos de pegar a bifurcação na estrada, bufava e balançava a cabeça.

– Xiu – Arin disse ao cavalo, e cantarolou algumas notas graves. Então parou e ficou em silêncio antes de dizer: – Mesmo se não tiver motivo nenhum, ter medo não é bobagem. Eu também ficaria assustado.

Ela se lembrou de como ele havia erguido a espada antes.

– Você achou que tinha valorianos na floresta. Não ficou com medo naquela hora.

– Não exatamente.

– Então, do que você tem medo?

– Aranhas – ele respondeu, com gravidade.

Ela lhe deu uma cotovelada.

– Ai.

- Aranhas – zombou ela.
- Ou aquelas coisas com mil patas. – Ele estremeceu. – Meus deuses. Ela deu risada.
- Fiquei com medo – ele disse baixinho – quando cheguei ao estábulo e vi que Dardo não estava na baia dele.

Pega de surpresa, ela virou a cabeça, entrevendo a linha do maxilar e as sombras na garganta dele. Voltou o olhar para a estrada. Disse com a voz suave:

- Mais do que de aranhas?
- Ah, muito mais.
- Se eu fugisse, não iria muito longe.
- Pela minha experiência, é uma péssima ideia subestimar você.
- Mas você não tentou me perseguir.
- Não.
- Você quis.
- Sim.
- O que impediu você?

– Medo – ele disse – do que significaria para mim não confiar em você. Cheguei a selar um cavalo. Estava pronto para cavalgar... mas pensei que, se fosse atrás, eu não seria muito diferente de uma prisão para você.

As palavras dele a fizeram se sentir estranha.

Ele mudou a voz. Havia um tom de brincadeira agora:

- Além disso, você é um pouco intimidante.
- Eu não.
- Ah, é sim. Imaginei que não gostaria de ser seguida. Já vi o que acontece com quem pisa no seu calo. E agora você conhece minha fraqueza e vai jogar aranhas embaixo da minha roupa se eu contrariar você, e minha vida não vai ser nada fácil.

– Hunf – ela disse, mas havia se acalmado. Seus ossos não pareciam mais comprimidos uns contra os outros na certeza tensa de um golpe prestes a ser sentido. Lá estava o dia. Era verde e azul e dourado. Lá estava o cavalo lento e robusto. Seu passo firme. Um murmúrio nas árvores. Galho e graveto. Braços em volta dela. Raízes se curvando para cima e desaparecendo de volta na terra.

As palavras se prenderam em sua garganta. Mas havia uma sensação suave em seu peito, um calor que lhe deu coragem para falar.

- Você disse que não sabemos o motivo por que impedi Dardo de seguir

o caminho para a minha casa. Qual você *acha* que é o motivo?

Ele hesitou. Finalmente, disse:

- Não faço ideia.
- Você *sempre* faz ideia.

Ela sentiu o ar de surpresa nele. Ele havia se surpreendido com a familiaridade de seu tom.

– Me conte – pediu ela.

– Estou pensando que não quero presumir nada. É... – Ele se interrompeu. – Perigoso para mim. Em relação a você.

Mantinham um ritmo tranquilo na sela ao se aproximar da casa dele. Ele cavalgava com uma mão agora. Ela estava com um pouco de pena de Dardo, que teve de sustentar o peso dos dois. Ela compensaria para ele. Sabia onde guardavam as cenouras.

Depois de um tempo, porém, sua lista mental de regalos e escovadas a oferecer acabou. Restaram as imagens que se recusavam a deixá-la.

A bifurcação na trilha. Arin à beira do riacho. A breve lembrança da primeira vez em que o viu. A recusa dele de erguer os olhos. Seu rosto ferido, encouraçado de ódio.

– Eu era horrível com você quando trabalhava para mim? – perguntou ela.

- Não.
- Batia em você?
- Kestrel, não. Por que pergunta isso?
- Eu me lembro de você ferido.
- Você não fez isso. Nunca faria.
- Bom – ela apontou –, eu *bati* em você na minha memória recente.
- Aquilo foi diferente.

Ela se lembrou de como se sentira impotente quando o estapeara. Pensou que entendia do que ele estava falando.

– Como eu era, então, quando era sua dona?

Não havia som além das folhas e dos cascos de Dardo na terra. As árvores ficaram mais raras. A casa de Arin surgiu no campo de visão.

– Você me odiava – concluiu Kestrel.

Ele parou o cavalo e pediu:

- Por favor, olhe para mim.

Ela se virou na sela e olhou nos olhos dele.

- No começo, odiei você – ele disse. – Era pelo que você era, não por

quem você era. Eu não sabia quem você era. Então fui conhecendo, um pouco. Você parecia bondosa. Bondade não é algo bom em um mestre. Não para mim. É uma outra forma de fazer o escravo suplicar. Você passa a sentir gratidão por coisas que não deveria sentir. Quando eu era pequeno, ficava grato. Depois cresci e quase preferi a crueldade, porque era mais próxima da verdade e ninguém se escondia atrás da mentira de ser *gentil*. Eu quebrei regras. Especialmente com você. Continuei pressionando você a me punir. Tentei obrigar você a isso. Queria mostrar para você quem você realmente era.

Sua expressão era difícil de interpretar. Manter o pescoço curvado doía. Ela abaixou os olhos para a crina de Dardo.

– Mas aquela era mesmo você – ele disse. – Inteligente, corajosa. Manipuladora. Bondosa. Você não fazia nenhum esforço para esconder quem era. Então, me peguei querendo que você escondesse. Esse era o luxo da sua posição, não era? Que não precisava se esconder? Era da natureza condenada da minha posição que *eu* precisasse. E isso é verdade. Às vezes, uma verdade nos opõe com tanta força que não dá para respirar. Era assim. Mas também não era, porque não havia outro motivo para sofrer olhando para você. Você era amável demais. Para mim.

Ela não sabia o que dizer.

– Estou tentando ser sincero – ele falou.

– Acredito em você. Mas é difícil acreditar que você pudesse me conhecer de verdade. Parte do que você diz não faz sentido.

– Que parte?

– Meu caráter parece contraditório.

– Por quê?

– Não acredito que alguém possa ser manipulador e bondoso ao mesmo tempo.

Ele riu.

– Você pode.

Houve um silêncio. Dardo se agitou embaixo deles.

Arin tocou a ponta do dedo na nuca dela. Encontrou, na beira do vestido na altura do ombro dela, uma cicatriz fina e longa. A pele onde a chibata havia acertado estava morta, mas a pele ao redor estava viva e teve um calafrio. Ela ficou grata por não estar mais de frente para ele.

– Você mudou – ele sussurrou –, mas continua a mesma. Honrada. Eu respeito você.

Aquele calafrio se dissolveu em medo. Medo da bifurcação na trilha que se assomava na floresta atrás deles. Medo do sentido de Arin tê-la conhecido antes e conhecê-la agora, e respeitá-la.

Ela não pediu para que ele a respeitasse. Desconfiava desse respeito.

Bateu os joelhos nos flancos de Dardo. Os dedos de Arin caíram. O cavalo seguiu para os estábulos.

Arin não disse mais nada para ela naquele dia além de se oferecer para lavar Dardo. Ela aceitou. Queria ficar sozinha. Mesmo enquanto entrava na casa, sua pele estava vibrante. Alerta, indomável. Como se não tivesse piedade dela. Sua pele insistiria e insistiria, tudo por causa de um toque que parecia ter a intenção de tranquilizar.

Contudo, o toque não foi tranquilizador.

Embora tivesse havido momentos de alívio naquele dia, Kestrel guardou o último momento potente em sua cabeça. Chegou à conclusão de que o efeito de Arin era o contrário de alívio.

ARIN HAVIA PARTIDO DE NOVO. ELE TINHA DEIXADO

Kestrel que anunciava sua partida, mas não dava motivo nem indício de quanto tempo ficaria fora. Ela imaginou que tivesse alguma coisa a ver com a guerra e que ele hesitara em explicar algo por escrito, o que trouxe a dúvida de por que não tinha conversado com ela, o que, por sua vez, a lembrou de como havia se encolhido diante do toque dele.

Ela entendeu o bilhete. Mas não gostou.

Perguntou a Roshar onde Arin estava e por quê.

– Curiosa, curiosa – disse o príncipe. Seu tom era provocador. Amigável até. No entanto, traçava uma linha clara e firme que a avisava que perderia seu tempo insistindo por mais informações.

Eles estavam jogando Fronteiras no salão. As janelas estavam abertas e uma tempestade se formava, mas a chuva ainda não havia chegado. Nuvens escuras se uniam no horizonte. O vento que agitava as cortinas tinha um cheiro úmido. Roshar se mexeu, inquieto, olhando para as peças do jogo.

Arin não havia levado Dardo. Não faltava nenhum cavalo dos estábulos. Ela os havia contado.

Roshar lançou os olhos para o céu que escurecia.

– Ele está no mar? – Kestrel perguntou.

– Minha cara, por que você se importa?

– Você está nervoso.

– Estou nervoso por *sua* causa. Você vai me derrotar.

– Pensei que você estava em guerra. Deveria ter coisas melhores para fazer do que jogar Fronteiras comigo.

Ele ergueu uma sobrancelha, mas disse apenas:

– Sua jogada.

Ela jogou. Tinha sido um prazer descobrir que se lembrava como fazer isso. *Como* não era um problema para ela. Ela sabia como fazer as coisas. Jogar um jogo, tocar piano, cavalgar, falar um idioma. Se havia algo que não sabia mais *como* fazer, ela não tinha consciência do que era.

A questão era *o quê*. Sua memória era uma partida de um jogo em que ela conseguia ver o tabuleiro e cujas regras conhecia, mas não reconhecia todas as peças.

– Quem comanda a aliança entre dacranos e herranis? – ela quis saber.

- Precisa mesmo perguntar? Não exalo um ar de autoridade irrefutável?
- Qual é o papel de Arin?
- Essa – ele disse – é uma boa pergunta.

O vento elevou uma cortina. Ela moveu seu batedor, mantendo os olhos no tabuleiro.

- Acho surpreendente seu povo apoiar esta aliança – comentou Kestrel.

Ele deu de ombros, murmurando alguma coisa breve e irritada em seu idioma.

– Morrer pelo povo de outra pessoa não costuma ser como as guerras funcionam – Kestrel disse. – O que exatamente a sua rainha quer de Herran?

- Aquela invençãozinha letal de Arin, por exemplo.

- Vocês já têm isso. Ele deu os planos para você.

– O império precisa ser mantido em xeque. Se conquistarem esta península, vai ser apenas uma questão de tempo até conquistarem o oriente.

- A sua irmã é inteligente?

Ele lhe lançou um olhar impaciente. Ela viu a resposta.

– Então ela deve querer algo mais – disse Kestrel. – Arin sabe o que ela quer?

Roshar estreitou os olhos maquiados de verde.

– Arin reconhece um bom acordo quando vê um. Nós somos a melhor coisa que poderia ter acontecido para ele.

– Sim, obviamente. Vocês são grandes benfeiteiros. Se você se importa tanto com o bem-estar dele, por que o mandou para o mar no meio de uma tempestade?

- Foi ideia de Arin.

Ela ficou em silêncio. Roshar fez sua jogada e retomou a conversa:

- Diga-me, fantasminha: você gosta da minha companhia?

Ela ficou surpresa.

- Sim – respondeu Kestrel.

– Eu gosto da sua também. Entendo por que gosta de mim. Sou inteligente, encantador, sem mencionar minha beleza.

- E muito presunçoso. Não vamos esquecer disso.

– Mentira, tudo mentira. – Ele olhou nos olhos dela do outro lado do tabuleiro. – O motivo por que gosta da minha companhia é que meu rosto se parece com o que você sente por dentro.

- Não é isso – ela disse, mas, quando voltou a olhar para o rosto

deformado dele, percebeu que ele tinha razão. Mas essa era apenas parte da verdade, e ela não sabia como formular as outras partes.

– Arin é meu amigo – Roshar falou. – Confio minha vida a ele e ele me confia a dele. Isso é raro. Não vou permitir que nossa amizade seja questionada por alguém que, até onde sei, não tem amor nenhum por ele. – Ele derrubou o próprio general: o gesto de rendição. A peça de mármore do jogou saiu rolando. – Vá embora, fantasminha. Vá assombrar outra pessoa.

– Mas foi ele quem saiu.

A chuva acertou as vidraças. Ela se levantou para fechar as janelas, mas parou ao ver como as árvores se curvavam, açoitadas pelo vento que soprava do mar. Tinha o cheiro de uma ostra aberta.

Minha cara, por que você se importa?

Uma pequena cobra de preocupação ergueu a cabeça dentro dela.



A chuva entrou nos olhos de Arin. O convés se ergueu. Não era uma tempestade verde, mas era tão pesada quanto. Eles tinham visto os sinais. Tinham sido avisados para não navegar pelo capitão herrani que levara Arin para o leste no último inverno.

– É preciso – Arin havia dito a Roshar. – O general controla Ithrya. Ele vai usar a ilha para abastecer um ataque no continente e só pode sustentar esse ataque se conseguir abastecer suas forças. Ele está estocando em Ithrya. Precisamos romper as linhas de abastecimento entre ele e a capital valoriana. Vou navegar até as Ilhas Despovoadas entre nossa costa oeste e Valória.

– Você não é nenhum marinheiro.

Arin continuou como se não tivesse ouvido:

- Um navio herrani, com tripulação herrani.
- Vou enviar Xash.

Arin recusou:

– Meu povo se recuperou. Eles querem lutar. Do jeito que está, os seus soldados estão se perguntando quando vamos fazer algo de útil.

Então, o navio de Arin velejara.

Agora, ele tremia sob as pancadas de cada onda monstruosa. O mar crescia em colinas e vales roxos. As velas tinham sido guardadas para não serem rasgadas pelo vento. O capitão havia lançado uma âncora flutuante na

água para diminuir a velocidade do navio e estabilizá-lo, mas a proa se perfurava onda após onda. O convés estava escorregadiço. Arin tinha dificuldade para continuar em pé. Ele escorregou, chegou à balaustrada e a segurou. Vomitou.

– Pelo deus da loucura. – O capitão pegou Arin pelo braço e o ergueu. Ele tinha três vezes a idade de Arin e resmungava com aquela cadência que os marinheiros herranis tinham antes da guerra. – Desça, rapaz. O que você está fazendo no convés? Não entende nada de mar. – Então, a atenção do capitão se desviou e ele saiu.

O capitão estava certo. Arin foi guiado na direção do refúgio, com o rosto ardente de sal e chuva, os olhos queimando, quando percebeu que estava enjoado demais para ter medo. Isso o fez lembrar de sua conversa com Kestrel enquanto cavalgavam o cavalo dele e como, se tinha que tocar nela, ele deveria saber que era melhor não tocar onde a haviam machucado, ainda que quisesse dizer, sem palavras, que entendia como a haviam machucado.

Suas botas escorregaram. O mundo se turvou, vertiginoso e úmido. O navio estremeceu e se inclinou para o lado. De novo, Arin tombou contra o balauistre. Dessa vez, porém, passou por cima dele e caiu na água espumosa lá embaixo.

ELE NADOU VIOLENTAMENTE ATÉ A SUPERFÍCIE. EM
Foi empurrado para baixo de novo por uma onda comprida. Seus pulmões
ardiam.

Quando emergiu desta vez, deixando o silêncio embaixo d'água pelo ar estrondoso, foi mais esperto. Arrancou brutalmente os cadarços das botas, chutou os calçados pesados para fora dos pés. Inspirou fundo, nadou pela onda seguinte e esticou o braço na direção do navio, que não havia ido muito longe, mesmo soprado pela tempestade. A água estava quente feito sangue. Repuxava-o. Arrastava e empurrrava. Seus ombros doíam. Ele nadou pela onda seguinte. Rezou. Estava mais perto.

Uma corda? Alguém poderia jogar uma corda do convés?

Talvez... se alguém tivesse chegado a vê-lo cair.

Ele nadou com mais força. *Não me abandone*, ele rezou ao seu deus.
Não assim.

Não houve som nenhum além do mar.

Vou servir a você, Arin prometeu.

Seu deus não respondeu. Arin estava perto o bastante para ver os crustáceos presos no casco do navio. Ergueu os olhos. Ninguém olhou para baixo. Nadou para a frente.

Como vou servir a você se me afogar?

Então o medo. A exaustão. Seus braços e suas pernas pareciam estar nadando em lama. Sal em sua garganta. Seus pulmões... Sua morte não poderia ser dessa forma.

Pela espada. Por favor.

Não assim.

Não sozinho.

Não ainda.

Uma corrente o tragou para longe do navio.

Arin quase se entregou a ela. Não tinha como lutar contra a vontade dos deuses, muito menos a do seu deus.

Uma desolação lacerada palpitou em seu corpo. De novo: *Não sozinho, não ainda*. Mas ele estava sozinho. Estava sozinho desde muito tempo.

Queria, pensou, *poder ouvir sua voz de novo*. Perguntou-se se ouviria, no final.

A corrente ainda o segurava. Mas virou-se dentro de si. Lançou Arin para a frente, empurrando-o velozmente pela água até ele bater contra a lateral do casco.

Ele quase desmaiou. Com a cabeça zumbindo, a visão estranha, Arin subia e descia. Engoliu água. Tentou subir pelo casco. Suas mãos procuravam alguma coisa, qualquer coisa.

E prenderam-se firmes. Apertaram.

A escada do casco.

Arin ergueu os olhos e viu a linha de degraus enferrujados que subia pelo casco. Por um momento, não conseguiu se mover. Estava extasiado de fascinação.

Em seu nome, Arin jurou. *Vou trazer glória a você.*

Trêmulo, grato, ele subiu.



O dia seguinte raiou claro, como se tivessem cuspido nele e o polido até brilhar.

A pólvora negra armazenada no depósito no fundo do porão de carga do navio não havia molhado. Alguns sacos, porém, tinham ficado em prontidão para atirar no convés de armas. Esses estavam encharcados. O mar havia inundado as portinholas antes que os marinheiros tivessem tempo de rebocar os canhões e travar as vigias.

Arin e alguns dos marinheiros abriram os sacos e espalharam a pólvora em tachos rasos no tombadilho superior. O sol estava quente em seus ombros nus. Ele estava inclinado sob o peso de um saco cheio. Tirava a pólvora molhada e pastosa do saco e separava os grãos com as mãos, espalhando-os numa camada fina. Suas palmas ficaram pretas. Lembravam alguma coisa. Não estavam muito diferentes de como ficavam depois de um dia na forja. Um dia normal.

Mas aquele não era um dia normal. Ele manteve o foco na tarefa. A pólvora negra, feita de enxofre extraído do planalto ao norte de Dacra, era preciosa. O estoque oriental era limitado, por isso era importante que a pólvora, inútil quando úmida, secasse bem. Era importante que Arin tomasse cuidado. E era muito importante que continuasse desviando os olhos dos outros marinheiros, que não paravam de olhar furtivamente para ele.

Porque Arin não era normal. Ninguém caía no mar daquele jeito e sobrevivia.

Ele sentiu o olhar fixo da menina que raspava as escamas de um peixe recém-pescado da metade do tamanho dela. Outros marinheiros também o encaravam. Os que estavam costurando uma vela e passavam piche no cordame. Os mais próximos dele, esvaziando seus sacos.

O suor pingava de sua testa e desaparecia na pólvora do tacho perto de seus pés descalços. Arin se perguntou quando aquela pólvora seria usada. Perguntou-se que estrago faria e se, quando a pólvora explodisse, parte da essência dele queimaria junto com ela.

Perguntou-se se esse era um pensamento normal.

Os sacos estavam vazios agora. Ele esfregou as palmas pretas. Precisava se enxaguar. Era um risco de incêndio ambulante. Um balde de água do mar estava guardado perto do mastro central. Caminhou até ele, mergulhou os braços até a altura dos cotovelos e jogou um pouco sobre os ombros, sentindo a água escorrer como um córrego por sua espinha. Depois que a água secasse em sal, ele coçaria.

– Você não parece nada mal para alguém que se afogou.

Arin se empertigou e viu o capitão apoiado perto das cobertas, observando-o. Ele se lembrou da expressão do homem durante a tempestade, quando Arin se alçara sobre a balaustrada, caíra sobre o convés e vomitara toda a água do mar de seu estômago.

– Quanto tempo até as Ilhas Despovoadas? – perguntou Arin.

– Ithrya é perto, mas precisamos dar uma volta grande. Então, uns dois, três dias para navegar ao sul em volta de Ithrya e subir até as ilhas. Se os ventos estiverem favoráveis.

– Você acha que vão estar?

– Por que não pergunta para eles e vê se estarão favoráveis por você?

O sol estava sobre o rosto do capitão. Arin não conseguiu interpretar a expressão dele. A voz do homem poderia ter sido sarcástica ou realmente séria. Arin limpou a garganta.

– A pólvora deve secar até o fim do dia. Ninguém pode fumar. Mesmo uma faísca dispersa...

– Não somos tolos, rapaz.

Arin esfregou a nuca, concordou com a cabeça e pensou que a conversa havia acabado ali. Olhou para o mar. Verde e ofuscante, como a esmeralda de sua mãe. Lembrou-se do dia em que a trocara, e se arrependeu. Pensou

que todos deveriam ter algo precioso para guardar com todo o coração, para ter como indisputavelmente seu. Ergueu a esmeralda em sua mente, sentiu suas facetas frias. Imaginou colocando-a na palma de uma mão que ele conhecia bem e se perguntou se seria aceita, e como seria a sensação de ter outra pessoa guardando o que ele guardava com todo o coração.

Piscou, tirou os olhos do horizonte. Estava fantasiando com o mar. Imaginando coisas que o machucariam depois.

Que o machucavam agora.

– Existem histórias sobre você. – O capitão apontava os olhos estreitados para ele. – Desde muito antes da tempestade.

Isso desconcertou Arin, a maneira como as pessoas haviam começado a olhar para ele. Havia uma expectativa cintilante. Ele não sabia ao certo em que grau isso tinha de fato a ver com ele. Talvez, quando as pessoas nada têm de precioso, uma ideia assume esse lugar. Arin não estava pronto para ser uma ideia. *São apenas histórias*, Arin quis dizer, mas as palavras morreram em seus lábios. Sabia bem que era melhor não negar seu deus.

Foi como se o capitão tivesse ouvido os pensamentos de Arin.

– Tocado por deus, você.

Arin não disse nada, mas, por trás do acanhamento, havia uma satisfação inegável.



O navio entrou silencioso entre as Ilhas Despovoadas e ancorou a leste de uma ilha grande o bastante para esconder o navio da vista de qualquer embarcação que pudesse vir da capital valoriana. A tripulação esperou.

Arin ainda não tinha sapatos. Seus pés eram grandes demais para todas as botas reservas a bordo. Ele rasgou panos, amarrou-os em volta dos pés, e andava com cautela.

Tentou repassar o plano com o capitão, que o interrompeu com um movimento desdenhoso com a mão.

– Isso não é um plano. É simples pirataria. Não preciso de lições.

Arin foi pego de surpresa.

– Antes da guerra, os herranis eram os melhores no mar. Adquirimos riqueza pelo comércio marítimo. Não éramos piratas.

O capitão riu e riu.

O navio chegou. Veio navegando do leste. Uma grande embarcação, pesada com convés de armas duplo.

O grito veio do alto da gávea a bordo do navio de Arin. A tripulação içou no cabrestante, levantou âncora, orçou as velas e avançou na direção da embarcação valoriana.

O navio de Arin era mais leve, o que o tornava mais rápido. Mas era mais leve por causa de seu único convés de arma. Alcançar a embarcação valoriana não era a parte difícil. O difícil seria embarcar nela sem ser jogado na água por uma bala de canhão. Se os valorianos fossem surpreendidos por verem o navio herrani sair de trás da ilha e navegar na esteira deles, sua surpresa não duraria muito. Eles estariam prontos para um ataque.

Arin desceu para o convés de armas. As portinholas estavam abertas agora, as bocas de uma fileira de canhões se abriam largas. Arin e a tripulação os prepararam. Pólvora negra para dentro do bojo do canhão, um chumaço de pano apertado com força e enfiado com uma soquete. A bala de canhão. Arin a aninhava entre as mãos, lisa e pesada, depois a empurrava para dentro. Forçava até o fundo. Preparou o canhão. Puxou os equipamentos da arma. Os marinheiros empurraram cada canhão para a frente até o cano entrar na portinhola e a carreta encontrar a amurada.

Arin lançou um olhar pela portinhola. Não via o navio ainda. Mas provavelmente só o veria quando seu capitão levasse seu navio costado a costado, as portinholas de armas de um de frente para as do outro.

Ele desviou os olhos e encontrou o rosto cinzento do marinheiro ao seu lado. Suor tremulava na testa do homem. Ele parecia estar passando mal. Não aparecia sentir o mesmo que Arin. Arin desejou que pudesse compartilhar seu sentimento com ele: uma voracidade sombria.

O navio ficou mais lento. Deviam estar chegando ao lado dos valorianos.

Seus pulmões estavam tensos e sedentos. O mundo ficou simples. Arin, que havia errado em tantas coisas no passado, que havia julgado e julgado mal e interpretado mal, não falharia *nisto*. Talvez fosse por seu deus ou, talvez, apenas uma determinação humana comum, mas sua ânsia de lutar estava viva e forte, como aço elástico que queria trespassar seu corpo.

Abriu um sorriso encorajador para o marinheiro.

Uma explosão atravessou a amurada. O marinheiro explodiu em nacos sangrentos. Lascas de madeira zumbiram pelo ar, cravando-se no braço aberto de Arin.

– Disparar – gritou Arin. Ele acendeu seu canhão, saiu do caminho de seu coice. A arma estremeceu e ribombou. Os marinheiros estavam fazendo o mesmo e, depois, fazendo tudo o que Arin fazia: empurrando o canhão de volta, tirando os restos de pólvora, enchendo-o de novo, erguendo-o contra a amurada. Continuou assim por algum tempo. Era impossível ver que estrago os herranis infligiram. Outra explosão abriu um buraco na amurada. Eles estavam altos o bastante acima da linha da água para não deixar o mar entrar, e os valorianos queriam se apoderar de seu navio tanto quanto Arin queria o deles , mas os herranis afundariam a outra embarcação se necessário. Arin recarregou. Disparou.

Então pisou em falso. Um objeto pontiagudo trespassou seu pé coberto de trapos. Ele olhou para o pé direito. Os trapos estavam se manchando de vermelho. Ele parou, lento agora por algum motivo que não conseguia entender, mas Arin havia passado a confiar nesses momentos em que parte dele entendia algo antes de sua mente. Ele abaixou a mão, tirou um pedaço de metal (um prego dobrado?) e o contemplou brevemente. Uma ideia se espalhou dentro dele, curvilínea. Um sorriso perverso.

Ele agarrou o marinheiro mais próximo.

– Você. Desça, encontre panos. Faça pequenos sacos com eles. Encha-os de pólvora e qualquer coisa pequena e afiada. Pregos. Amarre todos, coloque uma haste no gargalo de cada saco e os traga para cá, dez de cada vez. Acenda-os, atire-os pelas portinholas de armas. Tente fazer com que passem dentro das portinholas de armas deles, quando eles retirarem os canhões para carregá-los. Entendido? Vai .

Depois, Arin procurou o marinheiro cuja expressão se parecia mais com a forma como a sua deveria estar e lhe disse para assumir o comando. Arin iria subir a bordo do navio valoriano.

Subiu para o convés, para o azul e preto esfumaçado. Com a espada na mão direita, a adaga na esquerda. Os valorianos já estavam em seu navio. Sua embarcação estava perto o bastante para embarcar. Arin desviou. Cortou. Sua espada conteve um golpe e ele cravou a adaga, encontrou uma barriga macia. Esguichando líquido para o seu punho, escorrendo até o cotovelo.

Arin abriu caminho até o balauistre. Ouviu as disputas de besta. Não tocaram nele. Seu deus insurgiu dentro dele: silencioso, exaltante. Arin saltou para o navio valoriano. Uma lâmina veio para cima dele. Ele a conteve com a sua, aparou o golpe, ergueu sua espada para uma estocada na

junção da armadura de couro do braço do homem. Adaga no pescoço. As duas armas saíram da carne, o metal de um vermelho oleoso. Um cadáver a seus pés.

Ele viu um embrulho se lançar da abertura de armas do navio herrani. Depois outro. Uma explosão abaixo do convés estremeceu as tábuas. Mais outra.

Então, inacreditavelmente, sobre o alvoroço de canhões e berros, ouviu um som baixo. Girou e ficou cara a cara com uma valoriana. Uma mulher. Cabelo claro, olhos escuros.

Abaixou a guarda.

Ela veio para cima de seu pescoço. Ele recuou no último momento; a espada acertou seu ombro esquerdo. Uma onda de dor corrente e úmida.

– Não – ele disse na língua dela. – Espere.

Ela atacou de novo.

Ele aparou seu golpe desta vez, erguendo a espada por instinto, seu braço bom curvando a lâmina dela para trás, sem sequer fazer força. Parte dele assistia àquilo horrorizado, viu como o braço da mulher se curvava facilmente. Ela tinha a idade dele. O rosto dela não era igual ao de Kestrel, mas também não era diferente. Como se fosse irmã dela.

Não era que ele nunca tivesse visto uma mulher em batalha. Apenas nunca havia matado uma.

Derrubou a espada da mão dela.

Viu o cadáver de sua irmã na rua. O jorro de sangue de sua mãe. Seu braço se moveu. Gritou para que parasse. Então não viu nada até notar que havia derrubado a espada. Sua adaga? Não estava mais lá.

A valoriana estava com a adaga nas mãos. Houve o brilho de um sorriso perverso, incrédulo. Então ela pisou com o calcanhar em seu pé coberto de trapos e tentou apunhalar seu coração.

Seu pé pareceu explodir. Ele cambaleou, então conseguiu transformar o movimento em um passo para o lado para longe do golpe da adaga. Segurou o punho dela. Forçou a mão dela a se abrir.

Com a mão livre, ela deu um soco na garganta dele.

Arin.

Vagamente, sem ar, ele notou o arco brilhante da adaga dela vindo na direção dele.

Você vai acabar sendo morto.

Ele desviou. A arma atacou de novo, cortou-o. Ele não soube dizer onde.

*Em meu nome, você disse.
Você jurou servir.
Arin se agachou.
Você não é meu? Eu não sou seu?
Sua mão tateou, pegou.
A quem mais você pertenceria?
Escute, meu filho.
Meu querido.
Escute.*

Seus ouvidos ficaram estrondosos de silêncio. Ele viu. Olhos castanhos arregalados. Um corpo esguio curvado sobre sua espada.
Que estava em sua mão.
A adaga sangrenta caiu da mão dela.

Depois disso, o capitão comandou a pilhagem do navio. Estava bem estocado com alimentos – e, mais importante, pólvora negra.

O capitão ficou contente. Chamou os sacos explosivos de Arin de um golpe de mestre concedido pelos deuses. Eles haviam surpreendido os atiradores valorianos, que levaram pregos na carne e não conseguiram ver por causa da fumaça.

– Muito cruel, muito bom.

Arin não disse nada.

O capitão o examinou, detendo-se nas partes mais ensanguentadas.

– Você vai cicatrizar bem. – Ele estreitou os olhos para os pés de Arin. – Você precisa de botas.

Arin deu de ombros. Percebeu que não tinha coragem de falar. Sentia-se vazio, horrorizado com o que havia feito, ainda que teria sido morto se não tivesse, e que não deveria haver diferença se o valoriano que ele combatia era um homem ou uma mulher. Se tivessem lhe perguntado antes disso se homens e mulheres tinham o direito de guerrear, ele teria dito sim. Se perguntassem se homens e mulheres eram iguais, teria dito sim. Deveriam ser tratados da mesma forma? Sim. Por essa lógica, se não havia misericórdia para os homens, não deveria haver para as mulheres. Mas Arin não se sentia lógico. Sentia repulsa de si.

Ela tinha sido feroz, determinada. Kestrel teria sido igual.

O medo se abriu dentro dele, afunilado, escoando todo o resto.

O general queria a vida de soldado para a filha. Ela quase aceitara. Ele imaginou Kestrel na guerra. Sentiu um nó na garganta.

– Tome. – O capitão havia voltado. Arin não tinha notado que ele saíra. O homem estendia um par de botas. – Experimente estas.

Não havia necessidade de perguntar de onde elas tinham vindo. Havia corpos por todo lado em ambos os navios. O capitão avaliou o cenário.

– Foi um bom trabalho. Se continuarmos assim, não será fácil para o general atacar o continente. Os soldados não podem lutar se não tiverem o que comer.

O que aconteceria se os valorianos aportassem na península? Se avançassem, sem resistência, até a cidade? Sua prima. Seus amigos.

E Kestrel? Prisioneira fugida. Traidora de seu povo. Seu pai a pouparia? Arin não conseguia sequer se fazer essa pergunta. Ela levaria a outras perguntas, e uma espécie serpenteante de compreensão lembrou Arin que o general não havia agido para salvar sua filha da prisão, o que significava que ou ele não sabia onde ela estava, ou sabia e não se importava ou...

Não. Arin havia jurado a si mesmo não tentar adivinhar aquilo que Kestrel não conseguia lembrar.

Mas ele estava enjoado, estava dolorido.

Tinha certeza de que o general não teria misericórdia.

Então não havia espaço para a misericórdia de Arin.

Arin calçou as botas.

Eles haviam capturado mais um navio e o ancorado perto da costa oriental de uma ilha, como haviam feito com o primeiro, quando Xash chegou. Ele navegou até o lado do navio de Arin e embarcou.

– Vou assumir o comando – ele disse a Arin. – Volte para a cidade.

Isso foi inesperado. As possibilidades fervilharam na cabeça de Arin e ele não gostou de nenhuma delas.

– Minha rainha chegou à sua cidade – Xash disse a ele. – Ela quer você.

FICOU CLARO ENTÃO POR QUE ROSHAR HAVIA FICA]
estava esperando a irmã.

A rainha não era nada como Kestrel imaginava. Ela havia esperado alguém mais velha, mas aquela mulher parecia ter quase a mesma idade de Roshar.

Kestrel havia descido ao porto junto com o restante da casa, tão surpresa e curiosa quanto os outros. A multidão a encarava desde o momento em que entrou no meio deles. Ela não sabia que histórias tinham sido contadas sobre ela, mas, quaisquer que fossem, faziam estranhos herranis e dacranos olharem para ela com fascínio, mas a deixarem em paz.

O olhar de Roshar havia cortado seu caminho quando o príncipe passou por ela em direção à cidade. Kestrel não reconheceu o sentido da expressão dele. Viu um lampejo de constrangimento, depois o rosto dele se fechou e ele continuou cavalgando.

Ele estava completamente à vontade agora, no píer ao lado da irmã. Kestrel o observou fazer gracejos que não conseguia ouvir e não entenderia se ouvisse. Nunca havia aprendido a língua oriental.

O pai dela queria que ela aprendesse. Ela se lembrava disso. Não gostou da náusea que sentia ao lembrar.

Ele a havia pressionado. Ela recusara.

É perigoso não saber o idioma do seu inimigo , ele disse. Quando for à guerra...

Eu não vou à guerra.

As palavras pulsaram em seu cérebro.

Kestrel sentiu a ausência de Arin. Perguntou-se o que ele faria com essa mulher no píer. Mas, então, Kestrel se lembrou de que Arin já conhecia a rainha, devia conhecê-la bem, muito bem, se havia conseguido persuadi-la a entrar na guerra ao seu lado.

A rainha (seu nome era Inishanaway, Kestrel ouviu alguém murmurar na multidão) escutava o irmão. Seu rosto era tão sereno que era fácil ver seu magnetismo. Uma boca profunda, orelhas tão pequenas que pareciam ornamentos, o nariz de um formato delicado. Sim, linda, Kestrel concluiu, mas não entendeu por que se esforçou tanto para procurar uma vulnerabilidade.

Kestrel queria seu cavalo. Desejou não ter amarrado Dardo no mercado e continuado a pé até o porto. Queria cavalgar para longe. Agora.

Tolice. Ela se sentiu pequena e suja; era culpa sua se comparar com alguém incomparável. Tinha se visto num espelho.

Enquanto tentava entender essa compulsão de se comparar, começou a perceber que os traços da rainha eram familiares. Não porque lembravam os de Roshar, ainda que fossem parecidos.

Uma irmã mais nova. Kestrel a havia conhecido na corte. Risha, a princesa oriental, a irmã mais nova dos três, amada pelo príncipe herdeiro de Valória... que havia ficado noivo de Kestrel.

Kestrel se sentiu zonza sob o sol amarelo-limão. Um gosto amargo na boca. Seu pai tinha ficado contente, ela lembrou. Sonhava que Kestrel se casasse com o príncipe Verex, sonhava isso desde que eles eram bebês. Sua filha: uma imperatriz.

Disse a si mesma que entendia seu próprio fascínio pela rainha. Tinha sido a familiaridade, que Kestrel havia necessitado localizar. Ou talvez tenha sido o desconforto de ser impotente e contemplar alguém com grande poder.

Talvez. Mas ainda não conseguia explicar o lodo podre em seu coração.

Kestrel viu o olhar de Roshar recair sobre ela e fixá-la. Ele disse algo que apenas a rainha podia ouvir. Os olhos da mulher apontaram para Kestrel.

Roshar murmurou no ouvido da irmã, um sorriso tão leve quanto uma faca pequena.

Havia um motivo óbvio para a forma como a rainha olhava para ela: Kestrel era valoriana. Seria questionada, posta em dúvida. Seria dissecada. Kestrel sentiu esse olhar minucioso. Teve uma imagem súbita de si mesma como seu homônimo: um pequeno falcão de caça, de penas arrancadas, asas erguidas, abertas para trás, amarradas.

Kestrel cruzou os braços diante do peito. O sol estava quente. Sentia sede, sua garganta estava seca. Retribuiu o olhar da mulher e entendeu que a forma como a rainha a fitava não era porque Kestrel era valoriana ou filha de quem era. Era por causa de um segredo que Kestrel desconhecia e não sabia ao certo se queria descobrir.

– Ah, Kestrel. Que bom que a encontrei aqui.

Ela tirou os olhos do cavalo que estava esfregando e olhou por sobre o ombro de Roshar, mas não havia ninguém atrás dele. Eles estavam a sós no

estábulo. Ela soprou uma mecha do cabelo da frente dos olhos e continuou a tarefa.

- Tenho um favor a suplicar – ele disse.
- Não precisa usar palavras tão bonitas, jovem príncipe.
- Minha irmã...

Kestrel sentiu de novo: a desconfiança sensível. Algo estava por vir. Algo que certamente a magoaria.

– ... Eu tinha pensado que ela residiria no palácio do antigo governador. No entanto, parece que ele não atende aos critérios dela.

- É o mais nobre da cidade.
- Ela gostou *desta* casa.

Kestrel parou de esfregar o pelo de Dardo.

- O que isso tem a ver comigo?

Roshar tossiu, visivelmente constrangido.

- Sua suíte.
- Ah.
- São os únicos aposentos apropriados.
- Entendo.
- Você se importa?

Com um lampejo de ressentimento, ela disse:

- Esta é a casa de Arin.

Roshar murmurou algo em seu idioma.

- O que você disse? – Kestrel perguntou.

Ele olhou nos olhos dela.

- Eu disse: “Sim, exatamente”.

Dardo bateu o focinho no ombro dela. Seus dedos se contraíram em volta da escova. Não havia nenhum *exatamente*. Havia apenas sentidos subliminares naquela situação que colocaram Kestrel num lugar que ela não conseguia nomear. Ela se obrigou a dar de ombros.

– Vou pegar minhas coisas. – O pensamento daquele dia na trilha de cavalo surgiu sem ser chamado em sua mente: a bifurcação na estrada. A casa do general. Ela quase viu a casa em sua mente. *Sua casa*. Então, veio o manancial de medo e Kestrel soube que não poderia ir lá, nunca, nem mesmo se não houvesse lugar para ela ali. – Vou conversar com Sarsine.

- Sim. – Arin ficou aliviado. – Obrigado. – Ele se virou para sair.

- Arin mandou você me pedir isso?

Roshar se virou, surpreso.

– É claro que não.

Perguntas surgiram dentro dela. Ela era orgulhosa demais para fazê-las.

– Arin – Roshar acrescentou – deve me matar quando voltar. Mas nunca tenho paz quando minha irmã não consegue o que quer. Prefiro a morte. Seja uma boa amiga e torne meus próximos dias agradáveis, pois eles serão meus últimos.

– Então ele chegará em breve.

– Minha irmã o convocou.

Kestrel fitou o pelo marrom de Dardo. Esfregou uma mancha preta no ombro dele.

– Arin virou pirata por um tempo, mas por uma boa causa – disse Roshar. – Agora que a rainha assumiu o comando da cidade, não vou me demorar aqui. Ele também não. Vamos os dois para o sul. Depois da audiência real dele, é claro.

Os olhos dela ardiam. Ela passou o polegar nos outros dedos e olhou para a poeira da cavalgada pela cidade, então ergueu os olhos e encontrou Roshar a examinando, com uma expressão solidária e também perscrutadora e, quando entendeu o que ele procurava, ficou obstinada que não encontraria. Os olhos dela se aclararam. Tirou o chaveiro do bolso da calça de montaria e soltou a chave da suíte na ala leste. Estendeu-a para Roshar. No momento em que a colocou na mão dele, soube perfeitamente bem o que a havia magoado ao ver a rainha.

Não deu a chave para o jardim do terraço.

– Você vai dividir meus aposentos – Sarsine decidiu.

– Tudo bem.

– Não podemos ofendê-la.

– Eu sei.

Sarsine a examinou com atenção.

– Arin a ofenderia. Ele não aceitaria isso se estivesse aqui.

Kestrel não tinha tanta certeza. Pensou que Roshar sabia um segredo sobre a rainha e Arin que Sarsine não sabia.

– Não me importo – disse Kestrel.

Mas se importava.

Quatro dias depois, Kestrel estava nas hortas no terreno. Capinava. Gostava disso. Gostava de saber o que deveria ou não ficar ali. Houve alguns erros

no começo, especialmente com as ervas de cozinha, mas agora sabia o que estava fazendo. Havia um prazer em arrancar vagens de ervilha dos caules e colocá-las na cesta. Ela gostava do aroma amargo, de cinzas, dos arbustos que davam erastis listradas, uma fruta que só crescia nesta península e apenas neste mês. Era usada em pratos saborosos. Kestrel as colheu com cuidado. O cozinheiro, que tinha sido gentil e via graça em sua jardinagem e seus erros, havia inspirado fundo quando ela lhe trouxera a primeira cesta de erastis. Não estavam maduras.

– Você precisa esperar. – Seu tom era o mais próximo a que chegara de uma repreensão. – Deixe-as na trepadeira até parecerem que vão explodir se você tocar nelas.

A pele dela havia se queimado no primeiro dia de jardinagem, depois descascou. Ela se bronzeou. No começo, tinha usado uma faquinha para limpar a terra debaixo das unhas. Agora, não se importava mais.

Hoje, o vento estava forte. A terra, macia. Ela não ouviu a chegada de Arin.

– Procurei você por toda parte.

Kestrel ergueu os olhos para ele. O vento balançou o cabelo dela na frente do rosto. Ela não conseguiu ver a expressão dele e queria esconder a sua própria. Não gostava do que estava sentindo. Alívio por ele estar seguro. E uma emoção diferente: latente, terrível.

– Preciso conversar com você – disse ele.

Pelo tom da voz de Arin, ela soube qual era o assunto. Soube que estava certa. Voltou-se para as plantas.

– Estou ocupada – ela respondeu. Sumo verde escorreu pelo seu punho. A fruta entrou para a cesta.

Ele se agachou ao lado dela entre as plantas. Gentilmente, tirou do rosto dela os fios desgarrados pelo vento. Tocou o polegar na bochecha dela. Ela olhou para ele então. Ele não tinha se lavado, o cabelo estava nodoso, as roupas, clareadas pelo sal; o maxilar, verde e amarelo de um hematoma velho. Suas botas eram valorianas, altas e presas por ganchos.

Ela não quis ver como o sol adornava os olhos dele ou como a pele dela se sentiu subitamente viva com esse simples toque. Não quis que ele a olhasse como se houvesse uma porta dentro dela, que ele quisesse abrir e entrar.

– Você deveria se casar com a rainha – ela disse.

Ele deixou a mão cair.

- Não.
- Então você é um tolo.
- Pedi para Inisha se mudar para o palácio do governador.
- Duas vezes tolo. Implore que ela volte.
- Escute, por favor. Quando fui para o oriente, pensei todas as coisas erradas de você. E você estava noiva. Não mudaria de ideia. Eu pedi para você... – Arin parou.

Ela ouviu a lembrança da voz dele: *Case-se com ele. Mas seja minha em segredo.*

Ela sofreu com essa memória, viu a mágoa espelhada nos olhos dele enquanto ele também se lembrava, viu o eco da expressão dele no último inverno, numa taverna. Ele havia suplicado migalhas. Odiava-se por isso. Pediu mesmo assim.

– Foi um beijo – Arin disse. – Nada além disso. Não houve promessas entre mim e a rainha.

– Você não tem nenhum senso de autopreservação. – O coração dela batia forte. – Se não fez nenhuma promessa, é melhor fazê-las agora. Por que acha que ela se aliou a você?

– Não importa o porquê.

– É claro que importa. – Kestrel se levantou de um salto. Ele a seguiu, pegou a mão que segurava a cesta. – Foi uma manobra? – ela exigiu saber. Seu coração estava duplamente acelerado agora. Medo e raiva, medo e raiva. – Você a beijou para que ela acreditasse que a sua aliança seria permanente?

– Não.

– Então por quê?

– Porque eu quis! – As palavras irromperam dele. – Por que ela me queria e era bom demais ser desejado.

Kestrel deu uma inspiração trêmula. Como era possível ser magoada por alguém que ela nem amava? O vento batia forte. Soprou seu cabelo sobre a boca. Ela esperou até conseguir falar com a voz calma.

– Acredito que você não entende a questão política desta situação. Você sabia que a rainha viria para Herran?

– Não.

– Roshar sabia? – Ela já desconfiava da resposta.

– Sim.

– Mas seu amigo não lhe contou.

Arin fez uma pausa.

– Não.

– *Por que ela está aqui?*

– Para assumir o comando da cidade.

– Arin. Por que ela está aqui?

Ele ficou em silêncio e a expressão dele denunciou que ele deduzira o que ela iria dizer.

– Ela está aqui – Kestrel falou – para mostrar aos soldados dela que esta terra é tão boa quanto a dela. Os dacranos não gostam da aliança. Não veem o que ganham com isso. Mas vão começar a ver depois que ela se estabelecer nesta cidade. Não é apenas por sua nova arma ou para manter o império em xeque que ela aceitou ajudar um pequeno país com uma população enfraquecida. É porque, se vocês ganharem essa guerra, ela pode anexar Herran e torná-la parte do oriente.

Ele não negou.

– Ela não precisa de mim para fazer isso – ele disse finalmente. – Pode conquistar Herran à força. Usar-me não ajudaria muito.

Ela entendeu o que ele queria dizer. Era verdade: o povo de Arin o venerava – ela via isso, era claro e potente o amor que chamejava sempre que ele sorria para alguém, dizia uma palavra breve –, mas ele não era nenhum governador. Nenhum membro ressuscitado da família real massacrada. Seu poder político era incerto. Kestrel não achava que estava errada sobre os planos políticos da rainha nesse país, mas seu coração se apertou quando reconheceu a verdade óbvia, inevitável, de que a rainha queria Arin apenas pelo que ele era.

– Ela deve gostar de você, então. Pode ser que o que ela deseja de você não seja exatamente um casamento. No entanto, você deve dar a ela o que ela quer. Pode conseguir um ótimo futuro com isso. No mínimo, deveria perguntar.

A expressão dele pareceu encolher e ficar tensa.

– Não vou fazer isso.

Ela colocou a cesta na dobradura do braço.

– Preciso ir. O cozinheiro precisa destes suprimentos. – Ficou mortificada ao ouvir sua própria voz embargar.

O rosto de Arin mudou.

– Kestrel, me perdoe.

– Não há nada a se perdoar.

– Sinto muito.

– Eu não me importo.

Ele abanou a cabeça, sem tirar os olhos dos dela. Estava completamente alterado, silencioso de surpresa, vivo com uma ideia nova. Tocou a ponta dos dedos na bochecha dela, traçou o caminho de uma lágrima.

– Se importa, sim – ele disse, espantado.

Ela lhe deu as costas.

– Espere – chamou Arin.

Ela continuou de costas para ele enquanto apertava o passo, a cesta batendo contra o seu quadril.

– Não venha atrás de mim. – Ela passou o punho sujo no rosto, ouviu o ar escapar com um som terrível. – Nunca mais vou falar com você se vier atrás de mim.

Ele não foi.

Kestrel diminuiu a chama da lamparina e deitou na cama alta ao lado de Sarsine. Ela poderia ter dormido num divã em outro cômodo da suíte, mas Sarsine insistiu e Kestrel, ainda que tímida, se comoveu.

Sarsine se virou sob a coberta leve e estudou Kestrel, com o cabelo solto e os cílios e as sobrancelhas muito pretos contra o travesseiro branco. Ela estava olhando para ela de uma forma que Kestrel achou difícil identificar, embora talvez apenas porque as suas próprias emoções estivessem bagunçadas. Sarsine parecia demais com Arin.

De repente, como se mudasse de assunto, Kestrel disse:

– Costumava dividir a cama com minha amiga Jess.

– Sei quem é. Você salvou a vida dela.

– Não, não salvei.

– Eu estava lá. Ela tinha sido envenenada. Teria morrido se não fosse por você.

Mas tudo de que Kestrel conseguia se lembrar era a acusação de traição de Jess. Ela tentou explicar para Sarsine, mas não tinha partes suficientes da história para fazer sentido:

– Talvez vocês duas tenham mudado demais. Ou vão se ver de novo algum dia e as coisas se esclarecerão. Mas eu vi o que você fez por ela. Como a amava. – Com o ar *protetor*, Sarsine colocou o lençol sobre o ombro de Kestrel.

Protetor. Essa era a palavra para a testa franzida de Sarsine, para sua

boca gentil.

– Mais alguma coisa está incomodando você? – ela perguntou. – Pode conversar comigo. Sei guardar segredo.

Kestrel sentiu seus olhos lacrimejarem. Começou, parou e enfim disse:

– Não sei dizer o que está errado. Não sei de nada.

– Sou sua amiga. Disso você pode ter certeza. – Sarsine tocou o rosto de Kestrel, deixando o silêncio como consolo. Depois apagou a luz.

Mas Kestrel não conseguia dormir. Sarsine tinha um sono inquietantemente quieto. Kestrel estava acostumada com Jess e se lembrou de como sua amiga chutava. Jess murmurava em seus sonhos. Kestrel sentia falta dela, lembrava e sentia saudades ao mesmo tempo, o que a fez se perguntar se a memória é sempre uma espécie de saudade. O travesseiro estava quente e úmido sob sua bochecha.

Kestrel imaginou uma melodia. Um ritmo tenso, cada noite clara e límpida. Imaginou como a tocaria. O controle. Os estalinhos brilhantes de som. Concentrou-se nisso, porque, senão, sabia aonde seus pensamentos iriam em seguida... embora, assim que vislumbrasse o que tinha de evitar, a coisa se erguia plenamente diante dela.

A rejeição de Jess. Tinha sido na casa de Jess na capital valoriana. Cortinas cor de corço. Kestrel não conseguia se lembrar exatamente de todas as palavras, mas sabia agora por que a amizade havia se rompido. Ouviu a si mesma dizer baixo as coisas que Jess nunca perdoaria, viu seu antigo eu se colocar contra seu povo, seus amigos, seu pai.

Foi ele quem fez isso com você, acusara Jess.

Ninguém me obrigou a mudar.

Mas você mudou.

Kestrel se virou para o outro lado. Arin estava na cidade da rainha na época. Ela sabia disso agora.

Sentou-se, jogou o lençol para o lado.

Não era natural. Não era possível que houvesse desistido de tanta coisa. E para quê?

Ela estava prestes a acreditar em feitiços. De que outro jeito seu corpo ainda poderia sentir atração por Arin, parecia se lembrar dele com tanta clareza quando sua mente não se lembrava e a mandava para a cama vazia dele, a fechava entre seus lençóis, fazia com que se importasse com aonde ele ia e o que colocava em risco e o que fazia e com quem?

Ela pegou seu molho de chaves.

ELA ATRAVESSOU DEPRESSA A CASA ESCURA, COM C silenciosos sobre os ladrilhos, o carpete, os degraus. Subiu um lance de escadas, deslizando a mão pela balaustrada. No alto da escada, girou a mão no pilar. Virou à esquerda. Conhecia bem a casa de Arin.

Conhecia-a agora, conhecia-a antes. Sentiu o tempo se sobrepor. O presente cair sobre o passado.

Nunca tinha feito esse caminho antes. Mas havia pensado em fazer.

Sacudiu as chaves, encontrou a correta, colocou-a na porta externa da suíte de Arin e a abriu.

Entrou sob a luz branca, que a espantou. Parecia alucinatória, impossível, como se tivesse mergulhado em um lago prateado. Mas então ergueu os olhos e viu a luz do céu sobre a entrada. A lua pendia baixa e grande. Embora os candeeiros a óleo estivessem apagados, o corredor era quase tão brilhante quanto o dia. Na outra ponta: escuridão.

Um tinido breve veio dos recônditos da suíte.

Ela se aproximou da ponta escurecida do corredor, passou por uma sala de recepção escura. Bateu a coxa contra uma mesa na parede e murmurou um xingamento.

Outro corredor, uma curva. Então: um brilho suave. Uma lamparina.

Um som líquido. Uma batida abafada. Vidro sobre madeira?

Entrou no quarto iluminado pela lamparina.

Arin ergueu os olhos de onde estava sentado. Seus dedos apertaram o vidro em sua mão. Ele a encarou.

Ela ficou vermelha, percebendo que havia se esquecido de vestir um robe sobre a camisola fina.

Ou teria *mesmo* esquecido? Será que não havia decidido de forma rápida demais para refletir que era exatamente isso que queria? Abaixou os olhos para a barra da camisola, que chegava apenas abaixo dos joelhos. O tecido era transparente como manteiga derretida. Seu rubor ficou mais intenso. Ela viu a expressão no rosto de Arin.

Ele desviou os olhos.

– Pelos deuses – disse ele, e bebeu.

– Exatamente.

Isso trouxe seu olhar de volta. Ele engoliu, fez uma careta e disse:

– É possível que eu tenha perdido todo o pensamento coerente, mas não faço ideia do que você está falando.

– Esse seus deuses.

Ele arqueou as sobrancelhas morenas. Seus olhos tinham ficado redondos. O copo em suas mãos continha um líquido verde-escuro servido à altura do polegar. Parecia feito de sangue de folhas. Ele pigarreou. Com a voz rouca, disse:

– Pois não?

– Você rezou para eles?

– Kestrel, estou rezando para eles agora. Com muita fé, aliás.

Ela abanou a cabeça.

– Você rezou para o seu... – ela vasculhou sua memória – ... deus das almas? – Estava disposta a crer numa razão sobrenatural. Isso explicaria o poder que ele tinha sobre ela.

Ele tossiu, depois deu uma gargalhada breve, áspera.

– Esse deus não ouve as minhas preces. – Ele colocou o copo ao lado da garrafa na mesa. Pausou, pensando. Em um tom diferente, lento, disse: – Exceto talvez agora. – Ele deixou a bochecha pousar numa mão aberta e esfregou os dedos no olho fechado. Apontou para a cadeira na frente dele. – Gostaria de se sentar?

Agora que estava aqui, ela não tinha tanta certeza se queria ficar perto dele. Seu coração batia errático.

– Estou bem aqui.

– Eu prefiro que se sente.

– Se deixo você desconfortável, por que não sai?

Ele riu de novo.

– Ah, não. Não, obrigado. Tome. – Ele deslizou o copo pela mesa. O restante do líquido balançou, mas não derramou. Quando ela se sentou, curiosa (qual seria o gosto do sangue de folhas?), ele disse: – Talvez seja melhor experimentar apenas um pouquinho antes.

– Isso não é vinho.

– Definitivamente não.

– O que é?

– Um licor oriental. Roshar me deu. Disse que, se beber bastante, os sedimentos começam a ter gosto de açúcar. Desconfio que tenha me pregado uma peça.

– Mas você não tem o hábito de beber.

Ele pareceu tão espantado quanto ela.

– Tantas coisas para lembrar e você vai se lembrar *disso* .

Ela se lembrou de outra coisa também, enquanto tentava dormir. Tinha vindo para lhe perguntar sobre isso, mas as palavras ficaram presas em sua garganta. Em vez disso, o avaliou:

– Você parece sóbrio ainda.

– Está cedo. Mas não sei. Essa conversa quase parece uma alucinação.

Ela ficou brincando com o copo.

– Quero entender algumas coisas.

– Pergunte-me.

Ela ainda não estava pronta para revelar o que havia lembrado. Colocou o copo sobre a mesa.

– O que você disse à rainha?

– Contei a Inisha sobre você.

– O que exatamente?

Ele hesitou.

– Tenho medo de dizer – respondeu Arin.

– Quero que diga.

– Você pode querer ir embora.

– Não vou embora.

Ele continuou em silêncio.

– Dou a minha palavra – afirmou ela.

– Falei para ela que pertenço a você e a mais ninguém. Disse que sentia muito.

Ela não conseguiu evitar o ímpeto de satisfação... e ciúme. As palavras dele a fizeram *sim* querer sair. Ela se sentia tão inevitavelmente dele. Chegava a ser desconcertante, porque não o conhecia de verdade, enquanto ele conhecia duas metades dela que não havia como se encaixar.

Ele estava esperando que ela falasse. Estava muito imóvel. Ela percebeu que ele estava prendendo o ar.

– Isso é suicídio político – observou ela.

Ele sorriu um pouco.

– Como ela respondeu? – Kestrel quis saber.

– Disse: “Você superestima a sua importância”.

– É por isso que está bebendo?

– Kestrel, você sabe muito bem por que estou bebendo.

Ela olhou para os cantos escuros do quarto. Conversar com ele era como

ter uma flor que se abria dentro de seu peito, depois se fechava, tensa. Abria-se lentamente. Dobrava-se em si mesma. Com a voz baixa, ela disse:

– Por que a chama de Inisha? Não é o nome dela.

– É... é a redução do nome dela. – A pausa fez Kestrel pensar que ele estava traduzindo um termo dacrano em sua mente antes de falar, mas também que estava traduzindo a pergunta dela, e reconhecendo a intimidade implicada que ficava evidente entre ele e a rainha. Ele encarou os olhos de Kestrel. – Nunca teria havido nada entre mim e ela se eu soubesse a verdade sobre você. Eu deveria saber. Não consigo me perdoar por não saber. A verdade é que... ontem, no jardim, você perguntou se eu a usei por ganho político. Não fiz isso. Eu a usei para esquecer você. Acho que você não quer saber disso. É feio. Mas preciso contar, porque já foram tantos os segredos. Mais um acabaria comigo.

Ela olhou para a bebida verde que havia restado no copo. Era verde. Era líquida. Estava num copo. Esconder algo dela acabaria com ele. Coisas simples, tão aparentes, não eram nada além do que se mostravam ser. Ela mergulhou um dedo nos sedimentos da bebida e o tocou na língua. Queimou.

Arin fez um som.

Ela ergueu os olhos. Não sabia onde havia perdido a voz. Estava nervosa. Sua carne estava vibrante com a noção do que ele queria que ela entendesse e o que ela tinha vindo buscar. Era muito mais arriscado do que aquilo ela já havia pedido. Ela se levantou.

Ele a observou caminhar na direção dele.

Ela parou logo antes da cadeira e abaixou o olhar para ele. O cabelo solto dela caiu sobre o ombro.

– Eu me lembro de uma coisa. Não sei se aconteceu ou não. Pode me dizer?

– Sim – ele sussurrou.

– Me lembro de ficar deitada com você no gramado do Jardim de Primavera do palácio imperial.

Ele se remexeu. A luz do lampião pulsou em seu rosto. Ele fez que não.

– Me lembro de encontrar você na sua suíte. – Essa memória estava chegando a ela agora. Tinha um sabor semelhante ao da anterior. – Prometi lhe contar meus segredos. Você tinha um livro nas mãos. Ou era lenha? Estava acendendo o fogo.

– Isso não aconteceu.

– Eu beijei você. – Ela tocou a parte de baixo do pescoço dele. O pulso dele estava frenético.

– Não nesse dia – ele disse por fim.

– Mas beijei antes. – Houve uma torrente de imagens. Era como se a melodia que ela havia imaginado quando estava deitada no escuro tivesse mergulhado no licor verde. Todas as pausas frias ganhavam calor e corriam juntas. Era fácil se lembrar de Arin, especialmente agora. Sua mão deslizou para o peito dele. O algodão da camisa dele era quente. – Sua cozinha. Uma mesa. Mel e farinha.

O coração dele martelou contra a palma da mão dela.

– Sim.

– Uma carroagem.

– Sim.

– Uma sacada.

Um suspiro escapou dele como um riso.

– Quase.

– Lembro de pegar no sono na sua cama quando você não estava aqui.

Ele recuou levemente, perscrutou o rosto dela.

– Isso não aconteceu.

– Aconteceu sim.

A boca dele se abriu, mas ele não disse nada. O preto de seus olhos brilhava. Ela se perguntou como seria entregar ao seu corpo o que ele queria. Ele sabia algo que ela não. Seu coração acelerou, seu sangue corria abundante em suas veias.

– No primeiro dia – ela disse. – No último verão. Seu cabelo estava uma bagunça. Quis jogá-lo para trás para você me olhar nos olhos. Queria ver você.

O peito dele arfou sob a sua mão.

– Não sei. Não consigo... não sei o que você queria.

– Eu nunca disse?

– Não.

Ela levou sua boca à dele. Sentiu seu gosto: o ardor rústico de licor em sua língua. Sentiu enquanto ele engolia em seco e ouviu esse som seco e baixo.

Ele a puxou para baixo, junto de si enlaçou suas mãos no cabelo dela, tirou o ar de seus lábios. Ela não sabia qual ar era de quem. Ele retribuiu o beijo, os dedos tocaram seu rosto, depois desapareceram, para lugar

nenhum. Então: um leve toque na curva do seu quadril, muito leve. Uma pedrinha roçando a superfície da água.

– Estranho – ele murmurou em sua boca.

Ela não estava ouvindo. Estava reverberando, a sensação se espalhava longa. Pedra na água, bolsões ondeados de pressão. A esperar onde a pedra enfim pararia.

De repente, soube – ou pensou saber – o que ele achou estranho ao tocar onde a adaga deveria estar. Ver uma parte dela faltando. Ela sentiu seus pedaços que faltavam, as lacunas rígidas. Foi assaltada pela ideia (que a trespassou cortante e surreal) de que havia ficado transparente; de que, se ele a tocasse de novo, a mão passaria direto por ela, para o ar, para os espaços vazios que ela era agora.

Ela não queria ser vazia, não queria desaparecer. Queria ser inteira.

– Quero me lembrar de você – ela disse.

Uma emoção se acendeu no rosto dele. Ele envolveu os quadris de Kestrel, a puxou para mais perto. Suas pálpebras estavam pesadas e os olhos, escuros. Sua boca era um lampejo úmido. Ela não reconheceu a expressão dele. Era nova. Debruçou-se e bebeu a novidade dele.

O beijo ficou selvagem. Ela o fez ficar. Sentiu os dentes dele, deleitou-se na certeza de que isso nunca havia acontecido antes. Ao mesmo tempo, sentiu cada beijo que já haviam dado, sentiu-os vivos dentro deste. A boca dele deixou a dela, descendo pelo seu pescoço. Ele afundou o rosto na pele dela.

Ela buscou a boca dele e descobriu que tinha um gosto diferente agora. Estava sentindo o gosto da própria pele. Acobreado. Mergulhou a língua dentro da boca dele novamente.

– Kestrel.

Ela não respondeu.

– Isto é uma má ideia – ele continuou.

– Não – ela disse. – Não é.

Ele recuou, fechou os olhos e abaixou a cabeça para encostar a testa contra a barriga dela. Ela se sentiu viva pelas palavras que ele murmurou contra sua camisola. A boca dele queimava pelo tecido.

A cadeira de Arin se arrastou para trás. Ele não tocou mais nela.

– Não assim – ele disse.

– Sim. Exatamente assim. – Ela tentou encontrar as palavras para expressar como isso ajudava, como ele de alguma forma mapeava o país de

seu corpo, mostrava as arestas, as colinas e os vales de seu próprio ser.

– Kestrel, acho que você está... me usando um pouco.

Ela parou, com uma surpresa desagradável. Percebeu que o que ele havia dito era outra versão do que ela estava tentando dizer.

– Não é, ah, nenhum sofrimento. – Ele abriu um sorriso melancólico. – Não é que eu não queira...

Ela nunca o tinha visto gaguejar antes. Apesar de sua memória indigna de confiança, tinha certeza disso. Você é fácil de conhecer, ela sentiu vontade de dizer. As memórias dele vinham rápido. Não doíam, não tanto quanto ela temera antes, na tundra ou na cama vazia dele. Ao menos, não doíam mais. Era melhor. Melhor do que... outras coisas.

Um terror sem rosto. Um monstro. Dentro dela. Intensi-ficou-se, cresceu em uma forma sem face, áspera. Ela não tocaria nisso. Não chegaria nem perto.

Arin estava certo naquele dia em que sugerira que havia algo terrível demais para ela se lembrar.

– Não é o bastante – ele disse.

Ela demorou um momento para entender que continuava a recusa, e não respondia aos pensamentos dela, que eram tão sonoros em sua cabeça que ela achava que os estava gritando.

– O que seria o bastante? – perguntou Kestrel.

O rubor cresceu no rosto dele.

– Pode me falar – ela insistiu.

– Ah – ele disse. – Bom. Eu.

– Não entendi.

– Quero que... você me queira.

– Eu quero.

Ele passou a mão no cabelo áspero.

– Não estou falando *disto*. – Ele gesticulou entre eles, apontando entre ela e ele. – Eu... – Ele se forçou, apertou os olhos e deixou as palavras saírem. – Quero que você seja minha, inteiramente minha, de coração também. Quero que sinta o mesmo.

Ela sentiu um frio na barriga. Tinha jurado a si mesma que não mentiria para ele.

Ele viu a resposta nos olhos dela. Ofuscou-se e não disse nada também. Mas tirou o cabelo do rosto dela, erguendo os fios que haviam ficado presos em seus cílios e entre seus lábios. A ponta do dedo dele pintou uma linha

lenta sobre o lábio inferior dela. Kestrel a sentiu descer por sua espinha, sua barriga. Então Arin tirou a mão e ela se sentiu sozinha.

– Parto amanhã de manhã com Roshar – ele disse. – Vai levar um tempo até eu voltar.

Uma brasa de mágoa. Um sentimento antigo, tão antigo quanto todo o seu ser. Ela sempre era deixada para trás. A guerra sempre vencia. Viu a si mesma: uma menininha, erguendo uma espada lisa embainhada quase da altura dela. Seus braços doíam. Não podia derrubá-la. O homem no cavalo chegaria em breve. Ele abaixou os olhos e ela se perguntou se estava esperando para ver quanto tempo ela conseguiria manter a lâmina firme. Ele sorriu e seu coração entrelaçado – a menina, a mulher, seu passado, seu presente – explodiu de orgulho e tristeza e fúria.

– Leve-me com você – ela disse a Arin.

Uma sombra perpassou o rosto dele.

– Não. De jeito nenhum.

– Eu posso ajudar. Conheço o sistema do meu pai de comandar batedores, suas táticas, seus códigos, suas formações...

– Não.

– Você não tem o direito de decidir por mim.

– Sem chance. – Ele conteve a raiva. Tomou consciência tanto da sua quanto da dela e disse, mais suavemente: – É perigoso demais.

– Eu sei me cuidar.

– Não posso perder você. – O sofrimento cortou a voz dele. – Não você também.

A história que ele havia lhe contado sobre a noite da invasão palpitou nos olhos dele, escurecendo-os.

Seu pai tinha feito isso com ele. Ela se lembrava do pai, sentiu a memória a apertar – um triturar, um ranger de ossos –, então pareceu sentir que Arin adivinhou aonde sua mente tinha ido. Sentiu o que a direção de seus pensamentos fez com ele.

Ela havia implorado para seu pai deixar que ela fosse à guerra com ele. Ele havia prometido que, um dia, ela iria, mas depois ela crescera e não quis mais o mesmo que ele, e quis que ele ficasse em vez de partir, mas ele nunca ficava.

A história de Arin e a dela se entrelaçaram em desenhos que ela não conseguiu entender. O silêncio cresceu.

– Eu vou ficar – disse Arin com a voz baixa.

Os olhos dela se voltaram para os dele. Foi tão inesperado que ela foi arrancada de seus pensamentos.

– Se você quiser – ele disse. – Eu posso ficar. Ficaríamos juntos.

– Se você ficar aqui enquanto os dacranos marcham ao sul para lutar sua guerra, a aliança entre vocês vai despedaçar.

Ela examinou as próprias mãos.

– A menos que você faça isso pela rainha – continuou ela.

Ele lançou um olhar de repreensão para Kestrel.

– Então não pode ficar – ela disse.

– Você quer que eu fique?

Kestrel especulou se toda pergunta era uma forma de se colocar à mercê do outro.

– Custaria demais a você.

– Pense sobre isso. Pode pensar sobre isso? Vamos partir ao amanhecer. Encontre-me neste horário no riacho, aquele perto da trilha dos cavalos, para me dizer o que decidiu.

Sua resposta deveria ser não, mas ela não conseguiu se obrigar a dizê-la.

– Encontre-me de qualquer forma – ele disse –, mesmo que seja para me dizer adeus. Você vai me desejar boa viagem?

Kestrel viu o campo de batalha, a grama dilacerada manchada de sangue. Ele: fraco, ensanguentado. A pele cinza. Seu olhar fixado em algo que ela não conseguia ver. Sua luz morta.

Fique, ela quase disse. Então, uma mão invisível cobriu sua boca e a lembrou de novo das consequências políticas. De um jeito ou de outro, Kestrel viu a ruína de Arin. Morte em batalha ou a morte mais lenta, com a aliança se desfazendo e a vitória do império.

Lágrimas encheram seus olhos. Ela se virou para que ele não as visse.

– *Não vai me desejar boa viagem?* – Arin perguntou.

– Vou. Vou sim.

Ele pareceu inseguro.

– Se eu não vir você ao amanhecer, vou entender que quer que eu vá.

– Eu vou estar lá – ela disse. – Prometo.

ELA NÃO CONSEGUIRIA DORMIR. PERAMBULOU PELA as panelas de cobre cintilando na cozinha escura como uma fileira de luas penduradas. Seus pés faziam sons de rato na escada. Ela encontrou a biblioteca, lembrou de tocar as lombadas dos livros quando morava ali antes. Tocou-as novamente. Lembrou e as tocou, tocou e lembrou. Seu piano era uma grande sombra no salão. Arin o tinha trazido da casa dela. Isso foi antes da prisão, antes do palácio imperial. Ele tinha pedido para ela ficar e dividir a vida com ele. Ela o havia deixado, descido para o porto e roubado um barco de pesca. O mar tempestuoso. O imperador. Uma decisão.

A capital: renda apertada, açúcar, neve. Sangue espesso, dedos esfolados. Uma articulação de dedo branca.

Escolha , o imperador havia dito quando ela havia se colocado diante dele pela primeira vez e vira sua astúcia fria. Ela havia escolhido se casar com o filho dele. Seu pai ficara orgulhoso.

A memória penetrava em sua pele como uma ferida que coça. Pela janela prateada, Kestrel viu o porto. A baía era um balde de luz. Mesmo não estando com frio, esfregou os ombros nus pelo hábito de alguém que havia passado frio por muito tempo. Suas mãos interromperam os movimentos quando percebeu o que estava fazendo. De novo, se admirou com a forma como a mente e o corpo tinham coleções diferentes de memórias que não necessariamente conhecem umas às outras.

Não estava frio, mas ela *sentia* frio. Havia um nó gelado em seu coração.

Ela não sabia o que dizer a Arin quando chegasse o amanhecer. A escolha que ele oferecera se tornou tão grande que não conseguia mais ver com clareza *fique ou vá* , apenas *escolha* .

Ela tinha medo de escolhas. Havia pagado caro por elas.

Olhou para o porto e se lembrou de ficar parada ali no último inverno. Sua respiração então era uma névoa, a de Arin também. Na mão, um caco afiado de cerâmica, pontudo como uma faca. O barco de pesca balançando na doca. Ele a deixara escapar, havia escolhido a liberdade dela e a provável derrota dele simplesmente porque não conseguia suportar a ideia de obrigá-la a ficar.

Não era Arin o frio em seu peito. Ele não causava o medo que a impedia

de saber quem ela era, o que tinha feito e o que tinham feito com ela.

Quem *era* Kestrel? Ela revirou o que sabia, estudou as peças de seu antigo eu. *Honrada*, Arin havia dito. *Corajosa*, ela tinha pensado antes. Imaginou essa Kestrel, uma criatura saída das histórias, e desejou poder ser como ela.

Seus pés se movimentavam. Estavam seguindo para os aposentos de Sarsine. Moveram-se lentamente sobre as tábuas do piso enquanto ela abria as portas, abria um guarda-roupa, afivelava roupas. Calçava botas.

Os soldados rumariam para o sul ao amanhecer. Ela tinha algumas horas. O luar era forte. Claro o bastante.

Deixou a casa por uma porta dos fundos para servos. Acelerou o passo pelo piso de lajes, pelo jardim e pelo terreno até o estábulo.

O vento quente ondulava a grama escura e alta em torno da casa. Em algum lugar do terreno devia haver um lago ou córrego que ela não conseguia ver. Sapos coaxavam. A lua cheia brilhava no céu, sua luz apagava as estrelas.

A casa era grandiosa em seu silêncio, suas janelas firmemente fechadas. Um calafrio a estremeceu e ela entendeu um pouco melhor a natureza do medo que havia sentido. Ele não era sem forma. Era contundente em sua especificidade. Era o medo da dor.

Ela desmontou de Dardo e pulou para a grama. Coçava. Avançou pelo matagal, deixou que formigasse, incomodasse. Olhe para a grama, ela pensou. É grama. A casa é uma casa. A lua, uma lua. São o que são e nada mais que isso.

Seus pés encontraram uma trilha de lajes escondida entre a grama. Avançou, segurando o lampião apagado que havia tirado do alforje. Ela queria acendê-lo, mas tinha medo do que ele revelaria. A *casa* – a casa, as janelas no segundo andar, os beirais, aquele pórtico, tudo tão clara e repulsivamente dela – guardava um segredo que ela deveria conhecer.

Ela se sentiu nua quando saiu da grama. Olhou para trás por sobre o ombro, viu o arco escuro do pescoço de Dardo. Então, encarou os olhos negros e vazios das janelas da casa.

Não tem nada lá, Arin havia dito. *Está vazia*.

Não, não estava.

Havia algo lá dentro. Alguma coisa que crescia dentro das paredes.

Eu estaria com você, Arin havia dito naquele dia nas trilhas de cavalo. Ela sabia que poderia dar meia-volta agora mesmo, voltar, acordá-lo. Ele

não questionaria. Não diria *espere*.

Algum horror, ela diria para ele, então pararia, sem conseguir falar mais.

Vou com você, ele responderia. *Você não vai estar sozinha.*

Uma porta se abriu com um rangido sob seu toque vacilante.

O cheiro a assaltou. Ela engasgou com a familiaridade daquele aroma. Fragrante. Óleo de madeira com cheiro de laranja. Janelas lavadas com vinagre. Uma casa limpa, *sua* casa limpa, o frescor de todos os dias de sua vida quase inteira. O cheiro de infância que ela não sabia ser de infância até tê-lo esquecido e reencontrado.

Isso tirou todas as suas forças. Ela quase cambaleou na entrada e voltou a sair para a noite.

Então, um pensamento perpassou sua consciência em pânico. Era doce e a fez parar. Dizia que a familiaridade do aroma não era apenas a memória fermentada de muitos anos. Ela também havia encontrado aquele aroma (laranja, vinagre, lixívia) recentemente. De uma forma pequena, difícil de determinar.

Ela acendeu a lamparina. A casa ganhou vida.

Estava vazia. Sombras recortadas. Ladrilhos brilhantes.

Passou para um salão, sentindo-se impulsionada. Os ecos que fazia aqui eram mais baixos. Esse cômodo tinha um piso de madeira, mais claro nos lugares onde antigamente ficavam os móveis. Seu verniz cintilava.

A casa, ainda que abandonada havia meses (terreno descuidado, grama na altura do quadril), estava limpa. Sem poeira. Ela foi de cômodo a cômodo.

Parou em um que tinha portas duplas janeladas que davam para o jardim. Partituras musicais estavam alinhadas em prateleiras embutidas construídas especialmente com divisores estreitos para guardar livretos finos, organizados com capricho. Mas – ela percebeu enquanto os examinava, a música ecoando em sua cabeça conforme traçava uma passagem marcada – não exatamente como ela os havia organizado.

A música herrani estava organizada por compositor (ela viu seu antigo eu, aquele fantasma elegante, colocando as partituras em seus devidos lugares). A música valoriana – ainda que houvesse pouco – estava organizada da mesma forma. Mas isso não estava certo. Ela não teria classificado a música valoriana assim. Os valorianos organizavam os livros pela cor da lombada, que era codificada por tema. Organizavam partituras da mesma forma.

Kestrel examinou as partituras de novo, lembrando que sentira falta dessas peças quando estava na capital, mas não as pedira, porque pedir seria o mesmo que admitir que sentia falta de algo de casa, e era doloroso demais pensar no que sentia falta, e perigoso demais revelar que sentia falta de algo.

Outra pessoa havia organizado esses livretos meticulosamente. Não ela. Não um valoriano.

Ela ouviu a memória da voz de Arin. *Não tenho interesse nenhum na sala de música.*

Não tinha sido verdade. Não era verdade agora.

Ela entendeu então o que a havia impedido de sair da casa. Tinha sido uma espécie emplumada de quase pensamento, suas frondes ainda flutuando em sua mente. *Você sabe onde sentiu esse aroma limpo demais antes. Laranja, vinagre, lixívia.*

Arin. Tinha sido quando ela estava dolorida e ferida, entre um sonho e outro, e ele dormia numa cadeira ao lado da cama dela na suíte que havia pertencido à mãe dele. Ele havia acordado. *Volte a dormir*, murmurara. Tinha um aroma estranho. Penetrante, alcalino. Limpo, ela havia pensado então. Limpo demais.

A luz dourada do lampião. A voz dele, o timbre grave. O brilho dos olhos. O silêncio lento. Então o sono.

Kestrel ergueu a lamparina mais alto, ainda que não precisasse da luz como tinha precisado assim que entrara na casa. Era mais fácil ver agora. Esse cômodo era apenas um espaço vazio onde haviam ficado objetos, e o pavor desses objetos não a oprimia mais, porque ela não se sentia mais sozinha.

Ela explorou a casa.

A noite foi se retirando. As sombras diminuíram nos cantos. Kestrel não percebeu isso – ou, se percebeu, pensou que era porque sua mente, e não seus olhos, via melhor.

Vagueou por sua memória. Sua mãe. Sua ama. Enai. Um amor tão intenso que fazia seu peito crescer.

Sua suíte. As paredes pintadas. No quarto de dormir, onde antes ficava uma cortina: as linhas entalhadas de um nome. Jess. Tinha sido escrito com um grampo quando eram pequenas. Não havia nenhuma curva nas letras riscadas. Cada s era anguloso. Kestrel tocou o nome e soube que encontraria o seu na parede da suíte de Jess. Lembrou-se do grampo escavando a tinta.

Seus olhos lacrimejaram.

A lamparina queimava baixo. Emitia um odor de cerâmica quente. Ela soube, vagamente, que o tempo estava acabando, mas estava tão perdida no tempo que soube que estava acabando sem saber bem o que isso significava.

Caminhava rápido agora. Havia um aperto em seu coração, como se ele tivesse sido amarrado com um barbante e alguém puxasse uma ponta solta. De novo: o medo da dor. A certeza de que ela viria. Um puxão para a frente. Ela plantou os calcanhares no chão e parou.

A luz cinza brilhava nas janelas.

Lembrou-se de sua promessa a Arin. A preocupação na voz dele: Não vai me desejar boa viagem? Pensou na pessoa que havia limpado sua casa sem motivo algum, até onde ela sabia, além de que essa casa era dela e ele não queria que ficasse suja. Pensou em como ele se sentiria em deixar a cidade sem uma resposta à sua pergunta, com sua oferta ignorada, sem nem mesmo um desejo de retorno seguro.

O horror disso a atingiu como um tapa frio e fresco.

Ela conseguiria chegar até ele ao amanhecer se partisse agora.

Desceu um corredor, passos rápidos ecoando alto. Chegou ao topo da escada, pronta para descer e sair às pressas para a grama.

Mas o barbante amarrado dentro dela penetrou com mais força, puxando firme. Antes que se desse conta, havia passado pela escada e entrado numa galeria estreita e espelhada, sua sombra passando ao seu lado. Ao fim da galeria havia uma porta. Atrás da porta, uma suíte. Lambris revestiam as paredes e ela se lembrou das cortinas de seda nas hastes agora vazias. *Foi sua mãe que escolheu a cor*, seu pai dissera, olhando para as cortinas como se não soubesse dizer que cor era aquela.

Kestrel estava nos aposentos do pai.

Ela tateou e caminhou de volta para a escada, recuando. Havia perdido a lamparina. Cambaleou por um pequeno salão de baile. Uma sala de jantar. A sala de visitas. Pegou a maçaneta de uma porta: a biblioteca.

Ela lembrava mais dele na biblioteca do que na suíte, à qual raramente era convidada. Ele não tolerava intrusões. A biblioteca era dolorosamente familiar, mesmo sem os livros. Não havia sinal de violência ali. No entanto, sentia que havia ocorrido uma violência, como se os livros tivessem sido arrancados das prateleiras embutidas. Antigamente, havia um peso de papel vermelho translúcido que ficava sobre a mesa de tampo de mármore. O

peso de papel era de vidro soprado. Ela se lembrava das espirais em seus dedos. Ele o usava para prender mapas. Ela não sabia onde o objeto estava agora.

Sentou-se no chão onde antes ficava uma cadeira. Quando a aurora perolada tocou seus olhos úmidos, queimando o cômodo em tons de laranja, rosa e amarelo, Kestrel soube que tinha vindo a essa casa por apenas um motivo verdadeiro: encontrar seu pai.

Sua memória chegou vacilante. Subiu em seu colo. Kestrel não se lembrou de tudo, mas lembrou o suficiente.

ARIN CHEGOU CEDO AO CÓRREGO, NA HORA CINZA AI
Sentou-se na grama. Tinha pensamentos que ficavam expulsando uns aos outros de sua cabeça.

Nervoso. Pressionou as mãos firmes na terra. Estava nervoso demais.

Ela não veio.

Observou a água cintilar sob o sol nascente. O riacho seguia seu caminho suavemente. Um irrielle cantou, notas simples e doces. Repetiu. Não houve resposta. Continuou; seu som lançava um feitiço. O pássaro parecia preso em seu próprio encantamento.

Ele esperou o máximo que pôde. Depois de um tempo, uma parte silenciosa dele admitiu aquilo de que vinha duvidando desde o começo. Nunca acreditara realmente que ela viria. Tinha sido a dúvida, não tinha, que o impedira de dormir depois que ela deixara seus aposentos? Não o difícil prazer da presença dela ou o sentimento da ausência dela. Não a ansiedade da guerra nem a possibilidade de que clamasse seu poder sobre ele.

Seja sincero, agora.

Ele se apegou à sinceridade. Segurou-se firme. Admitiu. Sim, o prazer, a dificuldade, a ausência e a ansiedade tinham todos conspirado para tirar seu sono na última noite. No entanto, a dúvida – efervescente, amargurada – também tinha feito parte disso.

Então, uma emoção pesada. Vultosa. Cabia na sua mão. Uma emoção que ele parecia guardar num bolso invisível e, agora, tirava paravê-la.

Apenas uma pequena tristeza, ele disse a si mesmo. Pequena porque imaginada. O que mais ele poderia esperar?

Ele colheu algumas folhas de relva, esfregou-as entre os dedos e inspirou seu aroma juvenil. Então, colocou uma folha de relva na boca e mastigou. Sabia que era estranho, mas queria a estranheza daquilo para se distrair ou se dar uma última chance antes de partir, porque, se ele esperasse mais um instante, ela poderia chegar no último segundo. Tinha um gosto ensaboadão. Limpo.

Ela não viria. Provavelmente nunca tivera a intenção de vir.

Ele foi preparar seu cavalo.

Arin parou surpreso a alguns passos do estábulo. Soldados – talvez uma centena deles, a cavalo e a pé – se reuniam na colina. A manhã era barulhenta com o resfolegar e bater das patas dos cavalos, a irritação grosseira de pessoas que entravam na frente umas das outras, os estalos e as pancadas de metal e couro, o bater de uma sela colocada no dorso de um cavalo. Nada disso surpreendeu Arin. O que o surpreendeu foi Roshar, parado com dois cavalos selados, sorrindo para ele.

O príncipe veio até ele, seguido pelos cavalos.

– Você está atrasado. Dormiu até tarde?

Arin não respondeu.

– Aqui está. – Roshar passou as rédeas. – Você cavalga este às vezes, já notei. Ele é bom. Não tão bom quanto o meu, claro, mas vai servir. Pensei que iria querer deixar aquele grande cavalo de guerra para trás. É dela, não é?

– Dardo fica.

– É claro – Roshar disse, tranquilamente. – Bom. Não foi atencioso da minha parte? – Ele passou a mão no cavalo selado de Arin.

– Sim... mas um pouco atípico de você.

– Não diga isso. Sou atencioso como ninguém.

Arin se pegou retribuindo um leve sorriso. Montou no cavalo.

Todos se ordenaram atrás dele e do príncipe. Seguiriam caminho pela cidade, reunindo os soldados no caminho. Mais tarde, chegariam ao porto, onde soldados orientais que tinham vindo de navio esperavam por eles. Então, marchariam para o sul.

Antes, porém, passaram pela trilha para a casa. Algumas pessoas ladeavam a trilha, por saberem ou deduzirem a partida dos soldados.

Kestrel não estava lá. Sarsine sim, bem como a rainha. Inisha ergueu uma sobrancelha sarcástica para ele e disse:

– Cuidado.

Mas Sarsine. Ela parecia diferente, como se soubesse que Arin não tinha certeza se desta vez voltaria. Ele pensava que sua promessa a seu deus poderia ser absoluta. Ela estava chorando. Ofereceu flores, daquelas pequenininhas que cresciam ao pé das árvores, nas sombras. Do tipo que é preciso se agachar para ver direito. Eram as preferidas dele, muito tempo antes.

Ele as pegou. Do alto do cavalo, inclinou-se para secar as lágrimas dela.

– Não chore – ele pediu, o que só fez os olhos dela lacrimejarem de

novo.

– Amo você – ela falou. Ele disse que também a amava.

Seu cavalo avançou. Ele tirou a mão. A distância entre eles cresceu.

Não se preocupe, murmurou uma voz dentro dele. *Eu cuido dos meus*. Mas o deus da morte parecia sombrio.

Ouvi você, acrescentou o deus. *Ontem à noite*. *Uma promessa para ficar? De perder tudo isto?* Arin, você fez uma promessa para mim. Glória. Em meu nome. Ou estou me lembrando mal?

Arin não disse nada.

Ah, Arin. Sorte a sua que gosto de você.

Por que gosta?, Arin perguntou, mas o deus apenas sorriu em silêncio dentro dele.

Os navios ficaram na baía. A rainha defenderia a cidade. Arin tentou descartar o pensamento de que ela poderia facilmente tomá-la para si. Sua única opção era confiar em Inisha.

Alguns milhares marcharam para o sul. Eles só podiam viajar na velocidade em que os soldados rasos caminhavam e as carroças de suprimentos avançavam. As estradas eram boas. Eram valorianas, feitas com trabalho escravo depois da invasão. Pavimentadas para a guerra.

– Você não me perguntou sobre Arin – disse Roshar enquanto cavalgava ao lado dele.

– O quê?

– O tigre. Não o humano rabugento. Achei que seria melhor deixá-lo para trás para fazer companhia à minha irmã. Já que você não vai fazer isso.

Arin olhou feio para ele.

– Por acaso eu falei que queria que você virasse o bichinho de estimação da minha irmã? Não, apenas dei a entender para irritar você, o que é ridiculamente fácil, aliás. Prefiro ter você aqui comigo.

– Por quê?

– Teria sido um erro ficar. Não me diga que não considerou. Ela...

– Você está falando de Kestrel.

– Estou falando das *duas*. Não vou dizer nada da sua alminha penada. Você me derrubaria do cavalo e eu teria que matar você por insubordinação, o que daria um ótimo exemplo para os subordinados do exército, mas seria complicado e inconveniente.

– Fale o que quer dizer.

Roshar ficou sério.

– Tome cuidado, especialmente com a minha irmã.

Arin voltou o olhar para ele. Ele não achava que Inisha gostaria desse alerta.

– Você está sendo desleal a ela?

O sorriso de Roshar mostrava que ele achava graça que Arin fizesse uma pergunta tão direta e esperasse uma resposta igualmente direta.

– Jamais.

O barulho do exército – o chiar das carruagens, os cascos, botas, trechos de conversa em duas línguas diferentes – arrancava os pensamentos da cabeça de Arin. Ainda assim ele carregava consigo aquela emoção, aquela que havia encontrado à beira do riacho. Batia contra seu peito: uma pequena pedra pesada.

Espinhas amarelos floresciam à beira da estrada. Em certo momento, ele viu uma raposa e seus filhotes saírem de um arbusto tentando atravessar a estrada adiante. Parou o cavalo, sentindo-se tolo – então ficou aliviado aovê-los desviarem de vários cascos e chegarem com segurança ao outro lado.

– O general valoriano pode tentar aportar de novo na praia de Lerralen – comentou Roshar.

– Seria custoso.

– Verdade, mas ainda é o melhor local para uma invasão grande. Ele tem os números para tanto. Se os relatos estiverem certos, a nossa força é menor que a dele. Mas somos mais bonitos, o que é uma vantagem significativa.

– Acho que a questão para ele não é apenas vencer. – Arin se lembrou de Kestrel à mesa de jogos. – Ele gosta de vencer com estilo. Fazer você se sentir tolo por ter se considerado capaz de competir. Ele pode colocar todas as tropas dele naquela praia e sangrá-las e ainda assim vencer, e subir para o norte para tomar a cidade. Vitória por força bruta. Mas vexatória, com muitas perdas. E um pouco direta demais. Ele prefere os embustes. Já planejou um com os penhascos. A menos que ele tenha outro truque na manga para a praia, eu não concentraria nossas forças lá.

– Se não tivermos nada posicionado em Lerralen, ele vai seguir direto para a península sem resistência.

– Mande uma divisão.

– Dois terços?

– Mais a maioria dos suprimentos e da infantaria. Aquartelados lá. O

restante do exército continua se movendo para o sul, leves, rápidos, quase só cavalaria. Canhões pequenos. E armas de fogo.

– Onde você colocaria os seus soldados?

– Onde você os quiser.

Os olhos de Roshar se arregalaram exageradamente.

– Que gentil da sua parte.

– Desde que estejam sob o meu comando.

– Por que não – retrucou Roshar, afável – desde que você esteja sob o meu?

Noite. Sem comentarem a respeito, Arin e Roshar haviam montado suas tendas perto uma da outra. Uma pequena fogueira crepitava. O frio havia se infiltrado no ar; o clima estava mudando.

Roshar estava deitado de costas, com a ponta do pescoço apoiada sobre o saco de dormir enrolado. Ele fumava.

– Andei pensando.

– Meus bons deuses.

– Eu me dei conta de que você não tem nenhuma patente oficial e que eu, como seu príncipe, posso lhe dar uma. – Ele disse uma palavra oriental que Arin não entendeu. – Então? Serve?

– Depende.

– De quê?

– Se essa palavra foi um insulto terrível que você está fingindo ser uma patente militar.

– Que desconfiança! Arin, eu lhe ensinei todos os palavrões que conheço.

– Tenho certeza de que deve ter guardado alguns para um momento como este.

Roshar falou algo sobre porcos e a preferência de Arin por certas práticas questionáveis.

O herrani riu.

– Eu estava falando sério antes – disse Roshar. – Não sei como traduzir essa palavra. Para a sua patente. Coloca você em terceiro. Depois de Xash.

– O capitão havia solicitado a permissão da rainha para deixar seus navios sob as ordens dela e ele como seu segundo em comando. Ele queria fazer parte da operação em terra. – Ele tem a experiência. Combateu o general nas montanhas quatro anos atrás. É bom. Além disso, me mataria se eu

desse a você uma patente superior à dele.

Arin virou uma tora e observou as faíscas dardejantes.

– Obrigado.

Roshar estreitou os olhos para ele, tragando seu cachimbo, cuja cabeça queimava vermelha.

– Você não parece de todo contente. – A fumaça se curvava em volta de seu rosto. – O que foi? O que deixa você infeliz com o terceiro grau? Não gosta de Xash? Eu também não. E daí? Você não pode ter o segundo e definitivamente não vai ter o primeiro. – Ele examinou Arin com mais atenção. – Não, não é ambição frustrada que está incomodando você. Nem mesmo orgulho ferido, que normalmente é a interpretação óbvia no seu caso. Não desta vez, não sei por quê. Arin, você não está preocupado, está? Você é perfeito para isso. Você quer. Hoje mesmo pediu o comando dos herranis.

– Eu preciso. Sou responsável por eles.

– E eles amam você. Acham que você tem um dom sagrado dos seus deuses. Muito bom trabalho, devo dizer.

– Não foi intencional.

– Melhor ainda. Torna a coisa ainda mais autêntica. É conveniente, sabe, quando manda as pessoas para a morte.

Arin olhou para suas botas valorianas roubadas e sentiu o calor da chama em seu rosto.

– É tarde demais para ter escrúpulos sobre morte e matar e morrer – falou Roshar. – Você está no meio disso. Algumas pessoas nascem para isso.

Arin se perguntou se esse era o motivo por que Kestrel não tinha vindo: porque conseguia sentir o cheiro de morte nele.

– Você vai se dar bem – disse o príncipe.

– Eu sei.

Roshar cruzou uma perna sobre o joelho dobrado, ergueu-se um pouco para tirar as cinzas do seu cachimbo batendo-o na bota, depois voltou a se deitar em cima de seu saco de dormir.

– Sinto o cheiro de chuva – comentou Roshar.

– Hum.

– As folhas das árvores estão em concha por causa da chuva.

– Não dá para ver nessa escuridão.

– Eu vejo com a minha mente. – A fumaça de seu cachimbo remanesceu.

Ele cruzou os braços. Seu corpo parecia prestes a adormecer.

– Arin.

Arin, que estava sentado com os antebraços apoiados nos joelhos dobrados, os dedos soltos, não sentia sono algum.

– Sim.

– Como eu sou no escuro?

Surpreso, Arin olhou para o príncipe. A pergunta não tinha nenhuma farpa. Nem era irônica. Sua forma baixa, incerta, sugeria que Roshar realmente queria saber. Sob as sombras vermelhas de brasa, seus braços e pernas pareciam relaxados, e seu rosto mutilado encarava os olhos de Arin. A sensação pesada que Arin carregava – aquela tristeza específica, aninhada logo abaixo de seu peito, como um pingente – diminuiu. Ele disse:

– É meu amigo.

Roshar não sorriu. Quando falou, sua voz coincidia com sua expressão, o que era raro para ele. Mais raro ainda: seu tom. Baixo e sincero.

– Você também.

Sozinho em sua tenda, Arin deve ter caído no sono em algum momento. Acordou esperando encontrar Kestrel ao seu lado. A presença dela parecia clara e real, tão real quanto na noite em que ficou diante dele em seus aposentos. Naquela camisola fina. O ardor da sua pele quente. Quero me lembrar de você .

Volte a dormir, ele disse a si mesmo. Você não pode obrigá-la a cumprir promessa nenhuma.

Ele se deitou de lado. Houve o ribombo do trovão. O céu se abriu. A chuva bateu contra a lona e ficou mais forte.

Não passou. Água escorria dos cavalos enquanto eles caminhavam. A tarde não pareceu diferente da manhã, que não tinha parecido diferente da noite. Tudo era de um cinza turvo. Arin estava encharcado até os ossos. A chuva pingava de seu nariz.

O avanço era lento. Arin recuou para as linhas médias e parou para ajudar a empurrar uma roda de carroça para fora de um sulco escorregadio entre paralelepípedos rachados. Tinha acabado de voltar a montar seu cavalo quando percebeu que uma pausa havia sido ordenada. Todos pararam onde estavam.

Ele cavalgou pelas fileiras até Roshar.

– O que foi? – perguntou ao príncipe.

– Uma encruzilhada. – Roshar apontou para a estrada à frente e tirou o mapa encerado de um tubo no alforje. Arin pegou uma coberta de tecido grosso de seu alforje e alinhou o cavalo ao lado do de Roshar, erguendo a coberta sobre ele e o príncipe para proteger o mapa da chuva forte.

A estrada logo se bifurcaria. A oeste ficava Lerralen.

– Vou ouvir seu conselho – Roshar disse. – Vamos nos dividir. A maioria para oeste. Alguns para o sul. Faça a sua aposta, Arin. O país é seu. Onde vai ser a ação?

Arin estudou o mapa, mordendo o lábio.

Hum, disse a morte. *Estes territórios parecem bons.*

Algumas aldeias não muradas ficavam perto deles. Os territórios ficavam tão ao sul que seria fácil para o general passar suas provisões de Ithrya para o continente.

– Um destes – apontou Arin, com a chuva pingando da boca. Ele sentia como se estivesse cuspido. – Se o general conseguir uma posição segura lá, ele pode fortalecer essa posição, tirar quase tudo de que precisa dos territórios, exceto pólvora negra. Pode subir, se dividir, formar flancos a leste e a oeste. Pode nos engolfar. Abrir caminho até a cidade.

Roshar enrolou e guardou o mapa. Arin abaixou a coberta, que estava encharcada. Sua noite seria úmida.

Roshar olhou para a chuva sem piscar.

– Parece quase a minha terra. – Ele abaixou os olhos para Arin. – Quer ir com Xash para Lerralen?

Arin fez que não.

– Foi o que pensei.

O exército se dividiu. Arin cavalcou ao sul com Roshar.

Perto do anoitecer, a chuva parou, mas havia caído por tanto tempo que Arin pareceu aindavê-la gotejando em sua visão.

O exército reduzido montou acampamento para a noite, praguejando contra a lama, o humor péssimo. A tenda de Arin tinha ficado praticamente seca dentro da lona. Uma muda de roupas também, enfiada no fundo de um alforje. Todo o resto estava encharcado. Ele desafivelou a armadura de couro, que pingava água e cheirava a vaca molhada. Tirou a túnica. Não tinha onde pendurá-la. Dobrou-a para secar sobre um galho baixo perto de uma árvore, então suspirou quando uma brisa despejou gotas das folhas

altas.

Todos queriam uma fogueira, mas a lenha na floresta ao longo da estrada estava molhada. Nada queimaria. Arin se resignou à umidade. Armou sua tenda, arrancou uma tira larga do casco grosso de uma árvore (o lado não exposto estava seco) e se sentou nela em vez de sentar na lama à frente da tenda enquanto usava sua única camisa seca para secar a chuva de todos os metais para não enferrujarem: espada, adaga, escudo, fivelas da armadura, rédeas.

Não parecia verão coisa nenhuma. Arin sentiu um calafrio, uma tensão desagradável nas suas costas. Uma mecha de cabelo úmido caiu em sua bochecha. Ele estremeceu, jogou-a para o lado e continuou a polir com a camisa, esfregando as fivelas nas rédeas e no cinturão. Aqueceu-se um pouco com a atividade.

– Ora, ora, olhe só você. – Roshar parou diante dele, com as mãos nos quadris, a armadura desafivelada no corpo. – Tão diligente. Com frio também, aposto.

Arin o ignorou.

– Já que está aí – Roshar disse –, quer secar as minhas coisas também?

Arin parou, ergueu os olhos e fez um gesto que havia aprendido no oriente. Roshar deu risada. Saiu chapinhando até sua tenda. Arin o ouviu chamando um de seus subordinados. Então, parou de prestar atenção.

Depois de um tempo, porém, um calafrio subiu por seu pescoço. No começo, Arin pensou que fosse o frio. Mas não tinha concluído sua tarefa, então não vestiu a camisa quase seca, que era o que queria fazer. Continuou na atividade.

Devagar, foi se dando conta de um silêncio surpreso que tomava conta do acampamento. As batidas encharcadas dos cascos de um único cavalo se aproximando. Então alguém, um dacrano, disse:

– Fique onde está!

Arin ouviu o ranger de uma besta.

Ergueu os olhos no mesmo momento em que a cavaleira parou.

No alto de seu garanhão, com o cabelo lambido e o semblante desolado, estava Kestrel.

ELE FOI ATÉ ELA, TIRANDO A TÚNICA FRIA E ÚMIDA E e se vestindo.

As mãos dela agaravam-se às rédeas, seu corpo estava tenso. Ela estava cavalgando havia bastante tempo. Tinha um ar atordoado que o lembrou terrivelmente da tundra. Tudo nela estava rígido e desacertado.

Ele a pegou pela cintura e a desceu. Tomado por confusão e preocupação, disse:

- O que está fazendo aqui?
- Desculpe. Não cumpri minha promessa a você.
- Não tem importância.
- Dei a minha palavra. Os valorianos honram sua palavra. – Ela balançou ligeiramente.

Ele abriu o alforje de Dardo. Nenhum alimento. Nenhuma roupa. Nenhum fósforo ou pedaço de lenha. Nem mesmo um cantil. Apenas uma lamparina queimada.

- Kestrel, você está me assustando.
- Desculpe.

Ele a levou para sua tenda, ignorando os olhares curiosos, e ficou grato – sem saber exatamente o motivo – por Roshar não estar perto. Arin pegou sua camisa seca de onde havia caído no chão e tirou a calça limpa de um alforje. Seu cantil. Alguns biscoitos, empapados pela umidade.

– Tome. – Ele enfiou tudo nas mãos dela. – Troque-se. Coma. Vou esperar lá fora.

Ela fez que sim. Ele sentiu um alívio trêmulo por receber uma resposta que parecia normal, ainda que pequena. Então, ela desapareceu dentro da tenda e ele voltou a ficar ansioso.

Minutos se passaram. Houve um movimento dentro da tenda. Parou. Ele perguntou se ela estava bem. Não houve resposta. Finalmente, estava preocupado demais para não entrar.

Ela estava sentada, olhando fixo para o próprio colo, segurando o cantil fechado. Havia trocado de camisa, então pareceu ter atingido o limite do que era capaz de fazer. Ainda usava as mesmas calças molhadas, as botas de cavalaria, a adaga. O biscoito estava ao seu lado, intocado.

Ele se ajoelhou e pegou as mãos frias dela.

– Por favor, diga-me qual é o problema.

Ela abriu a boca, mas engasgou com as palavras. Parecia fraca. Ele começou a se sentir igualmente fraco. Arriscou outra pergunta.

– Como soube onde estávamos?

– Deduzi.

Arin ficou encarando. Ela continuou:

– Pensei... talvez Lerralen... mas meu pai, ele... eu sei como ele é. Então pensei... – Ela parou. Ele não gostou de como a voz dela vacilou com a menção do general. – O território Errilith. Rebanho, prados, árvores. Água. Faria sentido. Para ele. Fiquei com medo. Talvez você não considerasse Errilith. Ou considerasse e acabasse ignorando. Mas tive esperanças.

Ele sentiu um raio de medo. Perambular vagamente para o sul... sem provisões, sozinha, praticamente desarmada... a partir de um palpite. Uma suposição. Isso o abalou.

– Você não tem nem um mapa. – Ele não tentou dizer mais nada. Teve medo de que ela recuasse diante da intensidade do que ele sentia.

– Já vi os mapas certos, antes. Eu me lembro. Eu... – O rosto dela se contorceu.

– Não precisa dizer.

– Deixe-me dizer. Eu quero. Fui até a casa. Minha casa. Depois que saí da sua suíte. Não pretendia ficar tanto tempo. Desculpe.

– Não tem nada pelo que se desculpar.

– Tenho sim. Tive tanta certeza. Na tundra, coloquei a culpa em você. A culpa: podre dentro de mim. Mas, quando fui para casa, eu me lembrei. A prisão não foi culpa sua. Foi minha. Foi dele.

Arin ficou gelado. A desconfiança dele tomou sua forma final.

– Seu pai – disse ele.

– Sim.

– Seu pai traiu você.

– Escrevi uma carta para você quando estava na capital. Tão estúpido colocar tudo no papel. Tudo que eu tinha feito. As informações que passei para Tensen. A maneira como trabalhei contra o império. O que sentia. Meu pai leu. Entregou para o imperador. – Ela estava chorando. – E eu sei, sei que isso o magoou, que destruí alguma coisa, que ele sentiu que algo se quebrou. Talvez eu não fosse mais eu mesma, não aos olhos dele. Entende? Não era mais a filha dele. Não alguém que ele conhecia. Apenas uma

estranha desleal. Mas como ele pôde? Por que não pôde me amar mais? Ou o suficiente. Por que não pôde me amar o suficiente para me escolher no lugar das leis dele?

Arin a puxou para seu colo. Segurou seu corpo trêmulo, aninhou o próprio rosto no pescoço frio de Kestrel enquanto ela soluçava. Murmурou que a amava mais do que era capaz de dizer. Prometeu sempre a escolher em primeiro lugar.

Ela estava exausta e pegou no sono rápido. Arin se sentou ao lado dela por longos momentos depois disso. A ideia de um assassinato cresceu em seu peito.

O general estava longe de seu alcance por enquanto. Mas alguém mais próximo serviria.

Ele deixou a tenda e não precisou ir longe. Roshar estava esperando por ele.

– Soube que você tem uma hóspede inesperada – comentou o príncipe.

Arin colocou a mão em seu ombro e o puxou para o meio da floresta.

Roshar – estranhamente – não emitiu nenhum som até estarem longe o suficiente do exército. Quando não dava mais para ouvi-los, ele disse, cauteloso:

– Arin, por que você está... me agredindo?

– Você sabia.

– Seja específico, por favor.

– Na manhã que partimos, você sabia que o cavalo dela não estava nos estábulos. Foi por isso que selou um cavalo e o levou para mim: para que eu não notasse que ela não estava em casa. Você é um mentiroso.

– Isso não é uma mentira.

Silêncio.

– Arin, você está me *esmagando*. Certo, sim, tudo bem. Eu posso ter iludido você *gentilmente*, mas foi pensando no seu bem. Será mesmo uma mentira? Ou, se é, não é uma muito, mas muito pequeninha? – Ele quase uniu a ponta do dedo indicador com o polegar.

– Você não tem o direito de julgar o que é bom para mim.

– Eu sei que você mesmo não sabe. Sei que não consegue ser racional quando o assunto é ela. Talvez eu tenha mesmo observado que Dardo não estava na baia dele naquela manhã. Talvez soubesse como as coisas se desdobrariam: você perceberia isso e sairia correndo atrás dela, onde quer

que ela estivesse, e minha irmã ficaria sabendo. O que meus soldados pensariam se eu ficasse esperando você? Ou se marchássemos para o sul sem você? Tudo viria abaixo. Então, sim, eu menti. Faria de novo. Minha outra opção era ver você jogando tudo para o alto por alguém que nem mesmo ama você.

Arin o soltou. Sentiu-se brutalmente eviscerado.

– Você queria a verdade – disse o príncipe.

Arin pensou em Logro, Tensen, Kestrel. Refletiu se parte dele se atraía por mentiras. O que o tornava tão fácil de enganar?

– Ah, Arin. Não fique assim. Peço desculpas.

Ele fitou seu amigo, que ainda era seu amigo. Ocorreu-lhe que Roshar havia entrado silenciosamente na floresta porque, se protestasse, o exército dele teria cortado Arin em pedaços.

Arin também pediu desculpas, depois disse:

– Não é você que me enfurece.

– Ah, não?

– Você é apenas o alvo mais próximo.

– Que lisonjeiro.

– Kestrel foi presa pelo pai. Ele encontrou provas de que ela estava espionando para Herran e as revelou para o imperador.

Roshar considerou isso com a expressão resguardada.

– Uma memória nova?

– Sim.

– Do que mais ela se lembra sobre o general?

– Não sei.

– Você deveria perguntar.

– Não.

– Não é por curiosidade, Arin. É para reunir informações potencialmente relevantes para nossa operação. Terei o maior prazer em conversar com ela se você não quiser fazer isso.

– Deixe-a em paz.

– Você subestima meu charme. É claro, certa vez ela apontou a adaga para mim, mas já deixamos isso para trás. Ela gosta de mim. Eu sou muito querido.

Arin não quis lhe contar sobre os olhos inflamados ou o tom dilacerado e fraco da voz dela. A maneira como chorava, seu abandono absoluto. Seu rosto: tão sozinha, não importasse o que ele lhe dissesse.

– Ela não está em condições de falar – ele disse, categórico. – Cavalgou por dois dias e uma noite sem comida ou água exceto talvez o que pegou ao longo da estrada... isso se pensou em pegar. Ela sequer tinha certeza se nos encontraria. Supôs aonde iríamos e forçou seus limites para nos alcançar.

O príncipe ergueu as sobrancelhas e comentou:

– Impressionante.

Seu tom deixou Arin desconfiado.

– O que quer dizer com isso? – perguntou o herrani.

– Ela tem o dom da sobrevivência.

Passou pela mente de Arin que, na cidade, Roshar poderia ter pressionado Kestrel em busca de informações; se não tinha feito isso, não deve ter sido por respeito à saúde frágil e à recuperação dela nem porque presumia que não havia nada a ganhar cavoucando a memória incerta de Kestrel: era porque Roshar não teria confiado no que ela teria a dizer... na época. Se confiava agora na palavra dela, era apenas porque ela tinha sido prejudicada pelo seu inimigo. O que a tornava – Arin viu a ideia se formar nos olhos de Roshar – um trunfo com uma motivação a favor da causa deles.

– Não gosto do que você está pensando – disse Arin.

– Ela pode ser útil.

– Você não vai *usá-la*.

– A filha do general? Seríamos tolos se não usássemos. Você fala dela como se ela fosse feita de fibra de vidro. Sabe o que eu vejo? Aço.

– Você não vai torná-la parte desta guerra. Vou levá-la de volta para a cidade.

– Não – Kestrel disse atrás deles. – Não vai.

Arin se virou.

A visão dela. Não era apenas que ela parecia perdida na camisa grande demais dele ou que seus olhos eram como covas cansadas. Era a firmeza de seu maxilar. A maneira como erguia o queixo. Ele já tinha visto isso antes. Todos os navios que se estilhaçaram contra a rocha da determinação dela. Como ela também se quebrava, se preciso fosse, para conseguir o que queria.

Prendam este escravo . As palavras dela, proferidas no dia em que combatera um duelo por ele, ainda feriam. O que viera depois: o aperto da impotência. Estar em menor número contra a guarda particular do pai dela. O primeiro golpe. A maneira como não tinha olhado para trás enquanto

deixava a porta se fechar atrás dela. Humilhação. Uma espécie de admiração estarrecida. Uma dívida. Depois: ela, ferida e mancando pelo gramado da casa.

Aquilo o tinha mudado. Revelou algo que corria dentro dele como uma veia de ouro líquido. Uma atração lenta. Transformando-se, contra a sua vontade, em carinho... e algo mais.

O incidente no último outono, quando ela o enganara, o trancafiara numa cela enquanto cavalgava para o duelo, se assomou em sua mente como uma historinha que lhe revelou a narrativa maior de como ela havia se arruinado e ele fora mantido em segurança, e como a segurança dele e a ruína dela o arruinaram.

Agora ela o encarava firme. O olhar dele traçou o cair de uma única trança recém-feita sobre o ombro dela, com a cor obscurecida pelo crepúsculo. Ele se lembrou do corpo da valoriana morta enfiado em sua lâmina. Sua irmã sendo arrastada para o armário de casacos.

- Você não pode ficar – ele disse a ela.
- Não cabe a você decidir isso.
- Não é seguro.
- Não importa.
- Eu não vou permitir.
- Você não comanda este exército.

Roshar sorriu.

- Não – disse Arin. – Não faça isso.
- O que você propõe, milady?
- Meu príncipe, gostaria de me alistar. Juro servir e aniquilar seu inimigo e banhar minha lâmina no sangue dele.
- Que brutalmente valoriano da sua parte. Esse é o juramento militar tradicional? Gostei. Aceito.

Ela fez um aceno leve de cabeça e lançou um olhar incompreensível para Arin – com um tom, talvez, de algo como arrependimento, mas era difícil saber exatamente o que a havia afetado. Talvez fosse a expressão dele ou a memória flutuando invisível no ar escuro de verão, vista apenas por ela.

Ela os deixou.

- Se a mandar para a batalha – Arin disse a Roshar –, ela vai morrer na primeira leva.
- Ora, só porque ela tem a metade do seu tamanho? Aposto que ela tem mais treinamento do que o soldado raso comum.

- Ela não tem talento para isso e é inexperiente.
- Ela quer isso, Arin. Não a culpo por querer e, sinceramente, acho que a ajuda dela pode ser crucial.
- O *conselho* dela. Deixe que ela aconselhe você, então. Aliste-a, dê uma patente para ela se for preciso. Mas mantenha-a fora do combate.
- Certo – disse Roshar. – Por você.

Arin se virou para sair. A cabeça dele fervilhava, seu coração estava ferido.

Roshar tocou seu ombro de modo surpreendentemente delicado.

- Eu sei que você quer a segurança eterna para ela, mas não vivemos num mundo em que isso é possível.

Arin solicitou que dois oficiais herranis dividissem uma tenda. Carregou a outra amarrada frouxamente. Encontrou uma mulher mais ou menos da altura de Kestrel e trocou uma pequena faca de bota por uma muda de roupas decentes. Vasculhou as carroagens de suprimento e fitou com um ar estúpido os conjuntos de armadura reservas: todos grandes demais. Espadas: pesadas demais. Considerou uma arma de fogo entre as várias fileiras delas, escondidas em um fundo falso sob os fardos de comida de cavalo. Incerto, deixou as armas de fogo onde estavam. Por fim, pegou uma besta oriental. Mesmo se Roshar fosse fiel à sua palavra e tentasse manter Kestrel longe de qualquer ação militar real, sempre havia a possibilidade de um ataque surpresa.

Ele levou tudo a Kestrel. A noite havia caído por completo. A luz de uma fogueira próxima bruxuleava em seu rosto. Ele tentou não olhar para ela. Agachou-se e começou a montar a estrutura da tenda. Cravou uma estaca na terra mais seca agora.

Houve uma pausa depois que ele martelou a primeira estaca. Ele se empertigou.

- Pensei... – A voz de Kestrel se perdeu no escuro. Ela não disse o que pensou. Tocou o punho dele, leve como uma mariposa.

Arin se encolheu. Não foi proposital. Queria desfazer essa ação, mas por sua mente vagava uma sequência aterradora de imagens: uma mariposa-mascarada, o tratado assinado na mão invernal de Kestrel, a garota valoriana que ele tinha abatido no mar. O cabelo preto ensanguentado de sua mãe.

Kestrel recuou. Ele pareceu senti-la ecoando sua mágoa.

– Eu posso fazer isso. – Ela pegou a pedra da mão dele. – Meu pai me ensinou a montar uma tenda. Eu me lembro.

Do que mais você se lembra? , Arin quis perguntar e sentiu repulsa de si mesmo. Ele sabia como ela sofria pelo que já lembava. Não tinha pensado que seria possível odiar o general ainda mais, mas lá estava: um jato quente de ódio. Disse:

– Não vou poupar seu pai.

As sombras estavam muito profundas entre eles. Ele não conseguiu ler o rosto dela, que disse:

– Não quero que poupe.

ELES CONTINUARAM SEGUINDO PARA O SUL. ARIN SE Kestrel. Uma ou duas vezes, ela cavalgou Dardo ao lado do cavalo dele. Não correu bem. Ele não sabia como se portar. Não aceitaria isso.

Na primeira vez em que ela aproximou o cavalo do dele, ele estourou:

– Pelo amor dos deuses, você sequer tem uma armadura.

– Eu sei que você está preocupado – ela disse baixo.

– Seu pai queria que você se alistasse. Você resistiu. Sua música. Você gostava mais dela. Disse-me uma vez que não queria ir à guerra porque não queria matar.

– Isto é importante para mim.

– Você não teria feito isto antes.

– Eu sei. Eu mudei.

Nessa frase, ele ouviu a verdade de uma forma como nunca tinha ouvido. Havia dito essa frase inúmeras vezes, até insistido nela: a mulher que ele conhecera havia ficado para trás. Ouviu de novo a promessa que fez para ela na tenda dele. Sentiu a ausência da promessa dela.

No entanto, era injusto sentir-se magoado diante do sofrimento maior dela, e essa injustiça o fez se sentir pequeno. Ele olhou para o sol no cabelo dela, a tranquilidade com que montava na sela. Atrás, uma fila de cavalaria, um galhardete oriental flamulando azul e verde. Medo o sufocou. Foi difícil ouvir o que ela disse em seguida. A promessa de tomar cuidado, de não correr riscos. Era tão impossível e absurdo fazer uma promessa dessas durante uma guerra que ele nem conseguiu responder.

Depois de um tempo, ela ficou em silêncio.

Na vez seguinte, também na estrada, ele a notou conduzindo Dardo por entre as fileiras para falar com ele. Ele virou seu cavalo para a esquerda e encontrou um motivo para ficar longe. À noite, esperou até ela ter montado sua tenda. Tomou o cuidado de não montar a sua perto da dela.

Ela continuava a cintilar no canto de sua visão. Quando o acampamento se levantou ao amanhecer, ele vislumbrou o brilho do cabelo dela, notou-a falando facilmente com os herranis ou tentando aprender dacrano com os orientais. Observou a desconfiança dos soldados se dissolver. Eles

começaram a sorrir com a chegada dela, gostar dela apesar da sua intuição e da aparência dela: a imagem de uma guerreira valoriana.

Ela manteve-se próxima de Roshar. Arin viu de longe a maneira como o príncipe a provocava. Ouviu-a rir. Um punho cerrou dentro dele. Ao anoitecer, os dois jogaram cartas. Roshar cortou o ar com uma série de palavrões orientais ao perder.

Certa noite, quando estavam a cerca de cinquenta quilômetros de Errilith, Arin foi até a tenda de Roshar, que era grande o bastante para acomodar uma pequena mesa, um conjunto de cadeiras de encosto de lona, e uma cama dobrável costurada no estilo e nas cores do povo nômade das planícies. O tecido era acolchoado por penas em vez de palha, e à mesa tinham sido servidas uma ave assada, frutas vermelhas descascadas e uma vasilha de arroz oriental tingido de laranja intenso por um tempero que Arin havia experimentado certa vez e achado forte, doce e um pouco amargo. Havia uma cabaça de vinho e dois copos de estanho. Dois pratos.

– Oh, veja só – Roshar disse da cadeira de teca coberta por tecido verde em que estava relaxando. – Os céus se abriram e o estranho não é mais estranho.

Arin ficou olhando, sem entender.

– É poesia – Roshar explicou –, mas não soa tão bem em sua língua.

– Você está esperando alguém.

– Talvez. Você vai servir por enquanto. Sente-se comigo.

– Kestrel?

– Perdão?

– Você está esperando Kestrel? – A pergunta saiu categórica.

Roshar tossiu.

– Nãão – ele falou arrastando a palavra, mas Arin não gostou do humor na voz dele. Sentou-se mesmo assim e observou Roshar lhe preparar um prato, o que não era nada esperado entre um príncipe oriental e seu hóspede, mas não era sempre que Roshar gostava de fazer o papel de príncipe. – Kestrel levantou a questão dos batedores valorianos. Não podemos esperar passar totalmente despercebidos, marchando pela estrada principal ao sul.

– Não houve ataque. – Era o que Arin pensava que aconteceria caso os valorianos fossem informados de sua movimentação.

– Ela apostava que o general notou a concentração de nossas forças em Lerralen. Ainda não está claro se sabe sobre este contingente, mas pode se

abster de nos atacar porque não quer posicionar forças ao norte de Errilith, já que suas linhas de suprimento seguem para o sul daquele território. Ou, talvez, pense que vamos decidir defender o território errado e ele pode conquistar sua recompensa sem resistência. Por que nos confrontar agora e pagar o preço com sangue se vamos desperdiçar nossas energias em outro lugar enquanto ele toma o que quer? Claro, Errilith pode ser o território errado.

– Se Kestrel diz que é o certo, então é.

– Concordo. – Roshar bebeu seu vinho.

Arin tentou comer.

– Você já conseguiu vencê-la em cartas? Fronteiras? Qualquer coisa? Ela me *destrói* – reclamou Roshar.

– Você passa muito tempo com ela.

O cálice de Roshar parou em pleno ar.

– Arin.

Cíume veloz. Um ressentimento enjaulado.

– Eu não estou, digamos, interessado em Kestrel. – A expressão do príncipe mudou um pouco e, na pausa que se seguiu, um pensamento lento passou pela cabeça de Arin, um que ofereceu uma explicação inteiramente nova para o motivo por que os soldados de Roshar não tinham feito nada quando Arin o empurrara para a sombra das árvores. – As mulheres não me interessam nesse sentido – completou Roshar.

Pareceu para Arin que já havia compreendido isso muito tempo antes sem realmente se dar conta. Ele notou a expressão de Roshar, que em outro homem Arin poderia ter chamado de hesitante, mas que no príncipe se assemelhava mais a uma curiosidade tranquila. Seus olhos pretos estavam quietos. Arin sentiu as coisas mudarem entre eles em arranjos mais intricados.

– Eu sei – Arin disse a ele.

– Ah, *sabe*? – Um sorriso sarcástico. – Gostaria de ter certeza?

Arin corou.

– Roshar... – Ele se atrapalhou, em busca do que dizer.

O príncipe riu dele. Encheu a taça de Arin.

– Beba rápido, pequeno herrani. Pois, como bem observou, estou esperando outra pessoa hoje e, embora sua companhia seja sempre bem-vinda, a dele eu prefiro desfrutar sozinho.

Kestrel aguardava na entrada da tenda de Arin. Estava uma noite meio turva, quente demais para uma fogueira. O acampamento era um terreno escuro. Ele não a viu claramente, apenas o contorno dela.

– Trouxe uma coisa para você. – Ela estendeu a mão e depositou um objeto redondo na palma da mão dele.

No mesmo instante, ele soube o que era. Passou os dedos na superfície firme, levemente áspera.

– Uma laranja.

– Encontrei uma árvore não muito longe do acampamento e colhi o máximo que consegui carregar. Dei a maioria para outras pessoas. Esta, pensei que a gente poderia dividir.

Ele jogou a laranja de uma mão para a outra, maravilhando-se com a fruta.

– Não sabia se você gostava – disse Kestrel.

– Eu gosto.

– Você já me falou disso alguma vez? Eu me esqueci?

– Nunca falei. Na verdade... – Ele girou a laranja em uma mão. – Eu adoro.

Ele pôde jurar que a viu sorrir no escuro.

– Então, o que está esperando?

Ele enfiou o polegar e descascou. O perfume pulverizou o ar. Dividiu e deu metade para Kestrel.

Eles sentaram na grama diante da tenda dele. Tinham acampado em um prado não muito longe da estrada. Tocou na grama, macia sob seus dedos. Chupou. A fruta era pulsante em sua língua. Fazia anos.

– Obrigado.

Ele pensou ver a boca dela se curvar e foi tomado por um nervosismo ofegante. Cuspiu uma semente em sua mão e se perguntou o que momentos como esse semeavam. Então disse a si mesmo para parar de pensar. Uma laranja. Um prazer suficientemente raro. Apenas comeu.

Depois de um momento, perguntou:

– Como você está?

– Melhor. Antes... era como tentar percorrer um país novo em que não houvesse chão. Agora, pelo menos sei onde estou pisando. – Ele ouviu o som dela esfregando as mãos e, depois, o som de coisas não ditas, palavras ponderadas e desejo encontrado. Tristeza irradiando dela. A pulsação baixa do sofrimento.

– Você está melhor mesmo? – Arin perguntou com a voz baixa. Ele a ouviu perder o ar. – Não precisa ficar melhor.

O silêncio cresceu.

– Eu não estaria – emendou ele.

A voz dela era uma linha fina:

– Como você estaria?

Ele pensou na injustiça da perda; como, na infância, havia mergulhado nela e, depois, se culparia não apenas por tudo que não havia feito quando os soldados invadiram sua casa, mas também por seu sofrimento insondável. Ele deveria ver os vazios enormes em sua vida. Desviar deles. Pise com cuidado, Arin, por que não consegue pisar com cuidado? Mãe, pai, irmã. O que dizer de alguém que mergulhava diariamente em seu infortúnio, vivia no fundo desse vazio e nem mesmo queria sair?

Ele se lembrou de como havia começado a se odiar. O esculpir de sua raiva. Pensou em como certas palavras significam uma coisa, mas também seus opositos, como dividir . Compartilhar, separar. Pensou em como a tristeza traça o ponto onde os lugares se encontram. Seu passado e seu presente. Amores e ódios. Enfia um cinzel nas fendas e puxa. Ele quis dizer isso, mas teve medo. Medo de dizer a coisa errada. Medo de que sua raiva do pai dela pudesse distorcer o que tinha para dizer. E, de repente, não tinha mais certeza se deveria responder à pergunta dela... Se, com sua resposta, poderia, sem querer, colocar sua perda no lugar da dela ou fazer a dela se assemelhar à dele.

Ele contemplou o contorno escuro do rosto de Kestrel. A pergunta dela o sufocou.

Até não sufocar mais. Até ele parecer capaz de ver no escuro. Ele soube que ela devia estar com o maxilar tenso, que estava cravando as unhas nas palmas das mãos. Ele a conhecia.

– Acho que você se esforça muito para ser forte. Não precisa ser forte.

– Ele iria me querer forte.

Isso deixou Arin furioso demais para se confiar a falar.

– Estou tentando lhe contar uma coisa desde que cheguei aqui – disse ela.

E ele a vinha evitando, deixando claro de diversas formas que ela precisava ir embora. Sentiu vergonha. Suas mãos estavam vazias; as cascas de laranja tinham caído na terra.

– Desculpe. Ando insuportável.

– Só assustado. E nem tem aranhas na história.

Isso era típico dela: a maneira como sua voz ficava leve quando o assunto era pesado.

– Por favor – ele pediu –, conte.

– Eu me lembrei de mais coisas do meu último dia no palácio imperial do que contei quando entrei para o exército. Pensei que talvez fosse magoar você se eu contasse.

– Conte mesmo assim.

– Você foi até mim na sala de música do palácio.

– Sim. – Ele se lembrava: sua mão aberta contra a porta da sala de música. Abrir, ver o rosto dela ficar pálido.

– Meu pai ouviu nossa conversa. Ele estava ouvindo em um cômodo secreto, construído para espionagem, escondido atrás de uma tela na estante.

A compreensão tomou conta dele. Tudo correu nauseante por seu cérebro. O gesto dela erguendo a mão fina, trêmula, para mantê-lo longe quando ele entrou no batente da sala de música. Ele havia seguido em frente. Ela pedira para ele sair. Ele havia se aproximado.

– Tentei avisar você de que ele estava lá – Kestrel disse. – Nada funcionou.

Ela havia tentado pegar pena e papel. Um bilhete, ele entendeu agora. Ela queria escrever o que não podia dizer em voz alta. Ele havia arrancado a pena de sua mão e a atirado no chão.

Essa devia ser a sensação, ele pensou, de levar uma facada no estômago.

Kestrel estava falando rápido agora, com a voz incerta.

– Ele não tinha vindo me espionar, apenas queria me ouvir tocar. Era difícil conversarmos. Mais fácil ter um segredo aberto entre nós. Ele vinha e escutava, e podia fingir que não estava lá de verdade. Mas eu ficava feliz quando ele me ouvia. Então, você abriu a porta da sala de música. Eu senti... eu me lembro como me senti. Nada do que falei foi sincero. Foi ofensivo. Me perdoe.

– Não diga isso. Não para mim. Eu falhei com você.

– Nunca confiei em você o bastante para lhe dar a chance de falhar ou não comigo. Me perdoe. Fui cruel. Não apenas para proteger você do meu pai. Eu queria me proteger também. Não conseguia suportar a ideia de ele descobrir. Mas e se eu tivesse abdicado de todas aquelas formas disfarçadas de tentar lhe dizer que ele estava escondido atrás da tela? Eu poderia ter

simplesmente *contado para você*. Poderia ter admitido o que tinha feito e deixado que ele ouvisse. Sim, aceitei me casar com o príncipe para que você pudesse ter sua independência. Sim, eu era a espiã de Tensen. Sim, amava você. – Houve um silêncio. Vaga-lumes brilhavam a distância. – Por que não falei isso naquele dia? Eu me pergunto o que teria acontecido se tivesse falado.

E agora?, ele quis perguntar. *Você me ama agora?* Ele sentia a incerteza dela. Sentia – como se isso já tivesse acontecido e ele já tivesse perguntado – o estrago de forçar a pergunta.

Ela falou como se tivesse ouvido mesmo assim.

– Você é importante para mim – ela disse, e tocou o rosto dele.

Importante. A palavra inflou e desinflou. Mais do que ele pensava. Menos do que queria.

Mas isto: o toque dela. A forma como o sangue dele saltou. Ele ficou imóvel.

Chega de erros. Ele não podia se dar ao luxo de cometer nenhum. Não faria nada.

Faria algo.

Não.

Ela encontrou as curvas de suas pálpebras fechadas, o contorno de seu nariz. Os pelos sobre sua boca, a aspereza em volta do seu maxilar onde não havia se barbeado. Sua pele começou a sonhar. Então seu pulso. Sua carne. Até os ossos.

Ela deu um passo na grama. Verde e laranja perfumaram o ar. Estava na pele dela. Ela tinha esse gosto também quando sua boca tocou a dele e seus narizes se tocaram desastradamente, e ele quis poder ver quando ela soltou um riso aspirado e suas mãos tocaram o cabelo dela contra a sua vontade, contra o que ele havia dito para ela na noite antes de partir sobre o que era e o que não era suficiente. O sabor ácido de frutas cítricas na língua dela. Ele se esqueceu de si mesmo. Moveu-a para baixo dele e sentiu seus corpos marcarem a grama.

Uma brisa leve agitou o ar pesado, flutuando sobre o arco de suas costas. Ela soltou a camisa dele de dentro da calça e ele se apoiou nos cotovelos. O cabo da adaga dela apertou sua barriga. Ele ficou onde estava; as mãos dela eram como água quente correndo em sua pele. Ele não queria emitir um som. Até mesmo seu sangue parecia alto enquanto a beijava.

Então uma fogueira iluminou a escuridão próxima. Assustado, ele

recuou.

Podia ver o rosto dela melhor agora. Os olhos lentos, a boca turva e uma dúvida perpassando sua expressão. Era isso o que ele havia imaginado antes, ou algo perto disso.

Perto o bastante, decidiu, mas então o medo súbito de que, se antes ela tinhia vindo até a suíte dele porque queria lembrar, talvez agora, sabendo o que sabia, ele fosse apenas uma maneira de ela esquecer.

Ele se ergueu.

Ouviu um farfalhar enquanto ela também se sentava e envolvia os joelhos com os braços. Ele manteve os olhos longe dela. Ajeitou a camisa, mas parecia estranha, como se não coubesse mais nele. O ar úmido se resfriou entre os dois. Ele afastou o cabelo molhado da sobrancelha. Seus braços e pernas – tão seguros de si apenas momentos antes – se entrançaram desastrados.

– Pode me contar como foi o dia em que nos conhecemos? – perguntou Kestrel.

Isso foi inesperado.

– Não foi um dia agradável.

– Quero saber tudo desde aquele dia até hoje.

Ainda inseguro, Arin disse:

– Mas você não queria antes.

– Confio em você. Você não vai mentir para mim.

Então ele começou a contar, com uma hesitação que foi se desfazendo à medida que a fogueira próxima dali se apagava e a noite se rendia completamente a suas criaturas: o canto dos insetos, o bater quase silencioso das asas de morcegos, uma brisa que soprava o cheiro adocicado da terra fria. Enquanto falava, essa lhe parecia realmente ser a única história que queria contar.

Não escondeu nada dela.

De alguma forma, acabaram voltando a se deitar, lado a lado, a grama densa sob eles enquanto conversavam. A lua no céu era grande, porém intimista. Perguntas e respostas foram levantadas na escuridão. Algumas vezes, Kestrel se lembava de um momento que Arin descrevia e, então, parecia que Arin havia se olhado num espelho e visto Kestrel em vez do próprio reflexo.

Conversaram até tarde.

ENQUANTO SE APROXIMAVAM DA PRIMEIRA ALDEIA

Errilith, Kestrel especulou: por que não sabia o que sentia por Arin?

Não deveria ser difícil descobrir. Ela já sabia muita coisa – lembrava muita coisa – de seu passado para deduzir a força das emoções que havia escondido. No entanto, a ligação entre ela e o passado parecia capaz de se romper a qualquer torção.

Uma memória dominava sua mente: como seu pai a havia empurrado quando ela caíra de joelhos no chão e implorara.

O cavalo de Arin, irritado por algo invisível, virou a cabeça. Ele murmurou para o animal – quase cantou; mesmo quando a voz dele era áspera, havia sempre um tom musical nela –, então olhou de lado para Kestrel contra o sol. Seu cabelo castanho caía sobre a cicatriz na sobrancelha. Eles tinham dormido pouco na noite anterior. Mas ela não sentia sono, não agora, enquanto ele a observava.

Um pensamento gravou desenhos indecifráveis no rosto dele. Houve uma pausa e ela ficou nervosa enquanto se perguntava se o que mudara no semblante dele era arrependimento; caso fosse, ele estaria arrependido do quê? Do que não tinham feito na última noite ou dos segredos que haviam trocado?

Parte do que ele dissera ainda a fazia hesitar, como o papel dele no incêndio oriental que tinha matado Ronan. Mesmo se Arin não tivesse pretendido matar o amigo dela, mesmo se, ao ficar sabendo, ela sentira o remorso de Arin, ela sabia que esse remorso era por ela, e não por Ronan.

Era desorientador ser lembrada de coisas que ela não sabia que havia esquecido. Um amigo, uma pessoa inteira, que surgia dentro dela para desaparecer logo em seguida. Ela se lembrou de como havia sofrido com a morte dele. Sofreu novamente.

Kestrel olhou nos olhos de Arin. Não desviou enquanto ele segurava as rédeas frouxamente. Seu corpo balançava de leve no ritmo do passo largo de seu cavalo. Ela não soube ao certo se queria que ele falasse agora. A voz dele tinha o poder de invocar lembranças. Mesmo quando ele estava em silêncio, ela ficava alerta à influência da voz dele: grave, lenta, pedregosa, graciosa. Clara, às vezes tão transparente de sentimento que ela se perguntou como ele pôde tê-la enganado naqueles primeiros meses em sua

casa. Com uma voz como aquela. Não parecia possível.

Ele a perscrutou. Isso também deveria ser impossível: a maneira como uma espécie de fascínio mudou o semblante dele. Surpreso. Um pouco alegre.

Arin estendeu a mão no espaço curto entre eles. Com um dedo empoeirado, tocou o nariz dela de leve.

– Você fica com sardas no sol – ele disse e sorriu.

Ela se sentiu subitamente leve e pura, como se esse momento fosse envolvido por um vidro dourado.

Talvez o amor fosse fácil, ela pensou.

Talvez seu passado não fosse tão importante quanto seu presente, ela pensou.

Mas então ouviu seu pai dizer que ela havia partido seu coração, e não conseguiu mais acreditar em nenhum desses pensamentos.

Arin foi contra cavalgar pela aldeia. Kestrel ouviu a conversa entre ele e o príncipe. Os batedores tinham avançado à frente e descoberto que o exército do general havia capturado, sem resistência, uma propriedade rural logo ao sul de Errilith. Os valorianos avançariam para o norte em breve e atacariam as fazendas de Errilith. Abateriam as ovelhas. Confiscariam os grãos. Acresentariam mais um elo na corrente de suprimento que vinha da ilha Ithrya. Ficariam mais fortalecidos para avançar mais ao norte, rumo à cidade.

– Precisamos nos posicionar nas colinas perto do território – disse Arin.

– Agora.

– Como assim? – Roshar retrucou. – Você deixaria a aldeia indefesa?

– É claro que não. Deixe um contingente. Você não precisa desfilar o exército inteiro pelas ruas.

– O exército inteiro. Não tem como. Você esquece: três quartos das nossas forças estão em Lerralen. Nós somos os poucos corajosos que estão entre os aldeões e o domínio sangrento. – Roshar parecia jovial.

– Isto não é uma peça de teatro – Arin disse entre os dentes.

Kestrel não entendeu o incômodo de Arin até o príncipe falar:

– Deixe que eles olhem para você.

Mesmo assim, Kestrel só foi entender quando viu com seus próprios olhos.

Embora os herranis e orientais normalmente marchassem em brigadas

separadas, Roshar deu ordens para que elas se misturassem. Na estrada perto da aldeia, teve um interesse artístico particular em dispor a aparência visual da, em suas palavras, “amizade diante da adversidade” – uma expressão que fez Arin se crispar.

Roshar obrigou Arin a ficar na frente das fileiras ao seu lado. O príncipe encarou Kestrel. Ela viu a centelha de estratégia nos olhos dele e reagiu. Manteve Dardo um pouco para trás. Eles entraram na aldeia, com Roshar e Arin cavalgando lado a lado.

Os aldeões ladeavam a estrada principal, amontoados, com crianças pequenas em cima de ombros adultos. Quando os aldeões viam Arin, seus olhos se arregalavam de fascínio. Houve murmúrios. As pessoas se lançavam à frente. Tentavam tocar nele.

O cavalo de Arin não gostou, bufou e bateu as patas. Arin sussurrou furioso para Roshar na língua oriental; parecia um xingamento.

– Se está com tanto medo de que sejam pisoteados – Roshar falou alto em herrani –, desça do seu cavalo e cumprimente seu povo.

Arin olhou para Kestrel por sobre o ombro: uma súplica silenciosa. Depois desmontou e ela o perdeu de vista no mar de pessoas.

Ela conduziu Dardo ao lado de Roshar.

– O que você está fazendo?

– Não acha que nosso garoto merece um pouco de amor?

– Acho que você o está usando para melhorar sua reputação e a do seu povo.

O príncipe sorriu, abrindo as mãos num gesto desamparado.

Kestrel desmontou e abriu caminho pelos aldeões. Usou os cotovelos. Algumas palavras duras também, as quais atraíram olhares surpresos que logo se transformaram em espanto. Ela os viu reconhecerem seus traços valorianos.

Desconfiança e ódio se revelaram em seus rostos. Eles não a tinham notado quando cavalgara com o exército. Os olhos deles estavam em Arin. Mas a notavam agora.

– Por favor, deixem-me passar – ela disse.

A multidão de corpos ficou mais sólida. Esta não era a cidade onde todos a conheciam. Tudo que os aldeões sabiam era que seu próprio passado estava gravado nos olhos dela, em seu cabelo, no formato de seu rosto. Morte e opressão misturados à cor de sua pele.

– Você – alguém disse, duro e categórico.

Com certo receio, ela recuou. As pessoas a cercaram.

Alguém pegou sua mão por trás. Ela a puxou de volta, com o coração acelerado e vacilante. Tentou se virar, então ouviu:

– Kestrel.

Arin empurrou alguém de lado e pegou sua mão de novo, apertando-a com mais firmeza. Ela sentiu uma onda de alívio – e insensatez, por pensar em ajudar Arin e acabar se tornando a pessoa que precisava de ajuda. Mas a fúria da multidão não estava aliviando. Pelo contrário, se intensificava.

– O que ela está fazendo aqui? – Kestrel não conseguiu identificar de quem tinha sido a voz.

– Ela é minha amiga – Arin respondeu. – Deem espaço para ela.

Eles deram.

Era estranho olhar para Arin pelos olhos dela e pelos deles também, ver a pessoa real e a imaginada, e saber que o que imaginavam dele era mesmo verdade, ainda que não toda a verdade. Havia um comando sólido em sua voz, sua postura. Havia a aura de singularidade de Arin, a maneira como ele parecia diferente de tudo e de todos, como era um pouco mais que humano. Mas havia também certa angústia atravessando por entre os dedos entrelaçados deles, e o ar assombrado de sua expressão. Sua boca não estava normal. Ela não achou que eles vissem isso.

– Fique comigo – ele murmurou em seu ouvido.

– Sim.

Com ela ao seu lado, caminhou em meio aos aldeões. Eles não paravam de tocar nele. Toda vez, ela sentia o leve tremor da reação de Arin, rapidamente acalmado. Ele tentou ficar à vontade, mas quase nunca conseguia. Ela não soube ao certo se os aldeões chegaram a notar. Eles sorriam, faziam perguntas, erguiam a voz. Arin não soltou a mão dela.

Pelo menos não até uma mulher empurrar um bebê envolto em fraldas no peito dele. Atrapalhado, rápido, Arin ergueu os braços para segurar o bebê contra a armadura de couro. Ele fitou a mulher como se questionasse a sanidade dela.

– Abençoe-o – a mulher pediu.

– O quê?

– Abençoe-o pelo seu deus.

Arin olhou para o menino embalado, que dormia, as pálpebras delicadas, suas bochechas cheias de saúde. Uma mão – parecia uma florzinha – saía das faixas. Dobrava-se e se enrolava contra o tecido. Com a voz rouca, Arin

disse:

– Meu deus?

– Por favor.

– Mas você não sabe. Qual, quero dizer. Meu deus...

– Não importa. Se o seu deus cuidar do meu filho como cuida de você, é tudo o que eu quero.

Os olhos de Arin se voltaram para Kestrel.

– Há algum mal nisso? – Kestrel perguntou, mas ele ainda assim não atendeu o pedido.

Séria, a mãe disse:

– Você vai ofender seu deus se não compartilhar a bênção dele.

Arin aproximou o bebê com mais segurança perto dele. Com os dedos hesitantes, tocou na sobrancelha do bebê. O menino suspirou. O rosto de Arin mudou. Suavizou-se, ficou mais luminoso, da mesma forma como certas horas da manhã de alguns dias são peroladas, calmas e raras. Kestrel pareceu sentir, com as pontas dos próprios dedos, a pele fresca do bebê sob o toque de Arin.

O bebê abriu os olhos. Eram do cinza dos herranis.

Arin murmurou palavras baixas demais para Kestrel ouvir. Então, devolveu o bebê aos braços da mãe, que pareceu satisfeita. Ela fez o gesto herrani de agradecimento, que Arin retribuiu. Algo na maneira como ele o fez lembrou a Kestrel que o gesto também podia significar um pedido de desculpas.

A mão de Arin encontrou a dela novamente. Ele parecia um pouco diferente. Algo havia mudado entre eles.

Ela soube por que ver Arin segurando aquele bebê a tinha mudado. Entendeu a pergunta que havia se aberto dentro dela, mas não estava preparada. Nunca tinha pensado nisso. Seu coração bateu forte com uma emoção complicada demais para ser medo ou felicidade.

Ela soltou a mão de Arin.

– Pronto para voltar? – Sua voz não correspondia a como se sentia. Era calma, até descuidada. Ela percebeu que essa voz em particular talvez fosse sua armadura mais estimada.

O semblante de Arin se fechou.

– Sim.

A multidão abriu caminho para eles. Eles retornaram a seus cavalos e montaram.

– Viu? – Roshar disse. – Não foi divertido?
Arin pareceu prestes a empurrar o príncipe do cavalo.

O exército saiu da estrada para um prado que se transformava em montanhas. Foi praticamente um tormento para os cavalos que puxavam o canhão e as carroças de suprimento, mas Roshar queria o terreno alto. Kestrel queria a cobertura das florestas à beira das colinas mais altas, bem como a proximidade do solar de Erralith com suas muralhas fortificadas – visíveis, mas a um dia de cavalgada. Arin não disse o que queria. Não estava falando muito.

Um córrego descia pela campina: um riacho cristalino margeado pelas moitas. O ar vibrava com o canto das cigarras. Roshar ordenou uma parada.

Kestrel levou Dardo para beber água e se ajoelhou ao lado dele, pegando água com as mãos em concha e levando até a boca, deixando escorrer por seu pescoço suado. Deliciosa, fresca.

– A água – ela disse para ninguém em particular. Seu pai iria querer esse território por causa da água doce em abundância, ainda mais do que pelas provisões atrás das muralhas do solar ou pelas ovelhas que pastavam no alto das colinas. Tamanha quantidade de água tão ao sul era um tesouro.

O cavalo de Arin passou por ela para chegar ao córrego. Ela ergueu os olhos para ver o cavaleiro, mas Arin não estava lá.

Encontrou-o sentado ao longe sobre um montículo contemplando os declives que desciam curva e suavemente. A aldeia repousava ao longe como uma pedra cinzenta.

Arin ergueu os olhos quando ela se aproximou. Uma árvore fazia sombra sobre a colina: era uma árvore de cadamba, com folhas largas e lustrosas. Suas sombras sarapintavam o rosto de Arin, faziam uma colcha de retalhos de sol e escuridão. Era difícil interpretar o semblante dele. Ela notou pela primeira vez a maneira como ele mantinha o lado da cicatriz do rosto escondido dela. Ou, melhor, o que notou pela primeira vez foi como esse hábito era comum apenas na presença dela – e o que isso significava.

Ela deu a volta por ele de propósito e se sentou de maneira que ele precisaria encará-la se não quisesse ficar numa posição desconfortável, com o pescoço torto.

Ele a encarou. Ergueu a sobrancelha, não tanto por ironia, mas pela noção de que estava sendo observado e estudado.

– É só um hábito – disse ele, sabendo o que ela havia notado.

– Você só tem esse hábito comigo.

Ele não negou.

– Sua cicatriz não importa para mim, Arin – ela emendou.

O semblante dele se amargurou e retraiu, como se estivesse escutando uma voz que ela não ouvia.

Ela procurou as palavras certas, com medo de que tivesse entendido errado. Lembrou-se de zombar dele na sala de música do palácio imperial (*Queria saber o que pensa que poderia me fazer chegar a tantos extremos por você. Seria seu charme? Sua educação? Não sua aparência, aposto*).

– Importa porque magoa você – ela disse. – Mas não muda a maneira como o vejo. Você é lindo. Sempre foi aos meus olhos. – Mesmo quando ela não tinha noção disso, mesmo no mercado, quase um ano antes. Então depois, quando percebeu a beleza dele. Mais uma vez, quando viu o rosto dele ferido, com pontos, febril. Na tundra, quando a beleza dele aterrorizava. Agora. Agora também. Sua garganta se fechou.

A linha do maxilar dele endureceu. Ele não acreditava nela.

– Arin...

– Desculpe pelo que aconteceu na aldeia.

Ela deixou a mão cair no colo. Ela não estava consciente de erguê-la.

– Não era para ter acontecido – Arin disse.

A fúria da multidão contra ela tinha sido perturbadora, mas não surpreendente. Não era apenas isso o que o aborrecia.

– O que *exatamente* aconteceu? Com a mãe e o bebê?

Ele passou os dedos no cabelo e esfregou a mão nas sobrancelhas.

– Um mal-entendido.

– Que você é tocado por um deus? – Kestrel tinha ouvido os rumores.

– Não, essa parte é verdade. Eu sou.

Ela ficou olhando, sem entender. Ele prosseguiu:

– Mas não acho que a mãe ficaria feliz se soubesse por qual deus. – Ele olhou de soslaio para Kestrel, notando sua surpresa. – Meu vigésimo dia do nome foi no solstício de inverno. – O início do ano herrani. – Mas sou mais velho do que isso pela maneira como os valorianos contam o tempo. Nasci quase duas estações antes. Minha mãe esperou para me dar um nome. Ela estava certa, os sacerdotes não discordaram. O dia do nome é feito para celebrar não apenas o bebê, mas também a recuperação da mãe. Cada mulher se recupera de maneira diferente, então é a mãe quem decide a data. Mas, no ano que nasci, todas encontraram um motivo para aguardar a virada

do ano. Você sabe como marcamos o tempo, não sabe? Cada ano pertence a um deus no panteão dos cem, cada cem anos mede uma era. O signo de cada deus domina uma vez a cada cem anos. O meu ano, o de nascimento, pertencia ao deus da morte.

– Arin – ela disse devagar, notando a angústia dele –, você acha que é amaldiçoado?

Ele fez que não.

– Sua mãe batizou você no ano seguinte. Esse é o seu ano, então, não é? Os herranis celebram o dia do nome, não o de nascimento. Não deveria importar quando você nasceu.

– Importa.

– Por quê?

– Toda a minha família. Eu sobrevivi. Há um motivo para isso.

– Arin...

– Na época, eu não sabia que era marcado.

– Arin, o único motivo por você ter sofrido o que sofreu é que meu pai é um monstro e queria o seu país.

– Não é tão simples. Eu ouço o deus da morte na minha cabeça. Ele me aconselha, me reconforta.

Kestrel não sabia ao certo em que acreditar.

– Não sei o que a bênção dele significa – Arin disse. – Você entende? Quando olho para o que aconteceu comigo. O que eu fiz. O que faço. A dádiva dele é cruel.

– Talvez a voz que você ouça seja a sua própria – ela disse com carinho – e você não seja capaz de reconhecer.

Ele não respondeu.

Ela não gostava da crença dele de que a morte o tinha marcado. O medo dele – assim como o prazer que ele sentia – a perturbava. Uma satisfação profunda, hostil, espreitava nos olhos dele.

– Será possível que você inventou isso sem querer?

– Eu sou dele. Tenho certeza.

– E o bebê na aldeia?

Arin pestanejou.

– Teria sido um pecado recusar a mãe. Eu não podia. Você entende, não entende? Eu deveria ter contado para ela, mas, se tivesse e ela retirasse o pedido, isso poderia chamar a atenção do deus, e o que ele faria comigo, então? Se ela soubesse que era o deus da morte, nunca teria pedido.

Kestrel tentou ignorar a compreensão intricada dele de causa e efeito. Parecia além de sua capacidade, além de perigosa, operando nos caprichos de uma deidade imprevisível.

– A mãe sabia de quem era a bênção que estava pedindo – ela disse. – Não deve ser tão difícil adivinhar sua idade, mais ou menos um ano. Que deus governava o ano de seu nome?

– O da costura.

Ela estreitou os olhos, depois deu risada.

Ele sorriu um pouco, mas disse:

– Não é para rir.

Ela riu mais.

– Na verdade, eu costuro muito bem – ele completou.

– Pode ser. Mas você não parece exatamente o escolhido do deus da costura. A mãe do bebê sabia o que estava pedindo.

O vento agitou a árvore. As sombras se moveram em formas regulares em volta deles.

O coração de Kestrel estava na garganta mesmo antes de saber o que iria dizer.

– Você faria o que sua mãe fez? Adiaria o batizado de seu filho para favorecer um ou outro deus?

Houve um silêncio espantado.

– Meu filho. – Arin experimentou as palavras, explorando-as. Ela ouviu na voz dele o que já tinha visto na aldeia enquanto ele segurava o bebê.

Ela olhou para a árvore. Era uma árvore. Uma folha, uma folha. Algumas coisas simplesmente são. Não transmitem outros sentidos. Não eram como um deus, lançando seu sentido sobre um ano inteiro, ou como uma conversa, que é ela mesma mas também todas as coisas não ditas.

Seu coração veloz correu junto.

– Não caberia a mim decidir – ele disse por fim. – A decisão seria da minha esposa.

Ela encontrou seus olhos. Ele tocou na bochecha ardente dela.

Uma árvore não era uma árvore. Uma folha, não uma folha. Ela entendeu o que ele não disse.

Ela se levantou.

– Venha, o córrego está incrível. Você não está com sede? Seu cavalo é mais sensato que você. – Um sorriso. Debochado... um pouco tímido também, mas descobrindo uma nova segurança em mostrar a timidez. Ela

estendeu a mão.

Ele aceitou.

O exército acampou na floresta na altura das colinas à margem do solar de Errilith. Outro córrego descia por entre as árvores, largo e pedregoso. Passava sobre rochas e mergulhava fundo. Kestrel foi se banhar com as soldadas. Pensou em Sarsine, desejando ter a capacidade firme e clara daquela mulher de ver as coisas. Com uma pontada de culpa, Kestrel percebeu que Sarsine não tinha como saber de que forma ou por que Kestrel havia desaparecido da casa de Arin. Kestrel não havia conseguido mandar nenhuma notícia e agora era tarde demais. Uma mensagem, ainda que evasiva, poderia ser interceptada e compreendida. Ela imaginou seu pai descobrindo sua localização exata. Sentiu um frio na barriga.

Então, em vez disso, ela pensou no que iria dizer para Sarsine quando voltasse para a cidade. *Senti sua falta*, diria. *Nunca agradeci por tudo que você fez por mim.*

Ela despiu as roupas na grama. Precisava sentir a água na pele.

Estava gelada. Mergulhou, abriu os olhos e olhou através da água ondulante para o céu azul e amarelo. O frio a fez lembrar que seu pai devia tê-la embrulhado no passado como Arin havia segurado aquele bebê. Prendeu a respiração e se esforçou para manter o peso submerso.

Estava frio, mas a luz era linda: interrompida e difusa pela seda reverberante da água, como se o céu não fosse simplesmente o céu, mas todo um outro mundo. Magia, possível. Ao seu alcance.

Ela lavou as roupas e não esperou que secassem por completo antes de vesti-las de novo. Secou o cabelo e o trançou.

Andando entre as árvores, pisou silenciosamente, encontrando para os pés musgo ou terra ou pedra, nunca folhas ou gravetos.

Você caminha bem, seu pai lhe havia dito certa vez.

Ser silenciosa está longe de ser uma habilidade básica para a batalha, pai.

Você poderia ser uma ranger, ele havia insistido, mas isso foi depois de uma sessão de treinamento espetacularmente ruim a que ele havia assistido. Dela com uma espada. O capitão da guarda particular do seu pai gritando com ela. Ela sabia que seu pai não acreditava na própria esperança.

A voz dele ecoou na sua cabeça e seu coração se apertou. Parecia que ela

estava embaixo d'água de novo, com alguém a segurando sob a superfície.

Ela afugentou a memória. Ela não era capaz de se lembrar de tantas coisas.

Um jogo. Transformar aquilo em um jogo. Você consegue caminhar em silêncio? Vamos ver.

Dedos, não calcanhar. Raiz de árvore. Aquele trecho de terra, mais escura e, portanto, macia. Lanças de sol trespassavam as árvores. Sua trança saltava entre as escápulas.

Mas não havia ninguém para testemunhar seu silêncio. Ninguém para dizer *Você caminha bem*. Embora Kestrel entendesse o prazer de fazer algo sozinha, embora tocasse piano por horas a fio para seus próprios ouvidos, para sentir o alongar e saltar de seus dedos, o alcance de seus braços longos, ela também sabia como era tocar para alguém. Fazia diferença. Era difícil não querer ser ouvida, vista. Compartilhar.

Um graveto repousava em seu caminho. Ela parou, então pisou nele deliberadamente. *Crec*.

– Que pena. – A voz ecoou na clareira silenciosa. – Você estava indo tão bem.

Roshar. Seus olhos o encontraram a alguns passos de distância, recostado numa árvore, observando-a. Ela se aproximou. Havia sangue nele.

– Às vezes, fantasminha, você me lembra minha irmã – ele disse.

Ela arqueou as sobrancelhas.

Ele riu.

– Não essa.

Kestrel não entendeu que conexão ele via entre ela e Risha. Porque a irmã mais nova dele era refém na corte imperial? Talvez.

– De quem é o sangue? – Ela apontou com o queixo para os antebraços manchados.

– Uma batedora valoriana. Mais ou menos da sua altura. Vim procurar você, achei que poderia experimentar a armadura dela. Elegante. Leve. Muito valoriana. Boas condições. Nenhum arranhão no couro.

– E a batedora?

– Difícil de capturar. Mais difícil ainda de subjugar.

Ela olhou firme para ele.

Roshar puxou uma orelha cortada.

– Ela está viva.

– Quando ela não retornar, o general vai saber que estamos aqui.

- Mais um motivo para descobrir o que ela sabe.
- Não a... pressione.
- Kestrel – ele disse baixo –, o sangue é da luta quando a capturamos.

Não de nenhuma tortura.

- Então você não vai fazer isso?

– Ora, seria bom se as informações caíssem do céu. Como não caem, é reconfortante saber que algumas pessoas fazem coisas terríveis para que outras não tenham que fazê-las. Deveríamos ser gratos a essas pessoas. Ou, pelo menos, não perguntar quando não queremos ouvir as respostas.

– Ela não tem como nos ajudar. Os batedores valorianos trabalham com retransmissão. Ela não responde diretamente ao acampamento do general, mas a uma estação entre aqui e lá. Um oficial fica na estação e manda falcões com mensagens codificadas de volta ao acampamento central, o que impede que o batedor saiba demais: ela não vai saber como a formação do exército do general pode ter mudado ou quais são as condições. Ela não vai saber os códigos.

Roshar inclinou a cabeça, observando-a.

- Você sabe os códigos?

Kestrel cutucou uma memória, que voltou a se recolher.

- Talvez eu soubesse – ela disse devagar – antes.
- Tenho certeza de que a batedora sabe *alguma coisa* útil.
- Não há por que torturá-la para conseguir informações que ela não tem.

Deixe-a em paz.

O semblante dele era difícil de interpretar.

- Vou fazer como você deseja – ele disse enfim. – Por enquanto.
- Obrigada.

Ele se acomodou contra a árvore.

- Você me perdoa pelo que aconteceu antes?
- Aquela ostentação na aldeia? Não é para mim que você precisa pedir perdão.

- É bom para Arin.

- Bom para você também.

Os olhos pretos dele encontraram os dela.

- Você quer vencer?
- Sim.
- Se eles admiram Arin e confiam no meu povo, isso ajuda ou atrapalha?
- Ajuda – ela admitiu.

– Venha experimentar sua armadura. Acho que vai servir.

Arin entrou na tenda de Roshar no exato momento em que o príncipe apertava a última fivela da armadura de Kestrel. Arin estava barbeado, com o cabelo molhado. O que quer que ele fosse dizer se dissolveu em seus lábios.

– Você não está contente? – perguntou Roshar.

Arin saiu na mesma hora, fechando a dobra da abertura da tenda atrás dele.

Kestrel o encontrou perto da fogueira dele à margem do acampamento. Tinha ficado tarde. Ele havia montado a tenda nos arredores. Ela percebeu que, ao fim de cada dia, ele vinha montando sua tenda mais longe da dos outros.

Ele alimentava o fogo. Ela se agachou ao lado dele; a armadura de couro rangeu. Arin se crispou com o som.

– Desculpe – ele disse por fim. – É difícil olhar para você vestida assim.

– Ainda sou eu – ela falou, e ficou surpresa consigo mesma por tentar convencê-lo de que, por mais que parecesse mudar, continuava a mesma pessoa. Esse não costumava ser seu argumento. Ao pensar em como ficava na armadura valoriana e se era ou não ela mesma, o germe de uma ideia começou a crescer.

– Prometa-me que vai ficar longe do perigo – ele pediu. – Não quero você no campo de batalha.

– Não é justo você pedir isso se nunca faria o mesmo.

– O risco é diferente para mim e para você.

Ela ficou brava:

– Ora, porque você é tocado por um deus? Porque é bom com a espada e eu não?

– É parte do motivo.

– Isso importa menos do que você pensa. Pessoas boas em combate morrem o tempo todo na guerra e pessoas que não são boas encontram maneiras de vencer. – Sua ideia tomou forma: a armadura, a batedora valoriana, um plano. A raiva de Kestrel entalhou seus detalhes e a aperfeiçoou.

– Sim – Arin disse –, mas mesmo assim o risco para você é diferente...

– Pare de dizer isso.

– Mas é . – O rosto dele estava descontente. – Existe *sim* uma diferença entre mim e você. Se eu morrer, você vai sobreviver. Se você morrer, isso vai me destruir.

Ela relaxou os ombros. Não conseguia suportar a desolação do rosto dele. A fúria se esvaiu dela.

– Por favor – ele disse. – Prometa-me. Você vai representar um papel mesmo assim. Diga a mim e a Roshar o que fazer, e nós vamos escutar. Mas não o campo de batalha. Você deve ficar em segurança.

Devagar, ela fez que sim.

– Jure – ele insistiu.

– Não vou participar da batalha. Dou a minha palavra.

Ela fez menção de sair. Mal tinha dado dois passos quando ele bloqueou seu caminho. Seus olhos estavam estreitados.

– Um truque.

Ela abriu as mãos e disse:

– Você pediu. Eu jurei. Estamos combinados.

– Você jurou *muito especificamente*. Preciso que me prometa. Você vai ficar longe do campo de batalha e vai ficar em segurança. Diga. Eu imploro.

– Não vou prometer nada a você que você não vai prometer para mim.

Ela o empurrou para passar por ele.

KESTREL ENTROU NA TENDA DE ROSHAR.

- Preciso da sua ajuda – ela falou.
- Piscando, ele se ergueu na cama. Disse, atordoado:
- E eu preciso de uma porta de verdade. Com fechadura.
- Tenho uma ideia.
- Nem conheço você tão bem e *mesmo assim* fico muito, mas muito preocupado ao ouvir isso.
- Me escute.
- Se escutar, posso voltar a dormir? Ser um líder destemido é exaustivo.
- É sobre a batedora valoriana.
- Você falou que ela era inútil.
- Em relação ao que pode nos *contar*. Mas, se fizermos tudo direito, a captura dela pode ser uma grande vantagem para nós.

Roshar estava completamente acordado agora.

- Prossiga.
- O general está posicionado com suas tropas na fazenda que tomaram. Uma estação de batedores fica entre a posição dele e o alvo. Um oficial permanece nessa estação com falcões mensageiros. Enquanto isso, os batedores saem da estação para avaliar o inimigo, depois voltam para informar a estação. O oficial envia uma mensagem codificada por falcão para o general, de modo que, se um batedor for capturado, ele não tem como revelar muita coisa ao inimigo e, como os batedores estão próximos do alvo, *eles* próprios não podem mandar um falcão, pois seria visível demais para nós. Nós poderíamos derrubá-lo, depois localizar e capturar o batedor. Essa valoriana que você pegou nos espiando não tem como nos falar nenhum dos códigos e não vai saber muito sobre as forças do general. O que ela *vai* saber é o local da estação de retransmissão e a quem ela responde.

– Você quer que cacemos e extraímos informações do oficial?

Ela fez que não:

- Algo melhor.
- Diga, por favor, fantasminha.
- Mande-me no lugar dela.

Ele ficou encarando.

- Vou fingir que sou ela – disse Kestrel.
 - Por favor, entenda. Quando olho para você como se fosse louca, não é que eu julgue você por sua insanidade.
 - A armadura cabe em mim. Sou do tamanho dela. Sou valoriana.
 - Você não se parece nem um pouco com ela. Só porque é valoriana não significa que o oficial na estação de retransmissão não vá notar que é uma pessoa *completamente diferente*.
 - É de noite. Posso informar o oficial mantendo distância dele.
 - Vou voltar a dormir. Acorde-me quando recuperar a sanidade.
- Impaciente, Kestrel disse:
- De que cor é o cabelo dela?
 - Diferente.
 - Quão diferente?
 - Meio castanho. Certo, talvez nem *tão* diferente do seu no escuro, mas...
 - Vou trançar meu cabelo igual ao dela, usar tudo que ela estava usando. Vocês revistaram os bolsos dela? Ela deve ter uma insígnia. Às vezes, o general manda um oficial para substituir o que está na estação. Então, o novo oficial e um dos batedores, porque são muitos, não apenas essa que responde à estação, apresentam uma insígnia para confirmar sua identidade. A gente pode ter sorte. Pode haver um oficial novo na estação, um que nunca tenha visto a batedora, que a conheça apenas pelo nome. Roshar, ninguém imaginaria que alguém do seu exército vá se passar por uma batedora valoriana. Normalmente, não seria possível. Não para uma oriental. Não para uma herrani.

- E se os valorianos souberem que você está conosco? Esse oficial na estação pode estar ciente disso.
 - Se meu pai souber, ele vai fazer o possível para manter isso escondido do maior número de pessoas.
 - Por quê?
- Ela sentiu um nó na garganta.
- Ele tem vergonha de mim. Seria uma desonra para ele se os outros soubessem.
- Roshar voltou a se acomodar na cama.
- O que temos a ganhar se você fingir ser a batedora valoriana?
 - Podemos dar informações falsas. Suponhamos que o general saiba da nossa presença aqui. Se não souber, em breve vai saber. A questão não é se

ele vai atacar, é *como*. Isso eu posso influenciar. Vou dizer que você tem uma força leve, o que outros batedores valorianos que possam estar nos espiando vão confirmar. Mas vou dizer também que ouvi planos de que vocês vão se entrincheirar no solar de Errilith.

Roshar já estava fora da cama, folheando os mapas espalhados sobre a mesa no centro da tenda.

– Nesse caso, ele pegaria a estrada principal – Kestrel disse. – Não estaria esperando resistência ao longo do caminho ou, no máximo, estaria esperando ataques furtivos por pequenos grupos de soldados. Que estariam lá para atacar e fugir, esgotar as forças dele, como queimando as carroças de suprimento. Nada muito sério. Nada com que ele não consiga lidar. Nada que o impediria de tomar o caminho mais fácil e mais óbvio para Errilith.

– Tem colinas ao longo da estrada principal perto do território. Posso colocar nossas forças de ambos os lados.

– Use as armas de fogo. Elas têm um alcance mais longo do que as bestas. Se posicionar os atiradores longe o bastante, eles podem atirar sem nunca serem tocados por fogo valoriano.

– Desculpe ter chamado você de louca, fantasminha.

Kestrel se lembrou de como se sentia quando perdia para o pai em Morder e Picar, Fronteiras, qualquer coisa que ele decidia jogar. A ferida em seu orgulho. Uma certeza magoada de que nunca seria capaz de provar seu valor para ele. A vergonha de *querer* se provar.

Ela se lembrou das mãos dela agarrando o gibão dele, todo o seu ser reduzido a duas mãos numa súplica.

A guerra não era um jogo, mas ela queria muito fazer com que seu pai soubesse como era perder.

– Diga-me do que precisa – disse Roshar.

– Um cavalo. Dardo pode ser reconhecido. Talvez não, afinal, não pretendo que o cavalo seja visto, mas é melhor não arriscar, e quero chegar lá enquanto ainda estiver escuro. Os batedores correm a pé, então vou ter que amarrar o cavalo a certa distância da estação. Quanto à estação...

– Você precisa da localização.

– E dos equipamentos da batedora.

Roshar estalou os dentes; um som de repreensão.

– O equipamento é fácil. Agora, se quer a localização do acampamento dos batedores, precisamos rever a nossa conversa de hoje à tarde sobre meios não tão agradáveis de extrair informações valiosas.

– Não.

– Eu não gosto. Mas é improvável que ela nos conte algo apenas porque pedimos com educação.

– Você não pode.

Ele soltou o ar, impaciente, e ela sabia o que ele diria, conhecia os argumentos, os custos e benefícios. Sabia que Roshar, com seu rosto mutilado, entendia como era ser sujeitado à dor. Queria dizer tudo isso antes dele e encontrar um motivo convincente pelo qual ele estava errado. Não havia nenhum motivo que Kestrel achava que ele pudesse aceitar. Ela não conseguiu pensar em nenhuma alternativa.

Até que conseguiu.

– Não faça isso. Engane-a.

Roshar estreitou os olhos.

– Explique.

– Quando os valorianos se alistam, fazem isso em parte por amizade. Existem casais no acampamento. Mesmo sem isso, existe uma sensação de pertencimento. Pessoas por quem elas morreriam e fariam qualquer coisa para proteger. Pegue a insígnia dela. Faça um molde. Um pedaço de sabão, talvez, ou cera. Derreta metal para ficar igual à insígnia e faça uma nova. Volte até ela, mostre a outra. Diga que encontrou em outro batedor que diz ser amigo dela. Prometa que vai torturar o colega dela se ela não der a localização do oficial.

– Ela pode se preocupar mais com o oficial do que com esse outro batedor.

– Tente.

Ele deu de ombros, depois consentiu.

– Espero que nesse seu saco de esquemas maravilhosos, você tenha um para lidar com Arin.

– Não tenho.

– Minha cara fantasma, ele vai nos amarrar e nos jogar no fundo de um buraco bem fundo antes de permitir que você execute o seu plano.

– Chega de permitir – Kestrel disse – e chega de mentiras.

ARIN ACORDOU AO SOM DE GRITOS.

Saiu de sua tenda para a noite. Mas o acampamento estava calmo, imperturbado, embora os soldados em volta das fogueiras parecessem ter parado no meio da conversa para olhar a tenda de onde vinham os gritos, que se transformaram em um soluço abafado.

Arin perguntou o paradeiro do príncipe e foi direcionado para uma árvore próxima, onde Roshar estava debruçado sobre a batedora valoriana amarrada, sibilando uma ameaça baixa demais para Arin entender. A menina valoriana — apenas uma menina, Arin viu, mais nova que Kestrel — estava com os olhos fechados. Ela se espremia contra a árvore, os calcanhares descalços enfiados na terra e no musgo. Vestia uma túnica e calças orientais. Uma faixa em seu braço estava avermelhada de sangue. Ela abriu os olhos: vítreos de medo, voltando-se de um lado para o outro, passando pelo rosto de Arin, que ficou paralisado. Como eram arregalados, escuros, iguais aos da mulher que ele havia matado no navio.

Outro grito cortou a noite. Veio de novo da tenda.

Arin se aproximou do príncipe.

— Roshar. Uma palavrinha?

— Estava me perguntando quando você viria participar da diversão — o príncipe respondeu em valoriano. Sorriu para a menina. — Já volto.

Quando a batedora não podia mais ouvi-los, Roshar desfez o sorriso.

— Para deixar claro, foi tudo ideia da Kestrel.

— O que diabos você está fazendo?

— Fingindo uma tortura.

Arin pensou entender e se acalmou um pouco.

— Está funcionando?

— Talvez, se você não me interromper de novo.

— Avise-me se descobrir alguma coisa.

— É claro.

— Onde está Kestrel?

— Ela quer ficar sozinha agora — Roshar disse depois de uma leve pausa.

— Melhor deixá-la em paz.

Mas o tom de Roshar fez Arin se lembrar de como o príncipe havia sorrido para ele, com as rédeas de dois cavalos nas mãos no terreno da casa

de Arin. Fez com que pensasse na recusa de Kestrel mais cedo, antes do anoitecer, de lhe fazer quaisquer promessas. Mesmo depois que o sol havia se posto, os nervos de Arin tinham se contraído de ansiedade por mais que ele se advertisse a não forçar as coisas, a ser diferente de como costumava ser, a não exagerar ou sentir demais ou falar demais. *Deixe-a em paz*, havia dito a si mesmo, exatamente como Roshar estava lhe dizendo agora. Mas outro grito surgiu ao longe e, embora Arin soubesse que era um truque, era um truque de *Kestrel*. Os truques dela costumavam ter a forma de um ninho, cada graveto e palha em seu lugar, escondendo uma criatura perigosa que Arin só via quando era tarde demais.

– Onde ela está? – perguntou.
– Ela ainda não saiu – o príncipe respondeu, relutante.
– Saiu? Como assim? *Para onde*?
– Pergunte a ela. Ela vai lhe contar tudo... contra a minha vontade, devo acrescentar. – Roshar apontou na direção da tenda dele.

Arin deu um passo rápido para lá. A mão do príncipe apertou seu ombro com firmeza.

– Arin, é um bom plano.

Arin tirou a mão do amigo e saiu andando.

Ele a encontrou sentada na cama de Roshar, amarrando os cadarços das botas valorianas de cano alto. Estava usando calças – as calças da batedora. Kestrel tinha amarrado os seios com uma cinta apertada. Seu abdome estava exposto, bem como seus ombros e braços: a pele era de um dourado escuro iluminado pela luz do candeeiro.

Ela tinha ouvido a entrada dele, mas manteve a cabeça baixa, ignorando-o; sua trança caía pesada sobre um dos ombros. Balançava de leve enquanto ela colocava os cadarços nos ganchos das botas e os apertava. Quando se virou para pegar a túnica e o gibão valorianos ao seu lado na cama, ele vislumbrou o traço de uma linha mosqueada no ombro dela, viu o açoite que subia curvo pelo pescoço. Ela parou – será que tinha ouvido a batida dolorosa do coração dele? Ou a maneira como ele havia engolido em seco, entrevisto o pesadelo daquelas cicatrizes, na lembrança de vê-las pela primeira vez, em sua imaginação pavorosa de como foram feitas?

Kestrel se levantou e ficou de costas para ele. Logo antes que ela vestisse a túnica, ele viu quase todo o labirinto de marcas, brancas e inchadas. Ela vestiu o gibão cor de terra. Todas as roupas da batedora, tingidas da cor da

floresta.

– Kestrel. – A voz dele era áspera.

Ela o encarou e lhe contou seu plano. Quando ele começou a argumentar (mal conseguia ouvir suas próprias palavras; seu coração estava palpitante, o sangue se esvaía dele), ela disse:

– Confie em mim.

Ele confiava, queria dizer que confiava, então percebeu que não, que não podia confiar e não confiaria se confiar nela significava *isso*.

– Não.

Ela também ficou furiosa.

– Você não pode me prender numa jaula.

– Eu não... – No entanto, era *sim* o que ele queria fazer, em certo sentido. Por mais que visse que era errado, ele não conseguia imaginar deixar que ela fosse embora. – É perigoso demais.

Ela deu de ombros.

– Por que insiste em se colocar em risco? Você já foi capturada. Não é infalível. Está tentando provar que é?

– Não.

– Está tentando me punir?

– Não.

– Eu mereço, sei disso, mas...

– A questão não é você.

– Você vai ser capturada!

– Acho que não.

– Vai ser morta. Ou pior. Não posso...

– Sim, pode. É melhor assim.

– *Por quê?*

– Porque essa sou *eu*. – Os olhos dela estavam úmidos. – Esse é o tipo de pessoa que sempre fui.

Ele queria dizer que não era verdade. *Você está lembrando errado*, ele poderia dizer e, dessa vez, seria ele o bom mentiroso.

– Quero ser como ela – disse Kestrel.

Não, não quer, ele insistiria, embora nunca conseguisse suportar que ela se visse como duas pessoas. *Nem um pouco parecida com ela*. Seu estômago se revirou.

– Devo ser a única a me preocupar? – ela perguntou. – Como me preocupei quando você foi para o mar. Como vou me preocupar amanhã. E

todos os dias depois. Você pode se preocupar comigo como eu me preocupo com você.

Ele olhou para as próprias mãos. Estavam tremendo.

– Confie em mim – ela repetiu.

Ele sentiu a angústia de seu medo, a certeza desesperada de que a perderia. Confiou nessa certeza. Confiou em seu medo. Isso o dominou como um deus.

– Arin.

Ele olhou nos olhos dela. Eram estranhos e familiares: ricos, em sua mente, de tudo que ele sabia sobre ela e da angústia dos pensamentos dela, os quais ele nunca sabia com certeza. Ele viu – a noção abriu sua concha de pavor – que a morte não era a única forma de perdê-la. Ele a perderia se não conseguisse confiar. Ele não confiava nela. Nem um pouco. No entanto, entendia que havia certas coisas que se sentem e outras que se escolhem sentir, e que a escolha não torna o sentimento menos válido.

– Você confia? – ela perguntou.

Ele fez sua escolha.

– Sim.

Ela entrou em seus braços. Ele segurou a corda de sua trança com ternura. Estava se afogando. Estava muito abaixo da superfície. Ele havia se esquecido de como respirar.

Então, seus pulmões se abriram e sua mente ficou mais calma e clara.

– Volte para mim – ele murmurou.

– Eu vou voltar.

ELA CAVALGOU ARDUAMENTE. ABAIXADA SOBRE pressionou o cavalo em um galope, passando direto pela estrada principal de Errilith até o sul. O mapa estava em sua mente. Ela viu mais uma vez a marca trêmula feita em uma floresta a duas léguas do acampamento do general. Roshar havia trazido o mapa para ela junto com a insígnia da batedora.

E agora: o tropel de cascos. Uma nata de suor sobre o pescoço do cavalo. O luar pálido. Difícil de ver buracos e fendas na estrada. Se o cavalo tropeçasse nesse ritmo, quebraria um osso. Arremessaria a cavaleira para longe. Kestrel quebraria o pescoço nas pedras de pavimentação.

Ela apertou os calcanhares. Tinha poucas horas antes de o céu se azular e iluminar. Não haveria chance de se passar pela batedora.

Árvores escuras sacudiam e tremulavam em volta dela na estrada. Sua garganta estava seca. Suor salgava seus lábios.

Ela lembrou da mão de Arin descendo por sua trança, soltando. A maneira como havia olhado para ela.

De repente, as árvores deram lugar à grama e pareceram tombar para trás, caindo silenciosas atrás dela enquanto ela acelerava adiante. A passada do cavalo se estendeu ao longo da campina. Ela parecia estar cavalgando sobre um mar negro.

Um borrão de árvores ao longe. Oeste.

Fora da estrada agora. Mais devagar. Cavalgando a meio galope sobre o prado em direção à floresta do oeste. Deixou que o cavalo andasse, sentiu o dorso dele gritar e arfar contra suas pernas.

Galhos baixos para desviar. Atentar aos joelhos. As árvores foram se aproximando; nenhuma trilha aqui. Esforçando-se para ver entre os diferentes tons de sombra, Kestrel escolheu um caminho pelas árvores até não fazer mais sentido cavalgar.

Foi quando ela apeou o cavalo (não havia nenhum som de água fresca e isso era cruel, ela odiava deixar o cavalo assim, cabisbaixo, o pelo coberto de suor) que Kestrel sentiu pela primeira vez. Um medo lento, pesado, como tristeza... O que a fez perceber que seu medo era uma espécie de tristeza, porque ela não conseguia ser superior a seu medo. Havia acreditado que poderia ser superior quando confrontara Arin e exigira que ele

confiasse nela. Quando sentiu, enfim, a verdade da confiança dele, quente e firme nos braços longos dele.

Mas era assim que acabava: ela, sozinha, atravessando a floresta, com medo.

Ela parou, virou a cabeça para trás e ergueu os olhos para as estrelas aguçadas.

Veja como são corajosas, sussurrou a memória da voz de seu pai. Ela era muito pequena quando ele tinha dito isso. *Brilhantes e serenas. Aquelas estrelas são o tipo de soldados que ficam e lutam.*

Uma rajada de fúria.

Até as estrelas.

Não fique aí parada, disse a si mesma. Corra.

Ela correu entre as árvores. Sua respiração ofegante. Largou o que estava sentindo e pensou apenas na marca no mapa e em chegar lá enquanto ainda estivesse escuro.

Era a hora da coruja. Um último laço na noite, a caçada final antes da chegada lenta da aurora.

Kestrel foi ficando mais devagar. Suas pernas estavam fracas. Ela bebeu do cantil amarrado sobre o ombro e diante do peito. Bochechou e cuspiu. Seu joelho ruim latejou um pouco, mas ela percebeu – distante, curiosa – que seu corpo havia se fortalecido. Os dias de cavalgada tinham enrijecido suas pernas. Dava uma boa sensação correr.

Mas sua força também a lembrou de sua fraqueza, de como seu corpo se entregara facilmente na tundra. Abrir o portão da prisão. Alívio, alegria. Então a caçada. Pernas cedendo, lama, corda. O vestido rasgado ao longo da espinha dorsal.

Kestrel fechou a tampa no cantil, rosqueou.

Voltou a correr.

O céu estava azul-escuro quando ela viu o tremeluzir laranja nas árvores. Era uma lamparina a óleo.

Seu coração bateu contra as costelas. Ela correu mais devagar, aproximando-se da clareira. A luz da lamparina balançou. Ela tinha sido ouvida.

– Ave – Kestrel tentou chamar enquanto atravessava o último souto de árvores, o corpo arfando. Estava sem ar. Tossiu e tentou de novo. – Ave

imperador Lycian, general dos lobos, pai de cem mil filhos. – Era o título militar e também o título político dele. Embora o imperador não tivesse lutado em nenhuma guerra desde a conquista de Herran, ele reteve seu título como primeiro-general, a única pessoa a quem seu pai precisava responder.

– Alis? – chamou uma voz atrás da lamparina erguida.

– Fique para trás. Senhor.

– Sua voz está estranha.

Kestrel tirou a insígnia do bolso.

– Pegue. – Ela a jogou no ar e ouviu o homem pegá-la; ou, melhor, ouviu a ausência do som da moeda caindo na terra.

A lamparina se aproximou. Kestrel não conseguiu ver os traços do homem que a segurava, apenas sua constituição alta e larga enquanto chegava mais perto.

Kestrel tossiu.

– Não, por favor, fique onde está, senhor. Estou doente.

– Venha para minha tenda, então, e faça o relatório lá. Descanse.

– É infecciosa, alguma coisa oriental. Foram os bárbaros que a trouxeram. Posso passar para você.

As botas do oficial pararam ruidosamente.

– Que tipo de doença?

– Começa com uma tosse. – Kestrel torceu para que isso explicasse qualquer diferença em sua voz. – Depois pústulas. As feridas gotejam. Não tinha percebido que aquela carruagem abrigava cadáveres. Eu tinha me aproximado do acampamento deles e olhado dentro das provisões para ver se estavam bem fortificados. – Era estranho falar em valoriano de novo. – Os rebeldes pretendem resistir a um cerco. Eles têm corpos contaminados para jogar sobre as muralhas do solar de Errilith. Vão nos infectar quando atacarmos. Eles parecem imunes.

– Você precisa de um médico. – Ele parecia preocupado de verdade. – Podemos colocar você em quarentena.

– Por favor, deixe-me continuar a fazer o que posso para a nossa vitória.

– Kestrel invocou o fantasma de seu antigo eu enquanto falava. Lembrou-se daquela garotinha, tão ansiosa para ser a guerreira do papai. Falou com a voz daquela menina. – Enquanto eu conseguir ficar em pé, ainda consigo ser batedora. É meu desejo. Deixe-me trazer glória para o império.

Ele hesitou, depois disse:

– Que a glória seja sua. – Eram as palavras tradicionais proferidas

quando um soldado aceitava uma missão que quase certamente acabaria em morte.

O oficial valoriano se mexeu nas sombras e ficou em silêncio. O céu parecia estar ficando mais claro, mas Kestrel disse a si mesma que era sua imaginação, que o céu não tinha como fazer isso entre duas batidas de seu coração. Ela estava se deixando dominar pelo nervosismo.

– Seu relatório, então – disse o soldado. – Diga-me os números.

– Mil soldados. Talvez 1500. – A força de Roshar perto de Errilith tinha quase o dobro disso.

– Componentes?

– Cavalaria leve, quase só infantaria. – Verdade. – Aparente-mente, jovem. – Verdade. – Inexperiente. – Inverdade. – Canhões leves, e poucos. – Verdade, infelizmente. – Certa tensão entre as facções dacranas e herranis. – Menos do que imaginava. – Tensão sobre quem deve comandar. – Inverdade. Não propriamente. Às vezes, porém, ela notava a forma como o príncipe observava Arin com certa hesitação pesarosa, como se, em segredo, pensasse que Arin fosse uma criatura inumana e que chegaria o dia em que a pele de Arin se rasgaria para libertar o que quer que espreitava dentro dele.

Na verdade, quase todos olhavam assim para ele.

– Posição? – perguntou o oficial.

– A esta altura, devem ter chegado ao solar.

– Conte-me sobre a formação das unidades, suas posições dentro do exército.

Kestrel respondeu, aliviada. Ele pareceu acreditar nela. Era mais fácil do que ela pensava. Misturou mentiras e verdades, juntando-as como tábuas de madeira de samblagem, resistentes o bastante para suportar o peso da confiança dele.

Mas, quando ela parou de falar, o silêncio durou mais do que deveria.

– Alis – disse o oficial –, de onde você vem?

Ela fingiu não entender a pergunta.

– Estou vindo do acampamento dos rebeldes, senhor.

– Não é isso que quero dizer. De onde você é?

A confiança dela se desvaneceu. Ele suspeitava dela. Ela não sabia nada sobre a história da batedora. Kestrel havia pegado a insígnia e o mapa e saído o mais rápido possível.

Com cuidado, ela disse ao oficial:

– Pensei que o senhor já soubesse.

– Lembre-me.

A luz da lamparina era forte o bastante para ele ver se ela começasse a levar a mão em direção à adaga. Ela ficou imóvel. Aventurou-se e disse:

– Sou uma menina colonial. – As chances estavam a seu favor; quase todos os valorianos eram de colônias.

– Mas de onde, exatamente?

Ela tossiu de novo, fazendo o som sair turvo e úmido, e tentou pensar.

– Daqui. – Os batedores instalados em Herran precisavam saber a língua. De preferência, o terreno também. A batedora, Alis, era jovem. Roshar havia dito. Inexperiente, para ser tão fácil de capturar. Se o general escolheu alguém com tão pouca experiência para reunir informações sobre o inimigo, devia ser porque ela tinha vantagens que superavam sua falta de experiência, como a familiaridade com o país.

– Sou daqui também – o oficial disse baixo.

– Sim, senhor. – Seu coração acelerou.

– Passei minha juventude numa fazenda a oeste daqui. – Ele deu um passo adiante. Ela se manteve firme. Ele ainda não estava próximo o suficiente para vê-la com clareza; ela não podia vê-lo com clareza. Mas ela notou agora o leve sotaque na voz dele. Ela teria um sotaque colonial também se seu pai não tivesse mandado seus tutores arrancarem qualquer sinal dele em sua voz. Em valoriano, ela tinha a voz de uma cortesã da capital, polida e pura. – Quero minha casa de volta – o oficial emendou.

– Eu também. – Ela manteve a voz baixa, rouca pela tosse, mas acrescentou uma leve cadência, apenas para que ele pensasse que o sotaque estava ali desde o princípio e que, de alguma forma, ele não havia notado. – Quais são minhas ordens? – Ela tentou manter a pergunta firme. Seu coração estava inquieto.

– Retorne ao seu posto. Vou informar o general sobre seu relatório.

– Sim, senhor. – Suas palavras saíram em uma pressa aliviada.

– Ainda não. – O oficial colocou a lamparina no chão da floresta e recuou. – Pegue a lamparina.

O pavor subiu em sua garganta.

– Senhor?

– Pegue a lamparina e me mostre seu rosto.

– Mas. – Ela engoliu em seco. – A infecção.

– Quero ver. Vou me manter longe.

– O risco...

– Soldada. Pegue a lamparina. Mostre-me seu rosto.

Confie em mim, ela havia pedido a Arin. Lembrou-se da força em sua voz e tentou invocar essa força novamente. Pensou, por um breve momento, que era para isso que servia a memória: para se reconstruir quando se perdião as partes.

Devagar, Kestrel caminhou na direção da lamparina. Manteve a cabeça baixa, embora não achasse que ele tinha como ver seu rosto ainda – não tinha visto nada dele depois que ele colocara a lamparina no chão, logo antes de ele recuar. Ela fechou um olho: um truque antigo que seu pai lhe ensinara para o combate noturno que envolvesse tochas e candeeiros. Um olho se ajustava para ver à luz das tochas. O outro ficava em reserva, para ver na escuridão total caso as luzes se apagassesem.

– Não quero que ninguém me veja – ela disse ao oficial. – A doença arruinou meu rosto.

– Mostre-me. Agora.

Ela pegou a lamparina e a estilhaçou contra uma pedra.

Ele praguejou. Ela estava com a adaga empunhada. Ouviu-o desembainhar a espada.

Não quero matar, ela havia dito a Arin muito tempo antes. Mesmo se quisesse, não conseguiria. Sentiu a memória do seu fracasso, do pai assistindo enquanto ela não conseguia revidar, seu braço cedendo sob a pressão da espada de outra pessoa.

– Quem é você? – Ele avançou, com a lâmina sondando a escuridão: movendo-se rápida e bruscamente, cautelosa, às cegas. A visão dele não havia se acostumado ainda.

Mas se acostumaria.

O oficial a capturaria e a levaria para o acampamento do general.

Haveria perguntas. Ela seria obrigada a responder. Pressio-nada, rompida em suas linhas mais frágeis. Pensou na prisão, em sua droga crepuscular, em lama e agonia. Imaginou o rosto do pai quando fosse levada diante dele. Viu isso em sua memória. Em seu futuro. Viu agora.

Com o coração desvairado, um nó no estômago, agachou-se para pegar um punhado de terra. Ele a ouviu e se virou. Ela jogou terra no rosto dele.

Um golpe sujo, ela ouviu seu pai dizer. *Desonroso*.

Mas os golpes sujos eram a especialidade dela.

Kestrel correu em volta do homem, surgiu por trás e tocou a ponta da

adaga nas costas dele, logo abaixo das costelas.

– Que código você usa para se comunicar com o general? Diga.

– Jamais.

Ela botou mais pressão na adaga.

– Vou matar você.

Ele enganchou uma perna na dela e chutou com força. Ela tombou. Caiu no chão. Tentou levantar, mas encontrou a ponta de uma espada na garganta.

– Minha vez de fazer as perguntas. – O oficial chutou a adaga dela para longe do alcance.

Um pássaro cantou. A manhã estava chegando. Lentamente, Kestrel ficava ciente disso e do cavalo que havia apeado e agora nunca voltaria a montar. Imaginou Arin, que não estaria dormindo. Ele estaria de olho no céu e na estrada. Sentiu a grama sob a mão dele, úmida pelo orvalho de verão.

Meio sentada, meio agachada, ela recuou trêmula para longe da espada.

Que a seguiu. Uma espada axinax. Ela reconheceu a lâmina mais curta, preferida para lutas em florestas. Recuou diante dela, sentiu uma pedra afiada cravar em suas costas e pensou, estranhamente, no piano. Uma passagem inteira surgiu em sua mente, uma que fazia anos que não tocava, mas que ela adorava por suas oscilações dramáticas de registros altos a baixos. Ela gostava de cruzar a mão direita sobre a outra e abaixar o som rumo às trevas. Não precisava estender tanto a mão. Kestrel podia ser pequena, mas tinha mãos longas. Braços longos.

Um excelente alcance. Tateou o chão da floresta atrás dela e envolveu os dedos na pedra pontuda que cutucava suas costas. Atacou com ela, acertando a mão do homem que segurava o cabo da espada.

Ele soltou um som terrível. A espada caiu. A ponta da lâmina roçou na coxa dela, cortando o tecido da calça. Caiu na terra. A dor queimou por sua perna.

Mas ela estava de pé. Acertou o rosto do homem com a pedra sem a soltar. A cabeça dele foi esmagada. Os dedos dela estavam sujos e quentes. Líquido escorria sob o couro da guarda de seu antebraço.

Ele caiu com um baque surdo. Ela derrubou a pedra.

Os pássaros estavam ensandecidos. Havia todo um coro deles agora. A coxa dela estava quente, pegajosa. Havia algo carnoso em suas unhas. Sua mão era uma luva de sangue.

Não quero matar, ela havia dito a Arin. Mergulhou nessa memória e viu a si mesma sentada na sala de música diante de Arin. Uma janela aberta suspirava nas dobradiças. O ar quente de outono. Peças de Morder e Picar, todas viradas para cima.

Suas mãos estavam trêmulas. Ela estava prestes a se quebrar em pedaços. E se quebrasse?

Seu plano já estava quase destruído.

Salvar a situação, então.

Olhe para o corpo. Ande logo. Certifique-se de que está morto.

Estava.

Agora você mesma. Olhe.

Kestrel abriu o tecido rasgado na altura da coxa. Sangue escorria, doía, mas ela pensou que talvez não fosse tão ruim. Sua perna conseguia suportar seu peso.

Limpou a mão ensanguentada na terra.

A tenda, disse a si mesma. Vá.

Ela caminhou sem firmeza até a pequena tenda do oficial e entrou.

Um catre. Um falcão mensageiro na gaiola, encapuzado, dormindo. Um banquinho, colocado diante de uma mesa com papéis, uma pena, um tinteiro e um conjunto de ábacos.

Os papéis.

Ela os pegou, tirando uma página. Então, deixou-a cair, com o estômago revirado ao se dar conta de que era uma carta que o homem morto estava escrevendo para a mãe.

Continue procurando, disse a si mesma. Esqueça o rosto destruído dele.

Examinou cada página na pequena pilha, procurando qualquer recorte de mensagem codificada entre o oficial e seu pai. Como o exército usava vários códigos diferentes, ela precisava encontrar evidências de qual o oficial estava usando. Ela poderia reconhecer. Lembrar. Decodificar.

Mas não havia evidências, apenas a carta para a mãe e páginas em branco.

Ela saiu mancando e viu, no alvor da madrugada, a testa esmagada do homem, seu olho gelatinoso. Engoliu em seco, depois revistou o homem até encontrar o seu selo.

Alívio. O selo poderia ser útil. Mas não havia mensagem codificada. Sua esperança era tentar forjar um relatório do oficial ao general.

Uma ideia impossível.

Idiota.

Ela não sabia o código, não sabia sequer o nome do homem morto. Queria afundar o rosto nas mãos.

Voltou à tenda e se deixou cair no banquinho. Sangue escorria do corte em sua perna. Ela deveria enfaixar o ferimento. Não havia nenhuma faixa.

O falcão flexionou as garras em cima do poleiro, movimentando-se com um som arranhado e farfalhante. Ela olhou para ele, sentindo-se perto de um desespero frustrado. Então, seu olhar pousou nos ábacos. Contas de madeira que desciam por fios finos de aço em uma estrutura de madeira. Usadas para contar.

Kestrel tocou uma conta. Uma memória se abriu dentro dela.

Abriu o pote de tinta e encontrou uma folha de papel em branco. Olhando para a carta do oficial para a mãe, Kestrel teve uma noção de como imitar a caligrafia do homem. Molhou a pena na tinta e escreveu a primeira linha do código.

O CAVALO TROTOU COLINA ACIMA ATÉ O ACAMPAMENTO
sol havia se erguido; era quase meio-dia, e o dia prometia ser quente. Apertava o coração de Kestrel ouvir a respiração do cavalo. Ela o havia forçado demais. Mas sua perna esquerda...

A ferida havia parado de sangrar. A dobra da calça rasgada se prendia à perna, endurecida pelo sangue coagulado. O corte ardia e a pele em volta dele parecia inflamada. Ela teria de tirar o tecido para ver o que estava embaixo.

O cavalo ficou mais lento e suspirou. Kestrel não era capaz de obrigá-lo a avançar. Ela se moveu para desmontar, então se crispou e parou quando o movimento abriu os cantos do corte.

Sede. O sol a deixara nauseada. Na estação do batedor, ela havia jogado água do cantil na ferida. Na floresta, quando desamarrara o cavalo, jogara água na palma da mão para o animal beber, e repetiu até não sobrar nada.

Agora, ela podia ver os picos pálidos de tendas ao longo do aclive das colinas. Ela estava perto. E, sinceramente, coitado do seu cavalo. Estava de novo se movendo para desmontar quando ouviu seu nome.

Arin descia a colina íngreme, escorregando na grama em sua pressa, mas sem perder o equilíbrio. Uma brisa agitava seu cabelo, inflava sua camisa. Sua descida virou uma corrida perigosa, e Kestrel se perguntou, cética, se o deus da morte cuidava mesmo dele ou se não era o deus da graça, das alturas, das cabras ou qualquer que seja o deus que pudesse permitir que Arin corresse desse jeito sem tropeçar em nenhum montinho e rolar colina abaixo. Parecia um pouco injusto.

Ele correu até ela, com o cabelo pesado de suor. Sua pele havia escurecido na viagem para o sul, mas ele parecia mais pálido agora, e tinha olheiras. Ele não havia dormido.

Primeiro, ele notou a mão de Kestrel. Ela estava com o lado esquerdo ocultado dele. Comoveu-se com a forma como o olhar dele foi direto para sua mão direita ensanguentada, os olhos dele chamejando com o mesmo sentimento que ela teria se os dedos estivessem mesmo feridos, se ela jamais conseguisse voltar a tocar e tivesse de mancar ao longo das teclas do piano quando desejava voar.

Ele tirou a guarda do antebraço dela, praguejando com as fivelas.

– Esse sangue não é meu – ela disse.

– Você não está ferida?

– Perna esquerda.

Ele deu a volta no cavalo, viu e ficou em silêncio.

– Certo – ele disse por fim. – Venha. – Ele a ajudou a descer. – Posso carregar você.

Ela ouviu a pergunta em sua voz.

– Não. Roshar vai ver. Vai zombar sem piedade. – Ela sorriu, porque queria que Arin sorrisse. Não gostava de ver como ele estava: as rugas em torno de sua boca, seus olhos cobertos de preocupação.

Ele não sorriu. Envolveu o rosto dela com as duas mãos. Uma emoção contraiu o semblante dele, um assombro lúgubre, do tipo que se tem diante de uma tempestade feroz que despedaça o céu mas não devasta sua existência, não destrói tudo que você ama. Aquela que faz você se sentir são e salvo.

O nervosismo cresceu dentro dela. Fervilhou, repulsou.

Não fazia sentido. Ela sabia que podia tocar os lábios ressecados nos dele e sentir a verdade do amor dele em sua língua. No entanto, não podia dizer o que não tinha certeza de sentir.

A coxa dela latejava.

– Carregar não – ela disse com leveza. – Mas deixo você me ajudar a subir a colina.

Conduzindo o cavalo, eles atravessaram o acampamento devagar, o braço de Arin em volta dos ombros de Kestrel. Ele a levou para a tenda dele.

– Acho que... – Ele hesitou. – Lá dentro. Você poderia ficar do lado de fora, mas... – Ele olhou para a coxa ensanguentada dela. – Precisa tirar a calça. Posso buscar outra pessoa...

– Não. Você.

Ele olhou nos olhos dela, depois desviou.

Ela entrou na tenda. Não havia piso de lona, apenas grama e um saco de dormir. Sentou-se no chão.

Arin olhou de relance para a boca seca dela.

– Você está com sede – disse antes de sair.

Voltou com um cantil, um balde de água, um pequeno pote e uma gaze limpa.

Ela bebeu. A água parecia cair por um longo caminho dentro dela. Ela

pensou na água, como era maravilhosa a sensação de beber. Pensou sobre isso e não sobre ele.

Arin se ajoelhou ao lado dela. Ela colocou o cantil no chão. O corte era uma dor vaga: quase nada diante da sensibilidade intensificada da presença dele, de seu coração acelerado. Do lado de fora da tenda, as cigarras cantavam.

Ele desafivelou a armadura dela e a tirou com delicadeza.

– Nenhum outro lugar?

– Só a perna. – Foi um alívio, no começo, ficar fora da armadura, mas, assim que ela saiu, se sentiu muito exposta e fraca.

Arin não se moveu. Ela sabia o que deveria fazer em seguida. Seus dedos se atrapalharam enquanto tentava desafivelar a calça.

– Espere – Arin disse. – Só... – Ele parou, depois continuou: – Não precisa tirar.

Ele levou a mão ao rasgo da perna esquerda da calça e o puxou, forçando o caminho do rasgo com cuidado para que envolvesse a coxa dela. Logo o tecido estava quase completamente separado, exceto pela dobra ainda presa à ferida. Ele jogou água para amaciar o tecido.

– Vai doer.

– Pode arrancar.

Ele puxou o tecido da ferida. Ela inspirou fundo quando o sangue escorreu. Ele tirou tudo, deixando sua perna esquerda quase completamente nua.

Ele enxaguou o corte.

– Ah.

– Que foi?

Arin ergueu a cabeça morena e sorriu.

– Não é tão ruim.

Ela olhou para o sangue.

– Quero dizer – ele se apressou em completar – que não precisa de pontos. O que é bom. Não que não seja *ruim* para você, ou que não esteja doendo, ou...

Ela deu risada.

– Arin, também fico feliz de não ser pior.

Ele começou a limpar a ferida. Água rosada escorreu pela perna dela. O chão ficou úmido. Ele tirou o sangue com a gaze e *doeu*, mas o toque dele era suave e ele tinha habilidade, tanta que, quando ele abriu o pote de

unguento esbranquiçado e começou a esfregar ao longo do corte, ela perguntou:

– Você aprendeu isso na batalha?

Ele manteve a cabeça abaixada e o olhar no que estava fazendo.

– Algumas coisas sim. Outras, em livros. Ou... – Ele parou abruptamente.

– Arin?

– Sob o domínio valoriano, aprendemos a fazer o que podíamos por nós.

Pelos outros. Quando estávamos machucados.

– Quando *eles* machucavam vocês.

Ele encolheu os ombros, pegando o rolo de gaze.

– Eu deveria saber. Não deveria ter perguntado – disse Kestrel.

– Pode me perguntar qualquer coisa.

O creme era frio e formigava. O corpo dela todo relaxou com a ausência da dor.

Ele colocou a gaze na ferida e desenrolou, envolvendo a atadura em torno da coxa dela. O olhar de Kestrel seguiu a gaze conforme circulava sua perna, vinha entre as suas pernas e descia de novo. A palma da mão dele roçou a parte de dentro da sua coxa, áspera e quente. Eles ficaram em silêncio.

Arin chegou ao fim da gaze, que enfiou entre as outras camadas, e deu um nó. Acabou, mas ele não se moveu. Ele estava com as mãos sobre o joelho dela, as palmas vigorosas contra sua pele, as pontas dos dedos roçando a parte de baixo da gaze.

– Melhor?

O corpo dela estava leve e vivo. Ela não quis responder. Se respondesse, ele tiraria as mãos.

– Kestrel?

– Sim – ela disse relutante. – Está melhor.

Ele ficou imóvel. Lá fora, as cigarras zumbiam e cantavam. Arin encontrou os olhos dela, os dele estavam sob as sombras. Os dedos dele traçaram um desenho que nada tinha a ver com curativos e pareciam abrir a carne em linhas brilhantes.

Ela perdeu o ar. Ele ouviu, então balançou para trás sobre os calcanhares e se levantou, caminhando até o outro lado da tenda em um movimento rápido antes que ela pudesse dizer algo. Não havia nada mesmo a dizer.

Arin se sentou perto do saco de dormir.

– O que aconteceu na estação de batedores?

Kestrel mergulhou as mãos no restante de água no fundo da bacia. Esfregou a sujeira ensanguentada de sua mão direita, concentrando-se nela. Aquela sensação reluzente se acalmou (inconveniente, ela pensou. Problemática. Ainda mais agora. O que há de errado com você, que não consegue respeitar um amigo que pediu para não ser usado? Que tudo faísca e arde na esperança da tentação dele. Que talvez ele cedesse, mergulhasse e esse fosse o seu consolo. Não será, não para ele. Talvez nem mesmo para você). Ela lavou as mãos.

Kestrel contou tudo a Arin, desde quando havia saído do acampamento na noite anterior até o momento em que enfiou uma pedra no rosto do oficial.

– Eu o matei – ela disse, e teria dito outra coisa, mas vacilou.

Arin franziu a testa.

– Você se sente culpada.

– Ele não estava usando armadura.

Arin fez um gesto impaciente.

– Erro dele.

– Ele ficou preocupado comigo.

– Como assim?

– Quero dizer Alis, a batedora. Ficou preocupado com ela.

– Você está me dizendo que está arrependida por tê-lo matado porque ele era uma *boa pessoa* ?

– Estou dizendo que ele era uma pessoa, e está morto, e eu fui responsável por isso.

– Fico contente por ter feito.

– Eu não. – Agora ela também estava com raiva.

– Você tem noção – a voz de Arin endureceu – do que ele teria feito com você?

– Se ele tentasse me matar, teria conseguido. Ele não queria. Foi só por esse motivo que consegui...

– Ele não queria matar você porque queria *capturar* você.

– Eu sei. Dá para saber disso e mesmo assim sentir remorso.

– Não me peça para sentir o mesmo.

– *Não estou pedindo* .

– Se ele tivesse levado você... – Arin parou, depois disse: – Eles são assassinos. Escravizadores. Ladrões. Eu não me arrependo. Nunca vou me

arrepender.

– Então você nunca questionou uma morte.

Os olhos dele chamejaram, depois pareceram assombrados.

– *Não vou* questionar.

Kestrel analisou o rosto dele; a raiva dela estava passando ao lembrar que as vicissitudes deles eram diferentes e que as perdas de Arin eram mais profundas. Querendo ou não, ela estava pondo o dedo na ferida.

– Eu irritei você.

– Sim, estou irritado. É incômodo ouvir que você se sente culpada por se defender de alguém que a teria ferido.

– Não é só isso.

Ele abaixou os olhos para as mãos, manchadas pelo sangue dela.

– Você pode mudar de ideia. Não tem problema. Não precisa fazer parte desta guerra.

– Sim, preciso. Não mudei de ideia.

– Era você ou ele – ele disse baixo. – Você precisava escolher.

Ela baixou os olhos para a grama úmida sob ela, o curativo enfaixado.

Pensou em seu passado. Em toda a sua vida.

– Quero opções melhores.

– Então precisamos criar um mundo em que elas sejam possíveis.

Quando Kestrel e Arin chegaram à porta da tenda de Roshar, a calça dela rasgada em uma perna fez os olhos dele brilharem de ironia. Kestrel teve certeza de que o príncipe iria dizer que já não era sem tempo que Arin arrancasse as roupas dela. Depois, Roshar poderia fazer um comentário pudico sobre a incapacidade de Arin de chegar às vias de fato (*Apenas uma perna da calça?* , ela imaginou Roshar dizendo. *Como você é preguiçoso, Arin*) ou sobre a singularidade do recato de Arin (*Inocente como um cordeirinho*). Talvez ele oferecesse condolências a Kestrel sobre a morte parcial de sua calça. Perguntaria se havia se machucado de propósito.

Kestrel ficou vermelha.

– As coisas não correram segundo o planejado na estação de batedores – ela disse, declarando o óbvio para guiar a conversa para onde deveria ir. Não, de jeito nenhum, falariam sobre o que havia ou não acontecido na tenda de Arin.

– Ela está ferida – reportou Arin, que, embora não parecesse, também devia estar embaraçado para afirmar o óbvio dessa forma.

– Por pouco – Roshar disse. – Um mero arranhão, senão não estaria em pé.

– Você pode oferecer uma cadeira para ela – Arin disse.

– Ah, mas tenho apenas duas na minha tenda, pequeno herrani, e somos três. Imagino que ela possa sentar no seu colo.

Arin lhe lançou um olhar de profunda irritação e passou por ele para entrar na tenda.

– Mas eu poderia ter dito coisa muito pior – protestou Roshar.

– Não diga nada – Kestrel respondeu.

– Não seria do meu feitio.

Ela o ignorou. Quando os três entraram na tenda do príncipe (Arin decidiu ficar em pé), ela explicou em detalhes o que havia acontecido.

– Escrevi a carta para o general – ela terminou – e soltei o falcão.

– Quantas séries de códigos os batedores valorianos usam? – Roshar perguntou.

Kestrel cravou a unha no braço de teca da cadeira.

– Muitas. Não sei exatamente. Posso não lembrar de todos que meu pai me ensinou ou ele pode ter optado por me contar apenas alguns. Novos podem ter sido criados e colocados em uso desde então.

– Então as chances de a carta que você escreveu estar no código certo que o general espera ver são pequenas.

– Sim.

– Como decidiu qual código usar? – Arin perguntou.

– O oficial tinha ábacos na sua tenda, o que achei incomum, a menos que ele fosse encarregado de contabilizar as provisões do exército, o que costuma ser realizado no acampamento principal onde os suprimentos são guardados. Lembrei um código numérico. Ele podia estar usando os ábacos para ajudar na escrita.

– Ou – disse Roshar – seu pai leu o bilhete, viu um código quando esperava outro e vai mandar alguém para a estação, onde vai encontrar um cadáver.

– Nesse caso – Arin disse –, não estamos piores do que estávamos.

– Ah, sim, *estamos*. O general vai saber que a carta é uma manobra e vai fazer exatamente o oposto do que queremos. Vai ignorar a estrada principal. Vai pegar estradas secundárias pelas florestas onde nossas armas de fogo teriam pouca utilidade e nós não teríamos a vantagem da altitude. Você sabe disso.

Arin fechou a boca, olhando apreensivo para Kestrel. Sim. Ele sabia disso, assim como ela. Ela se sentiu pior pelo esforço dele de fazer o erro dela parecer menor. Ele conhecia a magnitude real.

Roshar se recostou em sua cadeira rangente. Seus olhos passaram de Arin para Kestrel, pretos como laca, a maquiagem verde em volta dele era recente.

– Consegue me dizer alguma coisa mais animadora do que isso tudo?

– Minha carta não mencionou nada sobre um plano de usar corpos infectados como ataque defensivo durante um cerco. Tive de dizer isso ao oficial para mantê-lo longe. Mas, depois que ele morreu, essa mentira não era mais necessária. Agora, o solar parece um alvo ainda mais fácil e atraente.

– Se seu pai morder a isca.

– Ela fez o que pôde – Arin disse.

As propriedades anestésicas do unguento no corte em sua coxa estavam passando. Ela esfregou o curativo, examinando suas interfoliações, e tentou engolir a sensação de fracasso, que ficou pior ao ouvir Arin defendê-la.

– Eu sei – Roshar disse –, mas nossa força já é pequena. Não podemos estar em dois lugares ao mesmo tempo. Ele vai atacar Errilith. Não quero uma batalha defensiva. É um luxo que não podemos ter. Se o conflito acontecesse aqui, teríamos a vantagem da altitude, mas eles estão em número para se espalhar e nos flanquear. O que eu gostava do plano de atacá-los na estrada era a chance de deixar que *eles* ficassem presos, imobilizados, sem ter para onde ir.

– Então confie nela.

Kestrel ergueu os olhos para Arin.

– Mandar aquela carta codificada foi uma aposta desesperada – disse Roshar.

– Foi a aposta desesperada *dela* – Arin completou. – É por isso que acho que vai funcionar.

Eles levantariam acampamento ao amanhecer. Kestrel observou Arin desaparecer entre as carroças de provisões. Ela foi para o rio, lavou o sangue e o suor do corpo, depois trocou as calças rasgadas, que tinham sido da batedora, pelo par que havia vestido quando cavalgara para o sul. Não pensou muito. Observou as folhas se curvarem sob o vento e mostrarem seus ventres pálidos. Tinha a água corrente. A rouquidão metálica das

cigarras.

Voltou para o centro do acampamento.

Arin havia montado um amolador e estava, pelo visto, revistando todas as armas reservas armazenadas numa carroça, inspecionando lâmina por lâmina. Franziu a testa diante de uma espada e a dispôs em certo ângulo no amolador, colocando-o em movimento. O som era áspero.

Então, ergueu os olhos. Ele a viu e parou o amolador.

Ela se aproximou.

– Tem ferreiros dacranos neste acampamento. Outras pessoas podem fazer isso.

– Não tão bem. – Ele espalhou óleo na lâmina para poli-la. Seus dedos brilhavam. – Eu gosto de fazer isso. – Arin ergueu a mão oleosa. – Posso?

Por um momento, ela não entendeu o que ele queria, mas então sacou a adaga que ele havia feito para ela e a entregou.

Arin a examinou: surpreso, contente.

– Você cuida bem dela.

Kestrel a pegou de volta.

– É claro que cuido. – Sua voz estava grossa, errada.

Ele olhou para ela. Caloroso, disse:

– Sim, claro. Deve ter um ditado para isso: “Valorianos mantêm suas adagas polidas” ou algo assim.

– Eu cuido dela – ela disse, subitamente triste e furiosa –, porque você a fez para mim. – Ela não tinha gostado da surpresa dele. Não gostava de si mesma por causar isso, pela confusão emaranhada de seus sentimentos, pela forma como havia se encolhido ao ouvir Arin defendê-la para Roshar, não simplesmente por causa da força de sua sensação de fracasso, mas também porque havia pedido para Arin que confiasse nela e agora ele confiava sem hesitar, apesar de ele ter pedido para que ela o amasse e ela não lhe ter dado nada. Ela oscilava entre a certeza sólida da atração e o receio de algo mais.

Eu te amo, ela havia dito ao pai. Uma súplica, um pedido de desculpa e também uma declaração simples: dezoito anos de amor. Não valiam mesmo de nada? Eram mesmo tão desprezíveis?

Sim, eram. Ela tinha visto isso quando seu pai a puxara pelas mãos desesperadas e a empurrara. Ela tinha visto isso no chão de terra da cela da prisão. Ouviu isso no som de seu vestido sujo sendo rasgado em suas costas.

Pensou no falcão, que já devia ter voado o trajeto todo até o general. As

garras se fechando em seu punho erguido. Seu pai desenrolando a mensagem codificada. A armadilha que ela havia montado para ele.

Caia nela, ela desejou.

Você tem talento para estratégia, ele dissera certa vez.

Venha ver, então.

Veja o que posso fazer com você. Veja o que você fez comigo.

– Kestrel. – A voz de Arin era hesitante. Ela percebeu como devia estar. A mão apertando o cabo da adaga, o rosto atormentado. Quando ele começou a falar, ela o interrompeu:

– Você tem mais daquele bálsamo?

– Ah. – Ele enfiou a mão sob o avental de couro que estava usando por cima das roupas e tirou o pequeno frasco do bolso. – Eu deveria tê-lo dado antes para você. Eu... me distraí. Esqueci.

Ela pegou e saiu.

Normalmente, gostava da sua tenda. Era retirada, o que a fazia se lembrar de que sempre se sentia observada antes da prisão. Na capital, com certeza. Mesmo em Herran, quando era uma colônia. Privacidade era um alívio. O círculo de lona áspera a envolvia como um casulo. Iluminava-se ou se apagava com a passagem do sol.

Agora, porém, enquanto ouvia os ruídos do acampamento (pessoas falando em duas línguas diferentes; cavalos e pássaros e insetos e o *brrr* da amoladora), ela sentiu-se como no primeiro dia em que Arin tinha montado sua tenda: solitária.

Kestrel tirou as calças e desenrolou o curativo. Estava úmido e pesado pelo rio.

O corte não estava sangrando. Não doía tanto. Ela passou o unguento mesmo assim. Quando anestesiou, pensou na droga noturna da prisão. Seu peito latejou com uma pontada lenta. Sentia falta do gosto da bebida e de como ficava com ela.

Espalhou o creme pela coxa onde Arin a havia tocado. Sua pele ficou dormente.

Kestrel se enfaixou de novo e tentou prever a manhã, quando desmontaria sua tenda, levantaria acampamento e partiria para o sul para atacar seu pai.

AS FORÇAS FORAM DIVIDIDAS MAIS UMA VEZ. UM (enviado para o solar de Errilith para fazer parecer pronto para um cerco. Se seu pai tivesse confiado no bilhete codificado, mandaria batedores à frente para reunir informações sobre o solar.

Roshar enviou a maior parte das carroagens de suprimento para lá. Todos os seus canhões também: um risco.

– Leve e rápido. – Ele falou como se fosse uma decisão divertida, e não uma necessidade perigosa, deixar para trás sua maior artilharia. Mas era preciso ser furtivo (tanto quanto um pequeno exército pode ser). Velocidade também era importante, e o terreno era ruim para carregar o que fosse. Eles precisariam correr para o sul através da floresta e subir colinas que davam para a estrada principal.

– Estou preocupada com as árvores – Kestrel disse a Roshar ao fim do primeiro dia de seu avanço para o sul. Pássaros irrieles caçavam no alto, girando como um impressão digital preta contra o céu arroxeados. Kestrel colocou uma carta de baralho na grama. Um coelho estava assando num espeto numa fogueira próxima, sua pele de um marrom crepitado. Arin colocou a faca nele, separando a carne. Rosa demais. Colocou mais galhos de madeira de sarrina resinosa na fogueira. Queimaram no mesmo instante, luzindo azuis.

– Preocupada com o quê? – Roshar olhou para suas cartas e resmungou.

Mas Arin, que vinha observando o jogo deles sem participar, já havia adivinhado em que Kestrel estava pensando.

– Precisamos das árvores para a cobertura – ele disse –, mas elas vão dificultar o uso das armas de fogo. Não vamos ter muita chance de acertar os alvos na estrada lá embaixo.

– Melhor cortar todas. – Roshar fez sua jogada. – A vegetação rasteira da floresta pode ser suficiente para nos esconder se deitarmos baixo.

Kestrel estalou os dentes; um som oriental de irritação.

– Você pegou isso de mim – o príncipe comentou, contente. – Agora, conte a verdade. Você marcou as cartas?

– Eu nunca roubo – ela disse com frieza.

– Não podemos cortar as árvores – Arin disse.

– Concentre-se – Kestrel falou ao príncipe, pegando a carta que ele havia

acabado de descartar.

– É bom deixar claro que estou *deixando* você vencer. *Sempre* deixo você vencer.

– É óbvio que não podemos cortar as árvores – ela disse. – Meu pai vai notar uma fileira repentina de árvores abatidas. É o mesmo que pintar uma placa avisando que estamos lá.

– Ou... – Arin disse.

Ela olhou para ele.

– O que você está pensando?

– Quanto de corda nós temos?

– Duzentas e doze extensões.

Roshar se espantou.

– Você anda contando nossas provisões? – perguntou o príncipe.

– Sim – ela respondeu.

– Consegue repetir as unidades de cor?

– Sim.

– Quantos sacos de grão para os cavalos?

– Sessenta e dois. Jogue sua carta. Vale mais a pena. Você vai perder de qualquer jeito.

– Tentativas de distraí-la não costumam funcionar – Arin disse ao amigo.

– Você enfrenta o vencedor, então – Roshar disse –, para eu poder observar sua técnica.

Arin olhou o coelho de novo, tirou-o da fogueira.

– Não.

Uma decepção inesperada se contorceu como um inseto dentro do peito de Kestrel.

– Por que não? – Roshar perguntou.

Arin cortou uma fatia de carne e a colocou num prato de estanho.

Kestrel, que não sabia ao certo se queria ouvir a resposta de Arin, perguntou:

– Por que você quer a corda?

– Deixe Arin nos surpreender – Roshar disse. – É assim que fazemos as coisas. Ele tem uma ideia genial e eu fico com o crédito.

– Diga-me – Kestrel pediu.

Arin colocou o prato no chão.

– Não vou jogar com você porque, mesmo quando ganho, eu perco. Nunca foi apenas um jogo entre nós.

Roshar, que estava deitado de lado na grama, apoiado no cotovelo flexionado, com a bochecha descansando na palma da mão, arqueou as sobrancelhas para Kestrel.

– Eu estava falando da corda – ela murmurou.

Roshar olhou de um para o outro e disse:

– Sim, a corda. Por que não falamos dela, afinal?

Eles estavam em posição. Kestrel esperou junto com os atiradores atrás de uma camada estreita de árvores à beira de um morro que dava para a estrada. Uma brisa sacudia as folhas. As árvores chiavam. Os atiradores, quase todos herranis, olhavam com nervosismo para o projeto de Arin.

Tinha tomado a maior parte do dia dos soldados, usando serras compridas, para duas pessoas, da carruagem de provisões. Machados também. E, claro, a corda.

Arin tinha amarrado todos os troncos e fixado a corda no fundo da floresta. Cada árvore era única, com alturas, comprimentos e inclinações que pediam uma rede diferente de cordas, dispostas em ângulos diferentes. Depois que as árvores foram amarradas no lugar, os soldados as serraram na base, mas não completamente.

– Quando os valorianos chegarem – Arin disse –, cortem as cordas.

– Você quer me matar – Roshar havia dito. – *Vergonhosamente*. Um príncipe deve encontrar seu fim na batalha. Não esmagado por uma árvore derrubada. Aposto que você prendeu todas aquelas cordas do jeito errado.

Um sorriso ergueu o canto da boca de Arin. O ar estava arenoso de serragem.

– Depois de tudo – ele disse a Kestrel –, eu não deixaria que você fosse ferida por uma árvore.

– Eu – Roshar disse, enfático. – Você deve estar falando de *mim*.

Mas Arin já tinha saído. Logo depois, Roshar saiu na direção contrária.

O plano era uma emboscada.

– Que formação o general usaria para uma marcha ao longo de uma estrada dessa largura? – Roshar perguntara para Kestrel.

Kestrel havia parado, com os dedos sobre o mapa gasto.

– Ela não tem como ter certeza – disse Arin.

– Eu faria o seguinte se fosse ele – ela falara. – Eu estaria nas fileiras da frente, onde manteria a maior parte da cavalaria e os oficiais. Recrutas

novos ficariam atrás das carruagens de provisões, que eu manteria no meio. A infantaria no fundo, com alguns oficiais de confiança, por via das dúvidas. Eu escolheria oficiais que não reclamariam por ficar na retaguarda com as patentes mais baixas. Seriam experientes. Seriam bons. Mas seriam poucos. Arqueiros e besteiros flanqueando o regimento, prontos para atacar as colinas. Ele vai saber que existe um risco de conflito. Faria sentido, se *estivéssemos* nos preparando para um cerco em Errilith, enviar pequenos grupos para acossar seu avanço para o norte. Ele imaginaria que os suprimentos seriam atacados. Se destruirmos as carruagens, quebramos as pernas dele. Nenhum ataque seria uma surpresa total. O que nos dá vantagem é a *força* do nosso ataque e nossa capacidade de usar uma arma com a qual ele não tem como competir.

– Então, nós vamos lhe dar o que ele espera – Arin disse. – Uma pequena subdivisão nossa pode atacar as linhas de frente, atrair a atenção do general enquanto nossa força maior se prepara para avançar contra a retaguarda. O general deve levar suas defesas para a frente. Podemos até separá-los do centro. Seus oficiais usam armadura de metal. As salvas de tiros das armas de fogo serão mais efetivas no centro e na retaguarda. Os atiradores devem derrubar o máximo de soldados possível em volta das carruagens e, queiram os deuses, dos canhões.

– Uma pequena subdivisão atacando as linhas de frente valorianas – Roshar refletira. – Um perfeito suicídio. Ideal para você, Arin.

– Mas... – Kestrel disse.

Os dois a olharam, e ela havia conseguido ver pela firmeza do maxilar de Arin que o que Roshar dissera era apenas o que Arin já pretendera fazer. Os olhos de Arin estavam obscurecidos. Era um olhar distante, penoso, que havia feito um calafrio percorrer a espinha dela. Fizera com que considerasse que o deus de Arin era mesmo real. Que estava naquele momento lá, dentro de Arin, sussurrando para ele.

– Você comanda esta força – Kestrel havia dito a Roshar. – Tem que ser você. Arin pode atacar a retaguarda.

Com um sorriso, Roshar respondera:

– Não, essa tarefa aprazível é minha. Você, fantasminha, fica com as armas de fogo.

Os dedos de Kestrel se contraíram.

– Você está me colocando na posição mais segura.

– Estou colocando você onde não será vista por seu pai.

Ela havia pensado no general a espiando. E havia pensado nele não a espiando. Ambos os pensamentos eram paralisantes.

– Você não é muito diferente daquelas armas de fogo – Roshar continuara. – Uma arma secreta. O general provavelmente sabe que você escapou do campo de trabalhos forçados, deve desconfiar de aonde você foi, se é que sobreviveu à tundra. Mas pensar que está *aqui*, com este exército? Talvez, mais para a frente. Ele pode reconhecer sua mão nessas táticas, quer ele veja ou não. Mas prefiro, assim como tenho certeza de que Arin também prefere, que ele não tenha nenhuma confirmação da sua presença.

Ela começara a protestar.

– Você me fez um juramento – Roshar havia dito, jovial. – Os valorianos honram sua palavra.

Ao ver que suas últimas palavras a deixaram pálida de fúria, ele tinha sorrido e saído.

– Você também quer que eu fique com as armas – Kestrel confrontara Arin.

– Roshar não está errado.

– Ele está agindo de acordo com os interesses dele.

Ele havia franzido a testa.

– Posicionar você com as armas de fogo não dá muita vantagem para ele, pessoalmente.

– E quanto à *sua* posição contra as fileiras frontais do general?

– Às vezes, Roshar faz o papel de príncipe egoísta para que ninguém espere nada melhor dele. Ele não é assim. Mas é uma boa escolha. Para mim, ele escolheu o que eu mesmo teria escolhido. Eu quero as fileiras frontais.

Kestrel se lembrou dessas palavras de Arin agora, enquanto aguardava na floresta com os atiradores, que haviam sido colocados sob seu comando. Ela se lembrou de como queria explicar para ele que ficava aturdida de tentar entrar na mente de seu pai, saber que a mente do general e a sua eram perturbadoramente parecidas. Ela queria colocar seu medo dentro de uma caixa branca e entregá-la para Arin.

Você também, ela lhe diria. *Temo por você. Temo por mim se perder você.*

A guerra não é lugar para o medo, disse a memória de seu pai.

– Tome cuidado – ela havia dito a Arin.

Ele tinha sorrido.

E, agora, estava lá embaixo, longe de sua visão, atrás da curva da estrada vazia.

O sol estava forte. Os atiradores haviam carregado suas armas. Kestrel observava a estrada, com a adaga em posição.

Cigarras. O voo de asas de pássaros.

Talvez seu pai tivesse reconhecido que a carta codificada era falsa.

Talvez não mordesse a isca.

Uma rajada de vento. Horas se passaram, lentas como o suor que escorria pelas costas de Kestrel.

Seus braços e pernas doíam por ficar na mesma posição. Ela sentiu uma estranha energia se derramar sobre ela e os atiradores, uma tensão elástica que ficava tensa ao mais leve som, depois relaxava sob o calor, sob a espera.

Sonho, espera, medo, espera, sonho.

Os atiradores, assim como ela, agachados entre os brotos e as samambaias. As armas apontadas para baixo. Pequenas bestas orientais em posição. Uma árvore de sIRRINA gotejava seiva laranja, seus galhos delgados baixos e pontudos.

Kestrel observou a estrada.

O rápido *toc, toc, toc* do bico de um pássaro contra a casca da árvore. O roçar das folhas. Então mais baixo, mais forte... o ritmo de milhares de botas na estrada pavimentada.

ARIN OUVIU OS VALORIANOS MARCHANDO NA DIREÇÃO seu peito endurecer de ansiedade.

Os valorianos se aproximaram. Ainda escondido atrás da curva na estrada, Arin virou para olhar nos olhos dos seus soldados, não mais do que cinquenta: homens e mulheres, herranis e dacranos. Todos a pé, para serem mais furtivos e parecerem mais vulneráveis às linhas dianteiras dos valorianos. Alguns dos soldados herranis tinham maquiado os olhos de laranja e vermelho como os guerreiros dacranos.

O som do exército valoriano se tornou ensurdecedor. Botas e cascós e rodas de carruagem. Armaduras pesadas. Metal contra metal.

Olhos de Arin em seus soldados, os deles em Arin. Ele ergueu a mão: *esperem*.

Deu a volta em uma árvore para olhar estrada abaixo.

A cavalaria valoriana. Enormes cavalos de guerra. Oficiais de preto e dourado.

Perto.

E um valoriano em particular, liderando-os, não muito diferente de onze anos antes. Grande e protegido pela armadura, com sua insígnia pintada no peito. Um boldrié tecido sobre o peito, amarrado no ombro. Elmo simples, feito para mostrar seu rosto. Aquele rosto.

Que bom ter certa distância, para não ver os olhos castanho-claros do general, tão parecidos com os da filha.

Melhor ver esse homem mover o cavalo na direção de Arin. Quase ao seu alcance.

Você o quer?, sussurrou o deus de Arin.

Quer esmagá-lo com suas mãos?

Arin olhou para sua subdivisão atrás dele.

– Preparar – ele sussurrou, depois repetiu o sussurro em dacrano. Sua espada foi sacada. Seu sangue estava quente.

Doce filho.

Meu filho.

Agora.

Kestrel viu o conflito de cima. Com uma luneta, viu os cavalos de guerra valorianos recuarem. Não o do general. Ele se manteve imóvel: uma estátua metálica. Seu rosto estava distante, seus traços, turvos. Ela sentiu um aperto no estômago.

E Arin?

Árvores cobriam sua visão. Ela não conseguiu encontrá-lo. Não conseguia ver nada abaixo do dorso dos cavalos.

Infantaria contra cavalaria.

Kestrel, sua tola.

Ocorreu a ela que deveria acreditar no deus de Arin. Alguma parte inconsciente dela deveria confiar piamente na proteção do deus da morte. Apenas isso poderia explicar por que havia colocado Arin contra a vanguarda valoriana – e contra seu pai – com alguma esperança de sobrevivência.

O pavor subiu à sua garganta.

Na aglomeração inicial, Arin perdeu o general de vista. O cavalo de um oficial quase pisou em cima de Arin, que desviou dos cascos dianteiros empinados. Protegeu-se do golpe de uma espada valoriana; a ponta se alojou inofensiva no ombro da armadura de couro endurecido de Arin. Quando o homem puxou a espada de volta, Arin tomou as rédeas do homem e puxou a cabeça do cavalo para baixo, ouviu o grito do animal. O valoriano tentou manter sua montaria. Arin cravou a ponta de sua espada no corpo do homem, logo acima do quadril, logo abaixo da couraça de metal. Arin estocou.

Um som inumano. Sangue escorreu pela lâmina. A mão de Arin ficou quente e úmida.

O valoriano começou a escorregar da sela. Seu pé se prendeu no estribo. A greva da armadura de sua perna inclinou a lateral do cavalo, quase deslocando o braço de Arin. Ele soltou as rédeas. O valoriano se chocou contra o chão. O cavalo disparou, correu desenfreado, arrastando o soldado atrás dele.

Arin não conseguia pensar. Sabia, vagamente, que os arqueiros inimigos não estavam disparando contra sua subdivisão, provavelmente por medo de atingir a vanguarda valoriana. Ele sabia que seus próprios soldados estavam caindo em volta dele. Os valorianos, em vez de avançar para enfrentar o ataque, mantiveram-se firmes e ficaram mais compactos, uma muralha de

metal e cavalos.

Aqueles garanhões. Seus músculos suntuosos. Altos e titânicos.

Arin gritou em dacrano, depois em sua própria língua: *Comigo*.

Sacou a adaga. Com uma lâmina em cada mão, esquivou-se dentro do espaço estreito entre dois cavalos de guerra valorianos e cortou o pescoço deles.

Kestrel segurava a luneta com força. Os oficiais valorianos não avançaram, não se separaram das fileiras médias, não expuseram as carruagens de provisão.

Um cavalo de guerra caiu. Depois outro.

Seu pai golpeou a espada para baixo. Voltou vermelha. Ela o viu gritar.

– Cortem as cordas – Kestrel disse aos atiradores. – *Agora*.

Arin queria gritar. Ele viu uma oriental passar pelas defesas valorianas, cortar os tendões de um cavalo de guerra e chegar ao general. Arin quis dizer *Não*, quis dizer *Meu*.

O general, firme em seu cavalo, brandiu. Cortou a cabeça da mulher. Sangue jorrou.

– Mantenham a formação! – o homem gritou.

O restante dos comandos do general ressoou nos ouvidos de Arin enquanto ele bloqueava o golpe da espada de um valoriano montado. *Retaguarda, cerrar fileiras*.

O braço de Arin doía.

Arqueiros, de olho nas colinas. Canhões, em posição.

Ele soltou a adaga da mão esquerda, enganchou os dedos livres na armadura da coxa de um valoriano e puxou.

Flanqueadores, defendam.

O valoriano caiu do cavalo.

Espada no pescoço do homem caído. Um grito gorgolejante.

O general não se deixou enganar. Ele havia calculado que não se tratava de um simples conflito. Manteve a vanguarda para trás e deixou a subdivisão de Arin se aproximar para cerrar as fileiras em defesa contra um ataque maior.

Um cavalo se afastou. Um caminho aberto entre Arin e o general.

Ah, sim, murmurou o deus de Arin.

Então, um estrondo rouco aos trambolhões ribombou mais alto que os

sons da guerra. Arin quase não soube o que era até um barulho cortar o ar.

As árvores vergaram, tombaram para a frente e desceram estrondosas. A maioria ficou onde caiu, mas algumas rolaram colina abaixo na direção da estrada. Foram ganhando velocidade, bateram em pedregulhos ou nos troncos de outras árvores. Algumas voaram feito lanças: copas folhosas na frente, sem serem detidas ou desviadas por nada, rolando na diagonal e girando pela colina até caírem em cima do flanco esquerdo do exército valoriano. As árvores esmagaram homens e mulheres e cortaram uma carreira nas fileiras médias.

O barulho ecoou pelas colinas. Baques e gritos irrompiam pelo ar. Pareceu pior para Kestrel quando os ecos findaram. Ela não queria ouvir o silêncio.

– Preparem uma salva – ela disse aos atiradores. – Mirem nas fileiras médias. Apontem para os arqueiros. Derrubem os flanqueadores. Derrubem todos perto dos canhões. Cavem um buraco em volta das carroças de suprimento.

Não havia medo no rosto dos atiradores. Suas posições eram seguras, muito longe do alcance das flechas valorianas. Os canhões podiam ser um problema, mas o exército lá embaixo ainda estava atrapalhando soltando os canhões dos cavalos de tração e descarregando o arsenal das carruagens. Kestrel estava prestes a interromper isso.

– Preparar – ela disse.

Os fósforos foram acesos.

– Apontar.

Os pequenos pavios queimaram.

– Fogo.

Disparos cortaram o ar. Arin ouviu o que não podia ver: a canção de metal navegando pelo espaço. Bolas de ferro, do tamanho de pedras pequenas, se precipitavam feito granizo. Socavam o metal. Ecoavam na pedra. Penetravam na carne.

Gritos guturais. Arin viu o rosto do general empalidecer. Carcaças de cavalo jaziam entre Arin e o general. A vibração trêmula de um garanhão tentando se levantar sem sucesso. O subir e descer deplorável do pescoço do cavalo. E os valorianos, duas fileiras, tentavam segurar as linhas de frente, confusos, assustados, seus olhos apontados para longe de onde

deveriam estar.

Arin avançou.

Outra salva de tiros.

Ao longe, atrás do exército valoriano, surgiu um novo som. Cascos ribombaram rápido estrada acima. Houve um estrépito agudo. A subdivisão de Roshar devia ter atacado a retaguarda.

O general gritou algo desconexo para Arin. A formação valoriana se agitou, pareceu prestes a se dissolver.

Então, um canhão ribombou das fileiras centrais. Um segundo canhão.

O mundo ficou estrondoso demais para Arin entender o que ouvia, rápido demais para entender mais do que seu corpo fazia, e fazia de novo.

Havia sangue em sua boca. Suas mãos estavam escorregadias. Seus músculos, livres e cheios de vida.

Uma bola de canhão acertou a encosta da colina não muito abaixo dos atiradores. Kestrel sentiu o tremor do impacto na terra. Vibrou as solas de suas botas. Fez tremer os gravetos finos, pastosos, das árvores de sIRRINA.

– De novo – ela disse aos atiradores.

Apesar do disparo, apesar do ataque nos três frontes, o exército valoriano não sucumbiu nem entrou em pânico. A retaguarda rebateu o ataque de Roshar. O exército valoriano, de milhares de pessoas, se segmentou em três: fileiras frontais, médias e traseiras. Mas a subdivisão de Arin, pelo que Kestrel viu, não conseguia atravessar a vanguarda para chegar ao centro. As defesas da retaguarda eram melhores do que ela esperava. Roshar tinha feito poucos avanços.

Mesmo divididos, os valorianos venceriam seus ataques. A única maneira de enfraquecer o inimigo de Kestrel a longo prazo era destruindo as provisões. Mas as armas de fogo, por mais mortais que fossem, não tinham uma mira precisa o suficiente. Eles não tinham como abrir um caminho para a subdivisão de Arin ou de Roshar alcançarem as carroagens de suprimento.

A ansiedade arranhô seu estômago. Roshar, ela pensou, teria o bom senso de recuar se precisasse. Ela não tinha tanta certeza em relação a Arin. Pensou que, se ela não conseguisse tirar uma vitória dessa batalha, ele continuaria lutando contra a vanguarda até ser esmagado.

A solução é simples, seu pai sussurrou dentro dela. Kestrel não soube se era uma memória ou sua imaginação. Se você conseguir.

Ela olhou para as árvores de sIRRINA, cuja seiva gotejava.

Ouviu a queda súbita de uma bola de ferro jogada dentro de seu compartimento. O verter seco de pólvora negra. Enquanto os atiradores recarregavam as armas de fogo, Kestrel enfiou a trança vacilante dentro do elmo de couro. Não havia nada que pudesse fazer em relação ao estilo valoriano óbvio de sua armadura. Ela se lembrava como tinha ficado incerta se queria ou não que seu pai a visse. Um calafrio percorreu seu corpo.

– Não. Vista não. Jamais. O que quer que acontecesse, não queria ser reconhecida. Pegou um punhado de terra da floresta e esfregou no rosto.

Kestrel se deu conta de que os sons baixos de armas sendo recarregadas haviam parado, dando espaço ao estrondo surdo da batalha lá embaixo. Os atiradores, agachados como ela estava, esperavam suas ordens.

Ela se levantou.

– Quem de vocês é realmente corajoso?

A vanguarda valoriana mudou de tática. Estava avançando agora, fazendo a subdivisão de Arin recuar.

Uma mão pegou o braço de Arin, puxou-o para fora do trajeto de um cavalo que atacava. Ele se virou.

Ninguém.

Corpos e sangue. Então, uma energia sinistra em suas veias. Um vigor súbito que contraiu suas tripas e o fez levantar a guarda logo antes de uma pequena adaga valoriana voar em seu campo de visão, cortando o ar, na direção de sua garganta.

Enquanto os atiradores disparavam, Kestrel cortou com a adaga os fragmentos de corda que ficaram amarrados às estacas no chão. Vasculhou o chão da floresta em busca de galhos secos e lisos de bétula. Com as mãos em volta de folhas largas, quebrou gravetos sucosos da árvore de sIRRINA. Com cuidado para não deixar a pele entrar em contato com a seiva inflamável, ela os ajuntou, prendendo-os em volta de um galho de bétula e a ponta de uma corda. Com a mão livre, enrolou a corda em volta dos gravetos e do galho de bétula. Então, ergueu a tocha improvisada sob a árvore de sIRRINA que gotejava, deixando as gotas de seiva cobrirem a corda e colarem os gravetos.

– Exatamente assim – ela disse aos quatro soldados que aceitaram se juntar a ela. Depois que todos tinham uma tocha e haviam pegado uma caixa de fósforo dos atiradores, Kestrel disse: – Não ergam o galho até

precisar. A seiva vai escorrer. Se tocar na sua pele, vocês podem se queimar também. – Ela disse aos atiradores para dispararem mais duas salvas, depois pararem.

Ela e os quatro soldados começaram a correr colina abaixo.

Arin desviou da adaga pequena. Uma agulha. Ele conhecia essa arma. Agulhas eram um conjunto de seis facas pequenas.

Ele pegou a próxima com o braço, ergueu-se para bloquear a adaga de seu rosto. Ela atingiu o lado de dentro do seu antebraço, onde sua armadura cedeu.

Então ou seu agressor se cansara de mirar de longe ou um novo oponente havia entrado no jogo. Enquanto a dor queimava no braço de Arin, a espada de alguém se chocou contra a sua e a derrubou no chão.

Kestrel seguiu as cicatrizes deixadas pelas árvores caídas na floresta. Desceu escorregando pelo declive íngreme, à frente dos quatro soldados. Uma salva de disparos estilhaçou o ar. Um canhão valoriano estrondeou de volta. A bola de canhão se chocou contra as árvores, que racharam. Galhos quebrados foram lançados no ar.

Um pedaço grosso de madeira que voou quase atingiu Kestrel. Pega de surpresa, ela perdeu o equilíbrio e tropeçou, fazendo a seiva cair da tocha na armadura de seu peito. Mas gritou:

– Corram!

Estavam quase na estrada.

A segunda salva caiu feito granizo. Kestrel deteve os quatro soldados à beira das árvores perto da estrada. Perscrutando entre as folhas, viu que as armas de fogo haviam matado tantos soldados nesse flanco que os buracos na defesa valoriana eram largos. Ela avistou a carroça que devia abrigar a pólvora negra. Um valoriano saiu de dentro dela, carregando uma bola de canhão nos braços.

– Aquela carroça não – ela disse aos quatro. – Vou pegar a do lado dela. O resto de vocês, cada um escolha uma diferente. Estão prontos?

Os dedos de Kestrel tremiam enquanto abria a caixa de fósforos.

Um comandante nunca demonstra medo, seu pai dizia.

Sua mão se firmou. Acendeu um fósforo.

Eles acenderam suas tochas.

Arin desviou do ataque da espada valoriana. Arrancou a agulha de seu braço, sentiu a dor jorrar. Arin olhou rapidamente para seu agressor. Um vulto esguio, rápido.

O valoriano atacou de novo.

Apenas jogue e saia correndo, Kestrel disse a si mesma. *Jogue e corra.*

Ela disparou para fora das árvores. Suas botas atingiram o pavimento de pedra.

Um tiro de besta voou sobre sua cabeça. Outro atingiu um soldado que corria ao seu lado. Ele fraquejou e caiu.

Um dos quatro, uma mulher dacrana, pegou a tocha dele do chão e a lançou contra a carroça mais próxima. A cobertura de lona se acendeu em chamas.

Kestrel continuou correndo. Não conseguiu ver o que a mulher fez com a segunda tocha, mas ouviu um uivo de dor, um xingamento oriental, alto e agudo. Kestrel entendeu apenas uma palavra: *fogo*. A seiva de sirrina, Kestrel pensou. Talvez tivesse escorrido pelo braço da mulher. Talvez a dacrana estivesse queimando viva.

Kestrel se obrigou a correr mais rápido. Os soldados valorianos estavam dispersos agora, desordenados, separados do general.

Ela ouviu outra carroça crepitante em chamas. Correu errante em direção ao seu alvo. *Nunca uma linha reta se tiver que correr*, seu pai dizia. *Senão vai ser fácil demais de ser avistada e atingida.*

Ela foi atingida mesmo assim. Uma flecha acertou seu peito.

Quando a espada o atacou novamente, Arin desviou e pegou a mão que empunhava o cabo. Apertou. Sentiu os dedos estalarem. O som e o grito se perderam em meio a outros tantos sons e gritos. Com a agulha na mão esquerda, Arin perfurou o punho do valoriano e viu a ponta vermelha sair do outro lado. Arin arrancou a espada do outro, tomou posse dela e cravou.

Kestrel cambaleou, mas não caiu. A flecha não penetrou a armadura.

Ela estava quase chegando à carroça que queria. Com o coração martelando contra a caixa torácica, olhou para a tocha. A seiva traçava uma linha azul fina de chama pela vara de bétula. Seus dedos estavam quentes. Ela atirou a tocha dentro da carroça.

Então deu meia-volta e correu na direção das árvores. Suas pernas se

lançaram com força. Ela sentiu a ferida antiga em sua coxa se abrir e vaziar. Chamou o nome dos quatro soldados, gritou esbaforida para eles correrem. *Corram*, ela gritou em duas línguas e depois uma terceira. Até em valoriano gritou para as pessoas fugirem, pois a sua carruagem já era um fogaréu e a carruagem ao lado abrigava a pólvora negra.

Uma brisa emplumou sua pele suada. Uma rajada de vento.

Uma explosão chacoalhou a terra. A estrada de pedra estremeceu sob as botas de Arin. Atrás da vanguarda, sobre o centro da coluna do exército valoriano, uma chama rebrilhava o ar ensolarado.

Uma corneta valoriana. O som se agitou – belo demais para a guerra, Arin pensou.

Pare de pensar, disse seu deus. *Recue. Vá para as laterais. As árvores.*

De repente, havia uma aura de espaço em volta de Arin.

– Ainda não – ele murmurou.

Eles vão avançar por esta estrada, por cima de você e de todos por quem você é responsável. Bata em retirada. Agora.

Mas o general, Arin pensou.

O deus deu de ombros. *É a sua vida.*

Você realmente se importa com a minha vida?

Uma gargalhada.

Arin ordenou uma retirada.

Das árvores em uma colina, Arin e o que restara de sua subdivisão observaram os valorianos fugirem. Eles subiram a estrada estrondosamente – tantos, ao menos, quantos podiam correr. A retaguarda, presa entre o fogo e a subdivisão de Roshar, não tinha para onde ir.

MAIS TARDE, ARIN DESCOBRIU QUE, DEPOIS DE UM também havia ordenado uma retirada. A retaguarda valoriana tinha sido encurralada pelo fogo, mas seus números ainda eram maiores que os do príncipe. O desespero e o treinamento excelente a tornavam difícil de vencer.

– Não tenho nenhum interesse particular em morrer. – Roshar explicou quando suas forças se reagruparam com as de Arin na colina dos atiradores.
– A perda de um homem tão belo seria um grande desserviço ao mundo. – A retaguarda fugira. A estrada foi consumida pelo fogo.

Depois que Kestrel subiu vacilante entre as árvores, com um cabo quebrado de flecha na armadura, o rosto sujo, mas branco ao redor dos olhos, Arin a puxou para si, expirando fundo de alívio. Sentiu o cheiro de fumaça. A armadura dela estava pegajosa pela seiva de sIRRINA. Ele adivinhou o que ela havia feito e um tremor chamejou por seu corpo mesmo ela estando a salvo. Ele a soltou, depois viu que a havia manchado de sangue. Traços aqui e ali. Uma leve folhagem vermelha marcava a bochecha dela. Ele a viu observando-o. Não gostou de pensar em como devia estar sua aparência.

– Seu pai está vivo – Arin disse a ela, certo de que era a coisa errada a dizer ainda que devesse ser dita. Uma emoção assombrou os olhos dela.

Mais tarde, depois que a fogueira havia se apagado e a estrada não passava de uma ruína chamuscada coberta de corpos, depois que os soldados de Roshar tinham vasculhado os restos e Arin ajudara a capturar os cavalos de guerra sem cavaleiros, Kestrel finalmente falou:

– Ele vai se reabastecer. – Sua voz era categórica. – Não falta pólvora negra para o império. Ele pode precisar voltar à ilha Ithrya para pegar o que precisa, mas vai atacar com força total quando retornar.

As provisões roubadas e seus feridos foram colocados em carroças. O exército seguiu seu caminho para se reencontrar com as forças deixadas em Errilith.

Do lado de fora de Errilith, no prado perto de onde haviam acampado pela primeira vez naquela região, Arin foi até a fogueira em que Roshar

cozinhava. O sol já havia se posto. O ar ainda estava pesado e quente, iluminado por uma luz cor de mel.

Roshar estava fumando. Ele estava de mau humor desde que haviam saído da estrada escurecida pelo fogo, embora Arin o tivesse lembrado que obtiveram vitória naquela batalha.

– Eu sei – Roshar dissera, mas sua voz era exasperada.

Arin se serviu do pão ázimo quente tostado na fogueira. Pão macio em uma campanha militar parecia quase mágica. Ele pegou um pedaço pequeno e mastigou devagar. Roshar olhou para ele, bufou um pouco, mas não disse nada – o que era decepcionante, visto que Arin tinha esperança de provocar o príncipe pegando a comida dele.

Um soldado herrani passou perto da fogueira e seguiu adiante, mas não antes de Arin notar que os olhos do homem estavam maquiados de laranja como os de um dacrano.

– Isso é bonito – Arin comentou com Roshar.

O príncipe engasgou com uma tragada de fumaça. Quando parou de tossir, Arin perguntou:

– É desrespeitoso que o meu povo use essa maquiagem?

– Ah, não – Roshar disse, sem sarcasmo, mas com um tom que sugeria que Arin não havia entendido. – É *bonito*.

– Diga o que quis dizer.

– Eu não sou bonito.

Arin franziu a testa.

– É verdade, mas não estamos falando de você.

– Pois deveríamos estar. Deveríamos com certeza estar falando de mim.

Arin queria que Roshar não fizesse isso, não usasse a arrogância como quem usa uma roupa de luto para fazer piada. Ele abriu a boca para dizer isso, então notou que Roshar parecia realmente abalado.

– Qual é o problema?

– Você se lembra – disse Roshar – que me atacou na minha cidade, na frente da guarda da rainha?

– Para ser justo, você tinha me drogado e amarrado.

– Você se lembra como foi punido?

– Não entendo o que isso tem a ver com a tintura.

– É porque você não entende sua punição.

Apreensivo, Arin disse:

– A rainha disse que você escolheria minha punição. Você nunca

escolheu.

– Toda aquela audiência com a minha irmã foi em dacrano, algo que você não falava nem entendia na época, ou entendia?

– Não.

– Eu fui seu tradutor. Avisei você. Mandei você torcer para que eu não mentisse.

– E você mentiu?

– Digamos que traduzi muito mal.

– Roshar.

– Na época, não me pareceu importante. Por que você se importaria com os detalhes da lei dacrana? E você não tinha nada de valor.

– O que exatamente a rainha disse?

– Que a sua vida pertencia a mim.

Arin, cuja vida já havia pertencido a tantas pessoas diferentes, sentiu seus pulmões se contraírem.

– Então, sim – Roshar disse –, eu tinha... *tenho* o direito de decidir sua punição, de matar você, se eu quiser. Pela nossa lei, eu posso me apoderar de tudo que você possui.

– Você não está em Dacra. Sua lei não vigora aqui.

– Meus soldados discordariam.

– O que você quer? – Arin ergueu a voz. – Minha casa?

– A questão não é o que eu quero ou deixo de querer. Mas, se vencermos esta guerra, você terá um prêmio que valerá muito a pena desejar.

Arin entendeu o que ele quis dizer.

– Este país não seria *meu*.

– Ah, Arin. Faça-me o favor.

Arin ficou em silêncio. Eles deixaram que o fogo se apagasse. As sombras haviam florescido ao redor deles.

– Isso coloca a minha irmã em uma posição muito interessante – disse Roshar. – Foi um anúncio público. Que ela claramente não planejou direito, mas, convenhamos, quando você foi pego nas nossas margens, não parecia valer muita coisa. Não custou nada para ela me oferecer sua vida. Foi um bom espetáculo de corte. E, agora, tudo que for seu é meu. Apesar desse tempo terrivelmente frio, Herran é um belo prêmio: rica, fértil. Uma boa zona tampão entre Dacra e o império. Minha irmã tem algumas opções, dependendo de como esta guerra se desenrolar. Se vencermos contra o império, podemos nos apoderar de Herran à força, o que normalmente não

causaria estardalhaço, não fosse pelo fato de que ela estaria tirando de *mim* o que nosso país considera legalmente meu. Acontece que sou muito popular com meu povo. Outra opção: ela poderia me pedir para dar Herran a ela.

– Você não faria isso.

– Porque eu e você somos amigos? Que comovente. E ingênuo. É isso que gosto em você. Você é tão *fofo* às vezes.

– Eu nunca permitiria. Você teria que me matar.

– Sim, pequeno herrani, eu sei disso. – Roshar colocou seu cachimbo de lado. Esfregou as mãos como se as limpasse, depois olhou para elas, vazias.

Arin não sentia mais raiva.

– Você não faria isso – ele repetiu –, senão não teria me contado nada do que me contou.

– Gostaria de pensar o mesmo, mas estamos falando da pessoa que deliberadamente deixou sua irmã ser levada como refém pelo inimigo. O que você vai dizer? Que todos tomamos decisões difíceis? Fazemos coisas de que nos arrependemos? Traímos o melhor de nós mesmos? Sim, exatamente. Eu queria lhe contar isso. Não contei. Por meses.

– O que você pensa que aconteceria se perdêssemos?

– Normalmente eu não penso. Normalmente é a minha irmã quem pensa e me diz o que fazer. Fico muito confortável em deixar que os outros conduzam minha vida.

– Você nunca diz o que realmente quer dizer.

Roshar olhou nos olhos dele.

– Se nós perdermos, eu vou levar você para casa.

– Para sua casa.

– Minha, sua.

– Não é possível.

Roshar suspirou.

– Bom, muitas coisas são.

– A sua irmã... – Arin enrubesceu.

– Ah, *isso*.

– Qual é o papel disso nesse cenário?

– Bom, *isso*, do meu ponto de vista, aconteceu na minha cidade quando você não passava de um estrangeiro invasor e maltrapilho sem importância. Claro – Roshar olhou para ele de soslaio –, você tem seu charme. Agora, colocou um fim *naquilo*, o que, sei lá, acho que, se fosse você, eu não teria

feito. Seu país sempre pode ser devolvido a você como um presente de casamento.

Arin soltou um som de frustração.

– Poderia ser melhor para você se não visse tudo em termos tão rígidos.
– Roshar colocou mais tabaco no cachimbo. – Seria melhor para mim se eu visse.

– Você sabe o que eu sinto. O que eu penso.

Roshar arqueou uma sobrancelha.

– Sei bem.

KESTREL PAROU PERTO DE ONDE O PRÍNCIPE ESTAVA na relva no meio do campo, com os olhos levemente fechados contra o sol. Era raro ver o rosto dele relaxado. O sol mostrava como o tecido cicatricial havia engrossado seu lábio superior e se amarrado onde ficava a ponta do nariz.

Ela sabia que ele não estava dormindo.

– Preguiçoso – acusou.

– É assim que fico quando estou conspirando.

– Nenhum comandante valoriano deixaria seus soldados o verem dessa forma.

– Isso é estratégia.

Ela bufou.

– É sim – disse ele. Seus olhos ainda estavam fechados. – Não vai me perguntar por quê?

Ela o empurrou com a ponta dos pés. Ele se espreguiçou como um gato e pareceu se acomodar de volta na posição. Depois, disparou a mão, pegou-a pelo tornozelo e puxou a perna dela. Kestrel caiu sentada e disse:

– Sim. – Os olhos de Roshar brilharam enquanto ela gaguejava. – Um plano de mestre. Divino.

Kestrel o chutou.

– Tsc. Adorável dama, não quer ouvir meu plano? É o melhor. Você vai gostar. É o seguinte: estou esperando.

– Bronzeando-se.

– Esperando, quero dizer, para você me falar o que fazer.

Ela disse a ele *exatamente* o que ele poderia fazer.

– Que linguajar! Você aprendeu isso com Arin? Pare de *chutar*, fantasminha. Dá para ver a gente do acampamento. Você não estava me dando um sermão sobre minha honra agora há pouco? Como posso cultivar respeito entre os soldados rasos se você ficar me chutando? Agora. Vamos ser sinceros. Olhe para meu rosto completamente sério enquanto digo isto. O que você me diria para fazer? Mais exatamente, o que o seu pai faria?

Kestrel ficou imóvel.

– É preciso agir – disse o príncipe.

Lerralen. Kestrel tinha ficado sabendo sobre o fracasso dos valorianos ao tentarem invadir por aquela praia. Sabia como o terreno da praia até a cidade de Herran seria plano.

Quando a vitória for lenta , seu pai diria, ela se torna cada vez mais difícil de conquistar.

Ele precisava se distanciar da derrota na estrada do sul. Como conseguiria causar mais estrago em retaliação? Poderia colocar as garras na vitória reagrupando suas forças para desembarcar em Lerralen com uma força descomunal, com inúmeros canhões e soldados dispostos de maneira cerrada e extensa. Uma vitória custosa. Mas, se alcançada, levaria à conquista rápida da cidade.

Ela falou para Roshar guarnecer um contingente em Errilith e manter o que haviam defendido, e mover o restante do exército para o oeste para reforçar os dacranos posicionados em Lerralen.

Enquanto selava Dardo e apertava a cilha, ela tentou mitigar o temor saltitante em sua barriga. Ela não deveria ter medo.

Afinal, o que o general poderia fazer que *ela* não poderia? Ela não havia aprendido a guerrear em seu colo? A voz dele não a assombrava? Ela pensou em como a memória – ou a imaginação – que tinha dele parecia aconselhá-la.

Não gostava de como ele acertava. Como ela dava ouvidos. Perguntou-se se havia alguma diferença entre como ela ouvia o pai e como Arin ouvia seu deus.

O terreno montanhoso foi se aplanando à medida que o exército seguia para o oeste. A terra ficou levemente árida. O chão era de pedras finas.

Kestrel viu como os soldados herranis convenciam Arin a cavalgar com eles nas fileiras médias. Eram pedidos para que examinasse a marcha de um cavalo indomável. Ou uma história deixada pendente, um desafio instigante: termine, Arin, por que não... se puder. Às vezes uma pergunta: Arin tinha certeza de que não era parente da linhagem real dos herranis? Isso embaraçava Arin e tinha tantas chances de retê-lo em conversas extensas e negações vigorosas que era a manobra mais comum utilizada para mantê-lo na companhia deles.

Certa vez, quando Arin recuou o cavalo para cavalgar com os herranis, Kestrel notou o olhar deslizante de Roshar. Pensativo. Soturno. Uma estranha mistura de satisfação e desprazer.

– Pensei que você quisesse que ele fosse amado – comentou ela.

Roshar olhou por sobre o ombro para Arin nas fileiras médias.

Eles cavalgaram em silêncio sob o céu azul e duro. Então, Kestrel disse:

– Na tundra, Arin tinha um anel com uma pedra. Foi você que deu para ele?

– Nunca empreste nada para aquele rapaz. Descuidado. Perdeu.

– Deixava as pessoas dormirem.

– Sim.

– E aquele bálsamo branco, o anestésico... é oriental também? É feito da mesma coisa?

– Que fantasminha observadora você. Sim, Kestrel. O líquido naquele anel e o bálsamo contêm quantidades diferentes de um verme venenoso de nossas planícies. Um pouquinho, misturado com unguento, anestesia a pele. Um pouco mais faz dormir. Mais ainda? Faz você pegar a mão da deusa e viver com ela para sempre.

– Por que não mergulha as flechas de besta nele? Me lembro do meu pai reclamando das flechas envenenadas do povo das planícies orientais.

– Arre, estamos longe das planícies e meu suprimento é limitado. – Ele estreitou os olhos para o sol. – Por que pergunta?

Ela ficou em silêncio.

– Você não está pensando em flechas de bestas – disse ele.

– Às vezes, tenho dificuldade para dormir.

– Não sei se fui claro, mas aquela parte sobre pegar a mão da deusa quer dizer *morta*. No sentido de *morrer*. Na concentração mais alta, dá para morrer só de tocar no veneno, mesmo depois que o líquido seca.

– Eu tomaria cuidado.

Roshar girou o cavalo na frente do de Kestrel, bloqueando o caminho dela. Dardo resfolegou e parou.

O príncipe disse:

– Minha resposta é não.

Disse:

– Você não é a única que sofre.

Disse:

– Você poderia fazer como o restante de nós.

Roshar esporou seu cavalo para a frente.

Kestrel olhou pela estrada. Um único pássaro preto cortava o céu como uma fenda na tinta azul. Ela pensou no bálsamo branco em seu alforje, no

anel perdido e em como queria um sono fácil, sem sonhos. Nada nos sonhos pode ferir você , seu pai havia dito – o que era outro jeito de dizer que a vida pode. Mas ela não entendera isso quando criança. Kestrel se lembrou do antigo consolo das palavras de seu pai e teve a sensação de si mesma como havia sido.

Naquela noite, sozinha em sua tenda, pensou no frio cruel da tundra. Enxofre se esmigalhando em suas mãos. O pânico quando sua memória havia começado a se esvair. A droga noturna: suave, densa. O medo de morrer longe de casa. Ninguém sofreria por sua morte. Tristeza: como tutano dentro de um osso.

Tinha sido real. Ainda era.

Mas ela era mais do que isso.

Kestrel apagou a pequena lamparina. No escuro, lembrou-se da estrada que havia percorrido naquele dia com a nuvem de poeira.

Você poderia fazer como o restante de nós .

Ela seguiria em frente.

Naquela noite, dormiu profundamente. Depois disso, às vezes, ainda desejava sua droga noturna, que, porém, não tinha mais tanto poder sobre ela.

Nessa região, crescia uma grande variedade de trigo. Campos dourados desluzidos chacoalhavam com leveza. O grão, totalmente florido, curvava as hastes.

Ao longe, herranis faziam as colheitas. Eram velhos ou jovens demais para a guerra. Outros campos tinham sido abandonados. Kestrel viu fazendas onde os galinheiros esperavam vazios, cheirando à palha amarga. Os animais tinham sido abatidos ou levados. Um cesto de palha, deixado ao ar livre por meses, havia se desintegrado num ninho espinhoso. Quando o pegassem, a alça sairia.

As fazendas tiraram seu ânimo. Ela queria dizer que era por causa do desperdício. A maior parte do trigo apodreceria nos galhos. Mas não era isso. Eram as casas. As raras casas herranis, com pórticos colunados e arcos estriados. O cintilar do telhado de vidro de um átrio. Mais comum: uma esplêndida e relativamente nova mansão valoriana, extensa, de faces planas.

Os alojamentos de escravos se empolavam sob o sol. A tinta descascava em longas espirais como a casca de uma maçã. Kestrel percebeu, com um receio nauseado, que uma casinha ficava perto dos alojamentos de escravos

em cada fazenda. No começo, quando foi com os soldados procurar provisões para encher os suprimentos do exército, ela não sabia para que serviam as casinhas. Não havia uma dessas na propriedade de seu pai em Herran.

Um dia, viu Arin olhando uma dessas casas pequenas. Os olhos dele se estreitaram. Sua expressão ficou sombria.

Ela soube, então, que as casas eram para as crianças. A memória veio relutante, pegajosa e lenta. Ela precisou puxá-la à força. Quando fez isso, entendeu que esse conhecimento tinha sido o tipo de coisa que antes ela tentara desconhecer.

Era costume tirar o bebê da mãe escravizada depois que ele era desmamado e vendê-lo para uma fazenda vizinha. A mãe seria distraída do trabalho, dizia a cultura valoriana. Enquanto isso, o mestre dela comprava outras crianças de outras fazendas. Essas crianças esqueciam que alguém além de seus donos poderia tomar posse delas e eram criadas em casas pequenas por uma escrava idosa. A essa altura, a criança poderia ter até dez anos de idade.

Isso era feito com frequência no interior. Na cidade, nem sempre. Alguns proprietários se orgulhavam de permitir que suas escravas ficassem com seus filhos. Certa vez, Kestrel tinha visto uma dama valoriana paparicar uma criança herrani. A menininha mal conseguia ficar em pé no centro da sala de visitas. Kestrel, que tinha ido tomar chá, não havia notado a mãe da garota no início, depois seguiu o olhar da criança para ver uma mulher de uniforme esperando numa alcova sombreada.

O pai de Kestrel tinha deixado claro que não haveria crianças escravas em sua propriedade. Se nasciam bebês, eram vendidos logo. Nenhum era comprado.

Cada casinha em cada fazenda era um horror. Antes – por anos –, ela havia fechado em sua mente uma casca inteira, como um ovo, em torno desse mal e de outros males. Aconteciam todos os dias. Era a vida. Mas não a vida *dela*.

Era, às vezes discordava uma voz interna – sinistra, inquietante.

Não era dela.

Era.

As palavras ecoaram agora com o ritmo dos cascos de Dardo.

Kestrel podia ver que tinha aprendido que a vida de uma pessoa é também a vida de outras. Um mal não é um ovo, separado e fechado em si.

Ela podia dizer que entendia o mal de ignorar o mal. Podia dizer isso agora, mas a verdade era que deveria ter aprendido isso muito tempo antes.

O céu estava crestado de estrelas. Kestrel encontrou Arin sentado perto de uma fogueira, com os olhos estreitados enquanto reequipava a armadura de couro de outra pessoa. Uma fivela havia se soltado.

– Você consegue ver bem? – Ela continuou em pé.

– Não. – Ele fez passar uma sovela por uma tira de couro. – Mas não há tempo para isso de dia. – O exército compeliu o mais rápido possível para o oeste, ainda que não tão rápido quanto Kestrel gostaria. Roshar havia alertado contra uma marcha forçada. Soldados cansados rumavam a guerras perdidas. Seu pai havia dito o mesmo inúmeras vezes.

Kestrel virou a cabeça para trás. A noite reluzia.

– Como se faz um espelho? – perguntou ela.

Surpresa cobriu a voz de Arin.

– Você quer um espelho?

– Não. Só queria saber como se faz.

– Prateando vidro. Nunca fiz um.

Ela deu a volta num semicírculo para olhar na direção das constelações ocidentais. Suas botas soltaram o cheiro de grama esmagada.

– Antigamente, as pessoas deviam usar metal polido.

– Talvez.

– Ou tigelas de água escura. O céu parece um espelho, se os espelhos fossem uma tigela de água escura.

Houve um silêncio. Kestrel tirou os olhos das estrelas e o encarou. Ele tinha colocado a armadura de lado e estava virando a sovela entre os dedos. Chamejava em laranja e vermelho sob a luz da fogueira baixa. Com a voz baixa, ele perguntou:

– Em que você está pensando?

Ela hesitava dizer.

Ele se levantou para ficar ao lado dela.

– Arin, depois da conquista, como foi para você?

– Não entendi direito o que quer saber.

– Quero saber tudo sobre você.

Então ele contou.

As estrelas também pareciam ouvir.

Eles deixaram os campos de trigo. O solo se tornou arenoso. A água potável rareou. No quinto dia depois que partiram de Errilith, porém, chegaram a um riacho e reabasteceram os barris de água estocados nas carruagens de suprimento.

Kestrel observou Roshar se aproximar de Arin enquanto ele esfregava seu cavalo.

– Tome. – O príncipe jogou alguma coisa para ele. – Faça um favor a todos nós. Você está imundo. – Roshar o olhou de cima a baixo. – Acho que ainda tem sangue seco atrás das suas orelhas.

Era um pedaço de sabão. Arin parecia levemente assustado, como se vivesse num mundo onde o sabão ainda não tinha sido inventado. Partiu a rodelha em sua mão e ofereceu metade para Kestrel.

O sabão se esfarelou em sua mão. Seu aroma era docemente esfumaçado. Ela continuou ali mais tempo do que o necessário, inspirando o presente de um presente. Passou pela cabeça dela que, se o usasse, e Arin o usasse, a pele dela teria o cheiro da dele.

Ela o guardou com cuidado em seu alforje, enrolando as roupas reservas em volta dele para que não se quebrasse.

– Venha comigo. – Arin. Olhos iluminados. – Quero lhe mostrar uma coisa.

Kestrel seguiu sem questionar, embora o repouso de meio-dia do exército estivesse quase no fim. Eles pegaram seus cavalos.

Ela ficava olhando para Arin de soslaio enquanto cavalgavam na direção de um morro coberto de grama. Ele notou.

– É um segredo – ele disse e sorriu.

Foi como se o sorriso dele se tornasse o dela. O segredo dele também. Até o dia: o céu acetinado, uma pena amarela salpicada desceu em espiral soprada pela brisa e pousou na crina de Dardo. Ela reteve tudo isso dentro de si como uma joia retém a luz.

Eles desmontaram ao pé da colina. Kestrel notou os degraus de pedra cobertos de vegetação rasteira, que levavam para um sopé. Passou pela cabeça dela que toda essa colina, rara para esse terreno, poderia ter sido feita pela mão do homem.

– O que é isso? – ela perguntou. Os degraus, pelo que ela podia ver, não levavam a lugar nenhum. O topo da colina parecia vazio.

Arin tirou a pena amarela da crina de dardo e a colocou atrás da orelha de Kestrel.

– Um templo. Pelo menos, era.

Ela tocou a pluma delicada da pena, o leve arranhar do cálamo. Explorou a sensação tentando ignorar seu prazer diante do gesto inesperado dele.

– É esse o seu segredo?

– Você não perguntaria – o sorriso de Arin era enorme e maroto – se não desconfiasse de que não é. Venha ver.

Os degraus estavam quebrados em alguns lugares e oscilavam sob o pé de Kestrel. Quando chegaram ao topo da colina, ela pôde ver o emaranhado de mármore que havia sido a fundação do templo. Talvez ele tivesse sido destruído depois da conquista; os valorianos haviam demolido todos os templos aos deuses herranis. Mas essas ruínas pareciam antigas. O mármore estava descorado como o branco dos ossos. Os entalhes, alisados pelo tempo, estavam indistintos e praticamente indecifráveis, como um sonho depois de acordar.

– É mais verde aqui, não é? – A voz de Arin era sussurrada. – Do que no resto desta região.

– Sim.

Havia ninhos de pássaros nos recantos do mármore partido. Um lagarto correu em disparada sobre um pilar caído. O lugar parecia ao mesmo tempo fantasmagórico e cheio de vida. Quando Arin entrou no centro do templo em ruínas e se ajoelhou, Kestrel pensou que ele fosse rezar, mas estava tirando parte da vegetação.

– Reconheço parte disto. – Ele estava entusiasmado; suas palavras tropeçavam umas nas outras. Ele parecia não se dar conta de que ela não entenderia do que ele estava falando. – Mas outras partes... pensei que conhecia as histórias todas.

Kestrel se ajoelhou ao lado dele. Um rosto resplandecia no chão entre os fios de hera. Surpresa, ela puxou a folhagem.

Era um mosaico. Um piso ladrilhado inteiro, imenso, estendido até onde a vista não alcançava sob a vegetação. Kestrel tirou a terra com a palma da mão. O rosto cintilava sob o sol, seus traços ladrilhados eram frios e escorregadios. O homem – mulher? – tinha asas bem abertas, das cores de um pavão. A pele escamada. Garras de cornalina.

Kestrel tirou outras heras. Criaturas deslumbrantes, impossíveis, surgiram. Uma serpente esmaltada com seis caudas. Um cavalo feito de água. Uma mulher cujos cabelos pareciam pergaminhos escritos em uma caligrafia próxima do herrani, mas com tantos elementos estranhos que

Kestrel não conseguia ler. Algumas das figuras pareciam vagamente humanas. Uma série de olhos encimavam uma sobrancelha. Um longo corpo de pele violeta não tinha braços nem pernas. Ouro se entornava sobre uma faixa dos lábios de um deus.

Eram todos deuses. Não podiam ser outra coisa.

– Acho que deveríamos voltar – Arin disse, mas não queria. Sua boca estava relutante. Ele lambeu o polegar e esfregou um ladrilho, sem levantar os olhos, o sol tombando em seu cabelo desgrenhado. Uma grande lâmina de luz cortava a ponta de seu nariz, aquecendo seu pescoço e seus ombros. Ele se moveu e o sol cobriu seu rosto por completo.

Os braços e pernas de Kestrel estavam leves, como se temerosos. Seu sangue parecia flutuar.

– Ainda não – ela disse e viu a alegria repentina dele.

Ela o ajudou a tirar a vegetação e expor o mosaico inteiro ao céu.

Todos os pedaços dela sendo colocados no lugar, na imagem de um mundo perdido. O menino que descobria essa imagem. A menina que a via reluzir e cintilar, e entendeu, então, o que sentia. Percebeu que vinha sentindo isso havia muito tempo.

Lápis-lazúli, vidro fundido, ônix e ouro e concha e marfim. Jade. Águamarinha. Kestrel mal conseguia ver onde cada ladrilho do mosaico se juntava, a linha tesa de contato. Peça por peça. Pressionou a palma da mão em sua superfície e imaginou a imagem gravada em sua pele.

Mais tarde, Kestrel desejaria ter declarado naquele momento, não ter perdido tempo. Desejaria ter tido a coragem naquele mesmo momento de dizer a Arin o que finalmente sabia ser verdade: que o amava com todo o coração.

NO ÚLTIMO DIA DE CAVALGADA, KESTREL ESTAVA M. costume. No começo, no templo, Arin pensara que algo novo, delicado, havia crescido entre eles. Desde então, contudo, ela vinha mantendo distância de uma forma que ele não conseguia explicar, para a qual não conseguia encontrar motivo. Ele vasculhou suas memórias do templo, dela, das folhas verdes quentes, do piso escorregadio, do mundo oculto do mosaico, e como Kestrel também queria ver. Não conseguia encontrar nada de errado. Havia um erro em algum lugar, isso era certo. No entanto, cada momento de cada memória daquele dia fazia com que quisesse segurar todos na palma de sua mão, guardá-los com carinho e segurança. Em um bolso fundo, talvez. Dentro de si.

Ele ficava desconfiado desse impulso. Suspeitava que se revelaria como uma criança com uma coleção de coisas preciosas que, na verdade, não valiam nada. Um botão, uma pedra de rio, um pedaço de barbante.

Ou uma pluma amarela salpintada. Ele queria tê-la guardado. Perguntou-se se Kestrel tinha feito isso. Mais provavelmente, a pluma havia caído de seu cabelo enquanto eles saíam da colina do templo para reencontrar a vanguarda do exército.

Grama fulva reverberava sobre a costa. O ar era salgado. Eles logo chegariam ao mar.

Quando o exército parou para dar água aos cavalos dos barris entre as provisões (fazia dois dias que não encontravam água doce naquele terreno), Arin encontrou Kestrel esfregando os pelos de Dardo. Ela olhou para ele, depois desviou os olhos, pousando em algo que Arin queria identificar, entender se era ele ou outra coisa – o quê? o céu riscado de branco? aquela gaivota, erguida contra o vento? – que a fez parecer menor de repente.

O cabelo dela se avermelhara desde a vinda para o sul. Sua pele estava da cor de pão tostado. Dedos longos tiravam pedaços soltos de nada da crina de Dardo.

Não era o céu. Não era a gaivota.

Arin tentou deixá-la à vontade.

– Então, estrategista. Quais são nossas chances? Ou estamos rumando à destruição?

O canto da boca dela se ergueu – um reconhecimento tanto do esforço

dele de aliviar sua ansiedade como de que a pergunta, ainda que soasse descontraída, tinha sido feita de uma maneira estranha. Mas funcionou. Ela ficou mais presente. Os movimentos rápidos de seus dedos se acalmaram.

Não era a batalha, então.

Não era seu cavalo nem o som da areia pisada sob suas botas. Nada, em parte alguma.

Era ele.

– São três possibilidades – ela disse. – Chegamos tarde e meu pai já capturou a praia. Ou chegamos como reforços para uma batalha que já começou. Ou chegamos antes do meu pai e esperamos. – Ela acrescentou: – Claro, tem uma quarta: que eu estou errada, ele não vai aportar lá e cometemos o desastre de levarmos nossas forças aonde não deveriam estar.

– Não existe essa quarta opção.

Ela abanou a cabeça.

– Posso estar errada.

– É isso que preocupa você?

– Mesmo se eu não estiver errada e chegarmos antes dos valorianos atracarem, será uma bênção híbrida. Ele aportar tarde significa que está aportando com uma força maior. Uma artilharia robusta. Mais pessoas e mais canhões levam mais tempo para mobilizar. Também são mais difíceis de derrotar.

Dardo bateu o focinho em seu ombro. Arin a viu sorrir. Um sentimento baixo, perdido, tomou conta dele como um sono ou um adeus.

– Falei para o meu pai que o amava. – As palavras dela foram abruptas. – Foi a última coisa que eu disse para ele.

Arin não olhou para Kestrel. Não queria que ela visse seu rosto agora.

– Vi uma cesta quando estávamos nos campos de trigo – ela disse. – Estava completamente deformada. Não daria para carregar nada nela. Ela mesma não tinha como ser carregada.

– Kestrel, você não é uma cesta.

– Eu penso... – Ela parou.

Ele se perguntou se algo poderia ser tão difícil de dizer que chegaria a ser difícil até mesmo de dizer que é difícil.

– Não consegue me dizer o que pensa?

– Não.

– Por quê?

– Estou morrendo de medo – ela sussurrou.

– Da batalha?

– Não.

– Do seu pai?

A voz dela foi categórica:

– É *ele* quem deve *me* temer.

Arin não queria se livrar do desejo pela morte do general. Essa ânsia se cerrava dentro dele. Mas, se era isso... se não houvera erro nenhum no templo, se Arin não tinha feito nada que precisasse desfazer e, em vez disso, o que a fizera tentar esconder dele era o pavor da vingança de Arin ou da sua própria...

– Kestrel – ele disse sem disfarce. Não conseguia pensar em outras palavras. – Você deseja a morte dele?

Os olhos dela cintilaram.

– Eu não vou matá-lo se você não quiser – ele disse.

– Mate-o se puder. Eu não me importo. Ele me deixou por morta. Pior.

O ódio de Arin se atou como um nó dentro dele.

– Se eu matasse, você me perdoaria?

– Você fala como se a vida ou a morte dele fossem escolha sua.

– Me foi prometida.

Ela estreitou os olhos.

– Pelo seu deus?

– Não em tantas palavras, exatamente.

Ela abanou a cabeça.

– Por favor, responda a *minha* pergunta – insistiu Arin.

– Talvez seja a minha mão – ela disse. – A minha espada.

– Preciso saber sua escolha.

– Mate. – Os olhos dela estavam úmidos. – Jure que vai matar.

O nó desatou.

– Ele nos mudou. – Ela parecia estar procurando as palavras. – Penso em você, em tudo que você perdeu, quem você era, quem foi obrigado a ser, e poderia ter sido, e eu... eu me tornei isto, esta *pessoa*, incapaz de... – Ela fechou a boca.

– Kestrel – ele disse baixo. – Eu amo essa pessoa.

Mas a boca fina dela ficou tensa. Seu rosto luziu de medo novamente.

Arin curvou os dedos na crina de Dardo.

– *Eu* sou o que perturba você.

– Não, Arin. – Mas ela havia hesitado.

Ele pensou no que significava o fato de o pai de Kestrel ter recebido o amor dela e o dispensado. Queria dizer a ela sobre o choque de reconhecimento que havia ribombado por seu corpo quando tirara a hera do rosto de seu deus, que havia sido como olhar no fundo do espelho de água preta que Kestrel descrevera enquanto admirava o céu escuro da noite. Ele queria explicar sua alegria espinhosa, seu alívio de se sentir fadado a algo e como ser importante para seu deus era semelhante a se tornar um filho de novo, ou um irmão. Ele queria adverti-la, dizer que ela não tinha como saber, não completamente, o que era não ser mais filho de alguém.

– Você está com medo da batalha? – Kestrel perguntou.

Isso, pelo menos, era fácil de dizer. O sorriso de Arin foi franco.

– Não.

A praia estava calma.

O que não era verdade, claro, não com todo um regimento dacrano acampado na areia. Mas acalmou Arin ver que os navios valorianos ainda não haviam aportado, que não havia velas no horizonte e, ainda que Kestrel avisasse que isso poderia significar um ataque avassalador, ele ficou contente ao ver o vazio da areia escurecida pela chuva se estendendo das tendas até a costa, ver a maré baixa, a sujeira das pedras manchadas de verde, as gaivotas disputando caranguejos enquanto bicavam pelas poças de maré. O vento estava parado. O céu, uma tela em branco. Havia chovido na noite anterior. O ar salgado tinha um cheiro úmido.

O povo de Roshar estava tão contente com a chegada de seu príncipe que Arin duvidou de Roshar por se definir como alguém sem ambições políticas. A rainha tinha a lealdade de seu povo. Já Roshar tinha seu amor.

– Esta é uma hora segura do dia – comentou Kestrel, depois tocou o cavalo na direção da grama clara no terreno elevado, além do qual, pelo que disseram, havia um córrego que supria água para o exército e seus cavalos.

Arin foi atrás, guiando o cavalo ao lado do dela.

– Sim, os valorianos vão aportar na maré cheia – ele disse.

Kestrel pareceu ligeiramente surpresa, não pelo que ele disse mas simplesmente por ter falado, o que o fez pensar que as palavras dela não tinham sido o início de uma conversa, e sim apenas um momento da mente dela que, de alguma forma, havia escapado, e que ela estava absorta em seus próprios pensamentos. Ela não se importou em perguntar como ele sabia do que ela estava falando, provavelmente porque presumia que as

vantagens da maré alta para uma força invasora eram óbvias.

O mar os trará depressa para a costa , murmurou o deus da morte. Ele vai espumar branco. Vai carregar o peso de incontáveis canhões de canos pretos.

Arin olhou para Kestrel. Essa batalha seria diferente da emboscada ao longo da estrada ao sul. Não haveria lugar seguro, apenas a arena aberta da praia.

Não olhe para ela, Arin. Olhe para mim. Você os receberá. Seu coração se erguerá, alto e contente. O que é um inimigo? É o cravar e rasgar e golpear de sua espada. É o caminho livre que você abre até o que deseja. É o caminho até mim.

O mau cheiro humano do acampamento havia ficado para trás. Kestrel e Arin haviam cavalgado longe o bastante. Havia apenas a salina alagadiça da maré baixa, o ventre exposto do mar. O cheiro era agradável.

Pode pensar sobre ela o quanto quiser , sussurrou o deus da morte. Mas eu serei o único a ter você.

Kestrel havia cavalgado alguns passos à frente. Virou-se, notando o olhar de Arin. Uma gota de chuva caiu na bochecha dele. Atrás de seu pescoço.

Você é meu. Eu sou seu. Não é verdade, Arin?

Ela fechou o semblante. Ele pensou numa caixa fechada com tanta firmeza que nem dava para ver a abertura.

Sim.

Naquela noite, Arin parou com Kestrel e Roshar na costa íngreme. O luar esmaltava o mar. A água cintilava em preto e branco. A lua cobria a areia de prata.

– É lindo – comentou Roshar –, mas me faz lembrar do veneno puro do verme, que vira um esmalte translúcido quando seco. – Ele perguntou para Kestrel: – Como será a batalha?

Arin respondeu no lugar dela.

– Para eles e nós, será o tipo de batalha em que o general coloca seus soldados numa situação tão desesperada que o medo da morte e a dificuldade de retirada os forçam a lutar ao máximo, porque não há outra opção.

Roshar ergueu uma sobrancelha fria. Parecia prestes a dizer que Arin estava sendo desnecessariamente dramático.

Mas Kestrel concordou com ele.

O alarme soou ao meio-dia. Havia um chuvisco fino. O sol estava em algum lugar, mas não dava para ver. A leste, havia uma cordilheira de nuvens cinza. E no mar: uma linha clara e tênue de velas.

Os atiradores flanquearam a praia. O exército dacrano-herrani aguardou em formação de cunha, a cavalaria liderando a massa vibrante de gente.

O rosto de Kestrel estava tenso, seus dedos, brancos nas rédeas. Dardo ergueu e bateu um casco. Um estrondo surdo.

Havia barcos valorianos estendidos e expostos na água, milhares, pesados com cavalos e canhões. Eles remavam dos navios ancorados. Remos se erguiam e mergulhavam na chuva.

Arin não conseguiu ouvir o comando valoriano. O som se perdeu no mar. Mas viu quando os soldados valorianos começaram a preparar os canhões. Ele podia praticamente sentir o cheiro de pólvora negra. Por um momento, não estava em seu cavalo com uma espada na mão, mas em um barco oscilante, as palmas arenosas de pólvora negra, as mãos carregando as balas no canhão.

Eles atirariam antes mesmo de chegar à costa.

Um apelo surgiu dentro dele, crescendo tão árduo quanto inesperado, embora, se tivesse se questionado melhor antes, teria sabido desde então o que suplicaria nesse momento final, apesar de sua promessa de confiar nela.

Arin tocou o ombro dela. Ela foi pega de surpresa, levada a um extremo que ele conhecia muito bem.

– Mude de ideia – ele disse. – Volte, vá para os costões, por favor.

– Não.

Finalmente ele sentiu o medo que afetava todos os outros.

– Então fique perto de mim.

O que quer que ela disse em resposta se perdeu quando a primeira explosão partiu e rompeu o mundo.

ELE NÃO VIU ONDE A PRIMEIRA BALA DE CANHÃO Cestrondo triste e sentiu o impacto sacudir desde a praia até suas botas. O som agudo dos cavalos, os gritos humanos. No fundo do flanco esquerdo. O exército de Roshar retribuiu fogo, errando a maior parte das vezes, porque era mais difícil atingir alvos em movimento sobre as ondas. Gêiseres voavam onde as balas de canhão caíam na água. Uma bola de ferro em alta velocidade perfurou um barco e o estilhaçou. Cavalos e homens caíram no mar.

Fumaça negra cobriu a praia.

Os primeiros barcos valorianos chegaram à costa. Soldados pularam na água até os joelhos. Cavalos foram levados por rampas. Canhões viriam logo em seguida.

– Destruam todos – ordenou Roshar.

Seus atiradores crivaram a primeira onda de valorianos. Mas havia uma segunda onda, e uma terceira e, por fim, um canhão valoriano foi levado em posição para explodir um flanco de atiradores, transformando-os em um monte esfumaçado e sangrento aos gritos.

O cavalo de Arin empinou. Ele o forçou a descer, pressionando seu peso na sela. Segurou o cavalo entre os joelhos tensos, preferindo isso a puxar o freio, e se distraiu: todos os sons eram altos. Mesmo depois que acalmou seu cavalo, não confiava mais que ele o obedeceria. Depois veio um som baixo que ele não deveteria ter conseguido ouvir: um engolir em seco.

Olhou para Kestrel. Dardo – esplêndido cavalo de guerra, animal sólido – estava imóvel. Ela também. Mas a pele dela estava fina sobre os maxilares. Seus olhos eram grandes e pálidos.

Por favor , Arin orou. Dê sua misericórdia a ela.

Seu deus achou graça. Se ela não acredita em mim, como posso acreditar nela?

O general havia aportado. Arin conseguia vê-lo. Viu quando Kestrel o viu. Várias colunas de valorianos subiram da costa para a praia.

Roshar ordenou sua vanguarda à frente.

A morte mordeu a nuca de Arin, onde a gata morde seus filhotes. *Talvez , murmurou o deus da morte, eu mostre a ela o mesmo tipo de misericórdia que mostrarei a você.*

O coração de Arin latejou. Seu sangue acelerou. Ele levou a mão livre em sua pele formigante e a tirou, esperando ver sangue.

Nada.

Uma investida de vento úmido nas costas. O tremor do cavalo sob ele. Um canhão rimbombou. O animal gritou, empinou de novo. Saltou para a frente, atravessou as linhas da vanguarda, na direção dos valorianos que avançavam.

Ela não conseguia ver Arin. Não conseguia vê-lo e sentia como se não conseguisse ver nada.

Os canhões seguraram o ar. Vanguarda se chocou contra vanguarda. Ela viu a colisão acontecer algumas fileiras à frente. O jorro de sangue. As máscaras horrendas de pavor e ódio. Um braço arrancado do ombro. Corpos empurrados dos cavalos, amassados na areia sob os cascos. E a crueldade do que ela não conseguia ver.

Onde ele *estava*?

Dardo não havia se movido. Era como pedra, o que a fez perceber que ela também. Uma mão segurava a espada como se pudesse apertar o cabo até ele deixar de existir. Uma espada. Ela, com uma espada. Ela não tinha habilidade nenhuma para isso.

O terror serpenteou por ela, escorregadio e sinuoso.

Os valorianos ainda não haviam rompido as linhas de frente. A artilharia não poderia ser usada, por medo de acertar os próprios homens. Havia alguns momentos breves antes que algum inimigo a alcançasse.

E talvez à frente, em algum lugar, estava o que ela percebeu temer mais do que tudo. Os olhos esvaziados de Arin. Seu sangue jorrando, exaurido.

Ela tocou Dardo e avançou pelas fileiras.

Ele quase foi jogado de seu cavalo. Um valoriano se chocou contra ele. Arin levou um golpe na armadura do peito, inspirou fundo. Sentiu a ferida, talvez uma fratura. Sem sangue, pensou. Por um momento mínimo, foi difícil se concentrar, mas difícil ainda saber o que suas mãos faziam ou o que ele via e com quem lutava. Fez ao seu deus uma pergunta disforme. Se conseguisse colocá-la em palavras, teria perguntado se a misericórdia de seu deus era ter permitido que ele vivesse por tanto tempo. Vinte anos era melhor do que nove. Ou a misericórdia do seu deus era morrer *dessa* forma, e não de uma forma diferente, pior? Ou simplesmente voltar para casa, à

enseada dos deuses. Mãe, pai, irmã. Um marulho de solidão, de saudade, de sim . Sim, talvez fosse isso, talvez fosse isso que seu deus queria. Misericórdia. Uma promessa: que o momento final antes de este mundo se tornar o próximo seria doce como o amor.

Mas ele não conseguia pensar isso ou entender. Apenas sentiu essa pergunta que eram muitas outras condensadas numa conta de ferro, a cabeça de um alfinete, um ponto minúscula e árdua de pavor, esperança e alívio.

Seu *cavalo* . Seu maldito cavalo. O animal não parava de forçar sua vontade contra a de Arin. Esse cavalo ainda faria com que ele fosse morto. Arin tentou se preocupar.

Sua espada abriu a barriga de alguém. Ele não soube direito como. Sua lâmina não deveria ter sido capaz de passar pela armadura valoriana. Mas entranas saíram de um corte. Um desdobrar lento, úmido.

Arin pôs fim a isso.

Voltar para casa , cismou seu deus, que havia conseguido pegar a conta de ferro do coração de Arin e transformá-la em uma pena, e conseguiu separar cada farpa uma da outra, descendo por todo o cálamo. O deus passou o dedo pela bárbara extraordinariamente aberta. É isso o que você acha que quero dizer por misericórdia? É isso o que você quer?

Bem, Arin.

Bem.

Kestrel não entendia por que ninguém a atacava. Então entendeu, e se sentiu estúpida e grata. Sua armadura. Sua aparência valoriana. As forças de Roshar a conheciam, conheciam seu cavalo. Para os valorianos, porém, ela parecia ser uma deles. Em uma posição estranha, se parassem para pensar, mas ninguém pensava. Gorgolejavam com a garganta cortada. Cravavam espadas tão fundo nos corpos que seus punhos desapareciam dentro da carne de outra pessoa.

Ela moveu Dardo entre valorianos, dacranos, herranis. *Fantasminha* . Sim. Ela não existia. Mesmo quando o sangue de alguém espirrava em sua bochecha, não parecia real. Ninguém tocava nela.

Até ela ver Roshar arrancar uma espada do punho de outra pessoa, golpear seu escudo contra o nariz do valoriano e cortar o pescoço dele. O príncipe tocou o cavalo para longe do corpo que caía. Ele virou seu cavalo e viu Kestrel.

– Onde está Arin? – ele gritou.

A voz de Kestrel não funcionava.

– Não sei – ela disse por fim com um sussurro rouco. Roshar não teria conseguido ouvir mesmo se não estivesse a poucos metros de distância.

Mas um valoriano perto dela ouviu. Ele tinha visto o olhar entre ela e o príncipe, tinha ouvido quando ela falou a língua dacrana. Um oficial de cavalaria. Jogou seu cavalo contra o dela. Estendeu o braço. Pegou-a pela garganta.

– Uma batedora? – Seus olhos escuros estavam estreitados e seus dentes, cerrados. – Na vanguarda? Qual é o seu regimento?

Ela engasgou.

– Traidora. – Ele derrubou a espada da mão caída dela.

– Kestrel! – Roshar.

Longe demais.

Ela se esforçava para respirar. Não tirou os olhos dos dele. Sussurrando algo que sabia que ele não conseguiria ouvir, observou o valoriano se inclinar para a frente, relaxar ligeiramente o punho. Kestrel pegou sua adaga e a cravou na axila dele.

Ele grunhiu, soltou. Ela arrancou a adaga e perfurou a garganta dele.

O peso dele caiu sobre ela. Ele estava engasgando contra a orelha dela, um som pegajoso e úmido. Sangue jorrava sobre ela enquanto tentava se manter na sela, tentou empurrar o oficial de armadura para longe. Mas o cavalo dele empacou. O valoriano a segurou, com os olhos castanhos fixos, vingativos, esmaecendo. Com suas últimas forças, puxou-a para baixo junto com ele. Empurrou-a para fora do cavalo.

O cavalo de Arin era ruim, mas seria muito pior estar sem nenhum. Ele cortou um espaço em volta dele. A fronteira entre os exércitos se dissolia. Kestrel deveria estar fileiras atrás dele. Os valorianos logo a alcançariam. Fique perto de mim , ele havia dito. Sua ansiedade cresceu, tornando-o brutal. Parte dele olhava para o que suas mãos e seu corpo faziam, mas a maior parte se tornou ainda maior e sentiu contentamento. Havia prazer e assassinato junto com a preocupação diante de seu prazer. Perpassando tudo isso: uma corrente pura de medo. Fique perto de mim .

Ele virou seu cavalo para trás.

E se não conseguisse encontrá-la?

Mais para trás. Ainda mais.

Os valorianos já tinham aberto caminho corroendo a fileira onde ela e

Dardo estavam.

Seus pulmões se fecharam. *Onde?*, ele perguntou.

O general?, seu deus respondeu pudico. *Permita-me mostrar o caminho...*

Os nervos de Arin gritavam.

Abra os olhos, disse o deus da morte.

Olhe, meu filho, e veja.

Arin olhou. Ele viu, não muito distante, Dardo parado no meio do fervor da guerra. Sua cavaleira não estava sobre ele.

A bochecha de Kestrel estava no chão. Sua boca estava cheia de areia. Ela tossiu e cuspiu, com as costas e os ombros afundando na praia, e empurrou o corpo morto caído sobre ela. Tentou tirá-lo de cima. Seus braços cederam. Viu o céu enevoado. Seu cavalo estava próximo. Empurrou de novo o oficial. A armadura dele o tornava mais pesado. Ela estava empapada pelo sangue do homem. Sentiu que ainda jorrava, ouviu o caos em volta. O pânico desceu suturado por sua espinha.

Ela empurrou. O cadáver não se moveu. Tentou com mais força, sentiu o peso pressionar contra seu peito. Por fim, gritou.

Algo se chocou contra Arin. Ele se manteve firme, girou para ver seu agressor, viu o sorriso do valoriano – e então, tarde demais, o aço serrado ao longo da extensão da bota do homem. Arin notou isso logo antes de o valoriano usar o pé como uma faca e cortar as costelas expostas do cavalo de Arin.

O grito do animal perfurou as orelhas de Arin. Ele foi lançado ao chão.

Na guerra, seu pai dizia às vezes, *você pode viver, pode morrer. Mas, se entrar em pânico, a morte é o único resultado.*

Ela o odiava por sua frieza. Suas regras.

Mas.

O corpo a esmagava.

Mas... a areia.

Ela tentou virar de barriga para baixo. Contorcendo-se, moveu-se sob o corpo. Enquanto se esforçava para se virar, ficou à espera de que alguém a notasse e atacasse. Esperou que cascos esmagassem seu crânio. Mas Dardo se mantinha sólido, exatamente onde estava no momento em que ela caíra.

A cavalaria manobrava em volta do cavalo inofensivo. Ninguém olhava para o chão.

Rastejando na areia, ela se virou de frente e começou a cavar, empurrando a areia como se estivesse nadando. Afundou os cotovelos na vala que havia feito e se puxou.

Conseguiu escapar.

Arin se levantou com dificuldade. Desviou – bem a tempo – do chute da bota serrada contra sua cabeça. Com ambas as mãos (onde estava sua espada?), pegou o homem pelo tornozelo e o puxou para fora do cavalo.

As mãos trêmulas de Kestrel tatearam a areia em busca de sua adaga. Sua adaga. Ela precisava encontrá-la. Não podia perdê-la.

Quando encontrou a aresta dela sob um véu de areia vermelha, lágrimas formigaram seus olhos. Segurou o cabo.

Dardo estava firme, esperando por ela. Ela queria se recostar nele, pressionar o rosto na pele dele. Queria se tornar um cavalo para poder agradecê-lo de uma forma que ele entendesse.

Começou a montar nele – então viu, sobre a elevação da sela, Arin.

Da praia, Arin pegou uma espada – a dele? não importava – e já a estava cortando no ar em direção ao pescoço do valoriano quando o homem se levantou de um salto, empurrou a espada de Arin com a sua e impeliu a ponta dela na direção de Arin.

Arin contra-atacou, ouviu o deslizar de aço contra aço e sentiu a vibração, a pressão. Sentiu a pressão ceder. A lâmina do homem se afundou por um instante.

Mas era um truque. Nesse momento de aparente fraqueza, a outra mão do valoriano pegou sua adaga, que foi cravada num espaço entre a junção da armadura de Arin.

Kestrel estava tropeçando para a frente na areia, suas pernas lentas demais; ela não conseguia correr rápido o bastante. O valoriano estava de costas para ela. Conseguia ver o rosto de Arin, a ruga entre as suas sobrancelhas, a introspecção de seu semblante. Então algo mudou: uma chama, um reconhecimento.

O valoriano apunhalou. Arin gritou.

A adaga cortou as costelas dele. A dor subiu por seu tronco. Ele revidou, dançando a espada inofensiva contra a armadura do valoriano, sem causar estrago nenhum além de cortar os laços da bota direita do homem.

– Você é meu – disse o valoriano.

Era o que o deus da morte sempre dizia. Arin, surpreso por ouvir as palavras de seu deus saírem de uma boca humana, vacilou. Sentiu-se estranho. Pensou: Ah. Pensou: Grato . Recebeu o aviso de seu deus, percebeu que sempre quis saber antes que acontecesse. Não gostaria de abandonar a vida fechando os olhos abruptamente.

Mas ele amava essa vida. Amava a mulher nela.

Seu coração bateu com força, se rebelou.

Tarde demais. A base da lâmina valoriana estava vindo na direção de sua cabeça, apontada para o seu pescoço.

Arin tentou desviar. O cabo bateu contra sua têmpora.

Sombras se espalharam por sua visão. Ele não conseguia sentir suas pernas. Tentou ouvir seu deus, mas ouviu apenas silêncio e, então, não ouviu mais nada.

ELA VIU ARIN CAIR. DESLIZOU NA AREIA ENQUANTO ouvidos bradavam. Sua mente se fechou. Um pavor trêmulo.

A alguns passos de distância. A adaga estava firme em sua mão. As costas do valoriano eram uma muralha de armadura. O homem reergueu a espada. Não a ouviu chegar.

Mas onde, *onde*? Ela tinha uma adaga, mas não havia onde cravar – não na nuca, onde ela não conseguia alcançar, não no tronco nem mesmo nas pernas. A armadura dele descia dos ombros às botas. *A adaga deseja carne*, seu pai diria. *Encontre*.

Uma grande pressão em seu peito. Desespero ao chegar por trás. Ela não sabia o que fazer, não conseguia pensar e, então, foi como se outra pessoa notasse a folga no topo de uma das botas do homem e a lançasse de joelhos na areia. Ela pegou a parte de cima da bota, puxou-a para trás e cortou o tendão no tornozelo.

Ele gritou. Ela pareceu sentir sua dor excruciante do tendão cortado subindo pela panturrilha. A queda dele. A agonia bombeada. Quando uma menina subiu em cima dele – feroz, como uma raposa. Mas: uma menina? Mas: seu cabelo, sua pele, seus olhos, sua armadura. Não o inimigo. O inimigo?

Então a adaga encontrou a garganta dele e ele soube exatamente o que ela era.

A mão dela, seu braço: vermelho-vivo. Ela não conseguia soltar a adaga. Obrigou-se a embainhá-la. Precisava das mãos, precisava de Arin.

Ele, estatelado. Ela chorava, agachada na areia, com os dedos vazios desvairados enquanto tocava nele, o vasculhava, encontrava a adaga no torso dele, a testa enegrecida, a bochecha roxa, a pele aberta. Ela tocou o rosto dele e sentiu a cabeça dele se refastelar. Um pulso? Ou era o pulso dela? O corpo dela vibrava com o coração dele, não conseguia manter os dedos firmes na cavidade sob o queixo de Arin.

Ela se obrigou a olhar novamente para a adaga em seu torso e desafivelou a armadura dele para ver melhor.

Apenas a ponta da adaga havia entrado na carne. Estava cravada entre as costelas. Sua esperança súbita foi brutal.

Não queria tirar a adaga – não tinha nada com que estancar o fluxo de

sangue –, por isso voltou sua atenção para a cabeça de Arin. Desta vez, quando seus dedos buscaram o pulso dele, ela o encontrou e soube que era dele. Suas lágrimas inundaram a carne.

A ferida no tronco dele não era grave. Mas um golpe na cabeça é capaz de tudo; pode matar, paralisar, tirar os sentidos, a memória. Poderia deixá-lo adormecido para sempre.

– Arin, acorde.

Depois que as palavras começaram a sair, elas não pararam mais.

– Precisamos sair. Não podemos ficar aqui.

“Por favor.

“Por favor, acorde.

“Eu te amo. Não me deixe. Acorde.

“Ouça a minha voz. Arin?

“Ouça.”

Uma mulher chorava. As lágrimas dela caíam mornas sobre sua sobrancelha, seus cílios, sua boca.

Não chore, ele tentou dizer.

Por favor, ouça, ela dizia.

Ele ouviria, claro que ouviria. Como ela poderia pensar que ele não lhe daria ouvidos?

Aquilo parecia familiar. Irreal. Ele teve a sensação de que já havia acontecido antes ou iria acontecer, que isso era um eco ou a origem de um eco. Se abrisse os olhos, o mundo estaria duplicado. Seu crânio latejava. Pedras pesavam seus olhos. Ele estava coberto de terra. Espessa e argilosa e solta. Um consolo. Aliviava a dor nauseante.

Mas não havia pedra nem terra. Parte dele sabia disso, a mesma parte que se segurava à voz da mulher.

A voz dela estava se partindo. Ele a ouviu ficar terrível. Logo, percebeu ele, ela gritaria.

– Não – conseguiu dizer e abriu os olhos, esgotado.

Ele estranhou um pouco a expressão dela: aquele misto de angústia e alívio. As mãos dela ficaram completamente imóveis por um momento, então se agitaram no mesmo instante, levaram um cantil de água à boca dele, tentando se mover sob o peso dele e erguê-lo. Pesado demais.

– Desculpe – ela disse. – Arin, você precisa se levantar.

– Acho que não consigo.

– Sim. Só até Dardo. Venha. – Ela o estava puxando, seus ombros, braços. Ele não tinha coragem de pedir que ela parasse, que a dor na cabeça dele era monstruosa, que todo puxão doía. Ele tentou focar a visão e encontrou Dardo parado perto deles, viu a multidão ondulante de soldados e metal. O medo entrou em seu corpo. Essa pequena paz que protegia os dois não poderia durar para sempre. Impossível que ninguém os notasse, que ninguém já tivesse passado uma espada pelo pescoço dela enquanto ela estava ajoelhada junto a ele, puxando e suplicando.

– Vá – ele disse a ela.

Ela recuou.

– Não.

– Não tem problema. – Ele tentou tocar a bochecha dela, mas ou sua visão estava desacertada ou era sua mão que estava. Ele tentou, tocou o nariz e os lábios dela. – Não me importo.

– Não diga isso.

– Cavalgue rápido. Para longe.

– Não me peça isso. Você não faria isso. Nunca me deixaria.

Mas é diferente, ele tentou dizer, então se perdeu no que queria explicar, que isso... ela – o quê? tristeza – era cara para ele, inesperada. Tão difícil, levar as palavras até a boca. Ele percebeu que havia deixado a mão cair.

O rosto dela se contorceu numa expressão que ele não conseguiu decifrar.

– Levante-se – ela disse entre os dentes.

– Por favor. Vá.

Ela colocou os dedos sobre a borda da couraça de couro dele e puxou.

– *Me obrigue*.

Desta vez, Arin reconheceu a expressão dela. Determinação. Fechou os olhos para não ver. Você não me deve nada, ele teria dito. Não perderá honra nenhuma se me deixar. Arin se perguntou se ela sabia como todo o ser dela era capaz de se tornar um juramento.

Ele diria: *Diga-me por que não pode partir*. Talvez, se a cabeça dele estivesse mais clara, saberia o porquê sem ter de perguntar. Por agora, via apenas a determinação dela e o perigo disso.

Era essa a versão de misericórdia do seu deus: que ela morreria nesta praia junto com ele?

Insuportável.

Apesar do latejar de sua cabeça, ele encontrou uma dor diferente. Desceu

por seu corpo. Seu torso. Sua costela. Uma adaga. Ele a tirou. Ela soltou um grito estarrecido. O torso dele ficou pegajoso. Ele cravou a adaga na areia e apertou o ombro dela com a outra mão. Sentiu sua cabeça se partir ao meio. Arin se forçou a se levantar, apoiando-se na adaga.

Ele tentou se distanciar do que estava fazendo, do espasmo que atormentava seu corpo enquanto voltava a sentir náuseas. De joelhos, o céu escuro – chuva? O ombro de Kestrel, parecendo frágil em sua mão. Incapaz de suportar o peso dele, claro, mas ela sustentava, conseguiu colocá-lo em pé. Cada passo cambaleante doía, e ele temia como seria montar em Dardo e cavalgar, mas faria isso.

Montou, e ela estava com ele. Depois de um tempo, ele não soube mais dizer se o céu estava chuvoso e escuro ou se era sua mente que estava assim. Tudo estava negro e úmido. Enquanto o cavalo se movia sob eles, um silêncio cresceu por entre a dor. Uma sensação flutuou sobre ele como o cheiro de um perfume raro. Ele pareceu ouviu o tilintar de uma rolha de vidro tirada de um frasco minúsculo. O aroma que se soltou. Como era possível sentir o cheiro de flores que não estavam lá?

Arin notou que estava difícil se segurar a seus pensamentos. Eles se desfaziam na fumaça. Não tinha importância. Ele deixou que fossem embora. Fumaça, perfume, chuva. Tudo fascinante, efêmero. O mesmo, talvez, que havia feito Kestrel jurar que não o abandonaria.

Ele não sabia ao certo o que a tinha levado a fazer isso. Mas havia sido algo. Havia sido real.

Isso ele não deixaria partir. Isso ele guardaria e lembraria.

Ele viu as mãos de Kestrel nas rédeas. Sentiu o corpo relaxar. Cascos martelaram seu crânio.

Alguém – uma voz grave – soltou um palavrão.

- Você *amarrou* Arin a você?
- Ele quase caiu – ouviu Kestrel dizer.

Arin abriu os olhos. Roshar estava desatando a corda que o prendia a Kestrel, o olhar do príncipe estava fixo nos nós. Era atípico de Roshar não olhar para ele.

– Bom, *isso* foi idiotice – o príncipe disse a ela. – Você não considerou que, se ele realmente começasse a cair, o peso dele puxaria você para baixo também?

Ela ficou em silêncio. Havia considerado. Arin pôde ver pelo silêncio

dela.

O braço de Roshar passou em volta da cintura de Arin.

– Venha – ele disse. Arin meio que deslizou do cavalo e foi estabilizado e segurado. – Você está sangrando em mim – Roshar se queixou.

Sim. Arin imaginava que estava sangrando. Mas sua cabeça. A dor era pior que tudo. Arin se deixou pender contra Roshar, deixou a testa cair no ombro do amigo. Então, obrigou-se a reabrir os olhos.

Kestrel estava ao seu lado com os braços cruzados firmemente contra o peito. Atrás dela estava um acampamento de exército montado às pressas. Menor do que antes.

– O que houve? – Arin perguntou.

– Um massacre – Roshar disse. – Batemos em retirada. Eles conquistaram a praia. A culpa é sua.

Kestrel inspirou furiosa.

– Ele não fala isso a sério – Arin murmurou.

– Você vai me fazer carregá-lo? – quis saber Roshar.

Kestrel disse algo ácido. Arin chegou a entender as palavras, mas estava esgotado demais para absorvê-las. Ouviu os tons lentos e arrastados de Roshar. O sibilar de Kestrel. Arin queria dizer para ela: Ele está escondendo de você . Queria dizer: Está preocupado . Arin ficou subitamente sufocado pela preocupação deles, por como tudo ficava por dizer. Saiu do braço de Roshar que o sustentava e começou a andar sem nenhum destino real em mente.

Roshar o chamou de um nome sujo. Pegou-o antes que caísse.

– Pelos ossos, sangues e sopros da deusa! – Roshar exclamou. – O que você estava tentando provar?

Arin estava deitado de costas na cama de Roshar, na tenda dele. O príncipe estava ao lado da sua cama, com a postura tensa e apreensiva.

Um calor pesado repousava no peito de Arin. Kestrel, com a cabeça descansada sobre ele enquanto dormia, ajoelhada no chão, com a parte de cima do corpo caída frouxamente sobre a beira da cama. Ele estava sem a armadura e a túnica. Suas costelas estavam enfaixadas. A mão dela estava em sua barriga.

– Eu teria carregado você – Roshar disse mais baixo.

– Eu sei.

A voz de Arin a despertou. Ela ergueu a cabeça, recuou. Sua boca estava

fina, seus olhos, manchados de sombras, a trança, semidesfeita.

– A guerra – Arin perguntou.

Kestrel e Roshar se entreolharam.

– Tão ruim? – emendou ele.

– Descanse, Arin – Kestrel disse.

Roshar estalou os dentes.

– Mas não demais. Ele fica acordando e dormindo sem parar. Não é bom no caso de um ferimento na cabeça como esse. Mantenha-o acordado. Não deixe que ele durma. – Para Arin, disse: – Não posso ficar. Preciso organizar a retirada para a cidade.

Arin sentiu um frio na barriga. A retirada para a cidade era o último recurso.

– Não. – Ele tentou encontrar uma ideia melhor. Kestrel estava triste e em silêncio.

– Eu *quero* ficar com você – disse Roshar. – Mas não posso.

Arin ergueu a mão ao rosto do amigo. Isso pegou o príncipe de surpresa. Arin o viu lembrar do gesto herrani, mas hesitar antes de retribuir. Arin se entristeceu por isso. Deixou a mão cair. Traçou um desenho no estrado da cama, sentindo-se encabulado por tirar Roshar de sua cama.

– Onde você vai dormir?

– Não tem aula. Muitas camas me receberão.

Depois que o príncipe saiu, Arin perguntou a Kestrel:

– Por que a batalha correu tão mal?

A perguntou a irritou:

– É isso o que quer saber?

– É importante.

– Mais importante sobre como você quase morreu?

– Só que não morri.

A voz dela era abrupta:

– Meu pai tem muita pólvora negra. Muitos soldados. Muita experiência.

– Mas como exatamente ele venceu?

– Bastou um ataque frontal absoluto depois de ter eliminado as armas de fogo. Não vi tudo que aconteceu.

A culpa pulsou com a batida dupla de seu coração em sua cabeça.

– Porque você foi embora comigo.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Perdão – ele disse. – Fale sobre outra coisa. O que quiser.

Ela abriu a boca. Fechou. Com a voz sussurrada, disse:

– Você se lembra do mosaico?

– Sim.

– Como tudo se encaixava. Como se cada ladrilho quisesse estar um do lado do outro.

– Sim. – Mas ele estava confuso, não sabia ao certo o que o mosaico significava para ela ou por que ela estava pensando nisso agora. Ela falava do mosaico como se tentasse explicar que a esquerda era na verdade a direita, ou ao mesmo tempo esquerda e direita... o que o fez perceber que ele sabia que esquerda e direita eram importantes, mas não conseguia compreender o significado ou a diferença delas. Fechou os olhos.

– Arin, não.

– Só um pouquinho.

– Não. – Ela pegou sua mão.

– Xiu.

– Histórias – ela falou de repente. – O mosaico contava histórias, não contava?

– Sim, histórias antigas.

– Vou contá-las a você.

Ele abriu um pouco os olhos. Não lembrava de tê-los fechado.

– Você conhece aquelas lendas? – ele perguntou.

– Sim.

Ela não conhecia. Isso ficou claro quando começou a contá-las. Conhecia pedaços, remendados de formas que o teriam feito sorrir se sorrir não doesse.

– Você – ele sussurrou – é uma charlatã.

– Não me interrompa.

A maioria era pura invenção. Ela conhecia as imagens – ele ficou encantado por ela se lembrar vividamente dos detalhes do piso do templo. Qual deus se espiralava em torno de qual, ou que a língua da serpente se trifurcava. Mas as histórias que ela contava tinham pouco a ver com a religião herrani. Às vezes, sequer faziam sentido.

– Faça isso de novo – ele disse – quando eu tiver forças para rir.

– Tão ruim assim?

– Hum. Talvez não. Para uma valoriana.

Depois de um tempo, tudo ficou lento, desconexo. Ele pensou num algodão cru rasgado, as fibras deixadas para trás. Talvez Kestrel tivesse

falado por horas. Ele não sabia. Quando ela havia repousado a bochecha contra seu coração novamente? Seu peito subia e descia.

– Arin.

– Eu sei. Não deveria dormir. Mas estou tão cansado.

Ela o ameaçou. Ele não ouviu tudo.

– Deite-se comigo – ele murmurou, incomodado por pensar que ela estava ajoelhada no chão.

– Prometa que não vai dormir.

– Prometo.

Mas ele não estava sendo honesto. Sabia o que aconteceria. Ela deitou ao seu lado. Tudo ficou suave demais, escuro demais, aveludado demais. Ele se afundou no sono. Suspirou e se deixou levar.

QUANDO ELA ACORDOU, ELE NÃO ESTAVA MAIS LÁ.

O coração de Kestrel estrondeou contra as costelas e não se acalmou, nem mesmo quando ela saiu da tenda e encontrou Arin fazendo chá sob o azul côncavo do céu da madrugada. Ele estocava a pequena fogueira.

– O que você pensa que está fazendo? – ela perguntou.

– Achei uma caixa de chá na tenda. – Arin viu a expressão dela. – Roshar não vai se importar.

– *Eu* me importo.

O olhar dele alternou entre ela e o bule de água fervente.

– Qual é o problema?

– Você não deveria ter dormido.

– Estou melhor por ter dormido.

Talvez. Mas ela sofria ao ver o rosto dele, o hematoma escuro que se espalhava sobre a testa e a bochecha até o canto do olho. A pele rompida onde ele tinha sido golpeado na têmpora. Ele estava usando uma túnica suja, talvez porque não quisesse manchar uma limpa; o sangue seco escamava a pele de seus braços nus. Uma bolha terrível se expandiu dentro do peito dela.

– *Eu* não deveria ter dormido.

– Você precisava. A batalha. A cavalgada. Não deve ter sido fácil.

– Não, não foi.

Arin virou a caixa fechada de chá nas mãos. As folhas secas farfalharam.

– Obrigado por me salvar.

– Pensei que você estivesse morto. Que morreria.

Ele contemplou a caixa.

– Sei como é difícil ver alguém morrendo.

– Não “alguém”. Você, Arin.

Ele assentiu, mas se crispou. Colocou a caixa de lado. Não parecia a estar ouvindo de verdade.

Ela sentou perto do fogo, apoiando o braço dobrado sobre o joelho flexionado junto ao peito. Ela pressionou a boca e o queixo contra a parte interna do braço.

– Você ainda está com dor – disse Kestrel.

– Não tanta mais, e é por isso que você precisa falar comigo.

- Arin, estou falando.
 - Sobre a guerra.
- Ela olhou para ele.
- Não podemos recuar para a cidade – falou Arin.
 - Não temos como enfrentá-lo numa batalha aberta. Não toda a força valoriana. Lerralen foi prova disso.
 - Atraí-los para sitiá-la não é a solução. Já tentei uma vez segurar a cidade contra o general. Ele acabou rápido com as nossas defesas. Rompeu a muralha.
 - Ela foi consertada. Desta vez, você tem o oriente como aliado.
 - Se não estivesse tentando me proteger agora com falso otimismo, o que você diria?

O céu tinha clareado. Ela ouviu o acampamento começar a se agitar.

- Seja sincera, Kestrel.
- Sobre a guerra. – A voz dela era monótona.

A expressão dele mudou ligeiramente. Ele colocou o polegar contra o queixo, abrindo os dedos sujos sobre a cicatriz na bochecha.

- Seria sobre alguma outra coisa? – ele perguntou.

Sobre seu cansaço. Seus hematomas. A dor que estava tentando esconder. A maneira como o coração dela havia criado escamas. Dentro, porém, era quente como carvão vivo.

- Nós dois sabemos o que vai acontecer se recuarmos para a cidade – disse Arin.

Então ela falou:

- O oriente pode olhar para as perdas, ver uma derrota provável e ir embora... mesmo se Roshar quiser ficar.
- E então acabou. – Os olhos cinza de Arin estavam desnudados. – Não posso perder. Não vai me restar nada se eu perder.
- Isso não é verdade.

Mas ele havia se levantado. O acampamento estava desperto. Sua pequena fogueira havia se apagado. O chá esquecido tinha esfriado.

Ela manteve a cabeça baixa:

- Precisamos recuar pelo continente até eu pensar em algo melhor.

Arin se aproximou dela, suas pegadas silenciadas pela terra clara e arenosa e com tufo de grama. Ele tocou a nuca dela, roçou a ponta dos dedos pelos primeiros ossos de suas costas. Enganchou-os suavemente na gola da camisa dela.

A pele de Kestrel zumbiu tão alto que ela não conseguia pensar em nenhuma palavra, muito menos nas palavras certas, e, quando soube que deveria falar, que o momento era *agora*, que não doeria dizer o que sentia, que ela poderia dar seu amor a alguém sem se deixar destruir por isso, Arin já havia saído.

Roshar mandou que levassem uma liteira para Arin, que olhou para ela e para o homem com ordens de carregá-la.

– Não – Arin disse.

– Idiota – zombou o príncipe. – Você ficou inconsciente. Está um lixo. Entra na liteira.

– Eu vou numa carroça – Arin insistiu, referindo-se às carruagens que carregavam os feridos. – Não mereço tratamento especial.

– Ah, sim, merece.

Kestrel nunca tinha visto Roshar tão furioso.

– Por quê? – Arin estreitou os olhos para ele. – Porque está preocupado ou porque quer mandar uma mensagem para o exército?

Kestrel conseguia pensar em duas mensagens: mostrar aos dacranos que o líder herrani que diziam ser tocado por um deus era fraco ou mostrar aos herranis que o príncipe oriental estimava Arin. Talvez as duas coisas.

A boca de Roshar se contorceu num sorriso descontente.

– Então vou cavalgar – Arin decidiu.

O dia terminou e o exército montou acampamento num morro baixo cujos arbustos ostentavam folhas verdes densas e oleosas. Roshar estava parado perto de sua tenda enquanto um oficial a montava. O príncipe tamborilava os dedos nos músculos de seus braços cruzados.

Kestrel não sabia onde Arin estava. Pensou que tinha ido dar água para seu cavalo novo em um córrego perto do acampamento, mas, quando a tenda de Roshar terminou de ser montada e o sol tinha se posto, e Arin não voltara, uma névoa fria de ansiedade tomou conta dela.

– Ele vai ficar mais confortável aí. – Roshar apontou para a tenda dele com o queixo.

– E você? – ela perguntou.

Ele deu de ombros.

– Arin não vai gostar disso – Kestrel comentou.

– Não estou nem aí. – Então ele acrescentou, soltando as palavras

afobadas: – A liteira não foi simbólica. Nenhuma mensagem oculta. Nem todo mundo fala em código. Só quero que ele fique bem.

– Acho que ele está – disse Kestrel devagar. Ela o havia observado durante a cavalgada do dia e, embora o rosto dele tivesse ficado retraído, parecia mais de cansaço que de dor. Ele tinha se mantido na sela sem dificuldade e retribuía os olhares de soslaio dela com pequenos sorrisos. A preocupação dela havia aliviado.

Não totalmente, entretanto. Não o bastante para impedi-la de vasculhar o acampamento depois que Roshar a deixara diante da tenda montada. Não o bastante para abrir os punhos cerrados depois que o azul úmido do céu se escurecera. Ela voltou à tenda e acendeu um candeeiro. Lá dentro, esfregou os braços como se estivesse com frio, observando o pavio queimar. Ela pretendia medi-lo. Depois que queimasse até determinada marca, procuraria por ele. Mas o pavio mal começara a chiar quando ela pegou o cabo do candeeiro, andou rápido em direção à porta de lona da tenda... e deu de cara com Arin, que estava entrando.

Ela levou um susto:

– Onde você estava?

Ele passou a mão pelo cabelo molhado, olhou para a camisa úmida que vestia. Cheirava a sabão.

– Bem...

– Um *banho* ?

– “Banho” faz o riacho gelado parecer requintado demais.

– No escuro?

– Tem luar.

– Estava prestes a chamar Roshar para me ajudar a procurar você.

– Ah, eu o vi. Ele me mandou vir para cá... Foi bastante enfático. – Arin ergueu as sobrancelhas, impressionado. – O palavreado que usou foi bem criativo.

Kestrel se deu conta de como estava próxima a Arin. A lamparina erguida dourava o rosto dele, iluminando o pico da tenda acima. Irradiava um calorzinho entre os dois. Ela recuou.

Ele tocou o punho cerrado dela que segurava a lamparina.

– Bravura, o que há de errado? Você e Roshar estão furiosos. Tudo que fiz foi levar uma punhalada na cabeça.

– E dormir. E cavalgar. E tomar *banho* .

– Bom, eu estava nojento.

Kestrel se virou e caminhou até a mesa. Botou a lamparina nela, quase a batendo.

Arin foi atrás.

– Não sei como provar para vocês que estou bem.

Ela continuou de costas. Algo terrível subia por sua garganta.

– Tive sorte – Arin disse. – Tive você. E uma cabeça dura. E a graça do meu deus.

– *Maldito* seja seu deus.

Arin pegou o braço dela sobre o cotovelo. Ela se virou para encará-lo. Todos os traços de humor haviam deixado o rosto dele. Seus olhos estavam arregalados, prementes.

– Não diga isso.

– Por que não? Posso dizer qualquer coisa, menos o que realmente importa.

– Kestrel, retire o que disse. Vai ofendê-lo.

– Seu deus coloca você em risco.

– Ele me protege.

– Você é o brinquedo dele.

– Você está errada. Ele me ama.

Essas palavras o fizeram parecer muito sozinho. Ele a fazia lembrar de velas curvadas pelo vento, ao mesmo tempo infladas e vazias. Ela percebeu que tinha ciúmes do deus dele. O ciúme repentino a apertou com tanta força que ela não conseguia respirar.

– É verdade – Arin insistiu.

Ela viu que o havia magoado, que o amor do seu deus era ainda mais precioso para ele por causa do seu medo de que não encontraria amor em nenhum outro lugar. A raiva dela passou.

– Desculpe. Desculpe. Peço seu perdão. O dele também.

Arin a soltou; seu alívio era claro.

– Não estou realmente brava com seu deus – ela disse – nem com você.

Ele franziu a testa.

– Certo, sim, com você, um pouco. – Ela bateu de leve na cavidade da clavícula dele. Sentiu o pulso dele disparar, e o dela respondeu no mesmo ritmo. Acelerou; parecia que seu coração estava prestes a escorregar por sua mão e que ela nunca o conseguiria capturar, nunca o pegaria com as mãos, nunca o manteria seguro.

Ela não queria manter o seu coração seguro. Disse:

– Por que não consegue ver que as pessoas se preocupam com você?

Disse:

– Eu me preocupo com você.

– Eu sei que você se preocupa. Mas... – Ele vasculhou o rosto dela. – Qualquer um se preocuparia com um amigo.

– Você é mais do que um amigo.

– No campo de batalha, você ficou...

– É claro que fiquei.

– Você tem um forte senso de honra. Sempre teve. Acho que pensa que me deve algo.

– Eu fiquei porque amo você.

Ele pestanejou e desviou os olhos:

– Não está falando a sério.

– Estou sim.

A noite lá fora parecia se estender contra a tenda. A lamparina cheirava à pedra quente. O rosto dele se abriu devagar. Ele tocou a mão dela, pressionada contra seu peito. Seu carinho era leve, secreto, quase inseguro dos dedos dela, os tendões finos tão fortes quanto ossos. Ela o sentiu ganhar segurança.

Não houve som quando ele a beijou. Nenhum quando ela soltou os cordões da camisa dele e encontrou sua pele.

Ele a pegou pelo cinto da adaga, flexionou os dedos uma vez em volta do couro, então simplesmente segurou. Sussurrou algo na boca dela que era quase uma palavra. Perdeu a forma, se transformou em outra coisa.

Ele soltou. Ela ouviu o roçar de linho quando ele tirou a camisa, a ponta dos dedos dele roçando o teto inclinado da tenda como se para se equilibrar. As costelas dele estavam envoltas por gaze; seu corpo, marcado por cicatrizes. Antigas, mal cicatrizadas e elevadas. Outras, róseas e recentes. Os ombros dele tinham entalhes claros; pareciam pares de garras, quase deliberados, como tatuagens. Curiosa, Kestrel tocou neles.

Ele mordeu o lábio.

– Dói? – ela perguntou.

– Não.

– O que é isso? O que aconteceu?

– Vou contar – ele disse. – Depois.

A mão dele passou pela camisa dela, que era oriental, como a de Arin, sem gola. Puída em algumas partes. Desfiada no pescoço. Ele segurou o

tecido ali, esfregando-o entre os dedos. Então abriu a camisa dela, e ela sentiu como se a realidade tivesse ficado maior e trêmula: uma gota d'água sobre a ponta de um alfinete.

– Kestrel... eu nunca...

Ela sussurrou que aquilo era novo para ela também.

Houve uma longa pausa.

– Você tem certeza de que quer...

– Sim.

– Porque...

– Arin.

– Talvez você...

– Arin. – Ela riu e ele também, notando que já haviam encontrado a cama. As palavras desapareceram. Talvez as palavras estivessem caídas na terra, aninhadas entre roupas, curvadas dentro do cinto solto da adaga. Talvez depois, a linguagem se recuperasse e se remontasse. Ganhasse sentido. Mas não agora. Agora, havia toque e gosto e som.

Quando ele entrou nela, ela ficou feliz pela lamparina ardente, pelo seu brilho vago sobre a pele dele. A maneira como mostrava o cair de seu cabelo úmido, a carne e as cicatrizes que o formavam. Ela não desviou os olhos.

Depois, quando estavam em silêncio, ele olhou para ela onde estava deitada. Estendido ao lado dela, Arin se apoiou num cotovelo.

– Acho que não estou acordado. – Seus dedos flutuaram sobre ela: nariz, cílios, trança desgrenhada, ombro. – Linda.

Ela sorriu:

– Você também.

Arin deu uma tossida cética, franziu o rosto. Encontrou a ponta da trança dela e a pincelou em sua bochecha.

– É verdade – ela lhe disse. – Você nunca acredita em mim quando falo isso.

O pavio da lamparina chiou e fiscou no óleo. Logo se apagaria.

– Amo seus olhos – ela disse. – Desde o começo.

– São comuns.

– Não são, não. – Ela traçou a face com a cicatriz. – Isto. – Ele estremeceu. – Eu amo isto. – Ela o mordeu no queixo. – E isto. – Continuou a tocar nele.

- Mesmo?
- Sim.
- Isto também. – Não exatamente uma pergunta.
- Isto aí também.

Ela sentiu o riso percorrer o corpo dele e outra coisa, mais silenciosa e mais intensa.

- Sua boca – ela disse – não é nada má.

- Nada má?

- Bem aceitável.

Ele arqueou uma sobrancelha.

- Vou *mostrar* para você.

Eles pararam de falar.

DE MANHÃ, QUANDO ROSHAR VIU A CARA DELES, REV

– Quero minha tenda de volta – ele disse.

Kestrel riu.

Ela carregou os alforjes de Dardo, ouvindo os sons do exército que levantava acampamento: estrépios e baques, alguém urinando contra uma árvore, o tinido dos freios dos cavalos, o raspar da terra chutada para apagar uma fogueira. Dardo sacudia o rabo. Perto deles, Arin estava checando os cascos de seu cavalo – uma égua que Kestrel levou um momento para reconhecer. O antigo cavalo dele havia sido deixado na praia. O dono deste provavelmente estava morto.

Arin ajustou a cinta da sela. Enquanto passava as mãos na égua, ele perguntou:

– Por que acha que ainda não fomos atacados?

Devagar, ela afivelou um alforje aberto.

– Não é isso que queria perguntar a você – ele disse.

Ele estava com os olhos insones, a boca um pouco inchada, a pele bem bronzeada lustrosa. Kestrel pensou que ela também deveria estar assim: lustrada pelo desejo, como a pedra de um rio retém o brilho por ter sido alisada por tanto tempo.

– Queria... – Ele se interrompeu e, pela maneira como estava olhando para o acampamento movimentado em volta deles, ela pensou que Arin quase havia dito que queria que não houvesse guerra ou que eles pudessem se perder um no outro sem que perdessem tudo.

Mas isso não era inteiramente verdade para ele ou para ela e, tanto quanto ele, ela precisava vencer a guerra.

– Não fomos atacados porque meu pai está fortalecendo seu domínio sobre a praia. Abastecendo as tropas. Recuperando-se também. Foi uma vitória custosa para eles. Ele não precisa nos eliminar agora, sendo que as forças dele vão estar mais poderosas depois. Mas ele vai agir em breve. Vai conquistar o território ao longo de toda a estrada até a cidade.

– E?

– E – ela disse, relutante – ele acha que vai conquistar a cidade sem

dificuldades.

– Estamos nos levando para uma armadilha.

– Sim, mas...

Ele esperou.

– Isso nos faz ganhar tempo – ela disse. – Se *estamos* recuando em vez de simplesmente *fingir* que estamos recuando e os batedores dele relatarem isso, quando conseguirmos encontrar uma forma de contra-atacar, vamos pegá-lo de surpresa. Às vezes, é melhor *fazer* algo em vez de fingir fazer, ainda mais se você não pretende seguir o que está fazendo até a conclusão esperada pelo seu inimigo.

– O que você pretende fazer?

Ela acariciou o focinho de Dardo e disse:

– Não sei direito.

– O maior problema é a pólvora negra. Se os valorianos não tivessem tanta, teríamos uma chance contra eles.

– Bom...

– O quê?

– Eu poderia destruí-la.

Ele esfregou a nuca e franziu a testa enquanto a ouvia explicar o que tinha em mente.

Ele não gostou.

– Você sabe que eu vou mesmo assim.

Ele deixou sua égua, limpando a terra dos cascos do animal de suas mãos. Quando ele se aproximou, parecia que ela havia saído do frio e parado perto de uma fogueira. Arin tocou a adaga no quadril dela e passou o polegar sobre o símbolo no cabo: o círculo dentro de um círculo.

– O deus das almas – Kestrel disse. – É o símbolo dele.

– Dela – ele corrigiu gentilmente.

Kestrel não conseguia dizer há quanto tempo sabia o que o símbolo significava. Talvez bastante tempo. Ou talvez tivesse se dado conta apenas na noite passada. Era o tipo de conhecimento que, depois que entra em você, parece ter vivido ali desde sempre.

A expressão dele era suave e extasiada e perplexa.

– Você se sente mudada? Eu me sinto.

– Sim – ela sussurrou.

Ele sorriu.

– É estranho.

Era mesmo.

– Podemos chegar a Lerralen ao cair da noite – ela disse – se forçarmos os cavalos. Você vem comigo?

– Ah, Kestrel, está aí algo que você nem precisa pedir.

O sol já havia se posto quando chegaram aos arbustos torcidos pelo vento que cercavam a praia. Atrás deles, havia as fogueiras do acampamento inimigo; o ar estava preto-azulado de fumaça e sal.

Kestrel limpou a armadura valoriana, amarrou uma adaga de aparência tradicional que havia pegado da carruagem de provisões de armas e, sem dizer nada, entregou a Arin aquela que ele havia feito para ela.

– Não sou muito fã do meu papel nesta missão em particular – ele disse.

– É basicamente ficar olhando enquanto você fica cara a cara com o perigo.

– Está esquecendo.

– Aquilo? Não é nada.

– Você poderia se machucar.

Ele piscou.

– Não.

– Você não teme por si mesmo?

– Não por algo assim.

– Então pelo quê?

Ela examinou as próprias mãos.

– Às vezes... penso em mim quando garoto. Converso com ele.

Devagar, ela disse:

– Assim como faz com seu deus?

– É diferente. Ou talvez eu pense sobre ele como meu deus pensa sobre mim. Fiz promessas àquele garoto. Tenho medo de não conseguir cumprí-las.

– O que você prometeu?

– Vingança.

– Você a terá.

Arin concordou com a cabeça, mais por simples agradecimento do que por confiança.

Ela o olhou por entre a fumaça da noite. Estava claro o bastante para ver a expressão dele e escuro o suficiente para que o corpo dele ficasse mergulhado nas sombras. Logo, a noite cairia de fato. As ondas se dobravam e se desdobravam contra a costa.

– É melhor esperarmos a lua nascer – ela disse – antes de descermos para o acampamento.

– E o que vamos fazer enquanto esperamos? – murmurou ele.

Ela levou os dedos de Arin aos lábios dela para que ele pudesse senti-la sorrir.

A mão dele percorreu a extensão de sua trança e brincou com a tira de couro que a prendia. Ele desatou o nó. O som do nó se desfazendo foi baixo como um suspiro. Ele soltou o cabelo dela e puxou Kestrel para perto de si.

Quando a lua estava alta, Kestrel e Arin juntaram aquilo de que precisavam e desceram para a praia, mantendo-se perto dos arbustos irregulares, camuflando-se em sua escuridão. Esperaram, agachados perto da beirada do acampamento valoriano, onde podiam ver as carruagens de suprimento, suas coberturas cupuladas de lona, tão claras quanto cogumelos à luz do luar.

Finalmente, um sentinela em ronda passou perto do esconderijo deles. Em um único movimento rápido, Arin avançou, colocou uma mão sobre a boca do sentinela e o puxou para baixo na areia.

– Não faça nenhum som – Arin chiou para o sentinela, com a ponta da adaga atrás da orelha do homem. Arin forçou o rosto do sentinela a se voltar para a lua. Olhos arregalados. Pele esticada e branca. – Diga-nos qual carruagem guarda a pólvora negra.

O sentinela sacudiu a cabeça.

– Você se lembra – Arin sussurrou – da punição para escravos fugidos? Não? Deixe-me lembrá-lo. – Ele passou a adaga levemente sobre a orelha do homem, descendo pela ponta de seu nariz. – Qual carruagem?

O valoriano sacudiu a cabeça de novo, mas, desta vez, seu olhar apontou na direção de uma das carruagens maiores.

Arin olhou para Kestrel. É o bastante?, perguntou com o olhar. Sim, ela fez com a boca, mas:

– Não – ela sussurrou, sentindo-se mal ao ver o sentinela pressionado na areia, os olhos tão escuros quanto os do seu amigo de infância, quanto de qualquer criança valoriana. Eles cintilavam, vítreos por uma espécie de medo que, com o tempo, as crianças aprendem a esconder. Mas a morte faz isso. Faz você desaprender tudo o que sabe. – Não – ela repetiu a Arin.

Ele hesitou, depois bateu o pomo da adaga na cabeça do homem, deixando-o inconsciente.

– Seja rápida – Arin disse a ela.

Ela perfurou o pequeno saco de pólvora negra amarrado à cintura. Sentiu os grãos caírem em um fio fino do buraco. Então, empertigou-se e entrou no acampamento.

Ela manteve a cabeça baixa, a trança amarrada caída sobre um ombro. Seu rosto estava sujo, ela se lembrou enquanto passava pelas fogueiras. Estava mudada. Seu cabelo tinha se avermelhado – estava ainda mais vermelho pela luz do fogo. Ninguém a reconheceria, sem dúvida. Não de armadura. Não dessa forma, sem nenhum traço de cosmético, de ornamentos, de seda ou joias ou marca de ouro cintilante de noivado. Ela não era ela mesma. Era apenas mais uma dentre eles. Apenas mais uma valoriana. Mas sua garganta estava seca e sua barriga, fria.

As carruagens não estavam longe. Para se tranquilizar, ela passou os dedos entre o pequeno fio de pólvora negra de seu saco e pensou em como traçava uma linha entre ela e Arin.

Quando chegou à carroagem que o sentinela havia apontado, Kestrel soltou o ar lentamente. Espiou do lado de dentro e viu, sob o halo do luar através da lona, montes gordos de sacos amarrados com cordas.

– O que você está fazendo? – alguém perguntou.

Devagar, muito devagar, transformando todo seu medo súbito no som que sua bota fez ao se mexer na areia, Kestrel se virou.

Era uma guarda. A mulher olhou Kestrel de cima a baixo.

– O que – disse a mulher – uma batedora como você quer com essa carroagem?

O pequeno saco na cintura de Kestrel estava leve. Havia vazado quase toda a pólvora negra. Será que a guarda o conseguia ver entre as sombras?

– Estou verificando o inventário.

– Por quê?

As palavras saltaram de seus lábios antes que ela se lembrasse totalmente delas.

– Pela glória de Valória.

A guarda se encolheu ligeiramente, pega de surpresa ao ouvir a frase que indicava uma missão militar cujos detalhes não podiam ser discutidos.

– Mas... uma batedora? – Ela fitou de novo a armadura de Kestrel, cuja cor e material (couro, em vez do aço dos oficiais) indicavam sua patente baixa.

Kestrel deu de ombros. O saco vazio de pólvora negra estava frouxo

contra seu quadril.

– Não cabe a você questionar o general.

– É claro – disse a guarda imediatamente, e deu um passo para o lado enquanto Kestrel passava por ela... e tentava não andar rápido demais, mas como queria correr todo o trajeto até as dunas.

Então, foi como se uma mão fria de mármore pousasse em seus ombros, fazendo-a parar em suas pegadas.

Não havia mão, ela disse a si mesma. Ninguém tocou nela.

Continue .

Mas ela não conseguiu, assim como não conseguiu evitar que seu olhar se erguesse e visse, a menos de quinze passos, seu pai parado sob a luz laranja de uma fogueira.

Isso a partiu. Chocou uma criatura de emoção: duas cabeças, protuberantes, asas de couro, braços e pernas incontáveis, um ser que nunca deveria ter nascido. Até ver o rosto do pai, Kestrel não sabia o quanto ainda o amava.

Era errado que ela se sentisse dessa forma. Errado que o amor pudesse sobreviver à traição, à mágoa e à raiva.

Ódio , ela se corrigiu.

Não , respondeu uma voz sussurrante, a voz de uma meni-ninha.

Seu pai não a viu. Estava olhando para a fogueira. Seus olhos estavam sombreados e sua boca, triste.

– Trajan – alguém chamou do outro lado do acampamento. Kestrel viu o homem grisalho se aproximar. Os soldados desviavam dele como água derramada. O imperador se aproximou do general, cujo rosto mudara, tornando-se cheio de algo mais antigo do que ela.

A luz do fogo riscava o rosto do imperador enquanto ele se aproximava para murmurar no ouvido de seu pai. Ela viu aquele leve sorriso e lembrou do prazer que o imperador sentia com seus joguinhos, como podia fazer uma jogada e esperar meses para ver o resultado. Mas não havia esquema em sua expressão agora.

Seu pai respondeu a ele. Ela estava longe demais para ver o que diziam um ao outro, mas estava perto o bastante para ver que a amizade entre eles era sólida e verdadeira.

Kestrel desviou os olhos. Caminhou em direção às dunas, com cuidado para não retraçar seus passos e correr o risco de sujar a linha de pólvora que, depois de acesa, deveria queimar desde onde Arin estava até a

carruagem. Os arbustos onde Arin esperava eram rabiscos densos e pretos. O rosto dela estava molhado. Os soldados valorianos não olharam enquanto ela passava. Ela limpou o rosto. A areia chiava sob suas botas apressadas. Ela deixou o acampamento para trás.

Quase havia chegado aos arbustos quando escutou alguém vindo atrás dela.

Andando na areia. Bem atrás dela. Aproximando-se.

Ela desacelerou com a mão na adaga, o coração na boca.

Virou-se.

– Kestrel?

ELA TIROU A MÃO DO CABO DA ADAGA.

– Verex.

Ele parou constrangido à luz do luar: alto e inclinado, os ombros finos, os olhos grandes, seu cabelo claro bagunçado e emplumado. Quando olhou nos olhos dela, ele soltou um suspiro que fez seu peito afundar.

– Estava tão preocupado com você – ele disse.

Kestrel cruzou a areia e se jogou nos braços dele.

– Eu tentei ajudar – ele murmurou.

– Eu sei.

– Mandei uma chave para o campo de prisioneiros.

– Eu recebi.

– Estou envergonhado de mim mesmo.

– Verex.

– Não pude fazer mais. Eu queria. Deveria ter feito.

Ela recuou, olhou no fundo dos olhos dele.

– Aquela chave foi tudo para mim.

– Não o bastante. Meu pai...

– Ele descobriu? – O sangue dela gelou. – Puniu você?

– Ele falou como se soubesse que tinha sido eu. “Ora, meu caro filho, você soube? Uma prisioneira tentou escapar do norte. De alguma forma... Como você acha?... Ela colocou as mãozinhas imundas dela numa chave.” Nunca admitindo que a prisioneira era você. Nunca me acusando de ter enviado a chave. Apenas observando e sorrindo. Ele disse... contou que a prisioneira foi torturada. Morta. E eu... – O rosto de Verex se contorceu.

– Estou bem, estou aqui.

Ele não pareceu convencido.

– O que ele fez com você? – ela quis saber.

Verex deixou a mão cair:

– Nada.

– Diga-me.

– Nada importante. Acho que ele gostou: que eu sabia, que tentei. Fracassei. Tenho meus espiões na corte, preciso ter, e, quando você desapareceu, logo descobri o que havia acontecido. Ele queria que eu soubesse. Todo esse tempo, não comentou nada sobre sua ausência, apenas

me informou da história que contaria à corte e que eu viajaria para as ilhas do sul. Disse que cuidaria de Risha enquanto eu estivesse fora. – Verex enfiou as mãos nos bolsos, curvou os ombros. – Disse: “Eu sei como você se preocupa com a princesa oriental”.

– Ele...?

– Não. – A voz dele era dura. – Ele sabe que, se fizesse alguma coisa com ela, eu o mataria. Ela está segura na capital.

– O que você está fazendo aqui? Verex, você não é nenhum guerreiro.

Ele riu um pouco.

– Eu poderia dizer o mesmo de você. Mas olhe só para você agora.

– Você sabia que era eu.

– Você tem esse jeito de andar. Passadas largas.

– Eu não esperava ver o imperador aqui, muito menos você .

– Estou aqui mais para ser olhado. O imperador veio comigo a tiracolo pelo moral das tropas. Houve alguns percalços militares nesta campanha. – Ele a perscrutou. – Obra sua ?

Ela não soube direito como responder. Pela primeira vez, passou pela cabeça dela que não importava que Verex fosse seu amigo. Talvez ele a capturasse mesmo assim.

Talvez desse um grito de alarme. Talvez pudesse não ser seu amigo se parecia tão óbvio que ela era o inimigo de seu povo.

Ela deu um passo para trás, então parou quando a mágoa fulgurou no rosto *dele* .

– Acho – Verex disse, delicadamente – que seu pai sabe que é obra sua.

– Meu pai?

– Não entendi antes, mas, depois da vitória valoriana na praia, um oficial mencionou a emboscada ao longo da estrada perto de Errilith. Disse coisas sobre Arin. O que seria feito com ele se capturado com vida.

Kestrel sentiu um nó no estômago.

– Disse algo sobre aquele... escravo com os estratagemas matreiros.

Na pausa de Verex, ela conseguiu ouvir a sordidez do que ele não repetiu.

– Seu pai não respondeu a princípio. Depois: “Esses estratagemas não são dele. Não só dele”. E o oficial sorriu e disse: “O senhor está falando do bárbaro sem nariz”. Mas agora não acho que o general estivesse se referindo ao príncipe oriental. Depois da batalha na praia, eu o vi procurando... passou entre os prisioneiros capturados. Virou corpos na

areia. A expressão dele...

- Não conte a ele que me viu.
- Talvez ele deva saber.
- Verex, não. Jure.

Preocupado, ele examinou o rosto dela.

– Você tem a minha palavra. Mas... – Ele passou a mão no cabelo fino, depois perscrutou os olhos estreitos dela. Ergueu o saco vazio no quadril dela, derrubou-o, esfregou os dedos um no outro e sentiu o cheiro inconfundível de pólvora negra. Um terror lento tomou conta de seu rosto. – O que exatamente você está fazendo aqui?

- Só deixe eu ir embora. Esqueça que me viu, por favor.
- Não posso fazer isso. Você me tornaria responsável pelo que quer que esteja tramando.
- Ninguém vai se machucar se você mantiver as pessoas longe das carroagens de suprimento. Invente alguma desculpa. Ninguém vai morrer.
- Talvez não hoje. Mas e amanhã, quando precisarmos daquilo que você pretende destruir? Você está atrás da pólvora negra, não?

Ela não falou nada.

Com a voz baixa, ele disse:

- Eu poderia impedi-la muito facilmente, agora mesmo.
- Se fizesse isso, entregaria outra vitória nas mãos do seu pai.

Ele suspirou:

– O pior é que parte de mim quer agradá-lo, apesar de tudo.
– Não. Por favor, não. Você não pode fazer isso.
– Mas eu quero ... e me odeio por querer agradá-lo, e não consigo encontrar um jeito de fazer isso sem ferir você. Talvez você possa pensar num jeito, mas nunca me diria. Você cairia nas mãos do meu pai de novo e nas mãos do seu pai, e eu nunca me perdoaria por isso.

Kestrel lhe disse que sentiria saudade. Ela disse, baixo, ao som das ondas que iam e vinham na noite, que queria que ele fosse seu irmão, que lamentava muito e que era grata por tê-lo conhecido.

Não houve nenhum som além do das ondas quando ela se afastou.

Quando chegou perto de Arin, ele soltou os arbustos apartados e abaixou a besta oriental que segurava pronta para atirar.

- Você não teria feito isso – ela declarou.

Arin olhou para ela. Sem dúvida teria.

- Verex é meu amigo – disse ela.

Arin descarregou a besta. Seus dedos estavam trêmulos.

– Você o cumprimentou como um amigo – ele admitiu. – Mas...

Os dois olharam na direção do acampamento. A sombra esguia do príncipe valoriano retraçou seus passos devagar. Dissolveu-se sob a luz do fogo do acampamento, a uma boa distância das carruagens de suprimentos.

Kestrel desamarrou o saco vazio de sua cintura e limpou as mãos, as roupas.

– Fósforos.

As mãos de Arin não estavam seguras de si. Ele se atrapalhou com a caixa. Ela a pegou, acendeu um fósforo e encostou a chama no rastro de pólvora negra que ela havia deixado. A linha fiscou, iluminou-se e seguiu queimando.

Eles correram.

A explosão floresceu sobre a praia.

Eles se mantiveram fora da estrada enquanto cavalgavam pela escuridão. Seu ritmo era lento. O luar tingia a terra. Estavam em silêncio, mas Kestrel sabia que não tinha como ser pelo mesmo motivo, porque ela não havia contado a Arin que tinha visto seu pai no acampamento valoriano. A visão dele continuou junto dela. Seu amor por ele se cerrava dentro dela feito um punho. Nervoso, ferido. Ela desprezava esse sentimento. Não era o amor de um animal espancado, rastejando de volta ao dono? No entanto, esta era a verdade: ela sentia falta do pai.

Parecia algo terrível demais para contar a Arin.

Finalmente, quando pararam para dormir, sem se importar com uma tenda, apenas se assentando num espaço vazio que haviam calcado na grama alta com as botas, Arin abriu a boca. Passou a mão sob a túnica dela para tocar em suas costas nuas, então parou.

– Elas estão bem?

Ela quis explicar que nunca havia pensado que suportaria o toque de alguém naquelas cicatrizes que deveriam revoltá-lo e revoltá-la. Mas o toque dele a fez se sentir leve e renovada.

– Sim.

Ele ergueu a camisa dela, vendo as marcas de chibata, traçando seu comprimento. Ela se permitiu sentir e teve um calafrio; não pensou em nada. Mas uma tensão cresceu. Ele estava parado, exceto pela mão.

– Qual é o problema? – quis saber Kestrel.

– Sua vida teria sido mais fácil se tivesse se casado com o príncipe valoriano.

Ela se ergueu para poder encará-lo. O cheiro de pólvora negra estava grudado neles dois. A pele dele cheirava a vela queimada.

– Mas não melhor – ela disse.

Foi ao fim do segundo dia que alcançaram o exército de Roshar, que havia parado – estranhamente – num horário cedo demais para montar acampamento e tarde demais para um descanso momentâneo. Não era apenas isso: a incerteza dos soldados dava à parada um ar insólito. Eles pareciam não ter recebido ordem nenhuma. Mantiveram as fileiras, mas de maneira livre, e murmuravam entre si, com as armaduras ainda afiveladas, os cavalos selados. Vários continuavam montados. Uma soldada hennani brincava com as rédeas de seu cavalo. Um dacrano a olhava como se desejasse que seu cavalo também tivesse rédeas, para que pudesse fazer algo com as mãos vazias. Quando Arin e Kestrel alcançaram a vanguarda, todos os olhos se ergueram. Os rostos se voltaram para Arin em busca de uma explicação, aliviados porque enfim teriam uma resposta. Mas Arin sequer entendia a pergunta.

– O que aconteceu? – ele perguntou aos dois soldados mais próximos.

– Alguém veio buscar nosso príncipe – disse o dacrano.

Arin olhou para Kestrel, alerta diante da hesitação na voz do dacrano. Ficou em dúvida se precisava traduzir para ela.

– Alguém o levou embora? – ela perguntou ao homem na língua dele.

O soldado estalou os dentes. *Não*.

– Mas ouvi dizer que a cara dele estava péssima, de verdade. Tanto que ninguém conseguia olhar. Um medo de que ela...

– Ela?

– Trouxessem notícias do fim da guerra. Que abandonaríamos a campanha e iríamos para casa. – O soldado olhou de soslaio para Arin. – Uma esperança disso.

– A sua rainha? – perguntou Arin.

Porém, na verdade, não foi a rainha que viera buscar o irmão.

ROSHAR AGUARDAVA SOZINHO DO LADO DE FORA DA
o que o soldado havia dito sobre a cara de Roshar. Ela tinha se acostumado com as mutilações do príncipe; quase não as notava mais. Mas agora uma emoção entalhava tanto seus traços que o rosto dele era pura deterioração: uma máscara de perda, contorcida por raiva e vergonha.

Arin foi até ele com os olhos cheios de preocupação. Falou rapidamente em dacrano. O que havia de errado? O que tinha acontecido?

– Minha irmã não quer falar comigo. – Roshar limpou a garganta. – Não sem você. – Ele passou o olhar de Arin para Kestrel. – Não sem vocês.

Só então Kestrel lembrou que Roshar tinha mais de uma irmã.

Os três entraram na tenda, o príncipe por último, os ombros tensos, os olhos vagando por todas as partes exceto onde Risha estava, próxima ao centro da tenda, sem as tranças valorianas. O cabelo preto dela estava cortado rente no estilo oriental, seus olhos maquiados pelas cores da realeza, seus braços e pernas esguios. O ar na tenda era quente e denso.

– Irmã – Roshar começou, mas vacilou.

Ela o ignorou. Seu olhar se voltou para Kestrel, que não entendia a presença da jovem ali, tampouco a animosidade contra o irmão, que Risha não deveria ver desde que tinha sido feita como refém pelo império quando criança.

– Vim para negociar – disse Risha.

Visivelmente magoado, seu irmão falou:

– Eu lhe daria qualquer coisa.

– Não com você.

– Perdoe-me. Risha, irmãzinha...

– Eu confio em você – ela disse a Arin. – Quanto a essa daí – apontou para Kestrel com o queixo –, Verex a tem em alta conta.

Roshar disse:

– Lamento todos os dias desde que vi você pela última vez.

– O que você mais lamenta? *Isso*? – Ela apontou para as mutilações dele.

– Não.

– Ter deixado nossa irmã mais velha persuadir você?

– Sim.

– Ou o momento em que viu os valorianos me levarem.

– Sim.

– Talvez ter dito a uma criança que ela não ficaria longe por muito tempo, que deveria fingir estar surpresa quando fosse feita refém. Tudo que precisava fazer era matar um homem.

Kestrel sentiu a tensão de Arin, a forma como ele olhava para o príncipe. A preocupação de Arin era clara, suas mãos estavam ao lado do corpo, mas ligeiramente abertas, como se seu amigo pudesse se despedaçar e Arin precisasse estar preparado para catar os pedaços.

– Não poderia ser tão difícil matar um homem, não é? – Risha continuou.

– Ainda mais se considerarmos o talento dela. Olhe só a graça da menininha. Sua habilidade com a faca. Um prodígio, claro. Nunca antes visto em alguém tão jovem. Sim, o assassinato do imperador valoriano deveria ser fácil para ela.

Então Kestrel entendeu.

– Eu lamento por tudo – disse Roshar.

– Ao longo dos anos, me perguntei muitas vezes se você era fraco por deixar nossa irmã controlá-lo ou se simplesmente era idiota.

– Não pensei...

– No que aconteceria comigo depois que eu matasse o imperador? Irmão, eu pensei sobre isso enquanto andava pelos corredores do palácio imperial. Enquanto aprendia a língua deles. Enquanto jogava jogos de infância com o príncipe deles. Pensei no que os valorianos fariam com a menininha que assassinou seu imperador.

Uma pressão apertou os pulmões de Kestrel. Seu pai, quando havia se recusado a continuar sendo seu pai, tinha se transformado em outra coisa. Um bloco de vidro opaco, talvez. Ela queria erguer o peso da traição dele e mostrá-la para Risha, perguntar se tinha a mesma aparência e o mesmo peso que aquele que a princesa carregava, se ficaria mais leve ou se poderia derreter feito gelo.

Mas Kestrel também viu a expressão destruída nos olhos de Roshar. Talvez não devesse ter pena dele, mas tinha.

– Diga o que você quer – interveio Arin.

Risha se acomodou em uma cadeira de teca.

– Nunca vou matar o pai de Verex. Mas... – ela apontou para os três – vocês podem, com a minha ajuda. Livrem-se do imperador e podem vencer esta guerra sem uma batalha direta.

– Espere – disse Kestrel. Cautelosa, agora focada, continuou: – Você

nem deveria estar aqui. Verex disse que você estava em segurança na corte.

Ao som do nome de Verex, parte da raiva deixou Risha.

– Verex havia partido. Não havia nada que me prendesse lá. Eu fugi.

– E encontrou seu caminho para cá? Tão fácil?

A princesa deu de ombros.

– Não é difícil encontrar uma passagem segura se estiver disposta a matar por isso.

Em herrani, Arin perguntou a Kestrel:

– O que você está pensando?

Ela notou a mudança de língua e reconheceu que Arin achava seguro falar em herrani, mas não arriscou uma resposta na frente de Risha. Não disse que o general Trajan poderia ter enviado a princesa oriental amargurada com uma isca tentadora. Kestrel temia uma armadilha.

– Que tipo de ajuda você está oferecendo? – Kestrel perguntou a Risha.

– Posso dar a localização de onde o imperador estará com uma guarda leve, separado do exército.

– Como encontrou essa informação?

– Na corte.

Kestrel não gostava disso. Era fácil demais. Disse:

– Você ainda não disse o que quer desta barganha.

Risha manteve os olhos em Arin:

– Prometa que Verex não será ferido. Proteja-o.

Pego de surpresa, na defensiva, Arin falou:

– Não desejo nenhum mal ao príncipe valoriano.

Mas o rosto de Roshar mudou... e Kestrel subitamente entendeu por quê.

– Não – ela disse a ele, erguendo a voz. – Você não deve. A morte dele não serviria a você. Você deve *querer* que ele herde o império. Ele seria um aliado do oriente.

– Não importa – Roshar disse. – Nossa rainha destruirá o império se puder. Matar o imperador pode nos fazer vencer a guerra. Verex pode se tornar um aliado político. Mas, se ele herdar Valória, aquele país sempre será uma ameaça a nós... e a vocês, Arin.

– Outra pessoa assumiria o lugar de Verex – argumentou Kestrel. – Se o príncipe morresse, o senado elegeria um novo imperador.

Os olhos cinzentos de Arin ficaram inexpressivos:

– Seria o general valoriano.

Roshar deu de ombros:

– A menos que o eliminemos também. Se derrubarmos todas as peças principais em Fronteiras, o que resta ao oponente? Rendição.

– Você esquece de uma peça importante neste jogo – Risha disse. – Eu.

Os ombros de Roshar ficaram tensos. Kestrel sentiu uma inquietação crescente.

– Eu e Verex nos casaríamos – disse a princesa.

– Uma aliança entre o oriente e o ocidente – Roshar falou devagar.

Kestrel buscou os olhos de Arin. Quando ele a encarou, ela não conseguiu decifrá-los.

– Não seria tão bom para você, pequeno herrani – Roshar disse a Arin. – Sua península ficaria perdida no meio.

O risco sempre esteve lá, mesmo se eles vencessem a guerra: que Herran seria reconquistada pelo ocidente ou encolhida dentro do oriente. Mas agora Kestrel via como se previsse o futuro: como um casamento entre o império e Dacra poderia levar a um poder que governasse todo o continente. Herran desapareceria.

– Decidam – Risha disse – ou partirei. Minha informação em troca da segurança de Verex. Sim ou não.

Arin fitou o olhar de Kestrel. A boca carregada, os olhos sombreados perguntando se valia a pena.

Ela pensou na mão do imperador no ombro de seu pai.

Na chave que Verex tinha enviado à prisão do norte.

Um amigo. Um bom coração.

Mas Roshar não estava errado.

Kestrel sabia o que seu pai escolheria no lugar dela. Notou que havia passado a confiar na voz dele, que a havia salvado no campo de batalha. Mesmo agora, bastava pensar no aconselhamento dele para se reconfortar... ainda que ser reconfortada a repugnasse.

Não importava o que seu pai escolheria. Ela não era seu pai.

– Sim – Kestrel disse. – Eu concordo.

– Então eu também – disse Arin.

Roshar olhou para as próprias mãos.

– Ninguém pode prometer a segurança de ninguém. Nunca. Muito menos na guerra.

– Podemos prometer tentar – Arin disse a ele. – E você *pode* protegê-lo da rainha dacrana.

Roshar concordou com a cabeça, mas distraidamente, com uma careta

incrédula, como se alguém lhe houvesse apresentado um retrato em que seus traços estivessem inteiros, suas mutilações, apagadas, e ele não tivesse palavras para expressar como essa visão dele era errada.

– Ouvi o líder do senado comentar que, se Valória conseguisse capturar a praia, o imperador se moveria em terra com um pequeno contingente e tomaria a fazenda de Sythiah – contou Risha.

– A mansão de lá é luxuosa – Arin disse –, mas não há nada estrategicamente interessante para o imperador ou para o exército. Vinhedos. As uvas nem estão maduras nesta época do ano. Há pouco a se ganhar em termos de provisões. A quinta fica ao norte da estrada para a cidade; inconveniente como base para atacar.

Kestrel, porém, conhecia o imperador:

– Mas a mansão é bonita?

Arin ergueu um ombro e disse:

– As janelas de vitrais eram famosas antes da guerra. Tem cômodos que parecem feitos de luz colorida. Pelo menos era o que diziam. Não sei. Nunca vi.

– O imperador aprecia a beleza.

A mão de Arin se contraiu, como se ele pretendesse tocar, por impulso, a cicatriz que corria profunda por sua bochecha esquerda, mas tivesse se impedido a tempo. Apertou o coração de Kestrel vê-lo lembrar de como havia sido atacado pelo lacaio do imperador, de como seu rosto fora rasgado.

Ela não estava lá quando aconteceu. No entanto, via agora como se tivesse sido uma espectadora: paralisada, emudecida, com a garganta seca. Ossos como chumbo.

E viu a si mesma em sua suíte no palácio imperial, vestida de vermelho, seus ombros guarnecidos com fios dourados. Kestrel havia se esquecido disso. Veio a ela: o corpete apertado, deslumbrante. Dobras de samito carmesim. O imperador havia escolhido seu vestido de casamento. Havia escolhido Kestrel, havia a recortado do tecido de sua casa, depois a costurado no lugar ao lado de seu filho. Ele havia bordado a aparência dela e quem ela se tornaria. Escolhi você, Kestrel, e vou transformá-la em tudo o que meu filho não é capaz de ser. Uma pessoa digna de assumir meu posto.

Era difícil para Kestrel se mover, como se tivesse de fato se

transformado em uma boneca de pano, com as costuras apertadas. Tocou o braço de Arin, sentiu como os músculos dele haviam se enrijecido.

– Você pensa que ele busca apenas destruição.

– Sim – ele murmurou.

– A beleza o comove. Ele só a destrói quando não pode possuí-la.

Eu me perguntei se essa criada poderia ser você. Se era mesmo possível que você pudesse trair sua nação com tanta facilidade, ainda mais quando ela foi praticamente dada para você de mão beijada.

– Ele adora dar forma às coisas. – continuou Kestrel. A lembrança do desamparo a cobriu. O príncipe e sua irmã desapareceram em sua visão, estavam presentes, mas não eram importantes. Ela se sentiu estranha; seu sangue formigava como se algo crescesse dentro dela. – Cada peça em seu lugar, arranjada para a satisfação dele. É por isso que ele adora jogos. Vocês sabem, não sabem, como um jogo com uma perfeita estratégia se torna belo?

Sim. Algo crescia. Espinhoso. Uma roseira-brava.

A expressão de Arin mudou. Ela viu como ele decifrava seu silêncio. Perguntou-se se tinha ficado pálida. A ansiedade tomou conta do rosto dela.

– Kestrel, posso ter uma palavrinha com você?

Fora da tenda, a noite havia caído.

Ele colocou as mãos no rosto dela.

– Você não parece bem.

– Estou ótima.

– Não. Parece que parte de você desapareceu. Como se não estivesse realmente aqui. Como – ele deixou as mãos caírem – fica quando está tramando algo.

Foi então que Kestrel se deu conta que estava mesmo tramando algo. Aquela roseira-brava que crescia dentro dela era uma ideia.

– Kestrel – insistiu Arin.

Ela pestanejou, depois notou a forma magoada da boca dele. Arin disse:

– Diga-me. – Ela começou a falar. Ele cortou suas primeiras palavras: – Sem mentiras.

– Eu não mentiria para você.

– Não de novo. Depois de tudo. Não me deixe no escuro.

– Arin, para alguém que quer que eu fale, você está fazendo um excelente trabalho em não *me deixar falar*.

– Ah. – Esfregando o indicador e o polegar nos olhos, ele lhe lançou um

olhar pesaroso. – Desculpe.

– Risha pode ser uma armadilha. Não temos certeza de onde está a lealdade dela e, por mais que eu saiba que ela se importa com Verex, esse pode ser um motivo para que ela se mantenha firme no lado de Valória. Essa história do imperador na quinta de Sythiah pode ser uma distração. Pior, pode nos levar para uma emboscada. Mas também acredito que o imperador *deixaria* o campo de batalha para ficar numa mansão luxuosa conhecida por suas janelas de vitrais. Ele já deixou meu pai combater as batalhas dele por duas décadas. Como Verex disse, o imperador está aqui só para se mostrar. Tudo indica que Valória vá vencer esta guerra e, depois da nossa derrota em Lerralen, o trajeto deles para capturar a cidade de Herran é relativamente fácil. Ter destruído parte da pólvora negra deles nos ajuda, mas eles ainda têm os maiores números e uma posição tática forte. Por que o imperador *não* trocaria seu acampamento militar por um cama de penas e uma vista dos vinhedos? Seria típico dele.

– Então vou liderar uma pequena equipe para lá. Assassiná-lo. A morte será meu guia.

– Não. Tenho um plano melhor para vencer esta guerra.

Ela contou o que tinha em mente, depois voltou para a tenda para pedir a ajuda de Roshar.

SOB A LUZ RÓSEA DA MANHÃ, ARIN AJUNTOU UM PU
seca e espalhou as folhas finas e amarelas. De novo.

Kestrel, sentada perto dele, ergueu uma sobrancelha.

Então ele parou. Sabia que era pura ansiedade; que, se não fizesse nada com as mãos, elas tremeriam.

Já as mãos dela estavam firmes. Ela pegou um pincel fino que havia feito com crina de cavalo, com um graveto e um cordel e o mergulhou no pequeno frasco pousado sobre um tabuleiro largo que havia se tornado uma mesa improvisada. Um jogo de Morder e Picar estava espalhado sobre o tabuleiro, todas as peças voltadas para cima. Ela virou quatro delas e pintou seus versos em branco. O líquido as cobriu totalmente.

– Kestrel.

– Quase pronto.

– Tenho medo de que o imperador não aceite.

– Acho que ele vai aceitar.

– Mas os riscos...

– Vão divertir-lo.

– Ele apostaria o resultado de uma guerra?

– Talvez, pelo prazer de me derrotar. – Ela pousou o pincel sobre o tabuleiro. – Mas ele não vai vencer. – Ela virou uma peça de serpente com a face para baixo e a trouxe perto da que havia pintado. Examinou os dois versos de marfim em branco. Praticamente idênticos, exceto pelo fato de que a peça pintada tinha um brilho tênue. Ela tocou de leve a ponta de madeira do pincel contra a peça pintada. Não deixou vestígio. A peça havia secado.

O estômago de Arin era um nó tortuoso.

– Esse jogo pode correr mal.

– É por isso que vou roubar.

– Mesmo *com* as peças marcadas.

– É um bom plano.

– Sim, mas ele só vai aceitar esse jogo se pensar que o resultado não importa, mesmo se você vencer. É isso que vai divertir-lo: sua expectativa de que ele vá manter a palavra. Ele não vai.

– Tudo isso faz parte do jogo.

– Se alguma coisa der errado, ele vai ferir você.

Kestrel tirou os olhos do tabuleiro, o viu ajuntar outro punhado de grama. Era o som de tecido sendo rasgado.

– Não desta vez – ela disse.

Arin sentiu o cheiro da fumaça do cachimbo de Roshar antes de ouvir o príncipe chegando por trás. O céu parecia cristalizado.

– Que lindo – comentou o príncipe.

– Cores de tempestade. Tem uma a caminho.

– Estive pensando...

Arin se virou para olhar o príncipe, alerta diante de seu tom baixo, mas os olhos pretos dele eram grandes. Vítreos. Arin estava prestes a falar quando Roshar pigarreou e disse:

– Agora é um bom momento para lembrar você de como sou generoso.

Arin se recusava a ter a atenção desviada para uma conversa sem sentido em que ao mesmo tempo Roshar elogiava e zombava de si. Ele sabia o que perturbava o príncipe.

– Dê tempo a Risha. Ela vai perdoar você.

Roshar continuou como se não tivesse ouvido:

– Sou o próprio espírito da generosidade. Você pede um aliado na guerra e, olhe só, aqui estou eu. Distribuo favores. Até para sua alminha penada. Ela pede, eu dou. Além disso, escolhi cinco guerreiros de elite para acompanhá-la junto com a minha irmãzinha para a quinta de Sythiah. Sinceramente, confio que Risha bastaria para manter Kestrel segura, mas pensei que você apreciaria a proteção extra.

Arin percebeu para onde a conversa estava se encaminhando, e era como se a tempestade que ele havia previsto já tivesse chegado.

– Não. Espere...

– Uma pequena equipe é melhor para infiltrar a quinta. Em silêncio. Com eficiência. Não mais do que sete pessoas.

– Oito.

– Desculpe, Arin. Você deve permanecer com o exército.

– Você não pode me obrigar a ficar.

– Não sou seu comandante?

O céu se escureceu. Seus tons de laranja e vermelho eram resinosos. O coração de Arin saltou de fúria.

Desta vez, porém, a voz de Roshar veio baixa:

– Preciso de você.

– O quê? – O ar escapou dele.

– O imperador pode estar em Sythiah. Pode não estar. O que sabemos com certeza é que todo um exército valoriano cujas forças estão em número muito maior do que as nossas está subindo esta estrada com um general que provavelmente vai continuar a lutar independente do que acontecer em Sythiah. Vamos apostar tudo no jogo de Kestrel? Digo que enfrentemos os valorianos. Digo não à retirada.

– Você não precisa de mim para travar uma batalha.

Roshar virou a cabeça para o lado, encolhendo os ombros, e abriu as mãos como se espalhasse sementes. O gesto – herrani, usado para indicar dúvida – deixou Arin mais irritado.

– Não precisa – Arin insistiu. – Ficaria bem sem mim. Você é bom de guerra.

Roshar o encarou fundo. A maquiagem verde em volta dos olhos do príncipe era recente, sua expressão era grave:

– Você é melhor.

Ele não gostou de contar a Kestrel o que Roshar havia pedido. Mas contou, concentrado em ajustar o pequeno candeeiro que haviam colocado sobre a lona que cobria o chão de terra de sua tenda. O candeeiro não estava queimando bem. Seu óleo era de má qualidade. Soltava fumaça. Enquanto falava, mexia no bico de gás, na manga. Então parou, percebendo que estava prestes a destruir o objeto.

Kestrel se sentou no saco de dormir, o cabelo solto caindo sobre os ombros nus. Estava da cor de luz de velas. Ela disse:

– Roshar está certo.

Arin lutou contra a sua apreensão, não sabia o que dizer, temia falar a coisa errada sem pensar. Por fim, decidiu falar a verdade:

– Você está correndo um grande risco. Não quero que faça isso sozinha.

Ela estava sentada de perfil para ele. Seu cabelo caído cobria a maior parte de seu rosto, mas ela o jogou para trás, encarando-o com o olhar firme:

– Vai funcionar.

Ele pensou nas peças de Morder e Picar guardadas com cuidado em um saco de veludo. Esfregou a palma da mão na cicatriz da bochecha, viu o olhar quieto de Kestrel, como a expressão dela mudou da mesma forma que

uma história faz: sutil, com riqueza de detalhes. Reveladora. Acalmou-o um pouco ver a inteligência dela, vívida e clara.

– Acredito em você – ele disse. – Vou ficar aqui com o exército. Mas é estranho para mim que Roshar tenha mudado de ideia. Ele estava pronto para recuar para a cidade.

– Ver Risha o mudou.

– Mesmo assim. É difícil saber o que ele realmente quer. – Arin explicou que Roshar tinha o direito de tomar posse de Herran e, aos olhos do povo dele, estaria simplesmente pegando o que era seu de direito.

Kestrel não disse nada a princípio. Então:

– Não combina com você questionar a amizade dos outros.

Como um golpe nauseado, Arin pensou em Logro, que tinha sido seu primeiro amigo depois da invasão.

– Talvez eu devesse.

– Talvez fosse menos você se fizesse isso.

– E você? Confia em Roshar?

Ela considerou.

– Sim – respondeu.

Arin soltou um suspiro resignado.

– Eu também... Ainda que não devesse.

– Deixe para a manhã o que é da manhã – disse Kestrel, mas como se não estivesse prestando atenção no que dizia. Então pestanejou. Cerrou os dentes. Apagou o candeeiro.

Ele se aproximou.

– O que isso quer dizer? – ele murmurou. O coração dela batia contra a palma da sua mão.

– Só que não se deve roubar os problemas do amanhã. Enfrente os de hoje.

– Mas por que esse ditado irritou você?

– Era algo que meu pai costumava dizer. – Ela se encolheu nos braços de Arin. – Não posso enfrentá-lo.

– Você não terá que fazer isso – ele prometeu. Isso, ele poderia fazer. Arin sentiu seu deus escutando. Sentiu a aprovação do deus cair sobre ele, leve e quente, feito cinzas.

Entregue-o para mim, disse o deus da morte.

Quando Kestrel estava quase dormindo, ocorreu a Arin que a emoção que se espalhava por ele – delicada e difícil de nomear a princípio, de tão

desconhecida – era paz.

Ele se agarrou a essa sensação com firmeza, antes que se perdesse.

A CHUVA COMEÇOU NA MANHÃ SEGUINTE E NÃO MC diminuir. A lama sugava as botas de Arin enquanto ele ajudava Kestrel a preparar o cavalo. A chuva foi se intensificando, pingando como pedras pequenas.

Arin estreitou os olhos para o céu.

– Péssimo dia para cavalgar. – Ele odiava vê-la ir.

Ela secou a água do rosto, olhando para Risha, cuja cabeça estava virada para trás sob a chuva, os olhos cerrados.

– Não para todo mundo – Kestrel disse –, e a chuva vai reduzir as chances de algum batedor valoriano notar que um grupo pequeno está saindo do acampamento.

Verdade. Havia uma névoa cinza à meia distância. Arin tirou o cabelo encharcado da testa. Tentou ficar bem. Seus nervos faiscavam como uma lâmina na amoladora.

Kestrel tocou a bochecha dele e disse:

– A chuva é boa para nós.

– Venha cá.

Ela tinha o sabor da chuva: fresca e doce. Sua boca se aqueceu quando ele a beijou. Ele sentiu a maneira como as roupas dela se grudavam à pele dele. Esqueceu-se de si.

– Tenho uma coisa para você – murmurou ela.

– Não precisa me dar nada.

– Não é um presente. É para guardar até eu voltar. – Kestrel colocou uma pena amarela manchada na mão dele.

A chuva caiu como um véu atrás dela.

O chão se esváía. A lama manchava as calças de Arin, que ajudava a carregar uma carruagem de suprimentos. Estava preocupado, não parava de pensar sobre o jogo de Morder e Picar no alforje de Kestrel, e a lama refreava o ritmo de seu trabalho. Foi ficando frustrado.

Ah, não sei, não , disse o deus da morte, levemente satisfeito consigo mesmo. *Eu gosto da lama.*

Arin parou o que estava fazendo. *Gosta?*

Não houve resposta além da chuva.

Arin considerou seu exército. Considerou o do general. Uma estratégia se formou lentamente, uma que liberou uma emoção que lembrava alegria. Era, ele percebeu, a promessa de vingança: na ponta de seus dedos.

Na tenda do príncipe, com a chuva batendo forte contra a lona, Roshar examinou o mapa marcado por Arin.

– Seu povo vai lutar melhor na chuva – Arin disse.

– A chuva pode acabar quando nosso exército estiver em posição.

– Mas a lama vai continuar. Pense naquela armadura valoriana pesada que as patentes mais altas usam. Nós usamos couro. A maioria deles vai chafurdar.

– Não numa estrada pavimentada. – Roshar não estava contestando a estratégia de Arin, apenas cutucando-a para testar sua solidez. – A cavalaria deles é superior. O general vai levar em conta o terreno encharcado dos dois lados da estrada. A infantaria armada lida pior do que os cavalos na lama. Eles vão tentar nos flanquear com a cavalaria.

– Sim. – Arin apontou no mapa onde tinha feito ranhuras no terreno nivelado que ficava à beira da estrada e corria aberto e livre para a floresta do outro lado. – Exatamente.

– Como é – Kestrel perguntou a Risha enquanto cavalgavam – ser talentosa com armas?

Com frieza, a princesa respondeu:

– Você não tem provas de que sou.

Mas Kestrel se lembrava de um concurso de arco e flecha no gramado do palácio, em que Risha mirou flechas com uma mediocridade planejada até uma última perfurar o centro do alvo com tanta força que quase metade do cabo atravessou a tela.

– Antigamente, eu sonhava em ter esse talento. Depois deixei de sonhar. Agora sonho de novo.

Risha deu de ombros:

– Tive pouco a ganhar com isso.

– Roshar era ainda mais jovem do que nós somos quando trouxe você para o território valoriano. Quando você foi capturada.

– Traída.

– Você não aceitou ir com ele?

A princesa se inquietou na sela:

– Eu era apenas uma criança, louca para provar meu valor. Crianças querem agradar. Esforçam-se demais. Meu irmão e minha irmã se aproveitaram disso.

– Roshar sofreu.

– E daí? – Risha se virou na sela para encarar Kestrel. Os olhos da princesa ardiam, sua pele escura estava lustrosa pela chuva, seus lábios grossos, contraídos.

– Você poderia conversar com ele – sugeriu Kestrel.

Risha bufou.

– Você quer dizer *perdoar*. Perdão é tão... repulsivo. Como toda esta lama.

Kestrel pensou no rosto de seu pai iluminado pelo fogo na praia de Lerralen.

– É algo que puxa para baixo – Risha disse. – Você sabe disso.

Ela teve a sensação incômoda de não saber o que Risha diria em seguida e ainda assim já não querer ouvir.

– Você, que busca a morte de seu próprio pai.

Os corpos jaziam jogados em uma vala não muito longe dos vinhedos de Sythiah.

A chuva tinha lavado todos os rastros. Mesmo assim, Kestrel entendeu a história.

Impregnou-se dentro dela: como a subdivisão do imperador havia capturado a quinta e arrastado os herranis que viviam lá até o terreno do lado de fora. Obrigaram-nos a andar. Uma menina na vala havia perdido o sapato. Seu pezinho estava preto de lama. O sapato... Kestrel procurou por ele na chuva, sentindo um pânico e uma ânsia crescentes, como se encontrar um sapato perdido pudesse apagar a imagem dos cadáveres pálidos, a forma como uma mulher morta ainda segurava a mão do filho. O prurido dos insetos. Um sapato que pudesse levar embora o cheiro, sua podridão intensificada pela chuva. Um sapato que pudesse manter no estômago a bile que avançava pela garganta de Kestrel.

Mas, quando encontrou o sapato, preso na raiz de uma árvore, a sola interna de couro ainda guardava a forma do pé da garota. Kestrel conseguia sentir sua pegada.

O sapato não levou parte alguma do horror. Plantou-se no fundo da

barriga de Kestrel, tão sólida quanto o chute de um homem adulto.

Elas se agacharam entre os arbustos de vinha com os cinco soldados dacranos. Risha olhou para o pátio da cozinha da quinta, o ponto de entrada mais vulnerável da casa. Várias das janelas da casa brilhavam pela chuva da noite.

Kestrel lambeu os lábios amargos e segurou a bolsa com firmeza. Imaginou as peças de jogo chacoalhando dentro do saco de veludo.

Lembrou-se de jantar com o imperador. Uma sobremesa servida com um garfo de açúcar que se desintegrava. Como os encontros com ele sempre pareciam assim: como se toda ferramenta à disposição dela estivesse se esmigalhando em suas mãos. Ela lembrou de como, nos terrenos do palácio imperial, após uma caçada, se deu conta de que o imperador roubaria ou mutilaria sua cadela simplesmente porque ela a amava. *Meu pai precisa que você o ame mais*, Verex havia dito.

Você precisa ficar atenta, havia dito.

Se jogar contra o meu pai, vai perder.

Uma mão tocou seu braço de leve.

– Não conheço você muito bem. – A voz de Risha era baixa. – Mas sei o que Verex me fala sobre você e o que vejo com meus próprios olhos. Você não precisa ter talento com uma espada. Você é a sua própria arma.

Kestrel retribuiu o olhar de Risha, que era quase todo sombra – um mero brilho nos olhos. Kestrel sentiu um latejar lento, leve, um brilho no sangue. Ela sabia bem disso.

Sua melhor característica. Sua pior característica.

O desejo de sair por cima, de rebaixar o oponente.

Um traço de orgulho. Sua mente ressoou com fileiras famintas de dentes de raposa.

Mais tarde, ao amanhecer, quando o imperador tirasse a adaga de Kestrel de sua lâmina e tocassem sua ponta na garganta dela, ela se lembraria de que a quinta de Sythiah sempre havia sido uma armadilha. A questão era se era uma armadilha que ela havia montado para o imperador ou uma na qual havia caído.

Kestrel tocou a mão de Risha e disse:

– Obrigada.

Os sete cortaram a escuridão até a casa.

A madrugada era reluzente. O céu, claro. Uma camada de água tremulava sobre a estrada em direção a Lerralen, mais funda nas frestas entre as pedras de pavimentação.

Arin e Roshar haviam movido o exército o mais rápido possível. Eles chegaram à localização que Arin havia escolhido. A primeira missão: descarregar as centenas de varas que Arin havia mandado afiar.

A segunda: enfiá-las na terra encharcada à beira da estrada.

A terceira: colocar seus últimos sacos de pólvora na estrada. Pacotinhos compactos e letais.

E a quarta: esperar, tentar não pensar em Kestrel, que a esta altura já deveria ter chegado a Sythiah, e poderia já ter jogado Morder e Picar contra o imperador, e ter perdido ou ganhado.

Os sete atravessaram os cantos sombreados pela noite da quinta de Sythiah. Risha se movia com uma fluidez etérea e, quando encontraram um par de soldados valorianos posicionados num corredor, a faca dela cortou a pele deles com tanta leveza como se cortasse creme. Os valorianos não emitiram nenhum som. Foi tão silencioso que deu para ouvir o gotejar do sangue.

Eles entraram nos andares superiores e começaram a verificar os quartos. Kestrel sabia onde ficavam – a arquitetura herrani normalmente tinha quartos voltados para o leste ou o oeste. Risha entrava de mansinho, sozinha, enrijecendo irritada a postura quando outros dacranos faziam menção de acompanhá-la. Soltava um chiado baixo. Eles não a seguiam.

Ela voltava, com a lâmina mais úmida que antes.

– Estou farta disto – ela sussurrou.

– Precisamos ir em silêncio – Kestrel a lembrou. – Precisamos chegar ao quarto do imperador sem andar pela casa toda. Não podemos lutar contra todos.

Risha bufou:

– *Eu posso.*

A paciência da princesa estava se esgotando. Da próxima vez que encontraram guardas valorianos – outra dupla –, ela deixou que um soldado dacrano atirasse num com uma besta, mas afastou a outra valoriana do trajeto da flecha ao mesmo tempo em que tapava a boca dela.

Risha tocou a faca na pele frágil sob o olho arregalado da mulher.

– Fique em silêncio – Risha sussurrou – e vai continuar com seus olhos. Leve-nos à suíte do imperador.

A soldada os guiou até uma porta larga feita de bordo-tigrado, a madeira lisa no estilo herrani, com poucos entalhes além da ombreira da porta. Uma lamparina a óleo brilhava no candeeiro, seu vidro colorido lançando uma luz de joia sobre as listras naturais da madeira.

– Aqui? – perguntou Kestrel. A luz brilhava pela fechadura da porta.

A mulher fez que sim.

Risha a matou. O corpo caiu. Sangue jorrou até as botas de Kestrel. Ela se obrigou a se lembrar do sapatinho perdido da menina, do jogo de Morder e Picar, da cicatriz de Arin, de como ele ouvia o deus da morte porque acreditava não ter mais ninguém, as casas pequenas nos campos de trigo, o desnudar de suas costas sob o ar frio da tundra, a maneira como queria que a droga noturna a fizesse esquecer.

– Abra a porta – sussurrou.

Um dos dacranos, escolhido por Roshar por conta de sua habilidade nesse quesito, ajoelhou-se e abriu um conjunto de ferramentas envoltas em couro, depois inseriu duas delas – uma longa e uma fina, como agulhas de tricô – no buraco. Ele cutucou, depois ergueu as ferramentas até ouvir o clique baixo das tranquetas da fechadura sendo abertas.

Ele abriu a porta – suavemente, como se sua mão não fosse mais do que um leve sopro de vento.

Com Risha à frente e Kestrel atrás dela, eles entraram na antecâmara da suíte.

Foram atacados pela guarda pessoal do imperador, que estava esperando depois de ouvir os cliques da fechadura arrombada.

Arin posicionou o exército em formação na estrada ocidental. Organizou as largas fileiras de vanguarda, correndo através da estrada e beirando a terra úmida, até as árvores. Atrás da vanguarda, as fileiras centrais ficaram restritas à estrada.

O cavalo de Roshar sacudiu a cauda, agitado. O príncipe olhou para a floresta.

– Aquelas árvores fazem este lugar parecer um barranco. Não teremos muito espaço para manobrar.

– Eles também não.

A luz da manhã era diáfana e clara, pálida como a polpa de um limão. Arin se imaginou apertando a fruta na boca e sentindo o suco descer pela garganta. Teria o gosto de como se sentia: ardente vivo.

Kestrel não conseguiu contá-los, não conseguiu ver como os guardas rasgavam os corpos dos soldados dacranos, não conseguiu entender a velocidade de Risha, a maneira como a princesa jogara Kestrel contra a parede, criando uma aura de segurança em volta dela. O corte da faca de Risha contra uma traqueia. Seu giro e sua dança. Seu golpe certeiro. Contragolpe. Corpos caídos no chão.

– Parem – alguém gritou. – Quero ver.

Os valorianos recuaram. A faca de Risha fez voar sangue enquanto arqueava pelo ar. Ela não tinha a intenção de obedecer à voz. Kestrel segurou o braço dela. A princesa girou, com o rosto frustrado, como se estivesse ouvindo uma voz cujas últimas palavras foram perdidas pela interrupção.

O imperador estava no limiar onde a antecâmara dava para o resto da suíte; a postura dele era leve e tranquila. Por um momento, não houve som nenhum além da chuva no terraço.

– Você – ele disse, intrigado, quando seus olhos encontraram os de Risha.

Depois, de Kestrel.

Os olhos dele se arregalaram de satisfação.

– E você .

Ele riu.

O dia brilhava. O sol subia ao céu até alcançar seu ápice.

Arin esperou.

Nada.

Esperou.

Nada.

Tocou a casca dura de couro de sua armadura. Escondido sob ela: seu peito. Seus pulmões. Pele. Uma pena amarela manchada guardada dentro do bolso de sua túnica, logo acima de seu coração.

Esqueça a pena , disse o deus da morte. Você é a estrada.

O sol.

O céu.

O cavalo sob você.

Reconfortado, Arin disse: *Os deuses andavam entre nós.*

Verdade , disse o deus da morte.

Por que nos abandonaram?

Ah, doce filho, foram vocês que nos abandonaram.

– Lady Kestrel, você parece uma selvagem imunda. O que *está* fazendo aqui?

Ela tentou falar.

– Pretendia me matar durante o sono?

A garganta dela estava seca.

– Talvez tenha vindo pelas fofocas da corte – ele prosseguiu. – Sem dúvida, a princesa bárbara deve ter contado coisas interessantíssimas. Não?

Kestrel engoliu em seco. Viu sua mão pegando a adaga. Os dedos como nós brancos.

– Quer notícias do seu pai, imagino eu. Deixe-me dizer. Ele não lamenta por você.

Kestrel ouvia o imperador como se estivesse longe.

Não sente sua falta. Nunca sentiu. Você se lembra de como ele passava pouco tempo em casa. Como ficava constrangido na sua presença. Você precisava suplicar para ele ficar na capital. Ah, sim, eu soube. E escute, vou contar um segredo: ele ficou aliviado quando você foi enviada para o norte. Vi o peso que saiu dos ombros dele.

Ele parecia mais leve.

Mais jovem.

Livre.

O olhar do imperador alternou entre ela, Risha e os soldados dacranos, caídos no chão ensanguentado.

– Você é engenhosa, Kestrel, isso devo admitir. Sobreviveu às minas, à tundra, à guerra... até agora. Fez – seu olhar se voltou para Risha novamente – aliados interessantes. Mas minha guarda é maior do que vocês duas e levarei apenas um instante para despertar a casa toda. Não tenho muitos arrependimentos, mas minha decisão de aprisionar você em vez de matá-la me parece fastidiosa... ou, devo dizer, uma preocupação desnecessária com o bem-estar de seu pai. Sabia que ele não mencionou você nenhuma vez desde que me contou de sua traição?

– Ele não mencionaria, independentemente do que sinta.

– Seja como for – o imperador disse com suavidade –, poderia mandar matar você agora e ele nunca saberia. Mesmo se soubesse, por que se importaria? Por que a vida de uma assassina fajuta e vil importaria para ele?

– Não vim aqui para matar você.

Ele conteve um leve sorriso.

Ela disse:

– Vim para desafiar você.

– Ah?

– Uma partida de Morder e Picar. Se eu vencer, você acaba com a guerra. Vai embora. Cruza o mar com todos os seus valorianos. Para nunca mais voltar.

O imperador soltou um som de quase riso. Traçou de leve a linha funda de sua sobrancelha, depois abriu a mão em um floreio.

– O que *eu* tenho a ganhar se vencer?

– O que quiser. O que eu puder lhe dar.

Ele levou um dedo aos lábios, considerando, e disse:

– Não é muita coisa.

– Tenho certeza de que consegue pensar em algo.

– E se eu aceitar e perder? Você confia que eu manteria minha palavra?

– Um valoriano honra a sua palavra.

– Sim – ele disse, estendendo a palavra. – Honra.

– Risha sai livre, seja qual for o resultado.

– Eu vou esperar aqui – disse a princesa. – Com os seus guardas, se quiser. – Ela lançou um olhar de desdém para eles, deixando claro que não acreditava nas chances de sobrevivência deles se decidisse terminar o que havia começado.

– Jogamos em particular – disse Kestrel.

– Você estipula muitas condições – o imperador comentou –, mas desta em específico também faço questão.

– Então você *concorda*?

– Confesso: estou curioso.

– Você concorda?

– Um aviso justo. Sou melhor nisso do que você.

– Veremos.

Arin ouviu um estrondo nas árvores.

Um batedor herrani. Ele correu até Arin, com o rosto brilhante de suor.

Os valorianos estavam chegando.

O imperador a guiou até seu quarto. Os reposteiros de verão sobre a cama eram leves, os lençóis estavam desfeitos. Ela pôde ver a marca deixada pela

cabeça dele em um travesseiro. O quarto cheirava aos óleos dele: pimenta em pó, bálsamo tão doce que chegava a ser corrosivo. A chuva batia nas vidraças pretas.

– Lave o rosto – ele disse.

Havia uma pia e um espelho no canto. Kestrel obedeceu, mas seu rosto não estava especialmente sujo. Ela foi pega de surpresa pela estranha que encontrou no reflexo e tentou não se encarar. Vislumbrou os olhos claros e espantados, clareados mais pela pele bronzeada e sardenta. Um rosto forte.

Ela dobrou a toalha e se juntou ao imperador, parado diante de uma mesa octogonal. Ele havia pegado uma garrafa de vinho e duas taças.

– Eu sirvo – ela disse, o que o fez abrir um sorriso brilhante. Ela serviu o vinho tinto, mas não tocou nas taças e ambos sabiam que o outro suspeitava que algum truque de mãos havia envenenado a taça.

– Desarme-se – ele disse.

– Sim, se fizer o mesmo.

Ele desafivelou a adaga e a pousou suave, mas pesadamente sobre a mesa. Os dedos dela se atrapalharam ao desafivelar a sua.

A adaga que Arin havia feito parecia simples ao lado da do imperador, porém forte, como o rosto inesperado dela no espelho.

– Interessante. – O imperador alisou a adaga. – Uma nova aquisição? Talvez seja meu prêmio quando eu vencer.

– Se é o que quer.

– Não decidi o que quero.

Ela abriu a bolsa, colocou o saco de veludo com as peças sobre a mesa e fez menção de se sentar.

– Não ainda. – Ele ergueu a mão. Ela lhe deu a bolsa, que ele examinou. Satisfeito que não continha mais nada, colocou-a no chão, depois disse: – Você não terá objeção, claro, se eu me certificar de que não esconde nenhuma arma na sua pessoa.

A pele dela formigou.

– Dou minha palavra de que não esconde.

– A palavra de uma traidora não é muito confiável.

Ela ficou rígida enquanto as mãos dele se moviam sobre o corpo dela sem armadura. Não se demoraram, exceto quando ele pressionou os dedos na garganta dela e, depois, pressionou mais forte para sentir o pulso dela saltar e correr.

– Fique à vontade para fazer o mesmo comigo – disse ele.

- Não.
- Tem certeza? – Ele parecia desafiá-la a admitir que não queria tocar nele.
- Confio em você.
- Nesse caso, mentirosa, vamos jogar.

O exército valoriano brilhava num rio de prata sob o sol.

Arin olhou por uma luneta. Não conseguiu encontrar o general.

Ouviu um sibilo baixo.

Arin abaixou a luneta.

O sibilo parou.

Um grito de dor.

Uma flecha, cravada na garganta de um soldado herrani.

Mais flechas aceleraram pelo ar. Os rangers valorianos as estavam atirando das árvores dos dois lados da estrada.

Eles se sentaram. Kestrel, de costas para a cama, afrouxou o laço do saco de veludo e verteu as peças sobre a mesa.

Ela estendeu a mão para embaralhar as peças, mas, exatamente como havia imaginado, o imperador a deteve.

– É melhor confirmarmos que é um jogo comum, não? – ele disse.

Ele checou as peças para considerar seus valores. Quando viu que o jogo exibia a quantidade correta de cada peça de Morder e Picar, virou-as de face para baixo e as misturou. Seu rosto estava calmo, mas seus gestos eram ansiosos. Ele tocou cada peça, de leve. Queria começar logo o jogo.

Kestrel estudou a expressão tranquila dele. Ele não pareceu notar que quatro das peças de marfim brilhavam mais do que as outras. A escuridão da madrugada ajudava. Ele sacou suas peças.

Ela sentiu um aperto no peito ao ver as quatro peças brilhantes deixadas no cemitério, do qual ela e o imperador sacariam as peças ao longo da partida.

Ela sacou sua mão. Arin a havia advertido que, quando ela tinha uma chance maior de vencer, sua própria falta de sinais revelava a sua confiança. Acho que a maioria das pessoas não nota , ele tinha dito. A sua expressão não muda. Você não tem tiques nem gestos. Fico com a impressão de que tem uma energia dentro de você que não posso tocar e que, se tocasse, me atingiria feito um raio.

Ela tentou não pensar em seu plano, receando que, se pensasse, ele se revelaria em seu rosto. Sentiu sua expressão se endurecer como argila no forno.

Jogue, Kestrel.

Ela pousou sua primeira peça. O imperador fez o mesmo.

Ela se pegou rezando para o deus de Arin. *Por favor, que isto acabe logo.*

Mas não ouviu resposta.

– Mantenham-se firmes – Roshar gritou enquanto as flechas perfuravam o exército. Bestas orientais dispararam contra as árvores.

Roshar ordenou que Xash, seu segundo no comando, liderasse uma subdivisão para a floresta à esquerda da estrada. Roshar levaria outra para a direita.

– Vamos cuidar dos rangers. Você – ele disse a Arin – assuma o comando da estrada.

Arin segurou o príncipe pelo ombro e falou:

– Você vai se atolar na lama. Os rangers vão derrubar todos no terreno aberto antes de você chegar às árvores.

– Não há muita escolha. Continue a atacar. Os arqueiros dacranos são das planícies. São bons.

– Não são deuses.

– Serão, para proteger o príncipe deles.

Então Roshar foi embora e Arin voltou a atenção para a estrada, porque o inimigo estava em cima deles, estrondeando pela passagem, quase aqui, quase aqui.

Aqui.

Durante o jogo, a chuva foi diminuindo e parou. As taças de vinho continuaram intocadas. O cemitério ainda guardava as quatro peças cintilantes em meio às outras.

Era a vez do imperador. Ele pegou uma peça, então parou, com drama demais em seus movimentos. Ele não estava realmente hesitante nem mesmo fingia estar, mas fazia uma caricatura descarada de hesitação que sabia que ela reconheceria como tal.

– Jogue sua peça. – A voz dela saiu rouca.

– Estou pensando.

Ela não disse nada.

– Não quer saber em que estou pensando? – Ele se recostou na cadeira; seu cabelo curto e grisalho era uma cerda brilhante à luz do candeeiro. O imperador passou os dedos sobre a boca com pressão suficiente para puxar levemente a pele flácida das bochechas. Seu toque explorou os vincos que a idade havia marcado perto de sua boca, e ele parecia contente.

Então ela viu que o olhar dele havia se voltado para as mãos dela.

Estavam tremendo. Ela as pressionou contra a mesa.

– Estou pensando no que vou pedir quando vencer – ele disse. – A parte especialmente interessante do acordo que você propôs é a abertura de sua oferta. “O que quiser.”

Ela desejou ter expressado as coisas de forma diferente, mas não sabia o que mais poderia ter dito, já que parte do que o havia feito concordar com o jogo era a expectativa do prazer que sentiria fazendo o que fazia agora.

– Eu poderia mandar que me trouxesse Arin de Herran – o imperador disse. – Ele se renderia, por você.

O mundo se amorteceu.

– Nunca terminei o que comecei com o rosto daquele rapaz. – O imperador empurrou o cabo da adaga de Kestrel com um dedo.

O som que a adaga fez, ainda que pequeno, desceu raspando pela espinha de Kestrel.

– Ou, talvez, não seja o rosto *dele* que mais me apetece. Poderíamos ver o que poderia ser feito com o seu.

Silêncio.

– Não, lady Kestrel?

O olhar dele pairou sobre o ombro dela.

Ele continuou falando, com a voz baixa seguindo a lista, e a mente de Kestrel saltava entre pensar que ele escolhia citar as coisas que mais a atormentariam e ele não tinha intenção de nada disso, ou que tinha e queria que ela esperasse que não, e que essa esperança era sua forma mais prazerosa de violência.

O coração dela batia sonoro em seus ouvidos. Aquilo não estava dando certo. Ela havia cometido um erro terrível indo ali.

– Mas, claro – o imperador disse por fim –, com uma oferta como a que você me fez, eu poderia exigir *tudo*.

Arin ordenou que a vanguarda caísse para os lados da estrada.

Os sacos de pólvora negra foram acesos.
A cavalaria valoriana recuou diante do que viu tarde demais.
Os sacos explodiram sob os cascos. Pedaços de pedras de pavimentação explodiram no ar.

– Você entrega sua vez? – perguntou Kestrel.
– De forma alguma.
– Está com medo de jogar.
– Nós dois sabemos – ele disse – quem aqui está com medo.
Ela pegou sua taça de vinho e bebeu.
– Admiro sua paixão por apostas. – Ele pegou a taça dela e bebeu também. – Estava apenas pensando em voz alta antes. Não há mal nenhum em pensar.
– Também fico pensando. Agora, por exemplo, estou me perguntando por que meu pai respeita tanto você.
O imperador colocou a taça na mesa.
– Ele é meu amigo.
– Mas você diz as coisas que diz.
– Ele não está aqui e, mesmo se estivesse, não se importaria.
– Se importaria sim.
O imperador a observou.
– Você não se parece com ele. Exceto pelos olhos.
– Por quê? – A pergunta se soltou de seus lábios.
A resposta dele foi suave:
– Por que o quê, Kestrel?
A garganta dela se fechou. Seus olhos arderam. Ela percebeu que havia se esquecido do jogo... e que, talvez, essa fosse a intenção do imperador. Ela não queria fazer sua pergunta, mas não conseguia fugir dela... nem da mágoa evidente em sua voz embargada.
– Por que ele preferiu você a mim?
– Ah. – O imperador esfregou as mãos e deu umas batidinhas nelas. – Você me proporcionou uma noite interessante até agora. Sinto que devo algo em troca. Então: a verdade. Trajan não era meu amigo, não a princípio. Ele era necessário para o que eu queria. Proeza militar. Expansão imperial. Eu, por minha vez, era uma oportunidade para o que *ele* queria, que era nada menos que sua filha um dia viesse a governar o império. Uma ambição comprehensível. Ou talvez nossa amizade não tenha começado aí, afinal. Nós

nos conhecemos muito antes de você nascer. Ele é um homem de inteligência rara. É prazeroso encontrar um semelhante. Talvez as coisas tenham começado assim. Quanto a como isso se desenvolveu... – Ele deu de ombros. – Talvez fosse porque ele sabe como sou com os outros e sabe que não sou assim com ele. Valorizo Trajan. No fim, quando ele colocou as mãos na sua carta traiçoeira e viu como você havia mentido para ele, a escolha entre mim e você foi a escolha entre alguém que o ama e alguém que não.

Lágrimas escorreram pelo rosto dela.

O imperador deu uma batidinha na mão congelada dela.

– Sugiro que não conversemos sobre seu pai.

Ele jogou sua peça.

O ar fedia a enxofre e carne de cavalo chamuscada. Os gritos eram tantos e tão altos que Arin não conseguia ouvi-los de verdade. Apenas ruído. Seus ouvidos zumbiam.

Os valorianos chafurdavam em seu próprio sangue na estrada destruída. As flechas dos rangers continuaram a sulcar o céu. Um paralelepípedo explodido, Arin viu, havia caído no rosto de uma soldada herrani. O corpo dela jazia meio na lama, meio onde a estrada ficava antes.

Arin não conseguia avistar o general. O exército valoriano era grande. Apenas algumas poucas fileiras de cavalaria haviam sido dizimadas na explosão.

Mais uma unidade de cavalaria valoriana avançou em posição.

Kestrel estava perdendo. Antes, o imperador havia se demorado para perturbá-la, para se deleitar com isso, para lanceá-la como um verme e observá-la se contorcer. A tática da demora de Kestrel era diferente. Ela levou o maior tempo possível para prolongar a partida. Antes, queria que o jogo acabasse logo. Agora, precisava de mais tempo.

As quatro peças brilhantes no cemitério cintilaram para ela. Ela sabia os valores delas. O lobo – poderia usá-lo se estivesse em sua mão. Ou mesmo a abelha.

A frustração dela cresceu.

As lágrimas haviam secado em suas bochechas, sua pele se contraía pelo sal. Ela não conseguia evitar voltar ao que o imperador havia dito sobre seu pai. A memória de como seu pai havia lhe falado que ela partira o coração

dele.

Se ele estivesse ali, ela urraria para ele. Ele é que havia partido o coração dela , várias e várias vezes, por anos. Ele havia tentado forçá-la dentro de um molde de sua ideia de honra. O que ele queria que ela fosse. Não o que ela era.

Kestrel sentiu sua espinha se empertigar.

Dane-se a devoção dele à honra.

Quando chegou a vez dela de sacar uma peça, ela não escolheu nenhuma das marcadas.

— Preparar — gritou Arin. Seu cavalo jogou a cabeça para trás. Sua vanguarda manteve a formação: aquelas poucas fileiras largas, atravessando a estrada correndo para chegar às árvores.

A cavalaria valoriana avançou contra eles, parecendo pronta para trespassar as fileiras de Arin. Arin viu a cavalaria se moldar em forma de cunha. Os lados direito e esquerdo se separariam no conflito e tentariam flanquear as fileiras centrais do exército de Arin galopando ao longo da estrada depois que a vanguarda de Arin tivesse caído.

Sim , disse o deus da morte. *Bom*.

O imperador sacou uma peça reluzente. Kestrel conteve um som, desviando os olhos para que ele não pudesse decifrar sua expressão.

As janelas haviam clareado. Pela primeira vez, ela notou os desenhos intrincados do vitral. Na calada da noite, eles pareciam pretos. Agora coravam com tons tênues. Ela viu o que logo revelariam completamente. Flores, deuses, a proa de um navio. As asas abertas de um pássaro.

Esse era o quarto leste. Quando a aurora chegasse, seria maravilhoso.

Os exércitos colidiram. O centro da vanguarda de Arin se aglutinou em volta dele. Mas os cantos — como planejado — se desintegraram, com os soldados parecendo recuar para a floresta.

Os flancos direito e esquerdo da cavalaria valoriana avançaram para os espaços abertos ao longo da estrada que as pontas da vanguarda de Arin haviam ocultado.

Os cavalos valorianos tiveram o estômago empalado pelas varas afiadas que Arin havia escondido na lama.

O imperador desceu uma raposa. Examinou o jogo na mesa.

– A situação não parece muito boa para você – ele disse a Kestrel.

Um movimento em meio aos outros – a rotação dos corpos, o conflito enlameado, cair, subir, matar – chamou a atenção de Arin. Na periferia da batalha, onde os cavalos de guerra estripados se debatiam, havia algo parecido com um coelho. Ele não conseguiu olhar diretamente; estava ocupado demais ajoelhando o cavalo para sair do caminho dos cascos de um garanhão valoriano empinado. Depois, lutando com o cavaleiro do garanhão. Distraído, Arin apanhou o braço do cavaleiro.

Não era um coelho.

Era grande demais para ser um coelho.

Mesmo assim, aquela impressão de algo – *alguém* – fora do lugar. Uma ternura. Uma inocência.

Arin sentiu o braço estalar na altura do ombro.

O cavaleiro gritou, mas Arin não estava prestando atenção. Matou o valoriano com impaciência. Tinha visto, agora, o que era aquele estranho movimento ao longe no lado da estrada, entre as estacas ensanguentadas.

Era Verex. Ele estava tentando soltar a perna que tinha ficado presa sob o corpo do cavalo caído.

Era uma presa fácil.

Arin viu seus soldados verem o príncipe... mas não o viram *como* um príncipe, não como aquele que haviam sido alertados a não matar.

Aquele, um príncipe?

Coberto de lama, seu único traço visível era o cabelo valoriano louro-avermelhado; Verex puxava a perna, com seus membros finos e pavor. Ele não viu o arco tenso da arqueira dacrana, a flecha encaixada e puxada.

Arin estava longe demais. Gritou *Não*, mas a palavra se perdeu no estrondo da guerra.

A arqueira mirou e disparou a flecha.

– Quase queria perder – falou o imperador. – Seria uma experiência nova. É errado da minha parte torcer para que este jogo demore mais, pelo menos? Melhore, Kestrel, ou acabará logo.

Kestrel lembrou a si mesma de que há modos de perder mesmo se você tiver uma mão maior. Jogou sua peça.

De mãos atadas, Arin assistiu à flecha cortar um trajeto baixo e certeiro na direção de Verex. Ela o acertou, rebatendo em sua armadura metálica. Sem desistir, a arqueira encaixou outra flecha.

Abaixe-se , Arin desejou enquanto tentava abrir caminho à força até a beira da estrada. Ele nunca encontraria Verex a tempo. Use seu cavalo como escudo . Mas Verex, que agora via que a nuvem de perigo em volta dele havia se condensado à ponta de uma flecha, paralisou.

O olhar de Arin se voltou para a arqueira, cujo rosto passou por uma breve mudança de emoção logo depois de lançar a flecha. A expressão dela se horrorizou.

Arin viu o que ela viu: Roshar, chocando-se na direção do príncipe valoriano e do trajeto da flecha.

Roshar jogou Verex na lama. A flecha passou por sobre seu ombro.

Então, o irmão de Risha se enfureceu com o valoriano pasmo, tirou-o de baixo do cavalo e o puxou na direção da cobertura das árvores.

Os dois estavam em silêncio agora, jogando com concentração. O imperador pegou uma segunda peça brilhante.

As janelas de vitrais brilhavam e algo se abriu lentamente dentro de Kestrel. Conforme as cores se infiltravam no quarto, ela sentiu um desejo inesperado.

Desejou que seu pai estivesse ali.

Você, que busca a morte de seu próprio pai .

Mas ela não buscava, descobriu que não conseguia buscar, por mais que ele a tivesse magoado. Ela desejava que ele pudesse vê-la jogar e vencer. Que pudesse ver o que ela via agora.

Uma janela é apenas uma janela. Vidro colorido: simples vidro. Mas no sol ele se torna mais. Ela mostraria para ele e diria: era isto que o amor deveria fazer.

E você também, ela lhe diria, porque não podia mais negar que continuava sendo verdade, apesar de tudo.

Eu também te amo.

Depois que Roshar e Verex desapareceram entre as árvores, Arin parou de pensar. Raramente pensava durante uma batalha. Era mais fácil se entregar. A pressão dentro dele era boa. Seu corpo a obedecia.

As estacas arruinaram a estratégia dos valorianos. Era impossível

flanquear o exército de Arin, que se tornou uma coluna sólida impulsionando a estrada. Os cintos da vanguarda de Arin começaram a avançar, lutando para chegar às laterais enlameadas e desprotegidas da estrada onde estavam os valorianos. Com um pouco de sorte, *eles* é que seriam flanqueados por Arin.

Quando sua espada trespassou um inimigo, Arin pensou que não teria escolhido nenhum outro deus para governá-lo, que nenhum dos cem poderia agradá-lo tanto.

Uma dádiva, ele pensou.

Isso não é nada, disse o deus da morte. *Não lhe fiz uma promessa? Não manteve fé em mim, na esperança deste momento? Veja, veja o que tenho para você.*

Arin olhou.

A poucos passos, desmontado, sem o elmo, estava o general Trajan.

Estava demorando demais.

Já havia amanhecido. Os vitrais estavam delirantes agora, lúridos de cor. Kestrel havia chegado ao fim de sua linha de jogo. Estava com uma mão valiosa, mas temia expor suas peças ao imperador.

Não importava quais peças ela tinha. Tudo que importava era que o jogo havia chegado ao fim e que o imperador parecia relaxado, suas pálpebras semicerradas em antecipação, seus olhos escuros líquidos.

– Mostre-me – ele disse.

Arin esporou seu cavalo à frente. O general o viu e se empertigou. A mente de Arin se esvaziou, ele não ouviu nada, nem mesmo a morte, e deveria ter ouvido, porque, no último instante possível, o general caiu sobre um joelho e cravou a espada o fundo do cavalo de Arin.

O mais lentamente possível, Kestrel virou sua última peça.

Quatro aranhas.

O imperador não sorriu. Ela quase desejou que ele tivesse sorrido. Ele fechou os olhos uma vez e, quando os abriu, sua expressão era ainda pior do que um sorriso.

Ele mostrou sua mão vitoriosa.

Quatro tigres.

Arin foi lançado de seu cavalo, que urrava. Sua cabeça zumbiu contra a estrada.

E zumbiu, e zumbiu.

O suor cintilava no lábio superior do imperador. Tocou nele, olhou para seus dedos com estranheza, depois voltou a atenção para Kestrel.

Ela arrastou a cadeira para trás.

Ele pegou a adaga dela da mesa e a apontou contra a sua garganta num movimento ligeiro. Picou a pele; uma minúscula gota de sangue.

Ela tinha sido idiota, seu plano havia sido idiota, uma aposta tola, mas sua mente continuava procurando por uma ideia, outra coisa, qualquer coisa que pudesse reverter seu erro ou fazer com que acontecesse o que já deveria ter acontecido.

– Não seja uma má perdedora – ele disse. – Se vale de consolo, eu não tinha intenção de cumprir com a minha parte do acordo, mesmo se você tivesse vencido. Mas o prazer do jogo foi ótimo. Agora. Sente-se.

As pernas dela cederam. Ele continuou:

– Vamos discutir o que me deve.

Arin sentiu o zunido do metal no ar.

Balançou o corpo para fora da trajetória da lâmina, ouviu a espada do general acertar a estrada.

Arin se levantou de um salto.

O imperador voltou a se sentar. Kestrel fitou a mão vencedora dele, zonza de medo.

– Esta visão a perturba? – Com a adaga dela ainda em uma mão, o imperador virou suas peças de face para baixo. Então pausou, franzindo a testa para o verso delas. Tocou uma das peças reluzentes, depois virou o jogo de Kestrel, examinando o verso das peças que ela apresentara. Encontrou, no cemitério, as duas peças marcadas restantes. – O que é isto?

Ela soltou um som involuntário.

Ele bateu no ar como se batesse num inseto invisível. A luz colorida iluminava o quarto. As quatro peças brilhavam com clareza.

– Você trapaceou? – ele sussurrou. – Como pôde trapacear e ainda assim perder?

Arin atacou o general, que retribuiu ao largo, desviando facilmente do golpe, quase enlaçando a espada de Arin com a sua, fazendo-a baixar. A guarda de Arin estava aberta. O general foi rápido e sua aparada, veloz. O aço daquele homem era tão afiado que Arin nem sentiu, a princípio, quando o cortou.

O imperador lambeu os lábios secos. Virou as duas peças marcadas no cemitério. Um lobo. Uma serpente.

– São peças boas. Por que você marcaria peças e não as pegaria? – Ele engoliu em seco. O nó de cartilagem em sua garganta sacudiu.

Kestrel viu quando ele começou a entender.

O corpo dele também entendeu.

Ele avançou para cima dela.

A espada chanfrou o lado do pescoço de Arin logo abaixo da orelha. Teria cortado a sua cabeça se ele não tivesse se encolhido a tempo.

Arin vinha olhando para o rosto do general sem de fato vê-lo. Agora via. Via que o homem sabia exatamente quem ele era e que o general desejava a morte de Arin quase tanto quanto Arin desejava a dele.

O imperador derrubou o vinho. Agarrou-se contra a mesa, a mão apertada em volta da adaga de Kestrel.

Ela deu um passo para trás quando ele estremeceu contra a mesa. Sentiu um alívio tão profundo que nem parecia alívio. Mergulhou diretamente em exaustão.

– Eu menti – Kestrel disse a ele.

O imperador tentou se levantar. Ela pensou que ele poderia estar tentando fazer algo com a adaga, mas o braço dele havia enrijecido. Bateu-se contra o vinho tinto derramado.

– Menti quando disse que não tinha vindo para matar você.

Os olhos dele estavam arregalados, implacáveis.

– Não me importava vencer ou perder a partida – Kestrel disse. – Apenas o tempo que o veneno levaria para matar você. Vem de um pequeno verme oriental. Em sua forma mais pura, o veneno é transparente. Ele seca como um polimento. Passei em quatro peças de Morder e Picar. Você tocou nelas.

Espuma gotejou da boca travada dele.

A respiração do imperador era estridente. Tornou-se glótica: era o som

de bolhas estourando.

Então acabou.

Arin retribuiu o golpe.

Enquanto lutava, palavras violentamente silenciosas estrondeavam em seu sangue: *mãe, pai, irmã. Kestrel*.

Arin não se importava que os golpes que sua espada martelava contra o corpo de metal do homem eram inúteis, que não havia artifício ali, que nada perfuraria a armadura, que algumas fivelas partidas nas junções da armadura do general não eram um vitória. Ele podia ver pouco da carne do homem, não conseguia alcançá-la e queria desesperadamente fazê-lo sangrar. Se não conseguisse cortar o general, Arin o mataria a malhadas. Bateria até que algo se quebrasse.

As *fivelas*, disse o deus da morte.

Arin mudou o trajeto da espada em golpe médio e a curvou para baixo na direção do cotovelo do braço de espada do general, apontando exatamente para onde as fivelas partidas da guarda de braço do general pendiam soltas.

Arin cortou fora o braço do homem na altura do cotovelo.

O sangue bombeou dentro de Arin. Se o general emitiu algum som, Arin não ouviu. O herrani estava quente e úmido.

O general caiu. Jazeu piscando para o sol, para Arin, seus olhos vítreos, a boca movendo-se como se falasse, mas Arin não ouviu nada.

Por um momento, Arin vacilou.

Mas não havia nada dela naquele homem, naquele inimigo aos seus pés. Arin puxou a espada – com mais força do que o necessário para o golpe fatal. Ele queria se verter nesse ato.

Vingança: escura como o vinho, densa. Inundou os pulmões de Arin.

Aqueles olhos castanho-claros nos dele.

Lá estava.

A única coisa que Kestrel tinha em comum com o pai.

Arin se ouviu falar. Sua voz soou distante, como se parte dele tivesse deixado essa estrada e estivesse alta como o sol, olhando para baixo sobre a metade que havia deixado na terra.

Ele disse:

– Kestrel me pediu para fazer isto.

Pois ela havia pedido.

Arin era um menino, um escravo, um homem crescido, livre. Era tudo

isso ao mesmo tempo. Deu-se conta apenas agora, enquanto descia a espada na direção da garganta do general.

Ele não tinha sido abençoado pelo deus da morte.

Arin *era* esse deus.

MAS ELE PAROU.

Arrependimento não foi a palavra exata para o que sentiu depois. Incredulidade, talvez. Às vezes, mesmo anos depois da guerra, era arrancado do sono, suando, ainda preso no pesadelo em que assassinava o pai da mulher que ele amava.

Mas você não fez isso, ela diria para ele.

Você não fez.

Diga-me. Repita. Diga-me o que fez.

Trêmulo, ele diria.

Seu cérebro era uma bola de vidro. Nada nele além de ecos. O cheiro da sua mãe. A voz de seu pai. Como o olhar de Anireh havia encontrado os olhos dele do outro lado da sala e como os olhos dela diziam: *Sobreviva*. Eles diziam: *Amor* e *Desculpe*. Diziam: *Irmãozinho*.

Então silêncio. A cabeça de Arin silenciou enquanto ele ficava ali, parado na estrada. Ele parou de ouvir vozes. Pensou em como parecia estranho que Risha tramasse a morte do imperador, mas se recusava a matá-lo com as próprias mãos. Arin entendia agora. Sabia como era não ter família: era como viver numa casa sem telhado. Mesmo se Kestrel estivesse lá e implorasse para ele – Desça a espada, mate, por favor, agora –, Arin não sabia se seria capaz de torná-la órfã.

E não sabia ao certo se ela *pediria* isso se estivesse olhando como ele estava para o rosto pálido do pai moribundo, os olhos do homem brilhantes como o céu enquanto tentava falar, com a mão restante tateando o peito, logo acima do coração.

Uma radiação latejante ardeu dentro de Arin; ele não havia notado o ápice que a vingança poderia alcançar, como o assassinato poderia ser tão parecido com o desejo.

Sentiu seus olhos arderem, porque sabia o que iria fazer.

Não queria estar ali. Perguntou-se por que não conseguimos lembrar do tempo em que nossas mães nos carregavam dentro delas: o coração escuro e firme, como aquilo era o mundo todo e ninguém nos fazia mal e não fazíamos mal a ninguém.

Arin pensou que, se não matasse aquele homem, sua memória da mãe se apagaria. Já havia se apagado com o tempo. Chegaria o dia em que ela

estaria tão longe quanto uma estrela.

Mas ele não conseguia matar.

Precisava matar.

Diga-me o que você fez.

Arin jogou a espada no chão, ajoelhou-se, arrancou o boldrié costurado do ombro do homem caído e o usou para fazer um torniquete para salvar a pessoa que ele mais odiava.

Depois da batalha e depois que Roshar aceitara a rendição dos valorianos, quando Arin estava doente de preocupação porque Kestrel ainda não havia retornado de Sythiah, ele foi à tenda do curandeiro.

O general estava dormindo, seu braço cauterizado, enrolado em faixas e sua armadura, removida. Fizeram-no tomar um remédio à força. Tinha sido uma cena violenta. Mesmo agora, com sono, o homem estava sob guarda e preso em correntes na altura dos tornozelos, sua única mão amarrada com firmeza ao lado do corpo.

Arin puxou o próprio cabelo até sua escápula doer. Se Kestrel ainda não estivesse de volta ao meio-dia, ele cavalaria até Sythiah. Seu cérebro estava fervilhando em seu crânio, seu estômago era uma massa disforme e murcha.

Ele odiava ver o general. Odiava ver até mesmo Verex (de quem quase gostava) mancando pelo acampamento, transbordando de preocupação – por Risha, mas também por Kestrel, o que fez Arin se sentir absurdamente possessivo, como se Verex estivesse tentando roubar algo dele por se sentir de alguma forma parecido com Arin. Arin ficou insuportável, ele sabia disso, mas estava o tempo todo tendo que combater a sensação de que, se algo acontecesse com Kestrel, seu coração se transformaria em sal.

Ele não sabia o que fazer com as mãos enquanto olhava para o general adormecido. Enfiou-as no bolso antes que atacassem aquela garganta. Lembrou-se de por que viera ali.

Abriu o gibão do homem. Arin colocou a mão dentro do bolso na altura do peito, localizado exatamente onde o homem havia tentado tocar o peito enquanto jazia sangrando na estrada.

Os dedos de Arin encontraram um papel. Tirou-o; a textura era suave como camurça de tanto ter sido apalpado. Tinha sido dobrado e desdobrado várias vezes.

Era uma partitura. A princípio, Arin não entendeu o que estava olhando.

A letra de Kestrel. A caligrafia herrani. Notas musicais em preto nítido. Seu nome saltava da página.

Querido Arin .

Então ele reconheceu que a canção era a sonata que Kestrel estava praticando quando ele entrara na sala de música dela no palácio imperial no fim da primavera. Tinha sido a última vez em que ele a tinha visto antes da tundra. Ele pensara que seria a última vez que a veria na vida.

Arin saiu apressado da tenda. Não conseguiria ler a carta ali.

Mas não sabia se conseguiria lê-la em algum outro lugar, mesmo se houvesse um lugar privado, porque ficar sozinho ainda assim significava ficar consigo mesmo, e ele odiava se lembrar de como havia deixado Kestrel naquele dia e o que havia acontecido com ela depois.

Estava desesperado para ler.

Não suportava a ideia de ler.

Sentia raiva de que o pai dela guardara a carta.

Não sabia o sentido de o pai dela tê-la guardado.

Arin estava apenas vagamente consciente de atravessar o acampamento barulhento e entrar na floresta aos tropeços. Pensar em ler a carta parecia uma violação, como se estivesse lendo uma carta escrita para outra pessoa.

Mas era endereçada a ele.

Querido Arin.

Arin leu.

– Você está bem?

Arin ergueu os olhos para Roshar, depois voltou a atenção para a égua. Desceu a mão pela parte interna da pata dianteira esquerda e pegou o casco, cobrindo a parte da frente. Com a mão livre, limpou o casco com um palito, esfregou e usou uma faca para tentar os cantos externos do casco, procurando a origem do problema. Vapor subia de um balde próximo de água quente e salgada. Era quase meio-dia.

– Arin.

– Só estou pensando. – As palavras escritas de Kestrel ainda irradiavam por ele, fazendo-o se sentir maior por dentro do que era antes, como se tivesse, de alguma forma, conseguido engolir o sol, que ardia e doía e o deixava deslumbrado: estava quase cego, mas ainda assim via as coisas mais claramente que antes.

– Bom, pare – Roshar disse. – Você está com uma cara de casmurro ou

de sonhador e nenhuma das duas combina com o líder vitorioso de seu povo livre.

Arin bufou. A égua, sentindo a faca tocar em um ponto sensível, tentou recuar o casco. Arin o segurou firme, sustentando-o por baixo com seu joelho.

– Poderia pelo menos fazer um discurso inspirado – disse Roshar.

– Não posso. Vou cavalgar para Sythiah.

Roshar soltou um som estrangulado.

– Não nessa égua – Arin disse. – Ela está coxa.

– O que está *fazendo* ?

– Ela estava mancando. Doía olhar para ela. Um abscesso, acho. Ela deve ter pisado em algo afiado.

– Arin, você não é o ferreiro. Outra pessoa pode fazer isso.

– Tssah – Arin sibilou com compaixão ao encontrar o abscesso. A égua tentou tirar a pata de novo, mas ele punctionou a ferida isolada, que imediatamente pingou pus escuro. Continuou abrindo o abscesso, depois pressionou o restante do pus para sair. – Traga aquele balde mais para perto, por favor.

– Ah, claro. Vivo para servir.

Arin levou o casco para dentro da água quente do balde. A égua, já com dor, bateu a pata no balde, espirrando a água enquanto erguia a cabeça, mas Arin segurou o cabresto e puxou a cabeça dela para baixo, tranquilizando-a enquanto ficava de olho na pata para garantir que ficaria no balde.

– Arin, por que você é tão transparente? Sempre que está preocupado, começa a consertar as coisas. Drenar gosmas nojentas de um casco, no mínimo. Não sei o que é pior: ver você fazer isso ou saber como é difícil para você se guardar de *si mesmo*.

Arin acariciou o pescoço da égua. Ela bateu a pata de novo, mas começou a se acalmar.

– Nós vencemos – Roshar disse – e Kestrel está bem. Nós conversamos sobre isso. Aquele veneno é altamente tóxico.

– Mas ela não voltou.

– Mas *vai* voltar. Você precisa aproveitar seu momento político. Senão, outra pessoa vai.

Arin estreitou os olhos para ele.

– Você me chama de “transparente” como se fosse algo ruim, mas não preciso fazer um discurso para meu povo ver o que sou.

Roshar fechou a boca. Parecia prestes a dizer alguma outra coisa, mas não disse, porque Kestrel e Risha entraram no acampamento.

O EXÉRCITO AVANÇOU EM UM RITMO LENTO RUMO À pé e muitos feridos. Kestrel se manteve longe das carroagens que os carregavam.

– Não posso vê-lo – ela disse a Arin quando o exército parou para descansar. Mas parte dela queria aproveitar esse tempo para ver o pai.

– Você não precisa – respondeu Arin. No silêncio que se seguiu, enquanto se afastavam das carroagens, fragmentos de tudo que ele havia contado a ela ganharam forma e cor terrivelmente vívidas: o braço cortado do general, a vingança perdida de Arin, a carta que ela nem mesmo havia reconhecido quando Arin deu para ela.

Foi um momento antes de Kestrel perceber que um nervosismo havia se apoderado de Arin. Ele estava mordendo o lábio inferior e suas mãos faziam gestos definhados, como se estivesse tentando falar sem conseguir. Finalmente, disse:

– Você pediu a morte dele. Não o matei. Deveria? Fiz a coisa errada?

Uma sensação doce correu dentro dela. Ela segurou as mãos inquietas dele.

– Não – ela disse. – Não fez.

Aquela carta.

Ela leu e releu, nas gramas altas de verão à beira da estrada, à noite sob a luz da lamparina. O nanquim da pena tinha envelhecido, amarronzado. Ela imaginou seu pai lendo sob o sol durante a campanha. Pedaços do papel tinham uma transparência cerosa. O resíduo de óleo, usado para polir uma arma? Seu pai gostava de limpar a própria adaga. Ela procurou por sentidos nas manchas sujas de dedos sob certas palavras, mas nenhuma, na verdade, era evidência de algo exceto pelo rabiscar urgente de sua própria caligrafia. A metade de baixo da carta estava entortada com sangue enferrujado, as frases finais, perdidas. Kestrel não conseguia se lembrar do que havia escrito ali. Como um mapa gasto, a carta se dobrava instantaneamente sob a mais leve pressão.

O papel parecia quieto em sua mão, dobrado em si. Kestrel queria atravessar o tempo e consolar a menina que o havia escrito, ainda que o

único consolo que pudesse oferecer fosse compreensão. Ela queria imaginar uma história diferente, uma em que o pai dela lesse a carta e a entendesse também, e a devolvesse para a filha, dizendo-lhe que nunca deveria ter escrito nada como aquilo. *Eu amo você. Faria de tudo por você*, a carta dizia, e foi difícil para Kestrel não amassar o papel em seu punho quando se deu conta de que essas palavras eram o que sempre quisera ouvir do pai.

A três dias da cidade, o exército havia montado acampamento pela noite. Kestrel foi à tenda do curandeiro.

Seu pai notou o momento em que ela entrou. Ele se crispou, depois olhou nos olhos dela, e ela não soube o que era certo sentir – o tipo de consolo doce e pesado que a tocou ao ver o pai, simplesmente porque era seu pai, ou a fúria em seu peito, ou como queria lamentar por seu braço mutilado e também queria lhe dizer que ele merecia.

– Por que guardou minha carta? – ela perguntou.

Ele não disse nada.

Ela perguntou de novo.

Ele virou o rosto.

Ela continuou perguntando até ouvir sua voz se esmigalhar e pensou que Risha estava errada quando tinha dito que o perdão era como lama, como se pudesse tomar qualquer forma que fosse necessária.

Era duro; era pedra.

Ela saiu da tenda.

Verex disse que ele e Risha estavam partindo. Queriam cavalgar para as planícies orientais e talvez velejar da costa oriental de Dakra para ver o que havia nas águas inexploradas do além-mar. Ele não tinha a menor vontade de herdar o império. Pediu para que espalhassem boatos de sua morte.

Ele viu a expressão abatida de Kestrel.

– Você acha que, em vez disso, eu deveria voltar para a capital e me tornar imperador?

– Sinceramente, não quero que vá a lugar algum. Vou sentir saudade.

Os olhos castanhos dele se enterneceram.

– Vou visitar. Risha também. Ela quer treinar você na sua arma de escolha até você se sentir propriamente perigosa.

Kestrel abriu a boca para dizer que seria um esforço em vão, mas então lhe passou pela cabeça que talvez não fosse e que não importava se era ou

não; o que importava era a felicidade que a oferta lhe proporcionou.

– Eu também gosto dela.

Eles estavam recostados contra o tronco de uma árvore muito larga perto do acampamento. Esporos brancos dos galhos floridos caíam flutuando. Ela se perguntou se um herrani consideraria isso um sinal de algum deus e, se sim, de qual.

– Me desculpe – ela disse a Verex.

Ele entendeu o que ela quis dizer.

– Não tinha amor pelo meu pai. Ele definitivamente não tinha por mim.

– Mesmo assim.

– Não sei bem o que mais poderia ser feito. No máximo... – Ele se afundou contra a casca da árvore. – Eu me sinto pior por estar aliviado. – Um esporo pousou na ponta de sua bota, então saiu flutuando. Com a voz baixa, acrescentou: – E um pouco covarde. Tenho medo de, se virar imperador, ficar igual a ele.

– Você não. Jamais.

– É culpado, porque estou abandonando um país que pode desmoronar. Não se sabe quem vai governar agora.

– Aposto que você tem algumas ideias. Posso pensar em alguns senadores que tentariam tomar o poder. Ou o capitão da guarda. Mas não me lembro de todos na corte nem de quem deve o que a quem, ou quem guarda rancor de quem. Você poderia me dar uma noção melhor e eu poderia... bom, ficar de olho na situação na capital.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Espiã de novo, Kestrel?

– Mestre de espionagem, talvez.

Ele pegou um galho fino caído e o estalou em pequenos gravetos.

– Acho que Arin precisa de uma – ela disse.

– Você seria a melhor. Mas queria que você não se arriscasse tanto. Você gosta demais de apostas.

Ela deu de ombros, sem ter o que fazer.

– Sou quem eu sou.

O afeto cobriu o sorriso dele. Então, ficou sério e disse:

– Antes eu acreditava que conseguiria aguentar assumir o lugar de meu pai. Mas Risha seria infeliz. E eu também.

Kestrel, subitamente firme, disse:

– Então seja feliz.

– Eu vou – ele disse – se você também for.

Os cotões brancos e leves desceram da árvore enquanto ele descrevia os meandros políticos da corte valoriana e, então, contou que a filhote que ele havia lhe dado na corte havia crescido e se tornado uma cadela enorme e doce que morava com uma família nas encostas das montanhas valorianas. Havia crianças pequenas que a adoravam, mesmo quando ela mordia seus sapatos. Maris – uma jovem cortesã de quem Kestrel sentia forte antipatia até descobrir que, na verdade, não sentia – havia se casado bem e estava alegremente presunçosa por isso. Quanto a Jess, Verex disse que havia partido para as ilhas do sul no começo da guerra.

– Queria saber mais – ele disse.

Kestrel queria vê-la. Perguntou-se se um dia a veria e se poderiam acertar as coisas erradas entre elas.

– Vi você ir à tenda do curandeiro no outro dia – Verex disse.

– Ele se recusa a falar comigo.

– Tente de novo.

Quando Risha e Verex partiram, dois dias antes de o exército chegar à cidade, Kestrel continuou sorrindo enquanto beijava o rosto deles. No começo, foi difícil se manter forte assim e não deixar que o adeus a sufocasse. Mas, então, notou que Roshar, que tinha evitado a irmã mais nova desde o retorno dela como se tivesse medo, estava por perto. Risha se aproximou dele e sussurrou algo que Kestrel não conseguiu ouvir. A expressão de Roshar se suavizou. Ele não falou nada em resposta; apenas pegou as mãos de Risha e as beijou.

Kestrel pensou que talvez tivesse se enganado e Risha tivesse errada sobre o perdão, que não era nem lama, nem pedra, mas lembrava esporos brancos flutuantes. Caíam das árvores quando estavam prontos. Suaves ao toque, mas feitos para serem soltos, a fim de que pudesse encontrar um lugar para se plantar e crescer.

Ela foi à tenda de novo.

Desta vez, seu pai falou antes que ela pudesse dizer palavra.

– Dê-me sua adaga.

Lágrimas encheram os olhos dela:

– Não ouse.

– Solte minha mão. Dê-me sua adaga.

- Não.
 - Apenas esta última coisa.
 - Você não pode me pedir para ajudá-lo a se matar.
- Ele não estava mais olhando para ela.
- Por que guardou minha carta? – ela perguntou mais uma vez.
 - Você sabe por quê.
 - O quê, arrependimento?
 - Não é a palavra certa.
 - Então o quê?
 - Não existem palavras.
 - Encontre alguma.
 - Não consigo.
 - Agora.

Ele engoliu em seco:

- Eu quero. Não sei... como tudo ficou tão impossível. É isso o que acontece quando você destrói a coisa que lhe é mais preciosa.
- Você *escolheu* fazer aquilo.
- Sim.
- Por quê?

Ele não disse, mas seus olhos se tornaram conchas duras e translúcidas, e ela soube que não tinha sido apenas o código de honra dele que o havia feito contar ao imperador sobre a traição dela. Seu pai queria magoá-la porque ela o havia magoado.

– Não parecia real quando eu estava fazendo – disse ele. – Como se eu não estivesse acordado.

– Você sabe – ela sussurrou – o que fizeram comigo nas minas?

Ele fechou os olhos.

Ela descreveu. Ele deixou. Água escorria por baixo das pálpebras dele.

– Kestrel – ele disse finalmente. – Você sabe que só há uma solução. Não posso ser um pai para você.

– Mas você é.

– Não há lugar para mim aqui. Vou ser um prisioneiro pelo resto da minha vida?

Isso havia sido discutido – fervorosamente. Roshar era a favor de uma execução pública. Arin tinha perdido a calma de uma forma que Kestrel não via há muito tempo, gritado que a decisão sobre o destino do general cabia apenas a Kestrel.

– Não sei – Kestrel disse ao pai.

Houve silêncio.

– Como você pode nem mesmo pedir perdão? – ela perguntou.

– Impossível.

– Peça.

Por um bom tempo, ele não disse nada.

– Não posso pedir por algo que ninguém pode dar. Peço clemência.

A visão dela se turvou, e Kestrel soube que perdão e clemência demorariam anos para eles dois, e que ela precisava de todos os minutos desse tempo.

Ela disse que ainda o amava, porque era verdade. Ele lhe devia respostas melhores do que as que há dado e, mesmo se nunca as tivesse, era direito dela continuar perguntando. Ela nunca lhe daria sua adaga.

– Eu me esforcei demais para viver no seu mundo – ela disse ao pai. – Agora é a sua vez de viver no meu.

ARIN DEVERIA TER PREVISTO ISSO, MAS, SABE-SE LÁ C

Tantas flores. Todas as flores de verão deveriam ter sido cortadas dos jardins, que estariam despidos por semanas. Quando o exército atravessou o portão, um estrépito vibrou pelas muralhas de pedra e Arin se crispou, surpreso, apertando as mãos nas rédeas, por um breve momento pensando que o som representava perigo. Só então viu o rosto iluminado das pessoas que enchiam as ruas e pensou: Ah, felizes . O que o deixou feliz e, quando Kestrel, de cima de Dardo, sorriu para ele, com uma pétala rosa colada à bochecha, ocorreu a ele que deveria se acostumar com a felicidade, porque essa sensação poderia não abandoná-lo desta vez.

Então, Kestrel virou a cabeça e ele a viu avaliar, com a boca tensa, o exército dacrano-herrani se desdobrar atrás deles na rua principal de Lahirrin. Ela disse:

- Não sei se é uma boa ideia trazer todos os soldados para dentro das muralhas da cidade.
- Esta vitória é de todos. Todos devem ser homenageados.
- Eu sei.
- Mas?
- Nossos aliados orientais estão em maior número.
- Ele sabia aonde ela queria chegar.
- Sempre estiveram.
- Se quiserem este país, vai ser fácil conquistarem... ainda mais de dentro das muralhas da cidade.

Arin olhou para Roshar, que havia cavalgado à frente para se encontrar com a rainha.

- Confio nele.
- Sim, eu sei.

Arin parou seu cavalo. Dardo parou também. Flores caíam em volta deles. Ele disse:

- Me machucaria suspeitar dele.
- É por isso que suspeito por você.

Um pano caiu em cima da sua cabeça, jogado de um janelão de casas altas e estreitas perto do mercado. Sobressaltado, cego, Arin o tirou do rosto, seu cavalo se assustando sob ele.

Era uma antiga bandeira herrani, costurada com o timbre da realeza.

– Mas a família real se foi – disse Arin.

– Estão procurando uma forma de nomear você – Kestrel disse, esporando Dardo.

– Isto não. Não é certo.

– Não se preocupe. Eles vão encontrar as palavras certas para descrever você.

– *E* você.

– Ah, isso é fácil.

– É? – Parecia impossível dar nome a tudo o que ela era para ele.

A expressão de Kestrel era séria, luminosa. Ele adorava vê-la daquela forma.

– Vão dizer que sou sua – ela disse –, assim como você é meu.

Quando Sarsine viu Kestrel, seus olhos se estreitaram como fendas e Kestrel se deu conta de como Sarsine era alta.

– Para alguém com a fama de ser tão inteligente – Sarsine disse –, você age como se não tivesse nada nessa sua cabeça. Nunca lhe ocorreu que eu me preocuparia quando você desaparecesse da cidade sem dar notícia?

– Eu não pretendia partir.

– Ah, então simplesmente *aconteceu*.

– Sim.

– Os deuses obrigaram você.

Kestrel riu.

– Talvez. – Depois, com sinceridade, disse: – Me perdoe, Sarsine.

Sarsine cruzou os braços.

– Então me compense.

– Como?

A expressão de Sarsine se suavizou. Agora havia um olhar inquisitivo em seus olhos.

– Comece pela noite em que partiu. Termine com o agora. E conte-me *tudo*.

Então, Kestrel contou.

Haveria um festival em toda a cidade para celebrar a vitória militar, com um banquete no palácio do imperador, que a rainha Inishanaway presidiria. Os cozinheiros da casa de Arin trabalhavam arduamente, abatendo todas as

galinhas do pátio, despolpando as frutas erastis e batendo massa contra mesas polvilhadas de farinha.

Arin estava na sala de destilação, tentando tranquilizar o nervosismo de uma mulher que dizia que havia acabado de fazer as conservas e perguntava se *todas* deveriam ser usadas para o banquete, sem exceção. Ela não achava que os dacranos apreciavam fruta ília. Por que servir algo que eles não adorariam tanto quanto os herranis adoravam? Seria melhor, claro, guardar pelo menos *aqueles* potes para o inverno.

Tentar explicar a ideia de um consumo tão esbanjador enrolou Arin em meias sentenças porque também não fazia sentido para ele consumir tudo que fosse comestível em uma única noite.

Então, ouviu a voz de Roshar falando herrani com sotaque forte vindo da cozinha pelo corredor.

– ... você não entende. A carne deve ser a melhor, cortada do lombo, temperada com *este* condimento, não com *aquele* ...

Arin pediu licença, disse à mulher que discutiria as conservas depois e seguiu a voz do príncipe.

– ... e deve estar bem tostada por fora, quase chamuscada, mas sangrenta por dentro. Rosa-escuro. Escute. Isso é fundamental. Se algo der errado, o banquete será um desastre.

Arin entrou na cozinha principal e encontrou o príncipe falando sem parar para o cozinheiro chefe, que lançou um olhar semicerrado de resignação contrariada para Arin.

– Ái está você. – Roshar sorriu. – Preciso da sua ajuda, Arin.

– Para a preparação da carne?

– É muito importante. Você precisa frisar essa importância para o seu cozinheiro aqui. O destino das relações políticas entre o meu país e o seu está em jogo.

– Por causa da carne.

– É para o tigre dele – disse o cozinheiro.

Arin cobriu o rosto com a palma da mão, fechou os olhos.

– Seu tigre.

– Ele é muito exigente – disse Roshar.

– Você não pode levar o tigre para o banquete.

– Pequeno Arin sentiu minha falta. Não vou me separar dele.

– Você consideraria mudar o nome dele?

– Não.

- Nem se eu implorasse?
- De jeito nenhum.
- Roshar, o tigre cresceu.
- E é um garotão lindo agora.
- Você não pode levá-lo para um salão de jantar cheio de centenas de pessoas.
- Ele vai se comportar. Tem os modos de um príncipe.
- Ah, assim como *você*?
- O seu tom me ofende.
- Não sei se você consegue controlá-lo.
- Ele já foi outra coisa senão a mais gentil das criaturas? Você negaria ao seu xará a chance de testemunhar a celebração de nossa vitória? E, claro, a visão de você e Kestrel: lado a lado, herrani e valoriana, um amor para os livros de história. É matéria de canções, Arin! Como vocês vão *casar* e ter *filhos* ...
- Pelos deuses, Roshar, cale a boca.

Mesmo se Arin não soubesse o quanto Kestrel odiaria entrar no palácio construído para o governador valoriano durante o período de colonização, teria visto isso nos seus ombros tensos, na maneira como tocava a adaga no quadril e como quase rosnou para Roshar quando o príncipe sugeriu que decerto ela poderia abdicar, por esta noite, do barbarismo de portar uma arma tão publicamente.

Arin lançou um olhar de advertência para ele. O príncipe fingiu uma confusão inocente, depois deu de ombros e se virou para seguir à frente deles, com o tigre adolescente se retirando logo atrás. O tigre era estranhamente dócil, até mesmo para um filhote criado por humanos. Colocava a cabeça sob a mão de Roshar como um gato doméstico. Arin observava seu balanço sólido, as escápulas já potentes subindo e descendo sob seu pelo. Sentiu, sem conseguir nomear, a origem do que fazia as pessoas (os animais também, pelo visto) quererem seguir o príncipe. Com uma ferroada tensa, desconfiou que, se perguntasse e Roshar concedesse uma resposta direta, o príncipe diria que, o que quer que fosse, Arin possuía o mesmo.

Uma sensação estranha: como se o corpo de Arin deixasse um rastro de filamentos. Milhares de linhas de pesca fisgando atenção. Aqui e ali. Pequenos puxões. As pessoas fisgadas nas linhas. A maneira como algumas

não conseguiam olhar em seus olhos e, quando conseguiam, tornavam-se peixes tentando respirar.

Ele não queria que fosse assim.

Sabia que seria necessário.

Roshar e o tigre desapareceram lá dentro, deixando Kestrel e Arin sozinhos na trilha.

Kestrel estava tensa, seus sapatos delicados plantavam-se no cascalho da passarela. Ela havia erguido a barra da saia verde-tempo, o gesto de uma dama, mas ele viu como ela cerrava os punhos no tecido.

– Desculpe – ele disse, adivinhando o que a perturbava: a memória da Revolta de Primeiro Inverno. Seus amigos mortos, a farsa de Arin, os corredores do palácio do governador repletos de cadáveres.

Ela estreitou os olhos para ele.

– Parte de você não se arrepende.

Ele não podia negar.

Mas ela ficou mais suave e disse:

– Também não sou inocente. Eu também me arrependo e não me arrependo de coisas que fiz. – Ela deixou a barra do vestido cair nas pedras e tocou três dedos no dorso da mão dele.

Arin se esqueceu, por um momento, de onde estava e o que estavam discutindo. Uma maravilha: que um toque tão leve pudesse parecer toda uma carícia, que o seu corpo pudesse se acender tão fácil.

Agora ela sorria.

– Vamos embora – disse ele. Colocou uma mão sob o cabelo solto dela e o polegar na lateral do pescoço, sentindo o pulso oscilante ali. A expressão dela mudou, o sorriso se derreteu em prazer lento. – Não vamos entrar.

– Arin. – Ela suspirou. – *Precisamos* entrar. – A boca entreaberta dela se fechou de novo numa linha tensa.

– O que mais a preocupa?

– A rainha não dirigiu uma palavra a você.

– Bom – disse Arin, incomodado, pensando em vários motivos para o silêncio de Inisha.

– *Todos* os dacranos estão quietos demais.

– Roshar não.

– Ele também. Ele apenas fala muito sem dizer nada.

Arin parou, depois disse:

– Eu acredito em nossa aliança.

– Também quero acreditar.
Ele lhe ofereceu a mão.
Entraram.

Sentaram-se a uma mesa sobre um estrado elevado no salão de jantar, os quatro em uma linha, Arin e a rainha ocupando o centro, e Kestrel e Roshar ao lado deles, uma disposição que Roshar manobrou sem demonstrar para as centenas de pessoas já sentadas que os observavam.

A rainha olhou de soslaio para Arin, seus olhos pretos indecifráveis. Ela não disse nada e não voltou a olhar para ele. Roshar, com o tigre deitado aos seus pés, mal tocou em sua comida quando os primeiros pratos foram servidos, mas, em vez disso, bebeu o licor verde dacrano de que gostava. Arin viu, atrás da silhueta da rainha, como Roshar apertava e soltava a taça. Seus dedos estavam inquietos.

– Irmão. – A rainha falou como se o cutucasse.
– Deixe-me em paz. – Ele voltou a encher a taça.

Quando as pessoas entraram trazendo o prato principal – incluindo, Arin notou com um sorriso irônico, o lombo fastidiosamente preparado para o tigre, em seu próprio prato –, Roshar se levantou, balançando um pouco. O salão ficou em silêncio. Ele examinou os rostos, dacranos e herranis.

– Povo dos cem – ele disse, usando uma antiga expressão herrani que Arin ficou surpreso por ele conhecer –, quem os lidera?

Tantos foram os que gritaram o nome de Arin que não souu mais como seu nome.

– Vocês confiam seu país a ele?

Sim.

– Diriam que Herran é dele?

Sim.

Roshar ergueu a mão para silenciar a multidão estrondosa e Arin se lembrou de Logro saboreando seu papel como leiloeiro. Uma pedra subiu em sua garganta. A mão de Kestrel apertou a dele, mas Arin não se sentia mais completamente ali.

– Chega – disse a rainha, não tanto como uma reprimenda e mais como se dissesse ao irmão para chegar logo ao ponto.

– Lutei por Arin, sangrei por ele. Guardo-o no meu coração. Até dei o nome dele ao meu tigre, uma honra nada pequena. E, no entanto, temos um problema. Arin de Herran nem sempre foi meu amigo e, no passado,

cometeu um crime contra mim que levou minha rainha a me conceder o controle sobre tudo que é dele: sua vida, suas posses e, como disseram que ele o possui, seu país. Disseram-me para tomar de Arin o que é meu por direito. Disseram-me que é meu pela lei. Devo fazer isso? Sim. Meu povo defenderá meu direito, à força se necessário? Sim. Minha rainha se levantará em admiração por mim? Ah, claro. E assim eu devo.

“Não, Arin. Sente-se. Senão você fará papel de tolo e esse papel é meu. Vejo que a refeição do meu tigre está aqui. Você, aí. Sim, você. Com o prato. Traga-o à frente.”

Kestrel riu. Arin mais sentiu do que viu que ela havia relaxado ao seu lado, com um riso luminoso. Ele voltou a se afundar na cadeira, porque agora também entendia o jogo de Roshar. Ele queria se afundar de alívio. Queria estrangular o príncipe.

E lhe agradecer.

– Pronto. – Roshar fez um floreio para o prato. – A refeição de Arin, o tigre. Como me mandaram tomar de Arin o que pertence a Arin, assim farei.

– Roshar voltou à sua cadeira, com o prato na mão, e começou a cortar a carne. Deu uma mordida. – Hum. Está excelente. Muito bem preparada. Agora, quanto ao que pertence a Arin, o humano, renuncio a qualquer direito a isso. Nada dele nunca foi meu para tomar nem há de ser. Defendo o seu direito de manter o que lhe pertence, pelo amor que tenho por ele e que ele tem por mim. – Ele olhou nos olhos da rainha enquanto comia. – Está delicioso. Exatamente como gosto.

A rainha abriu um sorriso forçado.

– Ah, e alguém poderia trazer mais uma fatia de lombo? Cru, por favor. Meu tigre está faminto.

— NÃO QUERO QUE VOCÊ VÁ. — AS ONDAS SE AGITAM no píer. O sol era forte demais. As tábuas desgastadas pelo tempo rangiam sob os pés de Arin.

— Só porque você gosta de um bom tirano. Alguém que faça você se comportar como deve.

— Não, Roshar.

— Você sabe muito bem o que fazer agora. Vai se virar.

— Não é por isso.

— O que, vai sentir minha falta? Admito que a ausência iminente do meu humor sagaz deixaria qualquer um triste.

— Não exatamente.

— Agora *eu* estou ficando triste, só de pensar como seria me separar dessa doçura que eu sou. Sorte a minha: sempre vou ter a minha própria companhia.

— O que você disse no banquete era verdade.

— *Tudo* que eu digo é verdade.

— Que eu amo você.

O rosto de Roshar ficou imóvel.

— Eu disse isso?

— Você sabe que sim.

— Foi mais pela dramaticidade do momento.

— Mentirosa.

— Sou, não sou? — Roshar disse devagar. — Realmente sou. Arin. — Sua voz ficou rouca. — Você vai me ver de novo.

— Em breve — Arin disse e o abraçou. Então eles se separaram, e talvez alguém achasse que o sol estava sendo um pouco cruel, porque seu brilho não permitia qualquer subterfúgio em suas expressões e tudo que se podia ver era revelado. Mas Arin pensou nisso como uma bondade. Queria ter um espelho, para refletir o que Roshar significava para ele.

Uma lancha esperava na água. Arin lhe desejou boas marés. Observou até a lancha alcançar o navio de Roshar, depois ficou o olhando enquanto o navio, junto com o restante da frota dacrana, deixava a baía da cidade.

Enquanto atravessava a cidade, avistou Sarsine. Ela estava com uma cesta carregada – puxava seu braço para trás, tornando seu peso visível de longe. A expressão levemente preocupada dela se aliviou ao vê-lo.

Arin pegou a cesta.

– Indo ou vindo?

– Tenho uma tarefa aqui e só vou voltar tarde para casa.

– Posso adivinhar o que a traz à cidade?

– Pode tentar.

Ele espiou dentro da cesta. Pão, ainda quente do forno. Uma garrafa de licor. Longos pedaços planos de madeira. Rolos de gaze.

– Um piquenique... com um soldado ferido? – Ele brincou: – Sarsine, é amor verdadeiro? Para que a madeira? Espere, não me fale. Não sei se quero saber.

Sarsine lhe deu um tapinha.

– A filha mais velha do carroceiro quebrou o braço.

Foi como se uma pedra de gelo caísse em sua barriga. Pensou nos corpos mutilados que tinha visto, incluindo os que ele mesmo havia destruído. Deu-se conta de que, por algum motivo, esperava nunca mais ter de pensar novamente na forma como as pessoas feriam as outras.

A noite da invasão. As costas de Kestrel. As suas. O rosto cicatrizado de Roshar. O seu. A maneira como um corpo no campo de batalha poderia parecer como se nunca tivesse sido humano e que era exatamente o que Arin queria fazer com o pai de Kestrel, que estava na cidade, *sua* cidade, em uma prisão feita para ser confortável, sendo que nenhum conforto poderia devolver o braço àquele homem, e nenhum muro era capaz de aprisionar o fato de que Arin sabia o que tinha feito e o que queria fazer e não podia se arrepender.

Mas se arrependia.

Não podia.

Se arrependia.

– Arin, você está bem?

– Como? – ele conseguiu dizer. – Como ela quebrou o braço?

– Caiu de uma escada.

Ele deve ter relaxado visivelmente, porque sua prima ergueu as sobrancelhas e pareceu prestes a repreendê-lo.

– Pensei coisa pior – ele tentou explicar.

Ela pareceu entender que seu alívio era porque essa dor, se teve de vir,

veio sem maldade. Apenas um acidente. Sem ser causada por ninguém. O acaso eventual da vida. Um deslize que termina com pão e alguém para enfaixar você.

Foi uma longa caminhada para casa. Mas foi um prazer recuperar, inesperadamente, a memória de caminhar para casa quando criança, seguro na certeza de que encontraria lá tudo que amava, intato e incólume, uma certeza tão absoluta que nem tinha consciência dela.

A cidade abriu caminho para árvores de cipreste. Seus pés estavam empoeirados. O sol tornava todos os cheiros mais fortes: sua pele quente, a trilha calcinada, o aroma de lavanda vindo de algum lugar que ele não conseguia identificar.

O deus da morte estava em silêncio. Não tinha ido embora. Habitava em Arin, mas confortavelmente, como sangue de seu sangue. Arin fazia companhia para a morte, mas a morte não era tudo que vivia dentro dele.

Uma menina em seu coração. Em sua casa.

Esperando por ele.

Havia velhos degraus de madeira entalhados na última colina. Ele apertou o passo.

A casa surgiu em sua visão, rebrilhada pelas janelas abertas. Um cavalo de guerra pastava na campina.

Embora estivesse ansioso para ver Kestrel, teria de esperar. Ouviu notas de música ao longe. Quando atravessou a grama, a melodia do piano ficou mais alta. Abriu dentro dele uma felicidade que ganhou força e brilho... reluzente, mas como a água, só que com peso.

Um cansaço gracioso tomou conta dele. Ele se deitou na grama e ouviu. Pensou em quando Kestrel havia dormido no gramado do palácio e sonhado com ele. Quando ela lhe contara, ele desejara que tivesse sido real. Tentara imaginar o sonho, depois se pegou sonhando. Tudo fez sentido em seu sonho, mas ele sentiu a fragilidade dessa razão perfeita. O arco do pé descalço de Kestrel. Uma história antiga sobre o deus da morte e a costureira. Arin perderia, ao acordar, sua compreensão de por que tocar em Kestrel despertava a lembrança de uma história que ele não buscava desde muito tempo.

Ele sonhou: uma meia enrolada em seu punho, e a pergunta desgarrada de como ela tinha sido feita, quem havia costurado aquilo? Ele viu suas

mãos – embora não parecessem suas mãos – medindo e cortando o tecido, costurando pontos invisíveis. Um menino moreno arrastado para fora de um quarto, a marca de um deus em sua testa. Quando um freguês entrou e disse: *Teça para mim a roupa da sua alma*, Arin pensou ser o freguês ameaçador e a criança e a costureira ao mesmo tempo. Ela disse: *Vou sentir sua falta quando acordar.*

Não acorde, ele respondeu.

Mas acordou.

Kestrel, ao lado dele na grama, disse:

– Acordei você? Não era a minha intenção.

Ele demorou um momento aveludado para entender que aquilo era real. O ar estava calmo. Um inseto batia as asas translúcidas. Ela tirou o cabelo da testa dele. Agora ele estava bem desperto.

– Você estava dormindo tão profundamente – ela falou.

– Sonhando. – Ele tocou na boca tenra dela.

– Com o quê?

– Venha aqui e eu conto.

Mas ele se esqueceu. Beijou-a e se perdeu na sensação perfeita de sua pele ficando fina demais para seu corpo. Murmурou outras coisas. Um segredo, um desejo, uma promessa. Uma história, a seu próprio modo.

Ela enrolou os dedos na terra verde.

A NOITE ERA FRESCA E ANUNCIAVA O FIM DO VERÃ
quente dava espaço a uma brisa tão fria quanto os lençóis lavados.

Kestrel, nos estábulos, dava uma cenoura a Dardo. Prometeu-lhe maçãs.

– Logo – ela disse, e se perguntou se os cavalos notavam a mudança das estações. Será que viam as maçãs crescerem nas árvores? Tinham alguma forma de marcar a passagem do tempo ou era sempre *agora* para eles, sem nenhuma noção de *antes*. Talvez *logo* também não lhes fizesse sentido.

Ela pretendia visitar o pai. Queria lhe perguntar sobre sua infância. A sua memória ainda era esfarrapada, e Arin não podia lhe contar o que não sabia. Ela queria perguntar ao pai: como foi quando você me deu Dardo? Qual foi minha primeira palavra? Você guardou meus dentes de leite ou minha ama os plantou no chão como fazem os herranis? Como eu era, e como você era comigo e com a minha mãe?

Ela não saberia todas as respostas mesmo se sua memória não tivesse sido deteriorada. Todos perdem partes do passado. Mas então lhe ocorreu que seu pai podia não saber também ou que saberia e não diria nada. Ou diria e tentaria barganhar suas memórias pelo uso da adaga dela. A coragem de Kestrel fraquejou. Ela não foi à prisão.

– Você vai quando puder – Arin havia dito quando ela lhe contara.

– Eu deveria poder agora.

– Não é uma ferida na carne. Ninguém sabe dizer quanto tempo leva para cicatrizar.

Então ela havia notado que as unhas de Arin estavam enegrecidas e como ele vivia colocando a mão no bolso, como se para se assegurar de que algo estava lá.

Ela havia dito a si mesma para não tentar adivinhar. Mas nunca conseguia evitar. Um sorriso aqueceu seu rosto.

Ele fechou os olhos fingindo tristeza.

– Pelos deuses, será que não consigo esconder *nada* de você?

– Foi sem querer.

– Menina marota. Não vou dar para você ainda. É de Ninarith.

O tempo parecia estranho; era como se o anel já estivesse em seu dedo mindinho, o mais vulnerável.

– É simples – Arin havia se apressado em dizer.

- Eu vou adorar.
- Vai usar?
- Sim.
- Sempre?
- Sim – ela havia dito –, se você me ensinar a fazer um para você também.

Kestrel fez uma última carícia em seu cavalo. A noite estava cheia. Ela saiu dos estábulos. Vaga-lumes iluminavam o gramado negro.

Ela pensou no semblante de Arin quando pedira para lhe ensinar a forjar um anel para ele, e toda a conversa brilhou dentro dela como um daqueles vaga-lumes. Observando-os, quase dava para pensar que um vaga-lume deixa de existir quando pisca, depois ganha vida, desaparece novamente, volta. Que, quando não está aceso, não está lá.

Mas está.

A brisa da noite farfalhou uma cortina. Percebeu, com uma leve surpresa, que sentia que o quarto de Arin havia passado a ser seu também. Ele estava traçando círculos preguiçosos em sua barriga. Isso a hipnotizou em um raro e puro momento de não pensar.

Ele voltou a se acomodar na cama, apoiado num cotovelo.

– Percebi que tem uma coisa que a gente nunca fez.

Os pensamentos voltaram, apressados. Ela arqueou uma sobrancelha.

Ele se aproximou para sussurrar em seu ouvido.

– Sim – ela riu. – Vamos.

– Agora?

– Agora.

Então eles pegaram seus robes e a lamparina da cabeceira e atravessaram a suíte descalços, um pouco apressados, e depois atravessaram a casa silenciosa, suprimindo risadinhas sussurradas. Eles não conseguiam olhar nos olhos um do outro; uma alegria desvairada e sonora ameaçava se soltar se fizessem isso. Eles desceram a escada e entraram na sala de visitas.

Fecharam a porta atrás deles, mas, mesmo assim...

– Vamos acordar a casa toda – Kestrel disse.

– Como vamos fazer isso?

Ela o guiou até o piano.

– Fácil.

Ele colocou uma mão sobre o instrumento como se já o sentisse vibrar

com a música. Ele pigarreou.

– Agora que parei para pensar, estou um pouco nervoso.

– Você já cantou para mim antes.

– Não é a mesma coisa.

– Arin. Faz muito tempo que quero isso.

As palavras o silenciaram, acalmaram-no.

A ansiedade se ergueu dentro dela como a fragrância de um jardim sob a chuva. Ela se sentou ao piano, tocando as teclas.

– Pronto?

Ele sorriu:

– Toque.

NOTA DA AUTORA

Entre outros, sou grata aos seguintes livros por sua inspiração e seus ensinamentos: *Orientalismo* de Edward Said, *Scenes of Subjection: Terror, Slavery, and Self-Making in Nineteenth-Century America* de Saidiya V. Hartman, *Captives: Britain, Empire, and the World, 1600-1850* de Linda Colley, *Histórias* de Heródoto, *A narrativa da vida de Frederick Douglass, um escravo americano* de Frederick Douglass, *Diante da dor dos outros* de Susan Sontag, *The Body in Pain: The Making and Unmaking of the World* de Elaine Scarry, *A arte da guerra* de Sun Tzu, *The Campaigns of Alexander* de Arrian, *The Renaissance Drill Book* de Jacob de Gheyn e *Weapons and Warfare in Renaissance Europe* de Bert S. Hall.

Obrigada aos meus amigos que leram rascunhos ou trechos de rascunhos: Renée Ahdieh, Marianna Baer, Olivia Benowitz, Kristin Cashore, Donna Freitas, Daphne Benedis-Grab, Anne Heltzel, Mordicai Knodel, Sarah Mesle, Mary E. Pearson, Jill Santopolo e Eliot Schrefer. Muitos outros amigos também conversaram comigo sobre várias questões a respeito deste livro, como Sarah MacLean (sobre amnésia); meu marido, Thomas Philippon (sobre estratégia militar); Robin Wasserman (sobre segredos); e a já mencionada Olivia, Miriam Jacobson, Nadine Knight, Sarah Wall-Randell e Kate Moncrief (sobre cavalos). Olivia e eu tivemos várias conversas sobre quando Arin cuida dos cascos de cavalos; as sugestões e os conhecimentos dela foram fundamentais. Drew Gorman-Lewis, professor associado de geociência e ciência do espaço na Universidade de Washington, conversou longamente comigo sobre a geologia e o terreno da minha tundra fictícia, e também sobre as propriedades do enxofre na vida real. Tony Swatton, um ferreiro moderno, me deu um conselho importantíssimo sobre como Arin pôde transformar a espada de seu pai numa adaga. Tony pode ser encontrado em sua loja (e forja) The Sword and the Stone, nos Estados Unidos, e apresenta uma série virtual chamada *Man*

at Arms. Agradeço a Dan Wolfe por me colocar em contato com Tony, e a Becky Rosenthal por passar o telefone para Drew (e por ser minha querida amiga).

Minha editora, Macmillan, é a melhor. Confio à minha editora Janine O'Malley a minha vida inventada, e aplaudo ela e todos os outros funcionários, em particular minha marqueteira, Gina Gagliano, e Mary van Akin, Simon Boughton, Molly Brouillette, Jean Feiwel, Liz Fithian, Katie Halata, Angus Killick, Kathryn Little, Karen Ninnis, Joy Peskin, Cynthia Ritter, Caitlin Sweeny, Allison Verost, Ashley Woodfolk e Jon Yaged.

Como sempre, sou profundamente grata à minha agente, Charlotte Sheedy, bem como a todos na Charlotte Sheedy Literary Agency, em especial a Joan Rosen.

O encerramento de uma série é um lugar estranho de habitar: uma espécie de nuvem de tristeza e euforia. Me lembra da representação de Angela Carter dos momentos intermediários, como o solstício, ou dos estados liminares, quando não se é verdadeiramente nem uma coisa nem outra. Como ela bem sabe, a incerteza (e sua futura realização) é a essência dos contos de fadas. É um conto de fadas perfeito para mim ter escrito um livro e vocês o terem lido. Sou grata a todos os meus leitores, incluindo bibliotecários, livreiros e blogueiros, e quero agradecer a Stephanie Sinclair e Kat Kennedy do blog Cuddlebuggery em particular, porque elas foram as primeiras a resenhar *A maldição do vencedor*. Eu vi as resenhas delas num dia inacreditavelmente enevoado e foi mágico descobrir que duas completas estranhas entenderam meu livro da maneira como eu esperava que ele fosse entendido. Meu obrigado a elas e a você também.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para opiniao@vreditoras.com.br
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1^a edição, mar. 2017

fontes Adobe Garamond Pro Regular 12,7/16,3pt;

Neutra Display Light Alt 12,7/16,3pt;

Neutra Display Thin 130/130pt.